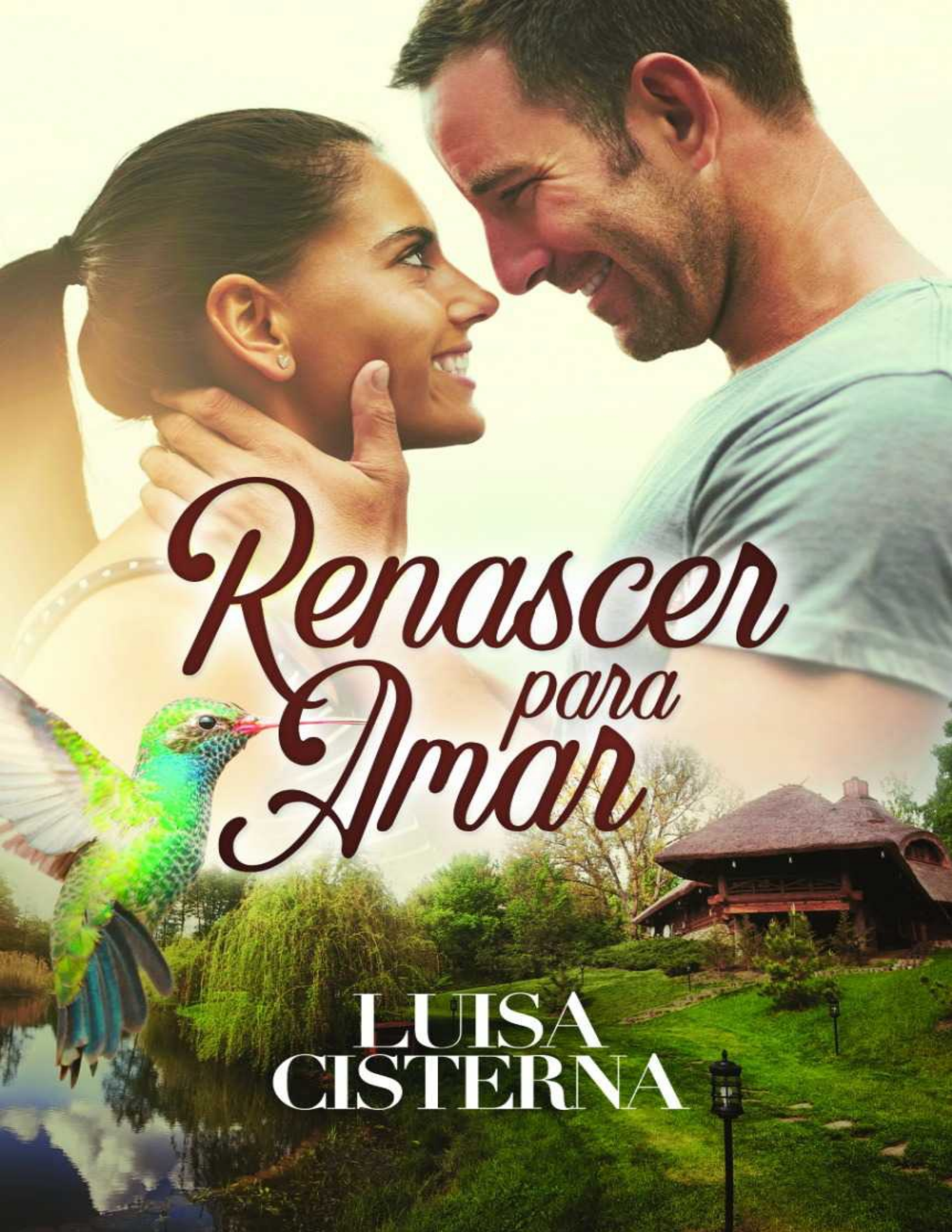


The background of the entire image is a romantic scene of a man and a woman about to kiss. The woman is on the left, looking up at the man on the right. The man is smiling and has his hand on the woman's face. In the lower-left foreground, a vibrant hummingbird with iridescent green and blue feathers is in flight. The lower half of the image shows a lush green landscape with a body of water reflecting the sky, a weeping willow tree, and a traditional thatched-roof building in the distance.

Renascer para Amar

LUISA
CISTERNA



PERIGOSAS NACIONAIS

RENASCER PARA AMAR

Luisa Cisterna

Calgary, Canadá

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capa: Benjamim Sathler Lenz César / BJ Plus
Design

Revisão: Juliana Costa Lenz César

Fotos da capa: © iStock

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens e incidentes são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou eventos é mera coincidência.

Renascer para Amar

Direitos Autorais © 2019 de Maria Luisa Costa
Cisterna

Todos os direitos reservados.

Agradecimentos

Escrever parece uma arte solitária, mas não é. Uma boa história é feita de fragmentos de histórias e observações das pessoas que vivem comigo essa descoberta literária e me encorajam a perseverar.

Mais uma vez, agradeço à minha família pela paciência em abrir mão de tempo comigo para

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu possa criar meus enredos e personagens. Agradeço à minha irmã, Juliana César, pela minuciosa revisão dos meus livros e também ao meu querido amigo e ex-colega de UERJ, Wellington Amorim Júnior que, com olhos de águia, detecta deslizes no meu texto.

À minha cunhada Maria Marta Cisterna, minha gratidão por me apontar onde posso aprimorar as camadas mais profundas das minhas histórias. Ela vê com os olhos da alma detalhes que me passam despercebidos e que, quando os exploro, a experiência dos meus leitores é de grande emoção.

Agradeço também aos meus leitores fiéis. Como são valiosas as suas palavras de encorajamento! Sempre me alimento delas quando bate o desânimo de que não vou conseguir produzir mais uma obra. Vocês me fazem querer escrever mais e melhor!

PERIGOSAS ACHERON

A literatura me reconectou a pessoas importantes do passado que são peças chave no quebra-cabeça da minha vida. Sem elas, eu não saberia direito quem sou. Obrigada por fazerem parte dessa minha nova caminhada.

Soli Deo Gloria!

Capítulo 1

Calgary, Canadá

O cheiro de éter e o barulho de monitores cardíacos que saturavam o ambiente da ala de emergência do Hospital Geral de Calgary faziam parte da vida de Livia e raramente a incomodavam.

Menos naquele momento.

A jovem enfermeira, na posição de paciente, estava sentada em uma cama coberta com lençol branco, cercada de aparelhos variados. A cortina listrada que separava seu leito dos outros da enfermaria era curta o suficiente para Livia enxergar os pés ligeiros dos médicos e enfermeiras que corriam de um lado para o outro, atendendo as mais variadas queixas. No leito ao lado, separado pela fina cortina, um paciente tossia e respirava com dificuldade, e a voz de uma enfermeira fazia

perguntas de rotina em um tom quase automatizado.

Lívia passou a mão por seu uniforme azul claro impecável, alisando rugas imaginárias, e olhou para sua foto no crachá. Sem maquiagem, ela parecia uma recém-formada, mas aquele hospital já era seu mundo havia seis anos. Cuidava de inúmeros pacientes jovens e velhos, homens e mulheres, e viu a dor, o sofrimento e, não poucas vezes, a morte. No entanto, ela nunca trocaria sua profissão por outra.

Sentada na cama alta e com as pernas balançando no ar, Lívia esperou que alguns dos pés que passavam do outro lado da cortina parassem e uma mão limpíssima abrisse aquela barreira de tecido. O incômodo maior já tinha passado e o sangramento inicial tinha diminuído bastante desde a última vez que fora ao banheiro quinze minutos antes. Os atendimentos nos prontos-socorros da

cidade demoravam tanto que não era incomum o paciente dar uma melhorada antes do médico aparecer.

Como enfermeira experiente, Livia sabia que o médico de plantão diria o mesmo que ela própria ouvira dos médicos vezes sem conta quando atendiam pacientes com os mesmos sintomas – *descanse uns dias e ficará novinha em folha*. Naquele momento, com a carreira avançando rapidamente por mérito de seu trabalho duro e de sua competência, Livia não podia se dar ao luxo de ficar de cama ou diminuir o ritmo.

Seu coração acelerou quando uma pequena mão segurou a cortina, pronta para abri-la, mas o rosto que apareceu lhe era bem conhecido.

“Livia, que susto você me deu! O que aconteceu?” Joana, sua melhor amiga, entrou e se aproximou assustada.

“Nada de mais, mas tenho que esperar o

médico me liberar.”

Joana estava devidamente uniformizada, com um ursinho agarrado no tubo do estetoscópio. O uniforme da amiga, típico dos profissionais de saúde no Canadá, com estampas alegres, deveria tirar a tensão do paciente, mas os pequenos dinossauros coloridos e sorridentes do jaleco curto de Joana só serviram para lembrar Lívia que nem mesmo crianças estavam livres de uma visita de emergência ao hospital, onde o ritmo de trabalho era alucinante. Ela teria que se recuperar rápido para assumir suas responsabilidades.

“O que está sentindo exatamente?” Joana perguntou, seu rosto sardento carregado de preocupação.

Lívia deu de ombros e passou a mão pelo rabo de cavalo comprido e liso. “Minha menstruação.” Ela não ofereceu mais informação e esperou que a amiga tirasse suas próprias

conclusões.

“Você falou para o médico que tem se sentido muito cansada ultimamente?”

“Falei. Não se preocupe. Não vai ser nada.”

Joana colocou as mãos na cintura e olhou firme para a amiga. “Já falei várias vezes para você pegar leve. Essa correria toda que você apronta não pode fazer bem para sua saúde. Além disso, você mal bebe água. Já falei que seu problema é desidratação.”

“Já me falou isso várias vezes. Tenho bebido mais água; a questão não é essa e agora não é hora de diminuir o ritmo.”

Joana ia retrucar quando uma mão escura abriu a cortina. “Sou a Dra. Eze. Livia Peruzzo, correto?”

Livia balançou a cabeça afirmativamente e manteve os olhos fixos na médica que examinava uns papéis em uma prancheta. Seu coração acelerou

um pouco mais.

“Seus exames estão normais, com exceção do ferro que está um pouco baixo,” a médica disse enquanto virava as folhas dos exames.

Baixando a prancheta, Dra. Eze olhou para Joana. Um pouco sem graça, Livia pediu à amiga:

“Pode esperar lá fora? Depois a gente conversa.”

Joana olhou de Livia para a médica, deu de ombros e saiu fechando a cortina atrás de si. Médica e paciente conversaram rapidamente e uma enfermeira que Livia não conhecia entrou com algumas folhas impressas. A médica instruiu de forma automática:

“Os sintomas devem desaparecer em alguns dias. A enfermeira vai lhe dar algumas instruções e sugiro que procure seu médico para um melhor acompanhamento. Alguma pergunta?”

“Não. Obrigada,” Livia respondeu com um

PERIGOSAS ACHERON

tom de voz desanimado.

A médica saiu. A enfermeira lhe passou as folhas de instruções e uma receita deixada pela médica. Explicou a Livia o que deveria fazer em caso de piora, perguntou se havia alguma dúvida e, com a negativa, se retirou.

Imediatamente Joana voltou, com o semblante curioso. Colocou as mãos nos bolsos do jaleco e disse:

“É estresse, não é? Como eu disse antes —”

“Já sei. Já ouvi. Não precisa ficar repetindo o sermão de sempre,” Livia disse e desceu da cama.

Joana segurou Livia pelos braços. “Não quero ser chata; me preocupo com você.”

Livia deu um breve abraço na amiga. “Eu sei disso. Conversamos mais tarde.”

“Seu plantão já terminou?” Joana quis saber.

“Terminou. Vou para casa descansar.”

Joana arrumou seu estetoscópio no bolso do

jaleco e olhou para a amiga com preocupação. “Mais tarde passo lá para conversarmos. Você avisou ao Leo que não está bem?”

Lívia pegou a bolsa e o casaco. Encarou Joana. “Está tudo terminado entre nós.”



Lívia abriu a torneira do chuveiro e deu um suspiro quando o jato quente escorreu pelo seu rosto e cabelo. O vapor acumulado no pequeno banheiro fazia tudo ao seu redor parecer irreal – os frascos de xampu e cremes, a cortina do chuveiro e os desenhos geométricos do azulejo. Apesar da sensação de alívio que esse ritual lhe dava, seu banho foi rápido. Esticando o braço, puxou a toalha branca felpuda do prendedor e começou a se enxugar lentamente. A cólica tinha passado, assim como o sangramento maior. Com o punho, Lívia fez movimentos circulares no espelho embaçado e examinou seu rosto. Os olhos pareciam sem vida e

a pele estava mais pálida que o normal. A perda de sangue intensa roubara-lhe a cor dos lábios cheios que sempre tiveram um colorido natural. Com um suspiro, ela vestiu o roupão branco e voltou para o quarto.

Sentada na cama, Lívia desembaraçava o cabelo com movimentos longos e lentos. O roupão absorvia a água que escorria do cabelo e também as lágrimas que caíam. Ela tentava se convencer de que a pontada no coração se devia somente à preocupação com o incômodo sangramento e a dor uterina.

Ela largou a escova em cima da cama quando a campainha tocou. Enxugando as lágrimas na manga do roupão, foi para a porta e segurou a maçaneta por um longo momento, respirando fundo. Precisava organizar seus pensamentos porque Joana a encheria de perguntas.

Assim que Lívia abriu a porta, a amiga se

PERIGOSAS ACHERON

desculpou:

“Sei que já está um pouco tarde, mas meu plantão só acabou agora. Tivemos uma emergência quando eu estava saindo.”

Joana deu um breve abraço em Livia e jogou o sobretudo em cima de uma poltrona.

“Quer um chá ou outra coisa?” Livia perguntou.

“O que está escondendo de mim? Por que essa formalidade?” Joana perguntou, sem dar atenção à pergunta.

Livia baixou a cabeça e correu os dedos pelo cabelo longo ainda úmido. Joana passou o braço pelo ombro da amiga e disse:

“Você está assim por causa do Leo, não é? Nunca vi você mal por causa de cólica. Vai, me conta. Ele aprontou?”

Levantando a cabeça, Livia apertou os lábios. Talvez não fosse uma boa ideia se abrir com

PERIGOSAS ACHERON

Joana. Só adolescentes contam tudo para a melhor amiga; já eram maduras o suficiente para respeitar a intimidade e a privacidade uma da outra.

Joana arqueou as sobrancelhas e levantou as mãos, fazendo sinal com os dedos para Lívia falar.

Puxando um pedaço de cutícula com os dentes, Lívia sentou-se no sofá. “Meu problema, em parte, tem a ver com o Leo.”

“Ele não machucou você, machucou?”

Joana apressou-se em sentar ao lado da amiga.

Lívia balançou a cabeça negativamente. *Não. Ele não a tinha machucado, não no sentido que Joana sugeria. Mas havia machucado muito mais de outra forma, ela pensou.*

“Já há algum tempo que meu relacionamento com Leo não andava bem. Comecei a me questionar se a gente devia mesmo ficar junto. Somos muito diferentes,” Lívia falou.

“Sempre achei que eram diferentes, mas ele

PERIGOSAS ACHERON

me parecia inofensivo,” Joana observou.

“Inofensivo. Que escolha engraçada de palavra. Mas diria que ele está mais para João-sem-braço.”

“Você está falando muito em código para o meu gosto. Desabafa,” Joana pediu e balançou a cabeça com movimentos rápidos.

“A gente não tinha os mesmos alvos, os mesmos objetivos, os mesmos valores,” Livia disse e olhou para um canto da sala.

“Mas isso aí não é coisa que se ajusta?”

“Tem coisas que, se não estão ajustadas desde o princípio, não funcionam.”

Livia virou-se para a amiga. Duvidava que ela a entenderia. Seu problema a tinha obrigado a considerar a possibilidade de que a vida podia ser muito mais complexa do que imaginava, com questões muito mais pesadas que exigiam respostas mais elaboradas e profundas.

Joana sentou-se na beira do sofá. “Lívia, esse papo está ficando muito filosófico; por que não vai direto ao ponto?”

“Fiz um aborto.”

O silêncio na sala era quase palpável. Conhecendo a amiga, Lívia tinha certeza de que ela estava vasculhando o cérebro em busca de algum comentário que tornasse aquela revelação algo de fácil digestão. Joana não gostava de controvérsias e problemas densos, e sempre achava uma forma de suavizar as questões difíceis.

“Leo sabe?”

Lívia balançou a cabeça afirmativamente. “A decisão foi minha, mas a sugestão foi dele.”

Joana levantou-se e foi até a janela. Com dois dedos, afastou as lâminas da persiana e olhou para fora por uns instantes como se procurasse alguma coisa de grande importância. Ela voltou-se para Lívia e disse:

“Bom, o que está feito está feito. Agora é tocar o barco. Se foi melhor terminar com Leo, você tem meu apoio.”

Será que Joana não tinha entendido direito o que ela falara? Tinha tanta aversão a problemas que deixaria a revelação da própria amiga pairando no ar? Lívia desejou naquele momento que Joana a apoiasse, consolasse ou até mesmo lhe desse uma bronca. O que doía no seu peito não era a separação de Leo depois de menos de um ano de namoro. O que a incomodava era a dúvida de ter tomado a decisão certa. Será que estava preocupada demais e Joana tinha razão, que o que já estava feito não tinha retorno?

“Isso, vou em frente,” Lívia disse, fazendo um tremendo esforço para engolir o bolo que se formava na sua garganta e descia para o estômago, causando-lhe uma dor de bofetada.

O silêncio na sala pareceu durar uma

eternidade. Joana deu um sorriso amarelo e pegou o sobretudo do sofá, vestindo-o apressadamente.

Passou os dedos pelo cabelo curto encaracolado e deu um sorriso forçado. “Depois que o sangramento passar, você nem vai se lembrar disso. É quase a mesma coisa que tirar o apêndice.”

Lívia balançou a cabeça concordando, mas seu peito doía, sua cabeça, latejava. Por incrível que parecesse, ela própria já tinha passado por uma cirurgia de apendicite e aquilo que estava sentindo era bastante diferente de tirar o apêndice. Ela não sabia explicar o porquê, mas era como se uma parte dela tivesse sido arrancada à força, mesmo tendo concordado com Leo que aquela era a melhor decisão.

Joana abraçou e confortou a amiga, dizendo que ela tinha muito o que conquistar. Despediu-se de uma forma um pouco tímida, deixando Lívia sozinha para remoer sua dúvida. Parada no meio da

sala, ela passou os dedos pelo cabelo quase seco e ponderou suas opções. Sem dúvida, voltaria ao trabalho no dia seguinte, mas tinha algo mais importante para resolver.

Tirando o celular do bolso do roupão, ela passou uma rápida mensagem. Olhando ansiosamente para a tela que indicava que a pessoa do outro lado estava digitando uma resposta, ela teve a convicção do que deveria fazer.

A resposta veio rápido:

Que surpresa boa! Será um prazer receber você no fim de semana.

Lívia deu um suspiro. *Talvez não seja um prazer tão grande assim*, Lívia pensou.

Capítulo 2

O estacionamento do parque estava praticamente vazio, então Lívia estacionou mais próximo ao início da trilha à beira do lago. Colocou a pequena mochila nas costas e começou a caminhada. O ar puro faria bem para seu corpo e sua alma. Os picos das três montanhas batizadas de Três Irmãs tinham traços de neve que ainda resistia à chegada da primavera.

Lívia fechou o zíper do casaco esportivo e apertou o passo. A vegetação nova e viçosa de primavera contrastava com o verde profundo dos pinheiros. Famílias inteiras subiam e desciam as suaves elevações no terreno enquanto outras pessoas mais atléticas tomavam as trilhas por dentro da mata que levavam a alguma montanha.

Desde que chegara ao Canadá com a

família, Livia, ainda uma menina, encantou-se com a paisagem das Montanhas Rochosas e da pequena cidade de Canmore, que ela chamava de cidade do Papai Noel. Os típicos chalés e prédios de clima frio pareciam tirados do cenário de filmes de Natal, aqueles a que ela assistia com a mãe todas as noites em dezembro quando ainda morava com os pais. Os romances natalinos sempre tinham um final feliz e a protagonista encontrava seu príncipe e os dois viviam felizes para sempre. No caso de Livia, no entanto, seu príncipe virou sapo e o sonho foi por água abaixo. Sua vida sentimental nunca pareceu com nenhum filme de romance água-com-açúcar e a experiência com Leo a deixou convicta de que era melhor mergulhar no trabalho, o que lhe trazia mais satisfação e era muito mais descomplicado.

Assim que Livia se formou e deu início à carreira de enfermagem, os pais anunciaram que se

PERIGOSAS ACHERON

mudariam para Toronto, deixando Lívia com a difícil decisão de ir ou ficar. O dilema foi resolvido quando conseguiu uma vaga na emergência do Hospital Geral de Calgary. Não se arrependeu da decisão, apesar de sentir falta dos pais. Ela era filha única e foi difícil para sua mãe ir embora e deixar a filha para trás, mas Laura sabia que a carreira era importante para Lívia.

Enquanto caminhava, Lívia ficava atenta a qualquer sinal de que seu corpo precisava descansar, mas, ao que tudo indicava, tinha se recuperado bem da revolução de hormônios no seu corpo. O seu médico tinha lhe dado alta, com pequenas recomendações que não interferiam no dia-a-dia da jovem enfermeira. No entanto, era sua mente que estava em mau estado. Toda vez que pensava no assunto do aborto, sua garganta apertava. Definitivamente isso não era a mesma coisa que tirar o apêndice.

Depois de uma hora, Livia voltou para o início da trilha. Sentou-se em um banco de madeira e passou a mão pela nuca. Esticou as pernas e fez leves massagens nas panturrilhas enquanto observava os frequentadores da trilha: uns caminhando, outros pedalando sozinhos ou acompanhados de amigos ou cachorros. Um ou outro que passava por ela fazia um aceno tipicamente canadense de cortesia e ela respondia com um sorriso plastificado. Livia sempre fora reservada e introvertida, mas tinha consciência de que precisava, principalmente na sua profissão, sorrir e ser cortês com as pessoas. Mas nos últimos dias, ela não fazia muita questão de sorrir para ninguém.

O celular tocou e Livia atendeu de imediato. Dona Mary disse que estava atrasada, mas que a encontraria em poucos minutos. Livia desligou o telefone, tirou sua garrafinha de metal da mochila e

PERIGOSAS ACHERON

bebeu vários goles. Sua coragem de contar para sua amiga idosa o que tinha lhe acontecido parecia diminuir à medida em que os minutos passavam. Mesmo que Livia não falasse nada, a curta viagem para visitar a amiga em Canmore valeria a pena pelo descanso que teria e as caminhadas que faria. Precisava desse tempo longe de Calgary, da ameaça de reencontrar Leo e do corre-corre do hospital para digerir alguns pensamentos difíceis que enchiam sua mente.

Dona Mary apareceu minutos depois, com os braços rechonchudos estendidos. Livia levantou-se rapidamente e correu para a mulher. Era sempre bom entregar-se àquele abraço afetuoso. Desde que Livia chegara ao Canadá, Dona Mary e seu marido, Jack, passaram a fazer parte do círculo de amizade da sua família. As duas famílias conheceram-se em uma igreja que seus pais, Dona Mary e Jack frequentavam e que Livia visitava em ocasiões

especiais. A senhora tinha trabalhado como enfermeira por vários anos no mesmo hospital em que Livia trabalhava, até que se casou e se mudou para o Brasil como missionária. Depois de três décadas trabalhando na pequena cidade de Domingos Martins no Espírito Santo, ela e o marido voltaram para o Canadá para assumir um projeto voltado para pessoas que viviam nas ruas de Calgary.

Segurando nas mãos de Livia, Dona Mary disse, em português e com um leve sotaque:

“Estava sentindo sua falta; já faz uns meses que não nos vemos. Tudo bem?”

Livia olhou para aquela mulher sábia que a tratava como filha e suas lágrimas rolaram. Dona Mary passou os dedos calmamente pelo rosto da moça e falou:

“Vamos lá para casa conversar. Quero saber o que está acontecendo.”

Lívia balançou a cabeça concordando. “Meu carro está bem ali,” ela apontou. “Vou seguindo a senhora.”

Dona Mary deu um beijo na moça e apontou para onde seu carro estava. Em menos de 15 minutos, Lívia estacionava na frente de um chalé no fim de uma rua sem saída, em uma colina. Dona Mary tirou algumas sacolas de compras do carro e foi direto para a porta da casa. Lívia a seguiu, carregando sua maleta que parecia estar cheia de chumbo. Considerou voltar para casa quando um frio subiu por sua espinha, acelerando seu coração. No entanto, ao entrar na casa de Dona Mary e Jack, Lívia relaxou. Era como estar na casa dos avós. Ela não se cansava daquela vista – a sala de Dona Mary era pequena, mas o janelão, que ia do chão ao teto, tinha uma vista panorâmica dos picos das Três Irmãs. Quantos fins de semana Lívia tinha passado naquela casa quando era mais jovem?

Não conseguiria enumerar se quisesse. No entanto, era a primeira vez que colocava os pés naquela casa com o coração tão pesado. Seria muito difícil abrir-se com Dona Mary, não porque a mulher não entenderia seu problema, mas pela decepção e dor que lhe causaria.

“Jack ainda não chegou, então por que não se senta perto da lareira enquanto eu faço um chá?” Dona Mary apontou para o sofá forrado com uma manta xadrez e foi para a área da cozinha anexa à sala.

Em alguns minutos, ela voltou com uma bandeja com duas xícaras, um bule fumegante e alguns biscoitos. Lívia pegou a xícara de chá e a apoiou na perna. Os olhos azuis compassivos de Dona Mary penetravam a alma de Lívia.

“Então, minha filha, por que não me conta o que está deixando você tão angustiada?”

Sua dúvida sobre se deveria contar ou não

para a mulher desapareceu. De cabeça baixa, Livia contou do seu aborto. Dona Mary devolveu sua xícara para a mesinha e se sentou na beira do sofá enquanto Livia contou dos rumos que seu relacionamento com Leo tinha tomado e como tudo parecia estranho e vazio.

Um dos muitos dons de Dona Mary era o de ouvir com atenção. Não fez qualquer comentário ou pergunta enquanto Livia desabafava.

“Querida, olha para mim,” Dona Mary disse quando Livia acabou de desabafar.

Não esperava um sermão da mulher, mas Livia tinha certeza de que a tristeza que viu nos olhos dela era real. Questionou-se por que tinha aberto aquela caixa de pandora se nada do que falasse mudaria o que passou.

“Primeiro de tudo, quero saber como está sua saúde. Você contou tudo para seu médico? Esses comprimidos podem ter alguns efeitos

colaterais perigosos.”

Lívia balançou a cabeça afirmativamente e confirmou que tinha tido alta.

“Muito bom. Então minha segunda pergunta é: o que está sentindo aqui dentro?” Dona Mary perguntou, apontando para o próprio coração.

O queixo de Lívia tremeu e ela apertou os lábios. Aproximando-se da mulher, chorou em seu ombro. Dona Mary acariciou seu longo cabelo e afirmou que estaria ao seu lado para ajudar no que fosse preciso. Quando suas lágrimas pareciam ter secado, Lívia encostou-se no sofá com a respiração ofegante.

“Meu coração não está nada bom. Antes me pareceu ser a coisa certa a fazer, sem muita complicação. Agora vejo que não é bem assim,” Lívia disse com um suspiro.

“Verdade. Não é bem assim,” Dona Mary repetiu. “Você sabe por que não é bem assim,

Lívia?”

“Não exatamente. Hoje em dia parece tão natural que as mulheres façam isso, como tirar uma verruga ou o apêndice. Mas por quê, Dona Mary, não é bem assim?”

“Essa é uma resposta que você precisa buscar. Não ignore o que está incomodando você aí dentro. Talvez se eu te der uma resposta pronta, você irá aceitar agora, mas e depois? Por isso o mais importante é que você procure essa resposta,” Dona Mary disse.

Lívia considerou o que ela estava falando. A mulher nunca dava respostas prontas e deixou claro que também não as daria naquele momento. Lívia não era inocente – sabia que Dona Mary orava para que o relacionamento dela com Deus amadurecesse. No conceito de Lívia, não precisava virar uma beata para mostrar que tinha fé. Ela tinha seus princípios e valores, mas também sabia que

PERIGOSAS ACHERON

era livre para tomar suas próprias decisões. Seus pais nunca tinham se incomodado com seu comportamento até um pouco rebelde de adolescente e sempre a incentivaram a buscar independência. Para eles, contanto que ela fosse responsável pelas consequências de suas escolhas, estava tudo bem. E Lívia tinha se tornado uma mulher muito responsável. Naquele momento, no entanto, precisava entender de onde vinha sua angústia.

“Onde procuro essa resposta?” a jovem perguntou.

“Sugiro que pergunte a Deus,” Dona Mary respondeu.

Não. Lívia precisava de uma resposta pronta porque estava sofrendo. Não achava que Deus se importaria com essa questão feminina. “Será que vou ouvir uma resposta?”

“Você quer ouvir uma resposta?” Dona

Mary desafiou.

Lívia considerou aquelas palavras. Se respondesse que sim, estaria comprometida a buscar uma resposta para uma questão abstrata demais. Se dissesse que não, talvez nunca soubesse o motivo de sua dor. A vontade de fugir, sumir, talvez subindo uma montanha daquelas à sua frente, era enorme. Até então, ela conseguira estar no controle de sua vida. Engraçado que tantas vezes Dona Mary tinha dito a ela que precisava passar o controle para Deus, mas ela nunca conseguira entender por que já que tudo seguia seu curso normalmente. Lívia acreditava em Deus, mas não daquela forma que Dona Mary sempre falava, de ter relacionamento com ele. Se já era difícil entender os relacionamentos na terra com pessoas de carne e osso, quanto mais com um ser no céu, tão distante.

Dona Mary passou uma caixa de lenços de
PERIGOSAS ACHERON

papel para Livia, que puxou um e enxugou os olhos. A mulher não era do tipo que ficava em cima da pessoa, cobrando respostas ou atitudes. Não via sentido em mudança de comportamento externo sem mudança de mente e coração. Dona Mary falava que o exército mudava o comportamento do soldado, mas que Deus estava preocupado em mudar o coração. De fato, Livia não via o valor de mudar na superfície sem convicção. Será que Dona Mary estava sugerindo que Livia deveria buscar outras respostas além daquela de que precisava para resolver seu incômodo recente na alma? A resposta que daria à mulher mais velha não podia ser vaga – o que Livia falasse exigiria coerência em suas atitudes, se é que tal resposta ao seu grande questionamento a interessava de fato.

“Acho que sim; acho que quero essa resposta,” Livia respondeu baixinho e assoou o nariz discretamente.

“Muito bom,” Dona Mary disse. “Esse é o primeiro passo. Não espere que esse seja um processo fácil e rápido.”

Lívia balançou a cabeça discretamente. Dona Mary continuou:

“Quero fazer uma sugestão que não parece fazer sentido agora, mas que, tenho certeza, irá ajudar nesse processo – vá passar um tempo no sítio em Domingos Martins. Meu filho e minha nora precisam de ajuda com o projeto e pensei que um tempo fora lhe faria bem.”

Em princípio, Lívia assustou-se com o pedido. Dona Mary já havia sugerido que ela passasse umas semanas no sítio trabalhando com a comunidade da cidade, mas Lívia dava desculpas. Além de sempre muito ocupada, ela receava que a vida em um lugar como aquele pudesse ser cheio de regras e restrições. Ela lembrava bem de algumas amigas de adolescência que, por causa da religião,

PERIGOSAS ACHERON

se privavam do uso de um simples uso de biquíni. Duas de suas melhores amigas no Brasil eram assim e os pais delas implicavam com tudo, até com festa de aniversário. No entanto, se Livia fosse sincera, teria que admitir que Dona Mary nunca dera uma de fiscal da vida alheia e, naquele momento, com a confissão do aborto, não se sentiu julgada. O que Dona Mary ofereceu foi uma genuína preocupação com seu bem-estar físico e mental.

Por alguma razão, ela considerou o pedido de Dona Mary. Precisava mesmo sair da sua bolha, da sua rotina previsível; talvez a distância pudesse lhe dar uma melhor perspectiva dessa situação. Se os parentes de Dona Mary fossem um pouco como ela, o ambiente no sítio deveria ser tranquilo. Além do mais, Livia sentia falta do Espírito Santo, seu estado de nascimento e de coração. Apesar de ter saído de lá com apenas 14 anos para vir com os

PERIGOSAS ACHERON

pais para o Canadá, ela tinha uma ligação nostálgica com o lugar, que lhe dera bons amigos e uma infância cheia de sol e praia. Quem sabe até poderia passar um fim de semana em Vila Velha na casa de amigos e visitar a Praia da Costa?

Dona Mary ocupou-se com a louça, levando a bandeja com o chá, agora frio, para a cozinha, uma estratégia, Livia sabia, que a mulher usava para pensar. Ela voltou com um pratinho com mais biscoitos e se sentou.

“Acho que tem razão,” Livia falou. “Estou mesmo com férias vencidas e posso pedir também uns dias extras de licença médica. Como eu faço para combinar com seu filho?”

Dona Mary sorriu e passou a mão no rosto de Livia. “Deixa que eu falo com Chris e Celeste. Eles vão ficar animadíssimos com sua visita. Sempre que falo de você, eles me perguntam quando irão conhecê-la.”

Lívia deu um sorriso tímido. Dona Mary a tratava como neta e muitas vezes a apresentava às pessoas do seu condomínio como sua neta brasileira. O que Lívia sabia de Chris e de sua esposa era que trabalhavam muito e não tinham muita frescura. Celeste deveria estar no final da gravidez e, mesmo assim, continuava seu trabalho com as crianças da comunidade. O projeto dependia de voluntários que iam do Canadá, de outros países e outras partes do Brasil para ajudar por uma temporada. Seria um bom momento para mudar o foco para o apoio que poderia dar a Celeste e Chris e, quem sabe, encontrar parte da resposta para aquilo que a incomodava. A interrupção da gravidez, como ela e os médicos chamavam, tinha trazido não apenas um mero sangramento, mas também pensamentos conflituosos.

Dona Mary tirou o celular do bolso e disse:

“Vou já passar o número de Celeste e Chris para você.” Ela acessou seus contatos e enviou-os a Livia. “Ah, olha aqui. Tenho algumas fotos do CEPA.”

Livia manteve os olhos atentos às fotos do lugar que seria sua casa por um mês – *Centro de Esperança Pedra Azul*. O nome era sugestivo; o que Livia mais queria era ter esperança de que ficaria bem, que o peso na sua alma desapareceria.



No domingo à tarde, Livia despediu-se de Dona Mary e Jack, e voltou para Calgary. Não tocou no assunto de ir para o sítio em Domingos Martins com Joana. Na segunda-feira, voltou ao trabalho e teve um breve ataque de pânico. Sem mais nem menos, seu coração disparou e ela começou a suar frio. O chão da sala de emergência do hospital parecia tremer como em um terremoto. Livia correu para o banheiro e ficou lá um tempo,

tentando respirar pausadamente, até que a crise passasse. Ela nunca tinha tido uma experiência tão apavorante – ver-se sem domínio de suas próprias emoções e controlada por um medo irracional. Precisava mesmo sair um pouco daquele ambiente de corre-corre.

No meio da semana, ela avisou no hospital que tiraria férias. Estaria liberada em duas semanas, tempo suficiente para ela se preparar, pagando contas, limpando a casa, arrumando mala e deixando tudo em ordem para não ter preocupação extra. Conforme os dias passavam, Lívia sentia-se aliviada de estar correndo tudo conforme planejado. No entanto, não contava com a reação de Joana quando lhe contou da ida para Domingos Martins. Ela fez uma tempestade em copo d'água dizendo que Lívia não aguentaria passar tanto tempo no meio de gente tão tacanha. Joana nunca tinha criticado Lívia por crer em Deus, mas daí a se

PERIGOSAS ACHERON

deixar influenciar por beatos, conforme a amiga dizia, era um passo muito perigoso. No conceito de Joana, Livia não era dessas crentes chatas que viviam na igreja. No fundo, Livia nem sabia ao certo se o pouco de fé que tinha a qualificaria como “crente” ou “beata” já que crer em Deus e ir à igreja em ocasiões especiais estava longe do que ela via na vida de Dona Mary. Talvez essa fosse uma outra pergunta a que devesse responder quando fosse para Domingos Martins.

“Você vai voltar da fazenda sem nem poder usar mais biquíni, ” Joana argumentou.

Livia desconversou e Joana deixou o assunto para lá – era conflito demais para ela.

Na véspera da viagem, as duas amigas só conversaram sobre amenidades e Livia entregou a chave do seu apartamento para que Joana pudesse dar uma olhada nas suas coisas de vez em quando. Uma pontada de dúvida passou pela cabeça de

Lívia – e se estivesse mesmo se metendo em uma fria? E se Celeste e Chris a julgassem por não ser exatamente como eles? Ela não iria fingir ser outra pessoa; não fingia com Dona Mary. *E ela não julga você*, uma voz falou ao seu coração.

Lívia fechou a última mala e se sentou na cama com o *laptop* no colo para fazer o *check-in* do voo. Com um suspiro, desejou ardentemente encontrar aquilo que estava procurando e que nem sabia ao certo o que era.

Capítulo 3

O avião fez mais uma curva sobrevoando a Baía de Vitória. O dia ensolarado era ideal para ver as ilhas e pontes da janela da aeronave. Depois de quase vinte horas de viagem de Calgary a Vitória, Lívia queria mesmo era pisar em terra firme. Mal acreditava que três semanas antes não cogitava em ir para o Brasil. O mais óbvio seria passar um tempo com os pais em Toronto ou até mesmo no Rio com seus avós; o Espírito Santo não fazia mais parte de seus planos de férias desde que se mudara, mas, naquele momento, vendo a Baía de Vitória, o Convento da Penha e as cidades de Vila Velha e Vitória interligadas por pontes, um lampejo de alegria encheu seu coração. As memórias dos anos inocentes e despreocupados voltaram com força e, de algum canto escondido em sua mente, surgiu uma oração breve pedindo a Deus que a ajudasse a lidar com o incômodo sentimento de vazio que tinha crescido nos últimos anos.

Se Livia tinha alguma dúvida sobre se deveria ter vindo para o Brasil ou não, ela começou a desaparecer na subida da serra em direção a Domingos Martins no pequeno carro alugado. O verde da Mata Atlântica, a umidade no ar ainda misturado com a maresia e a temperatura agradável do final de maio trouxeram mais memórias boas da infância. Sim. Seria bom esse contato com suas raízes.

Quando Livia chegou ao sítio da família de Dona Mary, ela foi tomada por um intenso prazer ao se ver rodeada pela mata tropical com árvores, plantas e flores de várias espécies. *Que saudade desse verde!* ela pensou, imediatamente abrindo a janela do carro para encher os pulmões. Parando o carro no estacionamento de terra batida ao lado de uma *van* bem rodada, Livia desceu e olhou ao redor, procurando alguém que viesse recebê-la. O barulho calmo de um riacho escondido na densa

vegetação, correndo entre as pedras, chegou aos seus ouvidos.

A placa de madeira “CEPA – Centro de Esperança Pedra Azul” escondia o início de um caminho de tijolinho que levava à casa principal, na parte mais alta do vasto terreno. Vozes infantis chamaram a atenção de Lívia para um varandão ao lado da casa. As crianças, sentadas em torno de uma longa mesa, faziam algum tipo de trabalho enquanto conversavam e riam. Algumas delas apontaram para Lívia quando ela começou a subir o caminho avermelhado. Incerta sobre o que fazer, ela parou no meio do caminho e tirou o celular do bolso da calça jeans. A última mensagem de Celeste tinha sido logo depois que Lívia aterrissara, dizendo que estava ansiosa para conhecê-la.

A mulher morena que surgiu na varanda acenou para Lívia enquanto as crianças olhavam com curiosidade, todas falando como as maritacas

PERIGOSAS ACHERON

que provavelmente se escondiam na mata.

“Lívia!” a mulher chamou.

Lívia acenou e subiu mais rápido o morrinho com grande agilidade. Os anos fazendo trilhas nas montanhas do Canadá deram a ela um corpo forte e flexível, apesar da aparente fragilidade da sua baixa estatura e corpo *mignon*.

Celeste abraçou a moça como se a conhecesse. “Estou tão feliz por ter vindo! Minha sogra falou tão bem de você que parece que já nos conhecemos.” Celeste passou a mão pela barriga da gravidez adiantada e deu um enorme sorriso.

“Eu é que estou feliz por vocês me receberem de braços abertos sem nem me conhecer de fato,” Lívia disse e ajeitou o longo rabo de cavalo castanho claro.

Celeste deu uma risada. “Dona Mary fala sempre de você com muito carinho; então considere-se da família. Venha comigo até a

PERIGOSAS ACHERON

cozinha beber alguma coisa. Deve estar cansada da viagem.”

Estava mesmo. Só agora que Livia se dera conta das mais de vinte horas de viagem, apertada em três aviões diferentes e depois no carro na curta, mas sinuosa, subida até Domingos Martins. Ela seguiu Celeste, que andava com dificuldade. Admirou a força daquela mulher delicada com uma barriga que parecia de gêmeos.

Na ampla cozinha azulejada e fresca, Celeste fez um sinal para Livia se sentar à mesa e abriu a geladeira, pegando uma jarra de suco. “Foi fácil achar o sítio?”

“Bem fácil. Vim com GPS e acho que só errei uma entrada no final da serra.”

Colocando o copo de suco na frente de Livia, Celeste sentou-se. “Depois a gente pode conversar com mais calma, mas agora vou levar você para seu chalé para guardar suas coisas.”

“Você não vai a lugar nenhum,” disse um homem alto grisalho, em um tom bem-humorado.

“Chris, essa é a Livia,” disse Celeste ao marido.

Chris estendeu-lhe a mão e abriu um grande sorriso. Livia gostou dele de cara quando viu a semelhança com a mãe, tanto na aparência quanto na maneira de sorrir. Certamente ele herdou a simpatia de Dona Mary e o jeito meio desengonçado.

“Celeste já deve ter falado da nossa expectativa com sua chegada,” ele disse e deu um beijo na esposa. “Incrível que a gente nunca tenha se encontrado. Só fui ao Canadá visitar minha mãe duas vezes. Sabe como ela e meu pai são; preferem vir para cá nas férias.”

“Essa é Dona Mary! Eu nem sei como agradecer a hospitalidade de vocês. Nem me conhecem direito,” disse Livia com um sorriso

tímido e bebeu mais um gole do suco de caju.

“Conhecemos o suficiente. Minha mãe fez todo tipo de elogio e como ela apresenta você como neta, isso faz de mim seu tio,” Chris disse e deu uma risada espalhafatosa enquanto passava a mão pela barriga.

“Deixa então sua sobrinha descansar,” Celeste disse e lhe deu um tapinha carinhoso no braço do marido.

“Vou levar você até o chalé. Depois que se acomodar, volte aqui e podemos conversar,” Chris disse.

Lívia levantou-se e colocou o copo vazio na enorme pia. Aquele encontro era mais um sinal de que tinha feito a coisa certa. Celeste e Chris não pareciam em nada com a imagem que Joana fizera deles de carrancudos e beatos. A primeira impressão de Lívia era que tinha mesmo vindo passar tempo com parte da família.

Despedindo-se de Celeste e agradecendo, mais uma vez, pela hospitalidade, Livia seguiu Chris em direção à varanda. Ao sair pela porta da cozinha, um homem que vinha na direção oposta deu de frente com ela, que quase caiu no chão. Com grande rapidez, ele a segurou pelos braços enquanto ela tentava se equilibrar. Apesar de ele não ser tão alto quanto Chris, Livia não passava dos seus ombros. Sentindo as mãos fortes e um pouco calejadas do homem em seus braços, Livia deu uns passos para trás, obrigando-o a soltá-la.

“Daniel, aonde vai com tanta pressa?” Chris perguntou.

Daniel. Seria um dos voluntários?

“Desculpa, estava distraído. Só vim pegar mais água para as crianças.” Daniel passou a mão pelo cabelo castanho claro suado, criando um topete arrepiado. Olhou para Livia e depois para Chris. Daniel estendeu uma das mãos para a moça e

PERIGOSAS ACHERON

disse:

“Pelo visto, acho que eu devo me apresentar. Eu sou Daniel. Meu primo aqui esqueceu as boas maneiras.”

“Está vendo, Lívía? Já considero você da família e esqueci de fazer a devida apresentação a esse cara estabanado,” Chris deu um tapa afetuoso no braço de Daniel.

Lívía sorriu para Chris, mas fechou a cara ao estender a mão para Daniel. “Prazer,” ela disse de forma seca e mecânica. Dona Mary não tinha falado de mais parentes. *Esse sobrinho é uma novidade*, Lívía pensou.

“Daniel, eu levo água para as crianças e você leva Lívía até o chalé. Pode ser? Preciso dar um telefonema meio urgente,” Chris pediu.

“Não quero incomodar; é só me dizerem onde é, que vou sozinha,” Lívía apressou-se em falar.

“Besteira. Além do mais, Celeste me mata se eu deixar uma convidada especial largada por aí,” disse Chris com um grande sorriso.

“Mato mesmo,” disse Celeste que observava a cena de dentro da cozinha, sentada em uma cadeira e com os pés em outra. “Daniel, faça as honras da casa.”

Sem dizer nada, Daniel entrou na cozinha, abriu uma gaveta de uma pequena escrivaninha e tirou alguma coisa de dentro que colocou no bolso da calça jeans. Chris pegou um fardo de garrafinhas de água e saiu pela varanda cantarolando.

“Cadê sua bagagem?” Daniel virou-se para Livia e perguntou.

“No carro.”

Juntos desceram em silêncio até o estacionamento. Ela abriu o porta-malas e tirou uma maleta, uma mala maior e uma sacola, colocando-as no chão, sob o olhar curioso de

Daniel. “Só falta minha bolsa dentro do carro.”

Quando ela fechou a porta, Daniel já tinha pego toda a bagagem e seguia pelo caminho de tijolinhos no sentido contrário à casa.

“Deixa que eu carrego minha própria bagagem,” disse Livia, correndo atrás dele. Ele parou, olhou para ela e colocou as malas e a sacola no chão. Continuou no caminho sem dizer nada. Livia pegou a bagagem, empinou o nariz e saiu atrás dele arrastando as duas malas de rodinha, que viravam toda vez que passavam por uma fenda maior no piso.

Os ombros largos de Daniel obstruíam o campo de visão de Livia, que lutava para manter as duas malas no curso. Logo chegaram a um chalé de tijolinho. Havia outros ao longo do caminho, mas o seu era o primeiro. Daniel colocou a mão no bolso e tirou uma chave. Estava destrancando a porta quando Livia disse:

“Pode deixar que eu destranco.”

Dessa vez Daniel ignorou seu pedido e abriu a porta. Entrou no chalé e Lívia veio atrás dele puxando as malas pelo piso de tábua corrida.

“Obrigada, mas posso me arranjar sozinha.”

Ele olhou para ela e ela pôde ver o músculo do seu queixo quadrado se contraindo.

“Escuta, só estou fazendo meu trabalho. Preciso ligar a água quente,” Daniel disse com tom seco.

Ele entrou no banheiro e Lívia ficou na porta, observando-o abrir o registro ao lado do vaso. Sua calça jeans estava suja de terra e a camiseta cinza, meio puída. O olhar de Lívia parou em uma longa cicatriz em seu braço direito, que subia do cotovelo e se escondia na manga curta. Aos seus olhos treinados de enfermeira, não parecia muito antiga.

Ele levantou-se e limpou a mão na calça.

Tirou a chave do bolso e a segurou com dois dedos, balançando-a. Lívia puxou-a pela ponta e a colocou em cima da mesinha de cabeceira. Daniel pegou as malas que estavam jogadas na entrada do chalé e as puxou para um canto do quarto.

“A água deve estar quente, mas se não, me avisa que venho dar uma olhada,” ele disse e foi em direção à porta.

“Escuta, Daniel, desculpa minha irritação. Não sou sempre assim,” Lívia disse e conseguiu dar um sorriso com algum traço de cortesia.

Ele deu de ombros e saiu. Lívia fechou a porta e se jogou na poltrona ao lado de uma escrivaninha, perto da janela. Não estava mais tão confiante de que ir para Domingos Martins tinha sido a decisão certa a tomar.



O chalé era confortável e prático, apesar de pequeno. Lívia escolheu a cama no canto da parede

e colocou suas malas em cima da outra. Seus olhos estavam ardendo de sono, mas os bons modos diziam que ela precisava conversar com Celeste e Chris, pelo menos para saber quais seriam os planos do dia seguinte. O ronco do seu estômago informava que tinham se passado horas depois da última refeição no aeroporto de São Paulo. O frigobar do chalé não tinha nada a não ser água e, na sua bolsa, só uma barrinha de cereal toda amassada. Jogou-a no lixo e foi para o banheiro dar um jeito na cara também amassada. Lavou o rosto e escovou o cabelo, deixando-o solto. Precisava desesperadamente de um banho e sua camiseta azul estava com cheiro de fritura do restaurante chinês onde tinha comido na escala em Dallas. O melhor mesmo era ir logo conversar com os anfitriões e voltar para o chalé.

Antes de sair, Livia passou uma mensagem para Joana dizendo que tinha chegado bem ao sítio

PERIGOSAS ACHERON

e a amiga respondeu com um “que legal” e acrescentou “cuidado para não virar beata”. Depois passou outra mensagem para Dona Mary, que respondeu estar orando para ela encontrar suas respostas. Minutos depois, Lívia recebeu uma mensagem de sua mãe perguntando se ela tinha chegado bem e pediu, mais uma vez, que a filha fizesse uma escala em Toronto na volta para o Canadá, assunto que Lívia preferiu deixar para depois.

Subindo pelo caminho de tijolinho, ela teve mais tempo para observar a vegetação densa com bromélias e outras plantas que não conhecia direito. Seu mundo no Canadá resumia-se a diferentes tipos de pinheiros, cedros e outras espécies de floresta temperada. O barulho da água correndo pelas pedras convidou Lívia a explorar a mata, o que ela decidiu que faria logo cedo no dia seguinte.

Na varanda, ao ver os rostinhos das crianças

sentadas em volta de uma grande mesa, com Celeste no centro, cortando algumas folhas, Livia sorriu pensando que um simples papel colorido fazia a alegria dos inocentes. O que traria alegria para ela que sentia um vazio inexplicável no peito?

“Livia, venha se sentar aqui com a gente. Se quiser, pode ajudar com a lição de matemática; a gente está fazendo fração então recortamos esses papéis para ilustrar,” Celeste disse e apontou para uma cadeira do outro lado da mesa. As crianças olharam para Livia curiosas, cochicharam alguma coisa e riram. “Crianças, essa é minha amiga Livia. Ela vai passar um tempo com a gente ajudando.”

Uma menina franzina levantou-se e foi até Livia, que tinha se sentado do lado oposto a Celeste.

“Quantos anos você tem?” perguntou a menina de olhos pretos curiosos.

“Eu tenho 28 anos. E você, qual seu nome?”

“Meu nome é Sofia. Já tenho oito anos,” ela respondeu e levantou as duas mãos mostrando os dedos.

Assim que a menina se apresentou, as outras crianças começaram a informar suas respectivas idades e seus nomes, cada uma falando mais alto que a outra, tentando chamar a atenção de Livia, que não sabia para qual olhar.

“Tá bom, crianças,” disse Celeste em voz alta. “Vamos continuar a lição. Livia vai passar um tempo com a gente e vocês vão conhecê-la melhor. Sofia, vem se sentar.”

A menina de pele escura foi se sentar a contragosto. Livia logo entrou no ritmo e fez vários exercícios com algumas crianças. A hora passou rápido e o estômago dela avisou que talvez devesse ter comido a barrinha de cereal amassada que tinha ido parar no lixo. As crianças riram do sinal que a barriga da moça deu.

Celeste levantou-se e mandou as crianças irem para a quadra esperar a *van* que as levaria para a escola. Sem titubear, o grupo desceu pelo gramado por onde um casal mais velho subia, acenando para as crianças.

Celeste explicou para Livia:

“Esse grupo passa a manhã com a gente e vai para a escola na hora do almoço. Elas tomam café da manhã aqui, mas almoçam na escola. Daqui a pouco, chega uma outra turma e nós servimos um lanche no meio da tarde.”

“Quem são essas crianças?” Livia quis saber.

“A maioria é filho de alguém da região, mas uma ou outra é órfã. Tentamos ajudar como podemos e muitas vêm com a indicação de uma assistente social,” Celeste disse.

Com dificuldade, a jovem gestante levantou-se da cadeira e Livia correu para ajudá-la

PERIGOSAS ACHERON

a organizar os materiais na mesa.

“Vou arrumar alguma coisa para a gente comer. Os voluntários cozinham em uma cozinha que tem no último chalé, mas eu, Chris e Daniel usamos a cozinha da casa. A gente se reveza, mas geralmente os dois estão ocupados com coisa do sítio,” disse Celeste.

Lívia arqueou as sobrancelhas e Celeste completou:

“Chris fica de motorista das crianças e resolve os pepinos do sítio na cidade. Daniel é quem faz toda a manutenção da propriedade e olha que não é pouca coisa.”

Lívia não fazia mesmo ideia do volume de trabalho em um projeto como aquele que dependia de voluntários. Queria ajudar no que fosse possível para tirar o peso de Celeste, que andava com a dificuldade típica de uma gestante no final da gravidez.

Gravidez. Pouco tempo antes Livia tinha sentido os primeiros alertas de que alguma coisa estava diferente. As tonturas no final da tarde poderiam ter indicado labirintite, mas quando começou a passar mal de manhã e a ter nojo de carne vermelha, ela cogitou que o problema era mais sério do que imaginava. Joana tinha sugerido a visita ao médico quando Livia passou a ter muito sono no trabalho, mas foi o teste de gravidez que fez no banheiro do hospital que revelou o esperado. Sentada no vaso, com o resultado na mão, ela se apavorou, mas cogitou cuidar do bebê. Quantas de suas colegas davam conta de trabalhar e cuidar de filhos? Era certo que a maioria tinha marido e família por perto, mas algumas, não. Então deveria ser possível. Ao contar a novidade para Leo, Livia se apavorou mais ainda com o terrível cenário que ele pintou de ter que acordar no meio da noite, faltar ao trabalho e até interromper a carreira. Ele

PERIGOSAS ACHERON

deixou claro que não tinha lugar para criança na sua vida corrida e terminou o assunto dizendo que não faria sentido Livia não cuidar do “problema” sendo que, no Canadá, essas coisas eram rotina médica, tudo coberto pelo sistema de saúde. Livia sentiu um mal-estar conforme ele falava – tinha a impressão de que ele considerava sua gravidez como um tumor ou coisa parecida, mas ele não estava de todo errado. Ela teria que interromper sua carreira e mudar completamente sua vida se fosse cuidar de uma criança. Não estava preparada para isso também. Na época, Livia considerou conversar com Dona Mary, mas sabia que a mulher a aconselharia a ficar com a criança. O medo, o pavor e o pânico tomaram conta de Livia e definiram sua decisão, que agora vinha assombrá-la com o rombo no coração e os frequentes ataques de pânico. O médico dissera que isso passaria, mas Livia duvidava que fosse coisa que se resolvesse com a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

volta à rotina, conforme ele tinha sugerido.

Lívia seguiu Celeste até a cozinha. Para fugir dos pensamentos inoportunos, ela disse:

“Deixa eu ajudar você. Não sou grande cozinheira, mas sei fazer algumas coisas. Me diz o que fazer, que me viro. Senta ali e me conta mais do projeto.”

“Não vou recusar a oferta,” Celeste disse e se sentou à mesa, com os pés em cima de outra cadeira. Ela deu mais detalhes sobre o projeto e falou, com grande animação, do desempenho das crianças que participavam do reforço escolar.

Lívia ouvia atentamente enquanto ia de lá para cá na cozinha, preparando carne moída, arroz e salada conforme Celeste tinha sugerido.

“O cheiro está muito bom,” disse Chris ao aparecer pela porta. Foi direto até as panelas em cima do fogão, abriu uma tampa e cheirou o conteúdo.

PERIGOSAS ACHERON

“Lívia que cozinhou hoje,” disse Celeste.
“Nada como um tempero diferente.”

“É mesmo,” Chris disse e riu, logo tendo que se desviar de uma laranja que Celeste jogou na direção dele de surpresa. Pegando a fruta no ar, Chris riu.

“Minha fama de má cozinheira é conhecida por aqui, Lívia,” Celeste explicou para Lívia, que estava com a testa franzida e olhava para Chris que jogava a laranja para o alto.

“Espero que aprovem minha gororoba,” Lívia disse e tirou as tampas das panelas.

Os três almoçaram juntos e Lívia insistiu em arrumar a cozinha. Celeste aceitou por insistência do marido.

“Celeste, sua sogra mandou uma sacola com roupas para o bebê. Depois trago para você,” Lívia informou.

“Que bom, não tenho muita coisa. Dessa
PERIGOSAS ACHERON

vez preferi esperar...” Celeste não completou a frase, que pronunciou com um tom de tristeza.

Chris, que estava descascando a laranja que a mulher tinha jogado nele, olhou com carinho para Celeste. “Logo vamos ter pilhas e pilhas de roupinha para lavar. Vai ver só.”

Com seu instinto de enfermeira, Livia cogitou se haveria alguma coisa errada com a gravidez. Iria ajudar o máximo que pudesse para tirar qualquer peso desnecessário das costas de Celeste. Seu coração de enfermeira exigia isso dela.

Com um sorriso fraco, Celeste disse:

“Livia, pode fazer um prato para Daniel e deixar em cima do fogão? Ele geralmente almoça mais tarde, depois que busca o segundo grupo de crianças. Eu vou deitar um pouco e Chris vai esperar as crianças na quadra.”

Livia balançou a cabeça afirmativamente e insistiu que Celeste não se preocupasse, que ela

PERIGOSAS ACHERON

cuidaria de tudo na cozinha. O sono que sentia já tinha passado em parte e arrumaria outra hora para descansar.

Chris ajudou a esposa a se levantar e a acompanhou pelo corredor da casa. O carinho e cuidado dele tocaram o coração de Livia. Não era só na aparência que ele tinha puxado Dona Mary.

Livia fez um prato para Daniel. Não sabia se ele comia muito ou pouco, mas deduziu, pela estrutura corporal dele, que deveria ser muito. Colocou a salada em um pratinho separado, o restante da comida em um prato fundo e cobriu tudo com um paninho branco bordado. As moscas tinham chegado e insistiam em pousar em qualquer coisa comestível que estivesse descoberta. Livia colocou o resto da comida que tinha sobrado nas panelas em potes de plástico e os guardou na geladeira. Começou a lavar a louça quando a porta da cozinha se abriu. Ela enxugou a mão no avental

PERIGOSAS ACHERON

e se virou.

Daniel entrou e olhou surpreso para Livia.

“Seu prato está aqui,” ela disse, pegou os dois pratos e os colocou na mesa com talheres e um copo. “Eu não tinha certeza de quanto servir, mas se quiser mais, tem mais na geladeira.”

Livia tirou o pano de prato de cima da comida.

Daniel não conteve o riso quando viu a quantidade exagerada de comida. “Você vai comer comigo?”

Levantando o queixo, ela disse:

“Desculpa se calculei mal. Espero que o tempero esteja a seu gosto.”

“Você quem fez?” Daniel perguntou, arqueando as sobrancelhas.

“Algum problema?”

“Não. Nenhum,” Daniel respondeu, sentando-se à mesa.

Lívia esperou alguma crítica quando Daniel encheu o garfo e o levou à boca, mas ele soltou um som de prazer ao mastigar a comida. “A partir de hoje você é minha cozinheira preferida!”

“Não sou cozinheira de ninguém,” ela respondeu.

“Lívia, desculpa. Não estava querendo dizer isso. Minha intenção era elogiar sua comida,” ele disse. “Digamos que Celeste não é a melhor cozinheira da região.”

“E você, por acaso, sabe cozinhar ou fica só avaliando as habilidades culinárias das pessoas?” ela perguntou com as mãos nos quadris.

“Me viro bem na cozinha,” disse Daniel, que encheu o garfo de comida e o levou à boca com prazer.

Lívia voltou a lavar a louça. Ela tinha certeza que Daniel a observava.

“Vai ficar quanto tempo aqui?” ele

perguntou.

Lívia se virou um pouco, segurando um prato molhado. *Não dê muita informação. Como dizia minha avó, “dê dinheiro, mas não dê confiança”.*

“Não sei ainda,” ela disse e se virou para a pia.

“Celeste falou que você mora no Canadá. Veio fazer o que aqui?”

Lívia continuou lavando a louça e falou de costas para ele:

“Moro em Calgary. Vim ajudar Celeste.”

“Você costuma conversar de costas para as pessoas?” ele perguntou e deu uma risada.

Com um calor subindo-lhe pelo pescoço, Lívia aproximou-se de Daniel e parou bem de frente para ele. “Só quando eu não quero render papo”.

Ele deu uma risada alta e disse:

“Estou tentando fazer a política da boa vizinhança. Se vamos trabalhar juntos, temos que quebrar o gelo.”

“Desde quando vamos trabalhar juntos?” ela perguntou.

“Pelo que entendi, você veio para cá para ajudar.”

“Vim para ajudar Celeste, já disse. Foi um pedido da sua tia,” ela disse com o nariz empinado.

“Para sua informação, aqui tudo mundo ajuda todo mundo.” Daniel se levantou com o prato vazio. “Obrigado. Estava muito bom.” Ele foi até a pia, lavou o que tinha sujado e saiu da cozinha sem dizer mais nada.

Capítulo 4

Suada e com a roupa suja, Livia voltou para o chalé depois de arrumar a cozinha. Tomou um banho demorado, lavando o cabelo bem devagar enquanto aproveitava a sensação da água quente e da espuma escorrendo por seu corpo. Enxugou-se e, ainda enrolada na toalha, foi até a cômoda onde tinha guardado suas roupas e escolheu uma das várias calças de ginástica que tinha trazido. Quando fez a mala, decidiu que não queria preocupação com roupa, o que considerou um bom motivo para trazer várias roupas confortáveis. Puxou uma camiseta rosa e uma calça preta, e calçou suas havaianas. Finalmente poderia ficar sem meias depois de quase 7 meses com roupas pesadas de inverno.

No banheiro, ela ligou o secador, tentando

manter os olhos abertos. O ar quente na cabeça era como uma massagem que lhe empurrava para a terra dos sonhos. Duas da tarde. Precisava de, pelo menos, um cochilo. Escancarando a janela já aberta, Livia deitou-se na cama e puxou a colcha macia de retalhos. O sono veio pesado e, quando ela acordou, não se localizou de primeira. Achava que estava em seu apartamento até que olhou para fora e viu um enorme ipê amarelo. Verificou as horas. Tinha dormido por duas horas e meia. Recapitulou rapidamente o que tinha acontecido no sítio na parte da manhã e, apesar da preguiça e vontade de dormir até que seus olhos não estivessem mais pesados, ela se levantou. Deu um longo bocejo e se espreguiçou.

Assim que abriu a porta do chalé, o ar úmido e fresco lhe tirou por completo a preguiça. Ao subir o caminho de tijolinho que levava para a casa principal, Livia ouviu o barulho do riacho

entre as árvores. Desviou-se do caminho e foi procurar a origem do som. A poucos metros, o riacho cristalino corria borbulhante por entre pedras arredondadas. O efeito de cores na mata era incrível, com os raios dourados do sol que atravessavam a copa das árvores e o esverdeado denso da vegetação mais à sombra.

Lívia tirou as havaianas, enrolou a calça até os joelhos e foi andando cuidadosamente por cima das pedras até o meio do regato. Como imaginou, a água não passava da altura dos seus joelhos. Ela ficou parada por um tempinho, sentindo a correnteza preguiçosa passar por entre suas pernas, massageando-as. Os pássaros coloridos voavam e pousavam de galho em galho, como uma brincadeira. O canto desses e de outros pássaros escondidos na mata era uma verdadeira música. Lívia deu um grande suspiro, como se o ar puro fosse capaz de limpar o persistente incômodo no

PERIGOSAS ACHERON

coração. Fechando os olhos, ela levantou o rosto na direção dos raios de sol. Estava ali por um motivo — achar respostas para suas perguntas que, que iam se complicando cada vez que considerava a decisão mal pensada que tomara de interromper sua gestação. O que Celeste diria? Ficaria chocada, sem dúvida, visto que estava grávida e parecia ter algum problema de saúde.

Naquele lugar, Livia esperava acalmar seu coração, dedicando-se a ajudar Celeste. Isso lhe faria bem. *Um tipo de compensação*, ela pensou.

Ouvindo um barulho de martelada, Livia abriu os olhos. O som foi se tornando mais intenso, atrapalhando o canto suave da natureza. Saindo do riacho, ela passou as mãos pelas pernas e pelos pés, tentando tirar o excesso de água, e calçou os chinelos. Foi andando entre as árvores seguindo o batuque. Mais à frente, atrás da casa principal, ficava um lindo jardim cercado de ipês. No centro

do jardim, havia uma área com piso de pedra decorativa e três bancos de praça. Vários vasos grandes de barro com flores de várias cores completavam o ambiente. Parada atrás de um ipê roxo, Livia viu alguns beija-flores enfiando o longo bico nas flores vermelhas em busca de néctar. Encantada, ela pegou seu celular do bolso da calça e tirou fotos das pequenas aves voando, parando no ar e voltando a sugar o néctar.

O barulho de martelada ficou mais intenso e Livia seguiu um pouco mais à frente, irritada com o incômodo. Nos fundos do jardim, Daniel concentrava-se em algum trabalho com madeira. Estava de cócoras, de frente para o que parecia uma gaveta. Quando acabou de martelar, ele deixou a gaveta em um canto e pegou outra, recomeçando o trabalho. Livia lembrou-se do que Celeste tinha falado sobre Daniel ser o responsável pela manutenção do sítio. Olhando as costas dele e o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

movimento de sobe e desce do braço com o martelo em punho, ela não teve dúvida de que ele passava boa parte do tempo fazendo trabalho mais braçal. O que ele fazia da vida além de trabalhar no sítio? Ao que parecia, ele não devia ter muito tempo para outras coisas.

Lívia foi mais à frente, por entre os ipês, atraída pelos beija-flores. Daniel virou-se, talvez sentindo que alguém o observava, e fez um aceno para ela. Dando um aceno tímido em retribuição, Lívia deu meia volta e subiu apressada o caminho de tijolinho até a casa principal.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

Nos dois dias seguintes, Lívia trabalhou como nunca. Além do serviço da cozinha e do reforço escolar, ela se ofereceu para fazer atividades de recreação com as crianças na quadra. Seu corpo reclamava da falta de atividade física ao ar livre e esse foi o jeito que Lívia encontrou de responder à necessidade do seu corpo. Estava tão acostumada com a vida no hospital, andando nos longos corredores, correndo, muitas vezes literalmente, de uma ala para outra, atendendo às emergências, que tinha dificuldade de ficar parada. Além disso, suas caminhadas e corridas, nos dias de folga, nas montanhas e nas pistas de caminhada em Calgary, mantinham-na em forma.

Na quinta-feira, Lívia acordou cedo e preparou o café da manhã para a primeira turma que chegaria. Depois do café, ela foi para a quadra

brincar com as crianças. Um casal mais velho de voluntários da Inglaterra tinha preparado uma série de brincadeiras com bola e Lívia se ofereceu para ajudar. Mark e Sue tinham bastante pique e as crianças se divertiam, com exceção da menina franzina que Lívia tinha conhecido no dia da sua chegada.

“Sofia,” Lívia aproximou-se da menina, que tinha ido se sentar embaixo de uma árvore ao lado da quadra. “Não vem brincar?”

A menina olhou assustada para Lívia e balançou a cabeça negativamente. Lívia agachou-se ao lado dela e segurou uma de suas mãozinhas. Não precisava ser enfermeira para saber que as manchas nos braços da menina eram hematomas.

“O que foi que aconteceu?” Lívia perguntou, mas a menina não respondeu. “Quer ir comigo até a casa e coloco gelo?”

A menina balançou a cabeça mais uma vez.

Lívia usou toda sua habilidade de convencimento, mas a menina recusou a ajuda, só saindo do lugar na hora do reforço escolar na varanda da casa.

Celeste tomou seu lugar à mesa e pediu para as crianças se sentarem. Lívia distribuiu o material de colorir enquanto observava Sofia, que permanecia de cabeça baixa.

“Sofia está cabisbaixa hoje e vi uns hematomas no braço dela,” Lívia cochichou com Celeste.

“Isso tem acontecido com mais frequência,” Celeste disse no mesmo tom de voz. “Sofia mora com o avô, um homem que vive alcoolizado. Ninguém sabe o paradeiro do pai e a mãe some de vez em quando. A assistente social está investigando.”

Lívia sentiu seu coração apertado. “O que eu posso fazer para ajudar?”

“Não tem muito o que podemos fazer por

PERIGOSAS ACHERON

enquanto. Mas amor nunca é demais. Demonstre amor, não só para a Sofia, mas para essas crianças. Muitas não sabem o que é amor de pai e mãe,” disse Celeste, que cortava uns triângulos de papel vermelho.

Lívia sentiu seus olhos arderem. Sentou-se ao lado de Sofia e a ajudou com a lição. Passou a mão pelo bracinho fino da menina e lhe deu um beijo no alto da cabeça. A menina olhou para ela e deu um fraco sorriso.

Um pouco antes do grupo ir embora no final da manhã, Lívia se despediu das crianças e foi para a cozinha preparar o almoço. Celeste tinha deixado alguns legumes crus em cima da pia e Lívia começou a descascá-los. Quando terminou, procurou a carne na geladeira, mas não a encontrou. Em cima do fogão, havia um pirex coberto com papel-alumínio e um bilhete: *para o almoço*. Ela levantou o papel de alumínio que

PERIGOSAS ACHERON

cobria um frango assado com ervas. Com água na boca, ela puxou um pedacinho da pele da sobrecoxa e o levou à boca que já salivava. O gosto de tomilho e alecrim atçou suas papilas gustativas. Cobriu de novo o frango apesar de tentada a beliscar mais um pedaço.

Lívia fez arroz misturado com legumes e colocou no forno para gratinar com queijo. Celeste e Chris entraram na cozinha um tempo depois. A jovem mãe sentou-se na cadeira e o marido puxou uma outra para ela esticar as pernas.

“Que cheiro maravilhoso!” Chris disse, foi até o fogão e levantou o papel-alumínio. “Está de parabéns, Lívia.”

Lívia olhou para Celeste e depois para o frango e disse:

“Quando cheguei aqui o frango já estava pronto.”

Celeste deu uma risada, mas não explicou.

Talvez ela tivesse preparado o frango antes da chegada das crianças. Para quem não era boa cozinheira, até que Celeste tinha feito um ótimo trabalho porque aquele frango estava delicioso.

Lívia pegou o arroz do forno e Chris inspirou o aroma de forma exagerada, batendo as mãos na barriga.

“Em vez de ficar cheirando tudo, por que não faz seu prato e o meu?” Celeste disse balançando a cabeça.

Lívia colocou o pirex em cima do fogão e deu uma risada. Abriu o armário e tirou três pratos, dando dois para Chris, que serviu o seu e o da esposa. Lívia serviu-se de um pedaço de peito e uma asa. Seu apetite tinha aumentado no sítio não só por causa do trabalho, mas por se sentir mais disposta.

Sentados à mesa, os três conversavam sobre as crianças e, em especial, sobre Sofia. Chris

PERIGOSAS ACHERON

explicou que o avô da menina bebia muito e às vezes batia nela. Quando ele estava sóbrio, chorava muito de remorso e prometia parar de beber.

Celeste disse que o homem chegava a ficar uma semana sóbrio e Sofia se animava, mas logo ele voltava a beber.

Estavam absortos na conversa quando Daniel entrou, enxugando as mãos em um pano encardido.

“Hoje eu poderia comer um boi inteiro,” ele falou de forma exagerada, olhando para Livia.

“Venha, faça seu prato e coma com a gente para variar um pouco. Você sempre come sozinho,” disse Celeste.

Daniel fez o prato e Livia arregalou os olhos quando ele o colocou na mesa com quase metade do frango. Ela olhou para ele com uma expressão de surpresa e Daniel deu uma risada. Chris estava concentrado em chupar a tenra carne

dos ossos da costela do frango e Celeste ria da cena, balançando a cabeça.

“Celeste, seu frango está muito bom. A combinação de ervas frescas é perfeita,” Livia disse e lambeu os dedos depois de colocar os ossinhos da asa do frango, já sem carne, de volta no prato.

Celeste e Daniel se entreolharam e riram. Livia olhou de um para o outro com um olhar de interrogação.

“Foi o Daniel quem fez o frango,” explicou Celeste.

“Esse sim é um cozinheiro de mão cheia,” disse Chris enquanto lambia os dedos. “Não que minha amada não saiba cozinhar ... ou você, Livia,” ele foi tentando se explicar, mas em vão. Todos caíram na gargalhada.

“Não sei só martelar madeira,” disse Daniel, olhando para Livia.

Livia sentiu o rosto queimar. Daniel

brincava com os ossos no prato, empurrando-os com o garfo. Com um meio sorriso, ele se levantou e jogou o resto de comida na lixeira, sem tirar os olhos de Livia. Ela levantou-se e foi para a pia, dando as costas para ele. *Que pessoa irritante*, ela pensou.

Dando um gemido baixo, Celeste levantou-se da cadeira com a ajuda do marido. “Achou que preciso descansar. Minha barriga está um pouco contraída.”

Livia largou a esponja cheia de detergente e se virou, enxugando a mão em um pano de prato. “É melhor mesmo descansar. Não se preocupe que cuido de tudo na cozinha e ajudo a receber a próxima turma.”

Celeste agradeceu e saiu da cozinha apoiada no marido. Livia recomeçou a lavar a louça, ignorando a presença de Daniel.

Quando Livia passou a enxugar a louça,
PERIGOSAS ACHERON

Daniel aproximou-se da pia e lavou o que tinha usado. Lívia começou a enxugar a louça em silêncio. Daniel colocou seu copo no escorredor de pratos, recostou-se na geladeira, de braços cruzados, e disse:

“Seu arroz de forno estava muito bom.”

Lívia agradeceu de forma seca enquanto enxugava outra panela. Daniel permaneceu apoiado na geladeira. Segurando quatro copos, ela abriu o armário e começou a guardá-los. O último escorregou e caiu no chão. Lívia deu um pulo para trás para fugir dos cacos que se espalharam pelo piso frio. Daniel pegou rapidamente a vassoura e começou a varrer os cacos.

“Deixa que eu cato tudo. Você se machucou?” perguntou ele, agachado com a pá, empurrando os pequenos pedaços de vidro com a vassoura. Lívia franziu a testa quando ele colocou a pá no chão e passou seu dedo, de leve, no pé dela.

Daniel levantou-se e mostrou seu dedo sujo de sangue. “Você se cortou. Vou buscar um antisséptico e um curativo,” disse ele, sumindo no corredor da casa.

Lívia molhou uma folha de papel-toalha e se sentou na cadeira apertando a ferida. Não era grande, mas o sangue não estancava. Daniel voltou com um frasquinho de antisséptico, algodão e um curativo transparente.

“Pode deixar que faço,” ela estendeu a mão aberta, pedindo os itens que Daniel segurava.

Ignorando o pedido, ele se abaixou, tirou o chinelo de Lívia e apoiou o pé dela em sua perna. Ela inspirou fundo e esperou. Daniel abriu o antisséptico e umedeceu a bola de algodão. Com mão áspera, ele segurou o pé de Lívia e desinfetou o machucado. Tranquilamente, ele colocou o curativo.

“O corte não é profundo.” Daniel

permaneceu agachado.

Lívia balançou a cabeça afirmativamente. Ele colocou o pé dela de volta no chão e se levantou, segurando os itens de primeiros-socorros.

“Você não faz ideia de quantos ferimentos já cuidei – joelhos ralados, bocas cortadas, cabeças com galos enormes; mas você, com certeza, vê coisa bem pior no seu trabalho,” ele disse.

Lívia não soube se aquilo era uma pergunta, uma simples afirmação ou um comentário que exigia algum tipo de explicação. De qualquer forma, ela se sentiu na obrigação de dizer alguma coisa.

“Cuidar de emergência é minha rotina,” ela disse com um sorriso amarelo.

Daniel olhava para ela com atenção. Voltou a se recostar na geladeira, de braços cruzados. Ela levantou-se, calçou o chinelo e encheu um copo d’água de um filtro de barro. Olhou para ele de

relance, desejando que saísse dali para ela terminar a limpeza.

“Bom, obrigada pelo curativo. Agora preciso terminar o serviço aqui,” ela disse e bebeu o resto da água, lavando o copo em seguida.

Daniel pegou a vassoura e a pá e voltou a varrer o resto dos cacos. Lívia se aproximou dele e disse:

“Deixa que eu faço. A culpa foi minha.”

“Não me custa nada,” ele disse e varreu não só os cacos, mas o restante da cozinha.

Pegando o pano de prato, Lívia terminou de enxugar a louça e de guardá-la. Quando Daniel terminou de varrer o chão, ele disse:

“Precisa de mais alguma coisa? Se não, já vou indo. Tenho que terminar a pintura daquelas gavetas.”

Lívia pendurou o pano em um gancho perto da pia e disse:

“Já terminei tudo.”

“Está certo então,” ele disse e deu as costas, indo em direção à porta que dava para a varanda.

“Daniel,” Lívia chamou.

Ele virou-se e esperou.

“Obrigada,” ela disse, apontando para o curativo no pé.

Ele sorriu, balançou a cabeça afirmativamente e saiu. Lívia recostou-se na pia, enrolando e desenrolando o pano de prato nas mãos com o olhar fixo na porta da cozinha.

Capítulo 6

“Celeste?”

Lívia foi andando de fininho pelo corredor da casa. Não queria invadir a privacidade do casal, mas precisava saber como Celeste estava. A casa antiga era bem arejada e também bem conservada. Lívia passou por dois quartos e um banheiro até que ouviu a voz de Celeste:

“Lívia, entra aqui.”

Lívia entrou pela última porta, que estava encostada. Celeste estava recostada em dois travesseiros, com as pernas esticadas em cima de uma almofada. Respirava profunda e

pausadamente.

“Estou tentando relaxar. O médico disse para eu não abusar. Essa posição me deixa mais tranquila,” ela disse, apontando para uma poltrona perto da janela para Livia se sentar.

“Está com quantas semanas?” perguntou Livia, apesar de desconfiar que a gestação já estava chegando ao fim.

“34 ainda. Espero chegar até o fim das 40 semanas, mas o médico me tranquilizou dizendo que se eu chegar até 38 está bom”, Celeste disse com um tom apreensivo.

Livia balançou a cabeça e sorriu. No entanto, as perguntas que tinha antes de chegar a Domingos Martins martelavam em sua mente. Seu olhar parou na barriga de Celeste – *poderia ser a minha daqui a sete meses*, Livia pensou. Ajeitando-se na poltrona, ela disse:

“Então, descanse. Estou aqui para ajudar.”

“Deus respondeu minhas orações. Eu estava tão preocupada com o trabalho e como iria conseguir fazer tudo sozinha. Chris, Daniel e os outros voluntários estão sobrecarregados. Geralmente temos mais gente para ajudar, mas uma senhora que me ajudava teve que voltar para casa porque o filho sofreu um acidente de trabalho,” Celeste explicou.

“É só me dizer do que precisa,” Livia respondeu.

“Na verdade, ia pedir que me ajudasse com uma coisa. Sabe a escrivaninha da sala? Tem uma porta na parte de cima e uma caixa onde está escrito ‘Recibos’. Pode pegar para mim?”

Livia foi e voltou com a caixa. Entregou-a para Celeste e ficou de pé ao lado da cama.

“Deixei os recibos e notas fiscais acumularem, e preciso que separe para mim,” Celeste disse dando instrução sobre como separar

PERIGOSAS ACHERON

as notas. “Quando as crianças da tarde forem embora, queria que você ajudasse o Daniel a atualizar o livro-caixa.”

Lívia sentiu os músculos do pescoço se retesarem. “Está certo. Alguma coisa mais que posso fazer até lá?”

“Se você pudesse ajudar Mark e Sue na quadra, seria ótimo.”

Lívia pegou a caixa e saiu do quarto, tranquilizando Celeste de que faria o trabalho. Ao passar pela sala, deixou a caixa em cima da escrivaninha e foi para a quadra. As crianças do turno da tarde já tinham chegado e o casal inglês organizava uma brincadeira. Lívia já tinha conversado com o casal algumas vezes e admirou a vontade dos dois de falarem português, embora com certa dificuldade. Lívia serviu de intérprete entre eles e as crianças quando o casal não conseguia explicar as regras da brincadeira de

PERIGOSAS ACHERON

forma clara.

Lívia explicou as regras do jogo para as crianças e logo ela mesma entrou na brincadeira. O jogo de passar a bola enquanto contavam de dois em dois, três em três e assim por diante, perdeu logo a graça quando a bola caiu no chão e Lívia a controlou com os pés. As crianças a rodearam e pediram para jogar futebol. Sue e Mark deram de ombros quando um menino roubou a bola dos pés de Lívia e as outras crianças correram atrás dele, começando uma partida bem desorganizada. Lívia organizou os dois times, colocando Mark e Sue de juízes. Fazendo papel de técnica e goleira, ela dava instruções enquanto defendia uma bola e outra. Meia hora depois, Daniel apareceu com um galão enorme de água e as crianças correram para ele, que distribuiu copos de papel.

“Ei, voltem aqui,” chamou Lívia. “Ainda não é o intervalo do jogo!” Ela deu de ombros ao

PERIGOSAS ACHERON

ser ignorada pelas crianças e bateu bola pela quadra. Uma a uma as crianças foram voltando e o jogo recomeçou.

Daniel recolheu o galão de água e alguns copos que ficaram espalhados em volta da lixeira, e se colocou a caminho da casa. Lívia o seguiu com os olhos e o time adversário celebrou o primeiro gol. Lívia deu um sorriso amarelo quando as crianças do seu time reclamaram que ela tinha engolido o maior frango.



Terminado o serviço do dia, Lívia correu para o chalé, ansiosa por um banho. Tinha se esquecido de como fazia calor no Brasil. Depois de anos vivendo abaixo de zero, até aquela temperatura que, para o povo da região era considerada mais amena, era quente demais para ela.

Enrolada na toalha e com os cabelos

molhados, Livia sentou-se na cama e trocou mensagens com Dona Mary. Agradeceu, mais uma vez, pela oportunidade de ter vindo para o sítio e conhecido Celeste e Chris. Trocaram algumas palavras gerais sobre o trabalho no sítio e a senhora se despediu dizendo que estava orando para que Livia encontrasse as respostas que estava procurando.

Uma algazarra de passarinhos chamou Livia para a janela. Várias maritacas voavam de uma árvore para outra como se conversassem animadamente. *Quanta cor e quanta beleza*, Livia pensou. Ela desenrolou a toalha do cabelo, apoiou os cotovelos no parapeito e observou as aves coloridas enquanto passava os dedos lentamente pelos cabelos embaraçados. Era tudo tão cheio de vida – a vegetação, os pássaros e o cheiro de terra. O ar fresco a deixava mais disposta, embora o incômodo na alma permanecesse. Era como uma

PERIGOSAS ACHERON

sensação de perda quando alguém querido se vai.

O vento fraco balançava os galhos do ipê bem em frente ao chalé e derrubava as pequenas flores, fazendo um tapete amarelo no solo ao redor. Se Livia prestasse bastante atenção, conseguia ouvir o borbulhar do riacho mais ao fundo. Queria mesmo ter resposta e solução para suas perguntas para poder aproveitar toda aquela beleza sem o incômodo persistente.

O senso de responsabilidade avisou que ela tinha uma tarefa a fazer para Celeste. Livia queria aliviar ao máximo o trabalho da mulher. Esfregou vigorosamente o cabelo molhado com a toalha, depois abriu o armário e puxou uma calça de ginástica e uma camiseta, seu uniforme desde que tinha chegado, que só variava de cor. Vestiu-se e penteou o cabelo, saindo apressada pelo caminho de tijolinho em direção à casa.

Daniel estava sentado à mesa na varanda,

com a caixa de recibos aberta e um *laptop*. Ele olhou para Livia, mordendo a tampa da caneta.

“Celeste pediu para eu ajudar você,” ela disse e jogou o cabelo úmido para trás dos ombros.

Ele balançou a cabeça afirmativamente e lhe passou um bolo de recibos. Deixou a caneta de lado e disse:

“Pode separar os recibos por categoria: despesas pessoais, alimentação e assim por diante.”

Os dois trabalharam em silêncio. Ela passava as notas para ele e ele anotava os números no livro-caixa. Livia separou várias notas de despesas particulares do casal e as colocou em um envelope conforme Celeste tinha indicado. Ficou imaginando como arrumavam dinheiro para tanta coisa: alimentação, material escolar, combustível, manutenção do carro e do lugar. Como se ela tivesse feito a pergunta em voz alta, Daniel explicou:

“Recebemos doação de gente daqui do Brasil e de fora, principalmente do Canadá. Tia Mary faz alguns eventos durante o ano para arrecadar fundos para o projeto. As pessoas que trabalham aqui doam seu tempo e disposição. Não é fácil como todo projeto dessa natureza.”

Lívia não imaginava o que seria viver sem uma renda fixa. Ela sempre trabalhara nas férias escolares e, depois, já na faculdade, arrumava bons estágios remunerados. Quando finalmente foi efetivada como enfermeira no hospital, não só se sustentava com folga, como conseguia guardar algum dinheiro. O trabalho era muito duro, principalmente nos plantões, mas a área de saúde, exclusivamente pública no Canadá, dava-lhe uma certa segurança e estabilidade, pois o país utilizava bem os recursos vindos de impostos. Com isso, ela já conseguira comprar seu apartamento, um excelente carro e guardava o restante em uma conta

poupança que já estava robusta para uma jovem de menos de 30 anos.

Como Daniel se sustentava? Ela não sabia nada da vida dele a não ser o parentesco com Dona Mary. Apesar da curiosidade, Livia manteve a conversa longe de assuntos pessoais.

“Sabe aquela menina que vem de manhã? A Sofia?” ela perguntou.

Daniel parou o que estava fazendo e olhou para ela, dizendo:

“Sei. Uma situação difícil. Ela mora com o avô e achamos que ele bate nela. Já notificamos a assistente social.”

“Vi os braços dela cheios de hematomas,” Livia disse.

“Essa situação é mais comum do que a gente imagina. Mas a solução é complexa.”

“Imagino que seja. Mas será que não existe uma forma de amenizar a dor dela?” Livia

perguntou.

“Uma boa forma de ajudar é demonstrando amor e atenção. O amor faz milagres na vida dessas crianças. Faz milagres na vida de quem sofre.”

Um nó subiu pela garganta de Livia. Será que Daniel se referia também a alguma questão particular?

Ele passou os dedos pela longa cicatriz no braço direito e voltou ao trabalho, digitando os valores no computador. Enquanto Livia separava os recibos, observava com rabo de olho a cicatriz, que parecia um pouco mais vermelha do que o normal. Que sofrimento Daniel teria tido relacionado àquele ferimento? Será que foi só físico ou tinha efeito mais profundo na alma?

Trabalharam em silêncio por mais um tempo até que Daniel fechou o *laptop*, dizendo que estava tudo em dia.

“Então, se não precisa mais de mim, vou

ver se Celeste quer alguma coisa,” disse ela, levantando-se.

Daniel colocou os cotovelos na mesa e disse:

“Lívia, obrigado.”

“Não foi nada,” ela respondeu.

“Quero dizer, por ajudar Celeste. Estávamos muito preocupados com ela,” ele disse.

Lívia balançou a cabeça afirmativamente, mas não tinha muita certeza do que Daniel queria dizer com aquilo. Que tipo de preocupação teria além, claro, do estado de Celeste no final de gravidez? Com um aceno tímido, Lívia entrou para dentro da casa com o olhar de Daniel a acompanhando.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 7

Um pouco dura – Lívia passou a mão pela barriga de Celeste, fez algumas perguntas de praxe para a jovem gestante, mas descartou a necessidade de uma visita ao médico. Ficaria de olho em Celeste e, a qualquer sinal de complicação, pediria a Chris que levasse a esposa ao hospital.

Afofando os travesseiros, Lívia recomendou repouso a Celeste e foi à cozinha preparar alguma coisa rápida para ela comer. Minutos depois, ela voltou com uma bandeja.

“Fiz esta mistura de arroz com frango. É bem leve, mas nutritiva. Vai se sentir melhor depois que comer alguma coisa,” Lívia disse e colocou a bandeja no colo de Celeste.

“Obrigada. Me sinto mais confiante com

você por perto.”

Lívia puxou um papo sobre a vegetação da região não só por curiosidade, mas para distrair Celeste da preocupação com o final da gravidez. Riram um pouco sobre as histórias de alguns voluntários que tinham medo de sapo ou aranhas e compartilharam seus próprios medos desses bichos.

“A vantagem do inverno no Canadá é que essas criaturas repulsivas desaparecem,” Lívia comentou.

“Não conheço o inverno de lá. Fomos visitar Dona Mary duas vezes no verão, mas não vi nenhum bicho que me assustasse,” Celeste comentou e limpou os lábios com o guardanapo.

“Os ursos preferem não se expor muito, mas conheço amigos que já levaram susto com eles. Eu já levei corrida de uma vaca e acabei ficando com trauma,” Lívia disse e Celeste riu.

Conversaram mais um pouco e logo Lívia

recolheu a bandeja quando Chris entrou no quarto agradecendo pela ajuda e dizendo que cuidaria da esposa. O cuidado dele com Celeste era nítido e, mais uma vez, Livia pode ver traços de Dona Mary no filho.

Na cozinha, Livia comeu alguma coisa e deixou um prato para Daniel em cima do fogão. Lavou o que estava sujo na pia e foi para a varanda checar suas mensagens. Encostou-se na grade de proteção que dava para um barranco gramado e passou o dedo pela tela verificando quem tinha escrito. Joana enviara uma mensagem pedindo notícias e aconselhando a amiga a ter cuidado com “os beatos”. Livia deu uma risada e respondeu que estava tudo sob controle. Dona Mary tinha mandado um versículo bíblico sobre esperança e Livia passou a mão nos olhos, que ameaçaram ficar marejados. Ela agradeceu pelas palavras de encorajamento e colocou o telefone no bolso da

PERIGOSAS ACHERON

calça.

O sol tinha acabado de se pôr, deixando um rastro que iluminava a silhueta das colinas no horizonte. As cigarras começaram a algazarra como se competissem com o coaxar dos sapos, mas nada era tão impressionante como a explosão de fragrâncias das flores que escondiam seu perfume até que o dia findasse.

Lívia passou as mãos pelos braços e puxou a manga da camiseta branca, tentando cobrir parte da pele que se arrepiava com a brisa fresca.

“Com frio?”

A voz era profunda e Lívia se virou. Daniel correu os dedos pelo cabelo úmido e colocou o violão que trazia em cima de uma cadeira.

“Bateu um vento mais frio,” Lívia disse e ajeitou a camiseta.

Ele deu as costas e entrou na casa, voltando em seguida com uma mantinha xadrez.

“Obrigada,” ela disse, pegando a manta das mãos dele e a passando pelos ombros.

O luar era a única iluminação da varanda. Daniel manteve os olhos fixos nos de Livia, que reconheceu algo que via no olhar de Dona Mary. E não era apenas a cor azul profunda. Ele passou a mão pelo braço, acompanhando a cicatriz. Livia seguiu o movimento com os olhos. A mão grande e forte viajava suavemente da manga da camisa azul até o cotovelo.

Os olhares se cruzaram novamente. De repente, as luzes da varanda se acenderam e os dois se voltaram para a porta da casa.

“Oi, Daniel, não sabia que você já estava aí,” Chris disse, enquanto ajudava a esposa a se sentar em uma das cadeiras. Livia apressou-se em puxar outra e acomodar as pernas de Celeste.

“Mark e Sue disseram que já estão subindo,” Daniel disse apenas.

“Oi, pessoal, cheguei!”

Como um vendaval, o recém-chegado agitou o ambiente. Abraçou Daniel com força, fez um cumprimento de mãos e braços com Chris, como se tivessem ensaiado, e beijou as mãos de Celeste, enquanto anunciava como estava com saudade de todos. Cada um fazia algum comentário sobre a falta que ele fez no sítio e o rapaz ria de forma contagiante. Finalmente ele se aproximou de Lívia.

“E você deve ser a amiga de Dona Mary, pelo que fiquei sabendo!”

Daniel aproximou-se e ficou ao lado de Lívia. “Esta é a Lívia.”

O rapaz, sem constrangimento, deu um beijo no rosto da moça, que deu uns passos para trás. Ele riu e disse:

“Quando Daniel me mandou uma mensagem ontem dizendo que uma amiga da Dona
PERIGOSAS ACHERON

Mary tinha vindo do Canadá ajudar, eu pensei que era uma vovozinha!”

Celeste riu e Chris disse:

“Surpresa!”

Daniel continuou a apresentação. “Lívia, este é o Fábio, que já ajuda aqui no sítio há uns dois anos.”

Lívia balançou a cabeça e deu um sorriso. A conversa animada recomeçou, cada um querendo dar notícia das últimas semanas que Fábio passara fora. Daniel permaneceu ao lado de Lívia, que observava a animação e os braços completamente tatuados do rapaz musculoso que devia levantar bastante peso. Um pouco mais baixo que Daniel, Fábio tinha a pele mais escura, nitidamente curtida pelo sol, mas seu carisma era seu traço mais marcante, sempre acompanhado de um largo sorriso.

Quando Mark e Sue chegaram, Daniel

pegou o violão e o restante do grupo se sentou em círculo. Fábio puxou uma cadeira para Livia e a colocou ao lado dele. Ela não entendeu o que estava acontecendo até que Daniel começou a tocar uma música que Livia reconheceu das vezes em que foi à igreja com Dona Mary. Talvez fosse isso que Joana queria que a amiga evitasse para não virar “beata”. Enquanto o grupo cantava, Livia tentava acompanhar a letra e, quando o refrão foi repetido, ela já conseguia cantar a maior parte. Uma grande nostalgia tomou conta do coração de Livia quando começaram a cantar uma música que ela imediatamente reconheceu dos tempos de criança, quando seus avós a levavam a uma igrejainha no centro de Vila Velha – *calmo, sereno e tranquilo, sinto descanso nesse viver...* Uma lágrima escorreu por seu rosto e Livia refletiu como estava longe desse descanso. Mas a dor maior veio de pensar que seus avós ficariam imensamente

PERIGOSAS ACHERON

tristes se soubesse do motivo que acabou trazendo a neta de volta ao Brasil. Nem seus próprios pais sabiam do motivo, apesar de a terem incentivado a tirar umas férias.

Daniel viajava os dedos pelas cordas do violão e, vez por outra, olhava discretamente para Livia, que não conseguiu segurar algumas lágrimas. Desviando o olhar, ela observou a tranquilidade de Celeste, de olhos fechados e com a mão na barriga, Chris com o braço em torno do ombro da esposa, Mark e Sue batendo palmas fora do ritmo e Fábio de mãos levantadas. Livia não era ingênua a ponto de pensar que todos tinham a vida bem resolvida, mas talvez ninguém tivesse a dor de alma que cortava seu coração. Ou quem sabe tivessem e eram mais bem resolvidos que ela.

Quando as músicas terminaram, Chris pegou uma Bíblia surrada e folheou as páginas cheias de orelha. Algumas palavras de Dona Mary

PERIGOSAS ACHERON

voltaram à mente, enquanto Livia aguardava o que Chris tinha a dizer. Será que ali, naquele lugar, ela teria resposta para suas perguntas e angústias?

Chris leu um Salmo sobre esperança quando a alma estava angustiada. Livia se sentia como o autor do texto, com a alma triste e perturbada. Dona Mary tinha lhe deixado um verso bíblico sobre esperança mais cedo e agora Chris também explicava para o pequeno grupo o que significava aquela esperança apesar da adversidade. Mas talvez para eles, que tinham uma fé tão maior que a sua, seria mais fácil ter esperança. Sua fé em Deus foi se dissipando conforme a vida se complicava e seu relacionamento conturbado com Leo a deixava mais fraca. Ou já era fraca e se permitiu entrar em um relacionamento sem qualquer futuro ou compromisso.

“... e todos nós aqui temos nossas dificuldades ou feridas profundas...” Chris

continuou.

Os olhos de Livia seguiram novamente os dedos de Daniel que desciam pela cicatriz.

“Nossa fé não nos isenta de problemas, mas nos carrega quando estamos fragilizados,” Chris terminou e olhou para Celeste.

Foi a vez de Sue tomar a palavra, dizendo que ia orar por cada um. Livia baixou a cabeça, apoiando a testa nas mãos e prestando atenção a cada palavra da mulher. Como se ela soubesse do problema de cada um, Sue agradeceu pelo trabalho que faziam e pediu, sem dar exemplos específicos, pelas dificuldades que passavam. Fábio falava “amém” em alto e bom som durante as orações e Livia achou aquilo peculiar. As igrejas que frequentara eram sempre bem silenciosas. Quando chegou a hora de Sue orar por Livia, ela pediu a Deus que revelasse sua vontade perfeita e agradável para ela. O coração de Livia gritou um “amém”

cheio de esperança apesar de sua cabeça insistir que era muito improvável que aquele buraco no peito sumisse tão rápido quanto o corte de caco de vidro que tinha no seu pé.

Após o amém final, a algazarra puxada por Fábio recomeçou e Chris entrou na cozinha para logo voltar com uma jarra de suco e alguns copos. Daniel deixou o violão de lado, foi para a cozinha também e voltou logo em seguida.

“Espero que esteja bom,” disse Sue, pegando a cestinha que Daniel lhe entregou. “É a primeira vez que faço pão de queijo,” ela explicou, com o sotaque bem carregado na palavra “pão”.

Fábio ajudou a servir o suco e passou um copo para Livia. “Então vai ficar quanto tempo aqui?”

“Mais três semanas,” ela respondeu.

“Legal. Depois me conta mais do Canadá. Tenho vontade de passar um tempo lá, mas preciso

juntar uma grana.”

“É um país lindo,” Livia disse e contou um pouco sobre Calgary e as Montanhas Rochosas.

Celeste anunciou que iria para a cama e o grupo começou a dispersar. Mark e Sue começaram a descer pelo caminho de tijolinho em direção ao seu chalé e Chris recolheu os copos e os colocou na bandeja.

“Deixa que eu faço isso,” Livia segurou no braço dele.

Chris agradeceu e seguiu a esposa para dentro da casa. Fábio começou a arrumar a varanda, recolocando as cadeiras em torno da mesa onde as crianças estudavam.

Livia entrou para a cozinha com a bandeja e colocou os copos na pia.

“Deixa que eu lavo e você enxuga,” Daniel disse por trás dela.

Pegando um pano, Livia se colocou ao lado

PERIGOSAS ACHERON

dele na pia. Tranquilamente, ele lavava os copos e passava para ela, que os enxugava e colocava em cima do balcão. Daniel lavou a jarra de vidro e fechou a torneira. Passou a jarra para Lívia, mas não a soltou. Seus olhares se cruzaram e ela puxou a jarra, que quase escorregou. Ele passou a mão pelo cabelo, limpou um pigarro da garganta e disse:

“Bom, já vou descendo. Quer que eu te acompanhe até o chalé?”

“Eu...”

Foram interrompidos por Fábio, que disse sem cerimônia:

“Lívia, vou te acompanhar até o chalé. Vamos?”

Lívia olhou de Daniel para Fábio e balançou a cabeça afirmativamente. “Vamos sim.”

“Vou apagar e fechar tudo aqui. Vão indo,” Daniel disse.

Lívia desceu o caminho ao lado de Fábio

em silêncio, embora o rapaz não parasse de tagarelar. Despediram-se quando chegaram à porta do chalé de Lívia. Afobada, ela correu para o banheiro e lavou o rosto. Seu coração estava agitado como se tivesse subido uma ladeira. Talvez fosse um ataque de pânico anunciando que logo chegaria, mas ela conhecia bem os sintomas do medo, e o que estava sentindo não era isso. Ela escovou os dentes com vigor e depois vestiu o pijama.

Já na cama, ela virou-se para o lado da parede com a cabeça no travesseiro macio e os olhos de Daniel foram a última coisa que veio à sua mente antes de pegar no sono.

Capítulo 8

O silêncio da manhã e o nascer do sol eram mágicos. Lívia cruzou o estacionamento e apertou o passo até o portão de saída da propriedade.

Correu pela estrada de chão, maravilhando-se em cada curva. A beleza do vale verde e da fina névoa que encobria a copa das árvores lá embaixo

testemunhavam que um novo dia era sempre uma oportunidade de recomeçar. Lívia sabia que era disso que precisava, só não sabia como começar algo novo sem nem ao menos saber o que seria.

Sentia-se um pouco morta, em algum canto escuro

da alma. O vigor da mata gritava vida e Livia queria poder gritar junto.

Um bando de papagaios sobrevoou a estrada de forma escandalosa e Livia se lembrou de Fábio – ele parecia mesmo um papagaio quando começava a falar. Não se lembrava de nada do que ele tinha falado na noite anterior quando a acompanhou ao chalé.

Na curva seguinte, ela parou de repente e deu um suspiro. A Pedra Azul, símbolo da região, surgiu majestosa, trazendo lembranças de infância. Seus avós passavam alguns fins de semana no sítio de amigos em Domingos Martins e geralmente traziam a neta. Livia adorava subir nas árvores com as crianças que frequentavam o sítio. Um dia ela disse ao avô que seria veterinária para cuidar dos passarinhos. Bom, ela não cuidava de passarinhos, mas de pessoas doentes e fragilizadas que precisavam de socorro urgente.

Olhando as horas no celular, Livia deu meia volta e saiu em disparada para o sítio, o rabo de cavalo balançando com o vento. A sensação de liberdade que a corrida lhe dava era uma necessidade. Estava decidida a acordar todos os dias uma hora mais cedo para correr e experimentar aquela liberdade do frescor da manhã no rosto.

Descendo a ladeirinha da entrada da propriedade até o estacionamento, ela viu Daniel de longe acenando. Livia aproximou-se, passando a mão pela testa suada.

“Bom dia,” ele disse e colocou uma caixa de ferramentas no chão.

“Bom dia. Tudo bem com Celeste? Fui só dar uma corrida...” ela começou a explicar.

“Tudo bem. Só queria pedir para tomar cuidado na estrada a essa hora. É muito deserta e a gente não sabe quem passa por lá,” ele disse.

Não preciso de babá, Livia pensou.

PERIGOSAS NACIONAIS

“Sei que está acostumada com a segurança do Canadá, mas aqui é um pouco diferente,” ele completou.

“Tá bom. Só queria dar uma corrida,” ela disse e alongou as pernas. “Você já foi às Montanhas Rochosas?”

Daniel passou a mão pelo braço. Não respondeu de imediato. Depois de um suspiro, ele respondeu:

“Já.”

Lívia sorriu, mas Daniel não rendeu assunto.

“Bom, tome cuidado,” ele disse, pegou a caixa de ferramentas e saiu pelo caminho.

O que Lívia tinha dito de errado? Por que essa reação dele quando ela perguntou se conhecia as Montanhas Rochosas? O semblante dele mudou, como se um véu de tristeza cobrisse seus olhos.

Lívia deu de ombros e foi para o chalé.

PERIGOSAS ACHERON

Tomou um banho e colocou sua roupa de trabalho: calça de ginástica e camiseta. Foi para a casa grande, preparou o café e levou uma bandeja para Celeste, que já estava de pé, penteando o cabelo.

“Não precisava o incômodo,” ela disse, sentando-se na poltrona com a bandeja no colo.

“Pelo visto, está mais disposta,” Livia disse.

“Bem mais. A barriga não está tão dura. Tenho consulta com meu médico mais tarde. Daniel me disse que você começou o dia cedo hoje. Só tome cuidado na estrada a essa hora,” Celeste disse e mordeu um pedaço da torrada.

Daniel já tinha ido fofocar com Celeste sobre sua corrida?

“Vou tomar cuidado,” Livia disse. “Daniel não precisava se preocupar e preocupar você.”

Celeste colocou o pão no prato e olhou para Livia. “É da natureza dele cuidar das pessoas principalmente depois que...”

“Bom dia, minha amada!” Chris entrou no quarto; estava todo suado. Deu um beijo na esposa e sorriu para Livia.

Depois de quê? Livia pensou, curiosa em saber o que Celeste ia dizer sobre Daniel e seu cuidado com as pessoas.

“Já vou buscar as crianças na cidade. Querem alguma coisa?” Chris perguntou, olhando da esposa para Livia.

“Não se esqueça de pegar leite no mercado,” Celeste lembrou. Livia balançou a cabeça levemente de forma negativa.

Chris se despediu e Celeste terminou o café, sem voltar ao assunto de Daniel. Livia levou a bandeja para a cozinha e começou a preparar o pão com manteiga e queijo para o café das crianças que logo chegariam. Ela colocou tudo em uma grande bacia de plástico e cobriu com um pano. As moscas já tinham acordado e estavam famintas.

Lívia arrumou os materiais escolares na mesa da varanda e, vendo que ainda tinha um tempo até a chegada das crianças, ela desceu o caminho de tijolinhos para o fundo da casa onde ficava o pátio cercado de ipês.

Precisava checar suas mensagens e fazer umas transferências bancárias. Ela respondeu a uma mensagem de Joana que dizia que estava tudo em ordem no apartamento dela. Dona Mary tinha mandado outro versículo sobre esperança e seus pais avisaram que estavam indo para a Flórida de férias. Ela desejou boas férias aos pais e sentiu uma pontada de culpa por não ter contado a eles sobre a interrupção da sua gravidez. Aliás, não tinha nem contado do término do namoro com Leo. Os pais nunca tinham dito isso, mas Lívia suspeitava que eles não gostavam muito do ex-namorado. Não perguntavam muito dele, e na única vez em que se encontraram, sua mãe ficou calada o tempo todo,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

coisa incomum para uma mulher que era conhecida por ser extrovertida. Bom, agora não havia mais Leo e nem o neto que os pais nunca veriam. Mais uma pergunta que precisava ser respondida – quando e como contar aos pais?

Lívia deixou seus questionamentos de lado e entrou na sua conta bancária para fazer pagamentos e transferências. Com tudo resolvido, ela explorou o entorno do pátio. Uma casinha de madeira que servia de depósito de ferramentas estava com a porta aberta. Ela esticou o pescoço para dentro e passou os olhos pelas prateleiras com baldes, vasos de planta, sacos de terra e outros itens de jardinagem. Ela deu a volta na casinha e encontrou um cercado de tela de arame com um portãozinho de madeira. Dentro, uma horta muito malcuidada mostrava mato sufocando um tomateiro e mais algumas plantas que Lívia não conseguiu identificar por causa do capim alto.

PERIGOSAS ACHERON

Ela abriu o portão, que quase se soltou da tela de arame, e entrou. Puxou algum mato e achou pés de abobrinha. Havia também cinco carreiras curtas de hortaliças murchas e uns pés de ervas aromáticas, sendo a maior o de alecrim. Livia puxou um ramo e cheirou. Era uma pena aquilo tudo desperdiçado. Depois de tantos invernos no Canadá, com pouca oferta de frutas, verduras e legumes frescos, aquela horta era um achado. Ela puxou mais mato, descobrindo pés de vagem e couve quase mortos.

“Aqui no depósito tem luvas e ferramentas de jardinagem, se gosta de mexer com isso.”

Livia virou-se com um tufo de mato nas mãos. Ao ouvir a voz, seu coração se agitou. Daniel colocou as mãos nos bolsos da calça jeans surrada e se recostou em um dos ipês.

“Achei isso aqui sem querer e fiquei com vontade de limpar tudo,” ela disse.

“Glória, a senhora que foi ver o filho que sofreu um acidente de trabalho, cuidava da horta. Sue tentou dar um jeito aí, mas ela anda ocupada com a pintura dos chalés,” Daniel explicou.

Lívia não fazia ideia da quantidade de trabalho do sítio. Via que era muito mais do que imaginava e todos davam duro. Ela aproximou-se do portãozinho que tinha ficado pendurado por um único prego na cerca e perguntou:

“Você acha que eu poderia arrumar isso aqui?”

Daniel aproximou-se dela e disse:

“Se acha que tem tempo, seria uma boa ideia. Celeste iria gostar.”

“Posso dar uma fuçada no depósito?” Lívia perguntou e apontou para a casinha de madeira.

“Claro. Posso consertar essa cerca depois. Venha aqui. Vou mostrar o que temos.”

Lívia seguiu Daniel até o depósito. Ele

acendeu a lâmpada que ficava pendurada por um fio no teto.

“Esse lado aqui é só de ferramentas, fertilizantes, sementes e coisa de jardinagem. Pode mexer em tudo. Não sei o que tem nessa caixa de madeira, mas pode descobrir. É da Glória, mas ela não se importa se mexermos,” Daniel explicou.

Lívia bateu palmas e sorriu. “Há tanto tempo que não mexo em jardim. Sempre ajudava minha mãe e minha avó, tanto no Brasil quanto no Canadá, mas depois que me mudei para um apartamento e a vida profissional apertou, o máximo que tenho são umas plantinhas em casa, que geralmente morrem secas.”

“Gosta do seu trabalho?” Daniel perguntou.

Lívia retraiu-se, mas algo nos olhos dele, que lembrava Dona Mary, a fez relaxar. “Gosto muito. Gosto quando um paciente se recupera, quando uma criança sorri depois que a dor passa;

ver a vida retomando seu curso e as pessoas vivendo um recomeço saudável.”

Um nó na garganta interrompeu a fala de Livia. De onde tinha tirado aquilo de recomeço? Raramente falava de seu trabalho de forma poética – a vida retomando seu curso, um recomeço; era disso que precisava.

“Deve ser mesmo uma experiência fantástica. A vida...” Daniel disse e passou a mão pela cicatriz. “Mas fique à vontade para mexer em tudo. Vou consertar a cerca ainda hoje.”

Daniel subiu o caminho de tijolinhos em direção aos chalés e Livia, ouvindo a *van* chegar, correu para a varanda. O turno da manhã veio e foi embora, e o da tarde chegou logo depois do almoço.

“Sofia não veio?” Livia perguntou a Celeste que ajudava um menino gordinho a fazer contas de somar.

“Chris disse que ela não estava na igreja esperando a *van* junto com o restante do grupo. Pedi a Daniel que desse uma investigada. Às vezes ela falta, principalmente quando o avô bebe muito.

Lívia voltou a ajudar um grupinho de crianças com as somas, mas a lembrança de Sofia com o braço cheio de hematomas insistia em voltar. Daniel tinha dito que esses problemas que as crianças tinham eram complexos e que a melhor forma de ajudar era amando-as. Lívia se empenhou no trabalho naquela tarde, tratando as crianças com uma dose extra de carinho e cuidado. Depois da lição, ela e Fábio brincaram com as crianças até que Chris as chamasse para ir embora.

Aproveitando o tempo que ainda tinha antes de ajudar Celeste com o jantar, Lívia correu para a horta nos fundos da casa. Desceu a escadinha de pedra até o pátio e, surpresa, abriu um portãozinho novo no cercado de arame. Daniel não brincava em

PERIGOSAS ACHERON

serviço. Lívia achou o que queria no depósito e começou a tirar o mato com uma enxada, jogando tudo dentro de um saco de estopa. O tomateiro parecia aliviado de poder respirar de novo e, como agradecimento, soltou um pequeno tomate, que Lívia comeu com gosto depois de lavá-lo com a mangueira que Daniel tinha deixado para ela molhar a horta.

Ficou satisfeita com o resultado do trabalho do dia, com parte das verduras e legumes livres do mato. No dia seguinte, acordaria um pouco mais cedo e trabalharia ali antes da corrida.

Lívia levou as ferramentas que tinha usado para o depósito e, curiosa, abriu a caixa de madeira que Glória tinha deixado. Para sua surpresa, encontrou vários livros sujos de terra. Ela pegou um e outro, todos sobre jardinagem. Um em especial chamou sua atenção. Lívia folheou o livro, admirada com as fotos de lindas hortas, cada uma

com um versículo bíblico e linhas para anotação. A letra, que deveria ser de Glória, era um pouco tremida. Ela leu as frases curtas que mais pareciam orações. Havia também alguns pedidos, com abreviaturas que poderiam ser de nomes próprios. Lívia passou as páginas e, mais para o final, havia uma oração por uma gravidez. Os versículos daquela página falavam de vida e esperança.

Esperança. Lá estava ela de novo. Aquela palavra andava perseguindo Lívia, geralmente ligada à palavra vida. Ela pensou em seus questionamentos e como eles também tinham a ver com vida. Mas por que ela sentia uma parte da sua alma morta? O médico tinha lhe garantido que o que crescia em seu ventre era apenas um amontoado de células, mas Lívia sabia muito bem que amontoados de células não tinham um coração que batia e todo “amontoado” de células tinha uma função e um propósito.

Um barulho de água interrompeu seus pensamentos, e Livia guardou os livros na caixa, saindo logo em seguida do depósito.

“Bom trabalho,” Daniel disse e molhou a horta com o jato da mangueira.

“Eu ia molhar. Me distraí com a caixa da Glória,” ela disse e limpou as mãos sujas em um pano encardido.

“Achou alguma coisa interessante?” ele perguntou enquanto espirrava a água de um lado para o outro sobre as plantas, criando um arco-íris na fina névoa.

“Uns livros de jardinagem,” Livia respondeu. “Acho que vão ser bem úteis,” ela disse, lembrando-se em especial do livro de orações.

“Que bom. Glória faz muita falta aqui. Ela sempre tinha uma palavra de esperança para todos nós quando a coisa apertava,” ele explicou.

Esperança de novo. Livia balançou de leve a

PERIGOSAS ACHERON

cabeça concordando. “Acho que vou subir e ajudar Celeste na cozinha.” Ela deu meia-volta e começou a subir a escada de pedras ao lado da casa.

“Lívia,” Daniel chamou e desligou a água.
“Cuidado na estrada quando for correr.”

Lívia parou no terceiro degrau, virou-se e olhou para ele. O que via nos seus olhos?
Preocupação?

“Pode deixar. Vou tomar cuidado.”

Ele balançou a cabeça e ela subiu as escadas, o coração ligeiramente acelerado.

Capítulo 9

“O avô bebeu e a assistente social levou Sofia para a casa de uma tia,” Chris explicou para Celeste e Lívia que tiravam a mesa do jantar.

“Não tem nada que a gente possa fazer para ajudar?” Lívia perguntou, segurando os pratos sujos.

“O pastor da nossa igreja está tentando convencer o avô a frequentar uma reunião para alcoólicos. Ele visita o Seu José toda semana, mas o velho é teimoso,” Chris explicou.

“Aquela casa precisa de um bom reparo e

uma faxina,” Celeste disse ao colocar os copos na pia.

“O pastor Geraldo disse que está de olho nisso, mas o pessoal que poderia ajudar está envolvido com o trabalho de reforma da casa de uma senhora idosa que ficou viúva e teve um derrame,” Chris explicou e guardou o resto da comida na geladeira.

“Daniel não vai jantar?” Livia perguntou.

“Ele foi para a cidade resolver umas coisas e vai jantar por lá,” Celeste disse e olhou para Livia com curiosidade.

“Eu poderia ir lá na casa de Sofia e ver do que precisam,” Livia sugeriu.

“Deixa eu conversar primeiro com o pastor Geraldo e depois te falo,” Chris disse e fechou a geladeira.

Depois de arrumar a cozinha, o casal se despediu de Livia, dizendo que iria descansar. O

dia seguinte seria mais tranquilo sem as crianças e Celeste disse à Livia que podia tirar a manhã de folga. Sábado era dia de arrumar a casa e colocar a administração do sítio em dia, conforme Chris explicou. Livia ofereceu ajuda, mas estava bem ansiosa para poder passar mais tempo na horta logo cedo. Celeste dispensou a ajuda e sugeriu que Livia descansasse.

Descendo o caminho de tijolinhos, embalada pela sinfonia silvestre da noite, Livia sentiu-se tentada a voltar ao depósito. Queria pegar o livro de orações e levar para o quarto. Estava tudo muito escuro, mas uma luz atrás da casa chamou sua atenção. Ela deu meia volta e foi em direção ao pátio cercado de árvores. As quatro luminárias em formato de lampião estavam ligadas. Sentindo-se mais confiante com a iluminação, Livia abriu a porta do depósito e correu para a caixa de madeira, tirando o livro de orações.

Saiu e fechou a porta, dando um pulo ao se deparar com Daniel.

“Desculpa se te assustei. Vi as luzes ligadas e vim desligar,” ele disse.

“Eu vim pegar este livro. Tudo bem se eu o levar para meu chalé?”

“Claro. Glória é do tipo que gosta de dividir tudo com todos,” Daniel explicou.

Será que todos ali no sítio eram sempre tão solícitos e bem resolvidos? Livia pensou com uma certa irritação.

“Depois que o marido da Glória morreu atropelado ano passado, ela quase morreu junto de tanta tristeza. Ela cuidava desse jardim como ninguém. Diz que faz lembrar o marido, que era jardineiro.”

Um grande remorso pesou no coração de Livia. Joana a tinha alertado que as pessoas no sítio podiam ser beatas e julgar todo mundo, mas era ela

PERIGOSAS ACHERON

própria que estava fazendo julgamento.

“Que história triste! Mais um motivo para eu arrumar a horta,” Livia disse e abraçou o livro.

“Glória ficaria muito feliz,” Daniel disse e se aproximou dela.

O coração de Livia deu um pequeno salto e seus braços apertaram o livro com mais força.

“Jair, o marido, foi atropelado aí na estrada quando chegava aqui no sítio,” Daniel explicou em voz baixa.

Livia deu um suspiro e piscou bem apertado. Estava explicada a preocupação de Daniel. Segundo Celeste, ele se preocupava com as pessoas, por algum motivo especial.

“Vou tomar cuidado,” Livia disse baixinho.

“Por favor,” ele respondeu.

Ela despediu-se dele e saiu abraçada ao livro, com o coração descompassado.



Os beija-flores chegaram ao jardim dos fundos da casa junto com Lívia. O sol mal tinha dado o ar da graça quando ela pulou da cama, colocou um *short* e uma camiseta, e correu para o jardim. As flores vermelhas nos arbustos ao lado da casa eram o lugar preferido de encontro das pequenas aves multicoloridas e brilhantes.

Aproveitando vários ângulos, Lívia tirou fotos dos beija-flores que pareciam se exhibir para ela naquela manhã fresca. Curiosa com o resultado do ensaio fotográfico, ela se sentou em um dos bancos entre os ipês e examinou cada foto. Escolheu as mais representativas e mandou para Dona Mary, Joana e seus pais.

Deixando o celular de lado no banquinho, Lívia fechou os olhos e levantou o rosto na direção dos raios de sol que penetravam a copa das árvores. Era bom sentir aquele calor gostoso do sol matinal. Lívia se sentia bem-disposta naquela manhã. Sua

noite tinha sido tranquila. Leu várias páginas do livro de Glória antes de dormir e parou em uma que trazia um versículo dizendo que Deus tinha planos de prosperidade e esperança. Não poderia ser só coincidência que o tema esperança sempre aparecesse. Iria perguntar à Dona Mary como isso poderia ser parte das respostas que buscava. Ou poderia perguntar à Celeste. Quem sabe isso não abriria a oportunidade para Livia lhe contar sobre sua gravidez que nunca chegara ao fim.

Confiante, Livia levantou-se e entrou na horta. Fechou o portãozinho novo que Daniel tinha consertado e sorriu. Colocando as luvas de jardinagem que tinha achado no depósito, Livia arrancou o resto do mato da horta e começou a tirar folhas secas e mortas das plantas com uma tesoura. Limpou uma fileira inteira e descobriu um pequeno pé de morango sufocado pelo mato. Deu atenção especial a ele enquanto cantarolava uma canção que

PERIGOSAS ACHERON

falava de jardim que aprendera na infância.

Correndo de volta ao galpão, Livia procurou, em um dos livros de Glória, informação sobre como cuidar de um pé de morangos. De volta à horta, ela regou a pequena planta mirrada e disse:

“Vamos trazer você de volta à vida. Quero ainda comer um fruto seu.”

Pegando o celular do bolso, Livia tirou algumas fotos do pé de morango. Iria tirar várias nos próximos dias para ver o progresso da planta.

O sol começava a subir quente no horizonte e Livia lavou o rosto e as mãos na mangueira antes de molhar toda a horta.

“Já está de pé?” Daniel perguntou ao se aproximar com a caixa de ferramentas.

Livia deu um pequeno salto e respondeu:

“Bom dia! Vim ver minha horta.”

“Estou vendo que tomou posse dela,”

Daniel falou e colocou a caixa no chão. “Já que está

aí, gostaria de saber se vai correr hoje.”

Lívia colocou o dedo na saída de água da mangueira, fazendo com que o jato virasse uma leve chuva. “Pensei em ir daqui a pouco. Vou tomar cuidado na estrada, pode deixar.”

“Eu queria mesmo é saber se posso ir junto. Ando um pouco enferrujado, mas gosto de correr também,” ele disse.

Enferrujado? Daniel parece muito bem e em forma, Lívia pensou. “Está bem. A gente pode se encontrar no portão daqui a vinte minutos.”

Daniel concordou e foi para o depósito, saindo logo em seguida em direção à casa. Lívia fechou a mangueira e guardou as ferramentas que tinha usado. Foi para o chalé e, em poucos minutos, voltou com um *short* limpo, camiseta e tênis de corrida. Daniel apareceu em seguida, também de *short* e camiseta.

Juntos correram pela estrada de terra em

direção à curva que mostrava a Pedra Azul.

Mantinhm o mesmo ritmo e Lívia percebeu que ele estava mais em forma do que dissera. Pararam em uma espécie de mirante para observar a mata lá embaixo e as aves.

“Isso aqui é tão lindo!” Lívia disse.

“É onde me sinto mais em casa,” Daniel falou. “Sentia falta desse verde quando estava no Canadá.”

Lívia olhou para ele com a testa franzida. Ele continuou:

“Nasci em Toronto. Depois meus pais se mudaram para Calgary quando eu tinha 15 anos.”

Lívia arregalou os olhos. Daniel voltou o olhar para a paisagem densa como se estivesse hipnotizado. Prosseguiu, dessa vez com a mão na cicatriz:

“Vim algumas vezes para Domingos Martins com meus pais e chegamos a passar três

anos aqui. Quando fiz 20 anos, voltei para Calgary para fazer faculdade.”

Lívia não quis interromper com perguntas desnecessárias. Estava curiosa.

“Me formei em engenharia e depois... depois que... que terminei, trabalhei por um tempo e decidi voltar para cá,” ele completou.

O que ele estava omitindo entre o término da faculdade e a vinda para Domingos Martins?

Lívia pensou.

“Há quanto tempo está aqui agora?” ela quis saber.

Daniel virou-se para ela e respondeu:

“Quase três anos.”

“Pensa em voltar para o Canadá?” ela perguntou.

O olhar dele voltou para o horizonte.

“Nunca parei para pensar nisso. Por enquanto, quero ficar aqui.”

Lívia e Daniel continuaram a corrida em silêncio, lado a lado. O som dos passos acelerados na estrada de chão quebrava a melodia dos sons da mata. Uma poeira fina subia com os passos, logo se dissipando com a brisa suave que soprava.

Quando Daniel sugeriu de voltarem, Lívia concordou. Queria conversar com Celeste. Precisava conversar com Celeste. Talvez a impressão que Lívia tivera de que todos no sítio eram bem resolvidos era um engano. Ela própria não era bem resolvida e, ao que parecia, Daniel também tinha seus problemas que o angustiavam.

Na reta final antes da chegada ao sítio, Lívia apertou o passo. Daniel olhou para ela e apertou o ritmo também. Ela estava ansiosa por um banho.

E uma conversa com Celeste.

Capítulo 10

“Está tudo bem, sim,” Celeste disse e serviu

café para Livia. “Como foi sua corrida? Chris me disse que foi com Daniel?”

Será que ali nada era segredo para ninguém? Livia se perguntou. Bom, a não ser para ela que se sentia cada dia mais curiosa com as frases interrompidas de Celeste, quanto à gravidez, e de Daniel, ao guardar o motivo pelo qual tinha ido embora do Canadá.

Dando de ombros, Livia respondeu:

“Trabalhei um pouco na horta e depois fomos correr. Daniel fica preocupado quando eu saio sozinha pela estrada. Será por causa do atropelamento do marido da Glória?”

Celeste terminou seu café e se levantou com dificuldade da cadeira. Livia a ajudou e colocou a louça na pia.

“Como eu disse, é da natureza dele,” Celeste falou, mas, diferente da outra vez que tocou nesse assunto, ela não deu mais informações.

Terminaram juntas de arrumar a cozinha e, quando Celeste disse que ia se sentar na varanda para tomar um pouco de sol, Lívia perguntou:

“Posso ficar com você?”

Celeste inclinou a cabeça e respondeu:

“Claro. E por que você não aproveita e me conta um pouco do seu trabalho, da sua vida em Calgary?”

Lívia sentiu-se agradecida pela sensibilidade de Celeste. A mulher parecia entender que ela precisava conversar sobre algo importante. As duas foram para a varanda e colocaram suas cadeiras na parte mais ensolarada, de frente para o horizonte do vale.

Era mais fácil começar falando sobre o trabalho. Lívia contou para Celeste sobre seu dia a dia na emergência do hospital. Falou um pouco dos seus pais e da sua decisão de permanecer em Calgary. Contou de seu relacionamento com Dona

PERIGOSAS ACHERON

Mary e de como a senhora idosa a tratava como neta.

“Dona Mary sempre falou de você para mim e Chris. Sempre com muito carinho. Ficamos muito felizes quando ela avisou que você viria,” Celeste disse e se ajeitou na cadeira, passando a mão na parte baixa da barriga.

“O motivo que me trouxe aqui foi um pouco egoísta,” Livia disse e baixou a cabeça.

“O que está querendo me contar?” Celeste perguntou em tom suave.

Livia contou sobre seu relacionamento com Leo e sobre como se arrependia de ter se envolvido com ele.

“E por que terminaram?” Celeste perguntou e mudou de posição na cadeira.

Livia disse:

“Eu me vi fazendo coisas que não partiam da minha convicção pessoal,” Livia interrompeu o

pensamento quando viu o olhar preocupado de Celeste. “Está tudo bem?”

“Acho que não... ai, uma pontada forte aqui,” ela disse e passou a mão na parte de baixo da barriga.

Livia levantou-se, passou a mão pela barriga da mulher e perguntou:

“Onde está Chris?”

“No quarto descansando,” Celeste disse com o rosto contorcido.

Livia entrou na casa, voltando logo com Chris. “Sugiro que vocês voltem ao médico. Sei que ele examinou você ontem, Celeste, e disse que estava tudo bem, então acredito que não seja nada, mas não custa dar um pulo no pronto-socorro.”

“Vamos, meu bem. Tenho certeza que não vai ser nada, mas é melhor garantir,” Chris disse com um sorriso forçado.

Ele ajudou Celeste a se levantar e correu

para casa, voltando em seguida com a bolsa dela.

“Deixa eu te ajudar. Venha.”

Os dois desceram devagar o caminho de tijolinhos enquanto Livia observava preocupada.

Assim que a *van* saiu pela estrada, Daniel apareceu na varanda.

“O que foi?” ele perguntou para Livia, que seguia o carro com os olhos.

Ela explicou com um tom preocupado.

“Vou dar uma ligada para Chris daqui a meia hora para saber notícias,” Daniel disse.

“Me fala se souber de alguma coisa. Vou lavar minhas roupas. Qualquer coisa me manda uma mensagem,” ela pediu.

“Pode deixar. É melhor pendurar suas roupas no seu quarto. Vem chuva por aí. No armário do seu chalé tem um varal de pé de roupas,” ele sugeriu.

Livia agradeceu, foi até o chalé e voltou

com um saco de roupa suja. A lavanderia era em uma parte coberta nos fundos da casa, ao lado do depósito. Lívia colocou as roupas para lavar e aproveitou para tirar mais fotos dos beija-flores. Estava um pouco frustrada por não ter conseguido conversar com Celeste sobre o que realmente a incomodava, mas já era um bom começo desabafar sobre seu relacionamento impróprio com Leo.

Impróprio. Nunca tinha pensado nisso nesses termos. Lívia deixou-se levar pela lábia dele quando se conheceram. Ele era técnico em informática e prestava serviços para o hospital. Papo vai, papo vem, eles começaram a sair, primeiro para tomar café na lanchonete do hospital, depois Leo a acompanhava às caminhadas nas montanhas. Começaram a namorar, mas nunca conversavam sobre o que cada um esperava do relacionamento. Foram levando adiante até que Lívia se viu grávida. Nunca tinha se envolvido

assim com seus dois namorados anteriores e muito menos agido de forma tão tola. Ela era enfermeira e não sabia se cuidar? Pior que isso, envolvera-se com alguém de quem ela nem gostava tanto assim. Leo deixou bem claro que não merecia confiança. Por que ela tinha agido de forma tão insensata? Agora era tarde. Tinha que aceitar aquilo e seguir em frente, mas o desconforto na alma persistia.

Quando a máquina de lavar parou, Livia tirou as roupas e as colocou de volta no saco. Gotas enormes começaram a molhar o chão. Daniel apareceu e disse:

“Se já acabou, é melhor correr para o chalé. Venha, carrego o saco para você.”

Livia não argumentou. O saco estava mais pesado com a roupa molhada. Os dois correram pelo caminho de tijolinho e as comportas do céu se abriram com uma chuva pesada.

“Chegamos a tempo,” Livia disse ao abrir a

PERIGOSAS ACHERON

porta do chalé. “Como vai voltar na chuva?”

“Não tem problema. Estou acostumado. Tenho que verificar se as janelas da casa estão fechadas. Olha, deixa eu te mostrar onde está o varal de pé,” ele disse, colocou o saco no chão e abriu o armário. “Aqui no banheiro tem um espaço para ele.”

Lívia foi atrás de Daniel até o banheiro. Ele abriu o varal e ela disse:

“Vai levar uma eternidade para a roupa secar com essa umidade.”

“Amanhã vai fazer sol e aí você coloca lá fora atrás do chalé,” ele disse.

Lívia balançou a cabeça afirmativamente e Daniel foi para a porta.

“Não esqueça de me avisar se tiver notícia de Celeste,” ela pediu e segurou a porta.

Daniel deu um sorriso e saiu. Lívia fechou a porta devagar e se sentou na poltrona ao lado da

janela. Seu coração estava um pouco acelerado ainda, o que ela atribuiu à corrida até o chalé.

Seguiu com o olhar as gotas enormes que escorriam pelo vidro da janela e o balançar dos galhos do ipê, que espalhava suas flores com o vento que tinha aumentado.

Levantando-se, ela pendurou a roupa no banheiro e, sem ter o que fazer, mandou uma mensagem para Joana perguntando se estava tudo bem. Ela respondeu de imediato e perguntou:

E os beatos? Estão se comportando?

Lívia não respondeu. Pensou em Celeste e Chris e no carinho que um tinha um pelo outro. Lembrou-se das orações de Sue dois dias antes no estudo bíblico e de Mark, com sua disposição em ajudar no sítio. Lívia estendeu o braço e puxou o livro de orações de Glória da mesinha de cabeceira. Passou as páginas e pensou na mulher que tinha perdido o marido de forma trágica e mesmo assim

tinha palavras de esperança para deixar registradas no caderno. Se aquilo era ser beata, Livia não se importaria de ser uma. Melhor do que carregar uma dor constante na alma.

Ela pensou no que Daniel tinha dito, ou melhor, omitido, sobre o que acontecera a ele depois que se formou no Canadá. Livia suspeitava que a cicatriz tinha a ver com a história. Se tivesse oportunidade, perguntaria para Celeste, mas agora ela própria não sabia se teria a chance de falar sobre sua questão com a mulher.

Umas batidas fortes na porta fizeram Livia dar um pulo da cadeira. Ela correu para abri-la.

“Preciso da sua ajuda lá na casa,” Daniel disse com urgência na voz, segurando um guarda-chuva preto.

“Alguma coisa com Celeste? Ela está bem?” Livia perguntou e olhou para o temporal lá fora.

“Não sei ainda, mas não é ela. É Sofia. Está lá

PERIGOSAS ACHERON

na casa, toda machucada. Eu a vi entrando no sítio, molhada e chorando. Corri até o portão e a levei para casa,” ele explicou.

Lívia entrou debaixo do guarda-chuva e os dois foram subindo o caminho. Um raio rasgou o céu, seguido de um trovão. Chegaram na varanda e Lívia tirou a sandália encharcada. Daniel sacudiu o guarda-chuva e o colocou fechado no canto da varanda. Os dois correram para a sala de estar.

Sofia estava chorando no sofá, em posição fetal. Seu corpo frágil sacudia com os soluços. Lívia sentou-se ao lado dela, logo identificando vários ferimentos.

Daniel sumiu pelo corredor e voltou com uma caixa de primeiros socorros. Lívia e ele cuidaram dos ferimentos de Sofia e a enxugaram com uma toalha. Daniel desapareceu no corredor e voltou com alguns pacotes de plástico. “A gente recebe muita doação de roupa infantil e acho que podemos

achar um pijama quente para Sofia.”

Lívia enrolou a toalha na cabeça da menina e começou a abrir os pacotes com Daniel. Acharam um pijama de flanela amarelo que parecia servir. Lívia levou Sofia, ainda chorosa, para o banheiro e a ajudou a se trocar. Quando voltaram para a sala, Daniel tinha trazido uma pilha de cobertores.

“Sofia, sente-se aqui no sofá que vou cobrir você para não ficar doente,” Lívia disse.

A menina balançou a cabeça e fungou.

“Vou esquentar um prato de comida para ela,” Daniel disse e foi para a cozinha, voltando com um prato e um copo de leite em uma bandeja.

Lívia ajeitou a bandeja no colo da menina e disse:

“Tente comer.”

Sofia não precisou de muito convencimento. Comeu com gosto o arroz com feijão e frango.

Lívia olhou para Daniel e ele sorriu, dando uma

piscada. Ela retribuiu o sorriso e voltou o olhar para Sofia.

Daniel tirou o telefone do bolso da calça *jeans* assim que ouviu um aviso de mensagem. “Está tudo bem com Celeste, mas ela vai passar a noite no hospital por precaução.”

“Que alívio,” Livia disse. “O que a gente faz com Sofia? Ela não estava com a tia?”

“Não. Já tinha voltado para a casa do avô,” Daniel respondeu.

“Vamos então levá-la de volta para lá?” Livia perguntou.

A menina começou a chorar e largou o garfo no prato. “Não quero voltar!”

Livia olhou para Daniel que coçava a cabeça. “Vou ligar para a assistente social e perguntar,” ele disse.

Depois de várias tentativas, ele deixou uma mensagem de voz explicando a situação. “Vamos
PERIGOSAS ACHERON

esperar.”

Lívia balançou a cabeça afirmativamente e Sofia voltou a comer. Lá fora, o dia se despedia, mas a chuva não cedia. Quando a menina acabou de comer, Lívia levou o prato para a cozinha e Daniel a seguiu.

“Espero que a Susana ligue de volta dizendo o que devemos fazer. Não acho prudente levar Sofia para a casa do avô,” Daniel disse.

Lívia abriu a torneira da pia e começou a lavar o prato. “Acho que ela está bem. Eu fico aqui na casa com ela até a assistente social dar notícias.”

“Boa ideia. Eu vou terminar um serviço com Fábio em um dos chalés e depois volto para ver se está tudo bem. Se a Susana entrar em contato, eu te mando uma mensagem,” Daniel disse e saiu.

Lívia aproveitou para fazer um lanche depois dar uma espiada em Sofia. Ela dormia profundamente, enrolada nas cobertas. Lívia voltou

PERIGOSAS ACHERON

para a cozinha e deixou um sanduíche pronto para Daniel em cima da mesa.

O gotejar da chuva no telhado ia diminuindo e a temperatura, baixando. Livia apagou a luz da cozinha e voltou para a sala que estava completamente escura. Acendeu o abajur e passou a mão pela cabeça de Sofia. A menina deu um resmungo e mudou de lado. O silêncio na casa só era quebrado pelos trovões cada vez mais fracos. Livia sentou-se na poltrona e, pegando o celular, leu alguns artigos sobre jardinagem. Esperava que a chuva não estragasse os frágeis pés de morango e tomate.

Livia devia ter cochilado porque deu um sobressalto com a porta da cozinha fechando. Ouvindo barulho de louça, ela levantou-se devagar e seguiu o rastro de luz.

“Não queria te assustar,” disse Daniel.
“Vim comer alguma coisa.”

“Deixei um sanduíche para você aqui na mesa,” ela disse e bocejou.

“Não precisava se incomodar, mas agradeço. Como está Sofia?” ele perguntou e se sentou à mesa, pegando o sanduíche.

“Está dormindo. Vou dormir na sala com ela.”

“Vou colocar um colchão lá para você ficar mais confortável,” ele disse e mordeu o sanduíche.

“Se não for incomodar,” ela respondeu.

Daniel engoliu a comida e respondeu:

“Não incomoda.”

Lívia deu um leve sorriso e balançou a cabeça afirmativamente. Puxando uma cadeira, ela se sentou de frente para Daniel. “Susana não ligou?”

“Não, mas se ela não ligar até amanhã, vou à cidade procurá-la.”

“Daniel, Celeste me disse que o pastor da

sua igreja está tentando ajudar o avô de Sofia. Eu queria fazer alguma coisa também, talvez uma visita a ele,” Livia disse e apoiou os cotovelos na mesa.

“Se a gente conseguir resolver a questão da Sofia até amanhã de manhã, levo você à tarde lá. Não sei se ele vai querer receber a gente,” Daniel disse e deu outra mordida no sanduíche.

“Podemos tentar,” Livia insistiu.

“Podemos, claro.”

Daniel terminou o lanche e lavou o pouco de louça que tinha usado. Livia foi até à sala e voltou em seguida.

“A Sofia está com febre. Não achei o termômetro na caixa de primeiros socorros,” ela disse para Daniel.

Ele guardou o prato no armário e disse:

“Deve estar no banheiro da Celeste. Vou ver.”

Livia voltou para a sala e se ajoelhou ao lado

de Sofia e, quando Daniel voltou com o termômetro, ela confirmou febre alta. Depois de medicada, a menina voltou a dormir.

“Vou arrumar o colchão no chão para você, mas vou passar a noite aqui também,” Daniel disse.

Lívia virou-se para ele, surpresa. Guardando o termômetro na caixa de primeiros socorros, ele continuou:

“Tem o quarto de hóspedes, que está bem bagunçado, cheio de caixas, mas arrumo um canto lá para mim.”

Decidido, Daniel providenciou um colchão e cobertas. Arrumou a cama improvisada enquanto Lívia observava, sentada ao lado de Sofia.

“Pronto,” ele disse.

“Obrigada, mas acho que vou colocar Sofia aí e durmo no sofá. Acho que é mais confortável para ela,” Lívia disse.

“Como quiser. Deixa que ponho ela aqui.”

Daniel pegou Sofia nos braços e a acomodou no colchão. Lívia a cobriu e passou a mão pela testa dela.

“Acho que a febre está cedendo,” ela disse baixinho. “Quanto cuidado será que ela recebe do avô?”

Ajoelhado ao lado da cama improvisada, Daniel olhou para Sofia e depois para Lívia. “Não sei. Mas está recebendo muito carinho agora.”

Lívia deu um sorriso tímido. O gotejar da chuva fazia um barulho preguiçoso e os trovões estavam cada vez mais espaçados. O cheiro de terra molhada encheu o ar mais frio da sala. Lívia relaxou. Daniel olhou para ela na penumbra.

“Você tem mesmo esse dom,” ele sussurrou.

Lívia franziu a testa. “Que dom?”

“De cuidar das pessoas.”

“Parte do meu trabalho,” ela deu de ombros.

Daniel sacudiu a cabeça negativamente.

“Talvez você tenha escolhido esse trabalho por causa do seu dom. É natural. Vejo isso, como cuida da Sofia e de Celeste.”

“Não me custa nada.”

“Mas faz com prazer,” ele disse.

“Faço.”

“Celeste se sente muito mais tranquila com você aqui. Ela não aguentaria perder outro bebê,” ele disse.

Lívia arqueou as sobrancelhas. “Como assim?”

“Achei que ela tinha falado para você. Ela perdeu dois bebês, um logo no início da gestação, mas o segundo já estava com quase cinco meses.”

Lívia sentou-se no sofá e Daniel fez o mesmo. Um nó na garganta foi crescendo e Lívia engoliu em seco. Dois bebês. Com os olhos arregalados, ela tapou a boca com a mão para abafar um gemido.

“Falei alguma coisa que não devia?” Daniel

inclinou a cabeça e franziu a testa.

Balançando a cabeça com veemência, Livia disse:

“Não. Acho que fiquei surpresa, só isso.”

Daniel olhou para ela preocupado. “Mas está tudo bem com Celeste agora. O médico garantiu que se o bebê nascer daqui para frente, ele vai ficar bem.”

“Eu sei, eu sei,” ela disse com um suspiro. “Daniel, preciso dormir, se não se incomoda.”

Com o semblante ainda preocupado, ele se levantou. “Claro, se precisar de mim, pode chamar.”

“Obrigada.” A palavra saiu como um suspiro. Quando Daniel saiu, Livia deitou-se no sofá, puxou uma manta e chorou.

Dois bebês!

Celeste perdera dois bebês. Claro que eram bebês! Por que ela preferiu aceitar o argumento do

PERIGOSAS ACHERON

médico de que seu bebê era apenas um amontoado de células? Ela sabia – para lhe tirar a culpa. Mas a verdade era que a cicatriz que tinha ficado era na sua alma.

De bruços, Livia deitou a testa no braço dobrado e chorou tudo o que não tinha chorado, antes, durante e depois da interrupção da gravidez. Abafou os soluços nas almofadas e permitiu que as lágrimas lavassem um pouco da sombra escura que oprimia sua alma.

Livia não viu o clarão de mais um relâmpago e nem ouviu o barulho do trovão. Também não viu Daniel com a cabeça apoiada na porta entreaberta, os olhos fixos na sombra do corpo de Livia, estirado no sofá e sacudindo com os soluços.

Capítulo 11

Atordoada, Livia jogou as cobertas para o lado e se sentou no sofá. Sofia não estava mais no colchão, que agora estava encostado na poltrona. Os cobertores e lençóis estavam dobrados em cima de uma cadeira. A casa estava em silêncio. Livia pegou seu celular que estava na mesinha de chá e olhou as horas: 6:30 da manhã. Uma mensagem de Daniel explicava que Susana, a assistente social, tinha passado bem cedo para pegar Sofia. *Por que ele não me acordou?* Livia pensou. Ela não tinha ouvido qualquer movimentação no seu sono pesado e conturbado.

Com um calafrio, Livia lembrou-se do que Daniel dissera sobre os bebês que Celeste tinha perdido e sobre como isso tinha lhe causado assombro ao considerar a perda do seu próprio bebê.

Cambaleante, Livia foi até a cozinha e encheu um copo d'água. Tentou ajeitar o cabelo despenteado e se sentou à mesa. Passou o dedo pela borda do copo várias vezes enquanto seu olhar vagava pela cozinha. O nó na garganta voltou e Livia bebeu um gole da água. A tristeza na alma havia se transformado em pesar, como se tivesse recebido a notícia de que um familiar morrera. Precisava conversar com Dona Mary. Livia não tinha mais certeza se conseguiria conversar com Celeste sobre o assunto. Ela tinha perdido dois bebês e sofria com a possibilidade do terceiro nascer fora do tempo. Como ela veria o fato de Livia ter decidido não ter seu próprio bebê? Será que a condenaria?

Uma raiva misturou-se ao seu luto. Sentia-se enganada, pelo médico, por Leo e por ela mesma. Por que se deixara levar por um argumento tão pobre para justificar a interrupção da sua gravidez?

Agora o pesar era só dela. Não era do médico. Não era de Leo. Era dela. Ela ficara sozinha para digerir a verdade da perda de uma vida. Era muito fácil a sociedade levantar uma bandeira de direitos da mulher de interromper uma gravidez, mas pouco se falava da vida que estava em jogo e das consequências emocionais e físicas para a mãe. Depois, a mulher era deixada de lado e sua importância servia apenas para engrossar as estatísticas do direito de escolha de fazer o que se quisesse com seu próprio corpo. Ela era agora apenas mais um número em um gráfico qualquer. E o bebê não era, como dizia Joana, um apêndice. Era um outro ser, com vida própria.

Lívia deu um urro baixo e bebeu mais um copo de água. Sobressaltada, ela levou a mão ao peito quando a porta da cozinha se abriu. Era Daniel. Ele olhou para ela e não disse nada por um momento. Lívia sentiu-se como se tivesse sido

flagrada, fazendo algo errado. Ele a olhava de forma diferente do que costumava olhar, com uma preocupação ou suspeita, Livia não sabia ao certo.

“Dormiu bem?” ele perguntou.

“Dormi,” Livia disse, consciente de que não falava a verdade.

“Celeste sai do hospital por volta de onze da manhã,” Daniel disse e se recostou na pia com os braços cruzados.

“Que bom,” Livia disse e colocou o copo na pia.

“Tem certeza de que está tudo bem? Parece preocupada,” ele disse e passou a mão pelo cabelo.

Livia engoliu em seco e balançou a cabeça afirmativamente. “Vou preparar alguma coisa para eles comerem.”

“Celeste disse para você não se incomodar com a cozinha. Vão almoçar na casa de uma amiga dela,” Daniel falou.

“Você vai sair?” Lívia perguntou, passando os olhos discretamente pela roupa de Daniel.

Ele ajeitou a camisa azul e disse:

“Vou à igreja. Vim também saber se quer ir comigo.”

Igreja. Fazia um tempo que Lívia não ia. Estaria preparada para ouvir alguma coisa que a condenasse mais ainda?

“Vou sim. A que horas?” A resposta saiu com convicção, apesar da dúvida inicial.

“Tenho que chegar um pouco mais cedo, então se sairmos por volta de nove, está ótimo,” ele respondeu.



A praça arborizada, com seus banquinhos pintados de branco, estava vazia naquela manhã nublada de domingo. A chuva forte do dia anterior tinha deixado poças nas calçadas e ruas, mas também a deliciosa fragrância de terra molhada.

Daniel contornou a praça e estacionou a *van* em uma rua estreita, em frente à igreja. Ele olhou para Livia que ajeitava o cabelo com uma mão e passava batom com a outra, enquanto tentava se olhar no pequeno espelho rachado do quebra-sol do carro.

“Está pronta?” ele perguntou com um sorriso maroto.

Ela balançou a cabeça afirmativamente e guardou o batom na bolsa, tentando disfarçar seu súbito constrangimento. Duas jovens de braços dados passaram ao lado do carro, acenaram para Daniel, cochicharam alguma coisa uma para a outra e riram. Livia passou a mão no vestido florido, achando que tinha exagerado na escolha da roupa. As duas moças estavam de *jeans* e camiseta.

Depois de passar a semana toda usando seu uniforme, como ela chamava as roupas de ginástica, decidira tentar levantar o astral com uma

roupa mais alegre. No chalé, mais cedo, enquanto se arrumava, olhou com desânimo para seus olhos castanhos sem vida e as olheiras que a noite de choro tinha deixado.

Esperança. Não era essa a palavra que insistia em aparecer em vários momentos na sua semana no sítio? Lívia se animou um pouco com essa lembrança e sorriu para Daniel antes de descer do carro.

Juntos, eles entraram na igreja. Um misto de ansiedade e expectativa circulava pelo corpo de Lívia, causando-lhe um leve arrepio. Não tinha tido nenhum ataque de pânico naqueles dias no sítio e esperava não ter um naquele momento. Ela respirou fundo, tentando acalmar seu coração.

“Tudo bem?” Daniel sussurrou para ela.

“Tudo,” ela respondeu baixinho.

O que via nos olhos dele e no tom de voz era preocupação. Talvez Lívia estivesse sensível

demais depois do choro, mas notara uma diferença na forma como Daniel passou a tratá-la. Será que ele conversara com Dona Mary para saber mais de sua vida? E se sim, Dona Mary teria falado do seu problema com a gravidez não planejada? Livia preferia acreditar que não. A mulher era muito discreta e tinha deixado claro que essa era uma questão que Livia deveria resolver sozinha.

Daniel apresentou Livia ao pastor Geraldo, com quem ela simpatizou de cara. Ele era um homem baixo e magro, de pele mais escura, e com um sorriso alegre e sincero. Ele e Livia trocaram algumas palavras e ele agradeceu pela ajuda que ela estava dando a Celeste e a Sofia. Pedindo licença, ele disse a ela que deveriam conversar mais sobre a menina e se retirou, indo apressado na direção do púlpito.

Daniel indicou um lugar no banco da frente para Livia se sentar e desapareceu por uma porta

nos fundos da igreja. As duas mocinhas que tinham acenado para Daniel do lado de fora reapareceram, uma com um violão e outra com uma flauta.

Apresentaram-se a Livia e foram para o palco.

Daniel voltou com um violão e algumas pastas, entregando uma para cada moça. Ensaaiaram por uns dez minutos até que o pianista chegou.

Enquanto a música tocava, Livia correu os olhos pela pequena igreja. O prédio antigo era modesto na arquitetura e na decoração. Os bancos de madeira eram despretensiosos e a única cruz acima do púlpito era rústica. Livia fixou os olhos na cruz. Será que teria as respostas que tanto procurava?

Quando Daniel e o restante do grupo começaram a ensaiar uma música que falava de esperança, Livia fechou os olhos. Lá estava ela de novo: esperança. Como se não bastasse, quando o pastor Geraldo subiu ao púlpito depois das músicas,

a mensagem foi também sobre esperança.

Daniel, sentado ao lado de Livia, passou-lhe um lenço de papel quando ela tentou enxugar os olhos com os dedos. O pastor terminou a pregação com uma oração pedindo a Deus que derramasse esperança na vida das pessoas ali sentadas. Livia balançava a cabeça concordando conforme ele falava com grande desenvoltura e convicção. Ao abrir os olhos, ela deu um suspiro, chamando a atenção de Daniel, que sorriu discretamente para ela. O pastor Geraldo pediu à congregação que não fosse embora já que tinha um aviso especial. Livia se surpreendeu quando ele chamou Fábio para dar o aviso.

O rapaz subiu no púlpito com grande entusiasmo, como se fosse fazer uma apresentação. Sua calça *jeans* rasgada e a camiseta justa combinavam com seu semblante despreocupado e jovial. Seu sorriso era contagiante e ele

cumprimentava os presentes com segurança e carisma. Lívia não o tinha visto quando chegou à igreja, mas ele parecia bem à vontade ao lado do pastor.

“Na terça-feira, temos o nosso encontro para pessoas que lutam com dependência de álcool e drogas. Se você conhece alguém, convide. Todos são bem-vindos,” Fábio disse e entregou o microfone para o pastor que enfatizou o convite. Depois ele completou antes de despedir a congregação:

“E não se esqueçam de deixar suas doações na secretaria para ajudar as famílias carentes do nosso projeto.”

O amém final foi a deixa para as conversas começarem de imediato. Uns se abraçavam, as crianças corriam e outros colocavam o papo em dia.

“Que trabalho é esse com dependentes e pessoas carentes?” Lívia perguntou a Daniel que

PERIGOSAS ACHERON

voltara do fundo da igreja com seu violão.

“Fábio coordena o trabalho com dependentes. O projeto com as famílias carentes inclui o avô de Sofia,” Daniel explicou.

Nesse momento, Fábio apareceu e deu um forte abraço em Lívia sob o olhar atento de Daniel.

“Que ótimo ver você aqui,” o rapaz disse, com o sorriso de sempre.

“Foi bom ter vindo. Depois me conta do seu trabalho com dependentes. Quem sabe posso ajudar,” Lívia disse.

“Seria ótimo, mas será que você vai ter tempo?” ele perguntou.

“A gente pode dar um jeito na agenda se você quiser,” Daniel sugeriu.

Lívia olhou para ele e perguntou:

“Quando podemos visitar o avô de Sofia?”

“Na verdade, eu ia dar um pulo lá para levar algumas doações. Se quiser, pode vir comigo,”

Fábio sugeriu.

“Agora?” ela perguntou.

“Sim. Pode ser. A gente come alguma coisa na padaria aqui ao lado e vai,” ele disse.

“Você está sem carro, Fábio. Deixa que levo vocês,” Daniel interrompeu.

“Vou pegar as doações e encontro vocês na calçada,” Fábio disse e saiu.

Lívia pegou sua bolsa no banco e disse:

“Espero não atrapalhar seus planos.”

“Eu não tinha planos. Pensei da gente comer alguma coisa e depois ir ao Parque da Pedra Azul,” Daniel disse e passou a mão pelo cabelo curto.

O coração de Lívia deu um pulinho. “Não podemos ir depois?”

Daniel sorriu e disse:

“Podemos.”



Quando pararam na frente do casebre em

PERIGOSAS NACIONAIS

péssimo estado de conservação, Lívia, Daniel e Fábio tiraram as doações da *van* e colocaram na calçada rachada.

“Vou na frente. A gente nunca sabe se ele está bêbado,” Fábio disse.

O rapaz bateu na porta e a resposta imediata foi:

“Saia já daqui.”

A voz do homem alcoolizado não deixava dúvida do estado de humor em que se encontrava. Fábio insistiu, batendo na porta novamente, dizendo que tinha alguns presentes.

O homem gritou de novo e Fábio disse que os presentes eram para Sofia. Depois de um tempo de silêncio, a porta se abriu. Um homem enrugado como uma folha seca de árvore abriu uma fresta na porta descascada e disse:

“Deixa tudo aqui no chão que eu pego depois.”

PERIGOSAS ACHERON

Daniel tomou a frente e disse:

“O pastor Geraldo disse que seu chuveiro não está funcionando. Posso dar uma olhada?”

O homem resmungou alguns palavrões e abriu mais a porta. Daniel entrou na casa e voltou minutos depois, dizendo:

“Tenho umas ferramentas no carro. O conserto não vai demorar nada.”

O velho resmungou mais e esperou Daniel voltar com a caixa de ferramentas.

“Vem comigo, Lívia. Dá uma olhada na casa e veja o que podemos fazer para arrumá-la um pouco,” Daniel disse.

Prontamente, Lívia se colocou atrás de Daniel. Retesou os ombros quando passou pelo velho depois de cumprimentá-lo, recebendo, em resposta, um grunhido e um palavrão abafado. Ela entrou decidida a ver e entender melhor a situação de moradia de Sofia. A menina estava de volta com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a tia, mas segundo Susana, a assistente social, ela deveria voltar para a casa do avô em breve.

O choque de Livia foi enorme ao ver as condições do casebre que tinha apenas dois cômodos. Um servia de sala, cozinha e quarto, e o outro, pouco maior que seu armário no Canadá, estava cheio de entulhos e tinha uma pequena cama com um colchão fino e empelotado no canto do cômodo. O banheiro era um cubículo com um vaso e um cano no alto da parede que servia de chuveiro. O nó na garganta de Livia dificultou sua respiração. Ela nunca vira tanta pobreza. Saíra do Brasil havia muito tempo e raramente via tanta miséria no seu país de adoção. Daniel apertou afetuosamente o braço de Livia e lhe sorriu. Ela forçou um sorriso e entrou no quartinho. Garrafas vazias, caixas empilhadas e outros itens quebrados dividiam o pequeno espaço com a cama de Sofia. O cheiro forte de mofo denunciava infiltração.

PERIGOSAS ACHERON

Enquanto Daniel martelava alguma coisa no banheiro com a ajuda de Fábio, Livia foi até o canto onde ficava a cozinha. Alguns saquinhos de mantimentos estavam empilhados em uma prateleira improvisada. As formigas passeavam despreocupadas e carregavam o que encontravam pela frente. Livia achou um pano velho e passou pela trilha dos insetos, jogando-os na pia. Abriu a torneira, mas não saiu água. Tinha que falar com Daniel sobre isso. Panelas amassadas e um fogareiro a gás de duas bocas eram o que Sofia e o avô tinham para cozinhar. Nenhuma geladeira. Como viviam assim era um mistério para Livia, que, imediatamente, pensou no conforto do seu apartamento em Calgary.

Ela fez uma anotação mental do que precisariam. Na verdade, precisavam de tudo. No canto do cômodo, havia uma cama estreita e as cobertas sujas estavam jogadas no chão. Livia

PERIGOSAS ACHERON

abaixou-se, pegou as cobertas e começou a arrumar a cama. Logo, uma mão que mais parecia uma garra a pegou pelo braço e a empurrou.

“Não mexe nas minhas coisas,” o velho gritou.

Com o empurrão, Lívia tropeçou em um banquinho e perdeu o equilíbrio. As mãos fortes de Daniel a seguraram antes que ela caísse no chão.

“Seu José, não faça isso. A moça só quer ajudar!” A voz dele era firme o suficiente para intimidar o homem, que resmungou um palavrão.

Daniel manteve as mãos nos ombros de Lívia enquanto explicava para o avô de Sofia, dessa vez mais calmo, que ela estava vendo em que podia ajudar a menina. Determinada a fazer o que pudesse por Sofia, Lívia continuou sua inspeção. Daniel voltou para o banheiro e logo ele e Fábio terminaram o trabalho.

Quando finalmente Lívia, Daniel e Fábio

saíram da casa, conversaram por alguns minutos sobre o que mais poderiam fazer por Sofia e seu avô, e decidiram que voltariam outro dia para arrumar e limpar a casa.

“Quero passar em uma loja no meio da semana e comprar algumas coisas para eles,” Livia disse.

Fábio passou o braço tatuado pelo ombro dela e sorriu. “Gosto da sua atitude determinada. A gente pode ir junto à loja durante a semana.”

Livia se desvencilhou do braço do rapaz e disse:

“Vou conversar com a Celeste primeiro antes de decidir quando ir.”

“Fábio, depois vocês falam sobre isso,” Daniel disse com firmeza.

O rapaz deu de ombros e sorriu para Livia. “A gente combina depois então. Bom, já vou indo. Vou a pé mesmo. O pastor Geraldo está me esperando

para conversar sobre o grupo de dependentes.

Lívia, se quiser ajudar mesmo, falo com ele que está disposta.”

“Posso ajudar sim. Depois a gente conversa,” ela respondeu.

“Vamos, Lívia?” Daniel disse e passou o braço pelo ombro dela.

Lívia balançou a cabeça afirmativamente, despediu-se de Fábio e foi para o carro com Daniel.

“Você conhece Fábio há muito tempo?” ela perguntou enquanto afivelava o cinto de segurança.

“Uns dois anos, depois que saiu da clínica de dependentes químicos,” Daniel respondeu ao tomar a rua que os levaria ao centro da cidade.

“Como assim?” ela perguntou com a testa franzida.

“Fábio vem de uma família muito influente em Vitória. Quando era adolescente, se envolveu com drogas e chegou até a traficar. Por causa da

influência dos pais, nunca foi preso, mas passou de clínica em clínica de recuperação e nada. Nas clínicas, os próprios funcionários vendiam drogas para os pacientes. Fábio conseguiu fugir de uma delas, depois de quase ter uma overdose, mas uns traficantes foram atrás dele. Em um bar, ele apanhou muito até ficar desacordado. Chris conhecia a família e trouxe Fábio para o sítio porque ele estava sendo ameaçado pelos traficantes. A avó foi visitá-lo no sítio e ajudou a cuidar dele. Ela dizia que Deus faria um milagre na vida de Fábio. E fez porque nunca mais ele tocou em drogas ou em bebida.”

Daniel contou para Livia sobre o trabalho dele no sítio e como ele dizia que Deus o tinha chamado para cuidar de outros dependentes. Depois conversaram mais sobre os outros projetos da igreja e pararam em um restaurante simples, a quilo, para comer. De volta ao carro, Daniel tomou uma

estrada sinuosa até a entrada do Parque da Pedra Azul. Puxando Livia pela mão, eles tomaram uma trilha sob um túnel de árvores. Várias famílias, casais e grupos de jovens iam e vinham pela trilha, conversando animados e tirando fotos. A enorme pedra arredondada surgiu logo depois de uma curva e Livia deu um suspiro.

“Que lindo! E lembra minha infância,” ela disse com a mão no peito.

“Então vamos caminhar mais,” Daniel disse e a puxou pela mão.

O ar adocicado das fragrâncias de mata e flores era limpo e fresco. Livia encheu os pulmões, desejando guardar aquele cheiro suave em um vidro para quando fosse embora.

Ir embora. Uma tristeza pesou no seu coração. Ainda tinha mais três semanas no sítio, mas já sentia saudade antecipada. Quem diria que algumas semanas antes, Domingos Martins era o

PERIGOSAS ACHERON

último lugar onde pensaria em passar férias.

“Encosta naquela árvore para eu tirar uma foto sua,” Daniel disse com o celular na mão.

Tímida, Livia fez como ele pediu. Ele tirou várias fotos e, quando um senhor mais velho disse que tiraria a foto do jovem casal, Daniel correu para o lado de Livia e passou o braço pelo ombro dela. Ela sorriu enquanto o senhor tirava fotos, com o coração agitado.

Saudade. Sentiria saudade desse lugar.

Andaram mais um pouco e chegaram a um mirante. Encostados na grade de proteção, eles riram das acrobacias dos pássaros e micos.

“Livia, o que está achando do livro da Glória?” Daniel perguntou.

Ela virou-se para ele e respondeu:

“Muito interessante. Agora estou numa parte em que ela compara as verduras, legumes e frutas com alguma qualidade como honestidade,

perseverança.”

“Como assim?” Daniel perguntou com curiosidade.

“Por exemplo, ela diz que a batata é resistente e que a vagem é solidária,” ela disse e riu.

“E que legume ou fruta você achou parecido com você?”

Lívia riu e respondeu:

“Sei lá, uma batata.”

Daniel inclinou a cabeça, colocou o indicador no queixo e olhou para ela como se a examinasse.

“Uhum, você não tem cara de batata,” ele disse.

“Então eu tenho cara de quê?” ela perguntou.

“Acho que de morango,” ele respondeu.

“Morango? Vermelha e pintada?” ela disse rindo.

“Delicada, mas resistente,” ele analisou.

Lívia sentiu seu rosto esquentar. Ela disse:

“Alguns morangos são bem azedos.”

“Não você. Você até tentou ser azeda quando chegou, mas não conseguiu manter a pose de mal-humorada,” ele disse e riu.

“Não estava fazendo pose,” ela disse com um tom fingido indignação.

“De qualquer forma, azeda você não é,” ele disse com um tom sério.

O rosto de Livia voltou a esquentar e ela desviou o olhar para as montanhas.

“Quer andar mais?” Daniel perguntou e ela fez que sim com a cabeça.

Caminharam lado a lado, em silêncio. O que Daniel diria se ela lhe contasse da interrupção da gravidez ou do seu relacionamento impróprio com Leo? Livia não o conhecia, não sabia nada do seu passado e pouco do presente. De qualquer forma, não teriam tempo e nem motivo para conversas mais íntimas. Em três semanas ela voltaria para o

Canadá, para sua rotina, para o hospital.

Daniel passou o dedo pela cicatriz e seu rosto ficou sombrio. Lívia resistiu à tentação de perguntar o que era a cicatriz. Podia usar um tom profissional de enfermeira, mas não cabia naquele momento.

“Vamos voltar, Moranguinho?” Daniel perguntou e forçou um sorriso.

“Se vai me chamar de Moranguinho, vou arrumar um apelido para você,” ela disse.

“E qual seria? Só não vale pepino ou abacaxi!”

Lívia riu e disse:

“Não sei ainda. Vou pensar em alguma coisa adequada.”

Capítulo 12

“Não sei nem como agradecer,” Celeste disse para Livia e se deitou na cama com a ajuda de Chris.

“Faço com prazer,” a jovem respondeu.

“Essa mulher é teimosa. Se a gente virar as costas, ela vai arrumar trabalho,” Chris disse enquanto afofava os travesseiros para a esposa.

“Vamos ficar de olho,” Livia respondeu, encostada na porta do quarto.

“O médico disse que está tudo bem, mas esses sustos me deixam apreensiva,” Celeste falou.

“Agora falta pouco,” Livia afirmou.

“Logo, logo vamos andar de lá para cá de madrugada trocando fraldas,” Chris disse e deu um beijo na testa de Celeste.

“Então aproveita e dorme bastante,” Livia disse para Celeste.

Chris saiu do quarto dizendo que precisava falar com Daniel. Celeste pediu a Livia que se sentasse e apontou para a beirada da cama. “Mais uma vez, obrigada. Foi Deus que mandou você aqui para nós.”

Livia sentou-se e enxugou uma lágrima. “Acho que foi. Mas foi para me dar umas lições.”

Celeste sorriu e disse:

“Bom, acho que ele tinha um propósito para cada um de nós com sua vinda.”

“Até entendo que estou ajudando você, mas não sei como minha vinda poderia ajudar os outros aqui no sítio,” Livia disse, mas tinha Daniel em mente com esse comentário.

“Bom, para o Chris você significa uma ajuda que ele não pode me dar. Mas não é só porque você é enfermeira, mas porque é mulher e entende os sentimentos femininos,” Celeste falou.

Livia engoliu em seco. Celeste continuou:

“E para Daniel, bem, ele anda mais alegre.”

Lívia deu um riso nervoso. “Não sei como ele era antes, mas certamente não é por minha causa que está mais alegre, como você diz.”

Celeste ajeitou-se nos travesseiros e deu um meio sorriso. “Pode até ser coincidência, mas já o peguei cantando várias vezes essa semana.”

“Não estou entendendo,” Lívia disse e franziu a testa.

“Desde que ele voltou do Canadá, deixou a música de lado. Daniel animava qualquer festa com seu violão. Depois, nunca mais tocou, pelo menos não em público. No dia do estudo bíblico na varanda, fiquei surpresa por ele ter trazido o violão e cantado.”

“Mas ele tocou na igreja hoje de manhã,” Lívia disse.

Celeste arregalou os olhos. “Tocou hoje?”

“Sim, e me parecia bem à vontade.”

“Ele nunca tocou na igreja antes. Desde que voltou...” Celeste disse e parou.

O que ela queria dizer com “desde que ele voltou”? Por que ele tinha deixado a música? Parecia tão confiante na igreja. Lívia tinha certeza de que a cicatriz no braço dele era a peça que faltava para entender a história dele.

“Lívia, mudando de assunto, o que você queria me dizer ontem quando eu comecei a me sentir mal?” Celeste perguntou.

Tomada de surpresa, Lívia sentiu o pânico chegar, apertando seu peito. Ela arregalou os olhos e engoliu em seco.

“Se não quiser dizer, não precisa,” Celeste disse em tom suave.

Lívia olhou para Celeste e para sua barriga avantajada. Baixou a cabeça e contou sua história, não tendo coragem de encarar Celeste. Não escondeu nada. Contou das cólicas, do

sangramento, da emergência no hospital, da reação da sua melhor amiga e da conversa com Dona Mary. Quando terminou, ela levantou a cabeça devagar e olhou nos olhos de Celeste. Não viu condenação no olhar, mas, sim, grande tristeza. As lágrimas das duas mulheres eram muitas. Chris entrou no quarto e vendo a cena, retirou-se.

Com vergonha, Livia baixou a cabeça de novo e enxugou as lágrimas na barra do vestido. O que Celeste estaria pensando? O silêncio só era quebrado pelos soluços das duas. Livia esperou. Não tinha coragem de olhar novamente para Celeste. Talvez fosse melhor pedir desculpas e sair correndo, ir embora daquele lugar.

“Minha mãe fez um aborto,” Celeste disse com um sussurro. Livia virou-se para ela devagar, o coração acelerado.

Celeste continuou:

“Eu era pequena. Ela quase morreu. Meu

pai batia muito nela. Um dia fugimos de casa e fomos para a casa de um tio no interior da Bahia. Minha mãe estava grávida e, com medo do tio nos expulsar da casa dele se soubesse da gravidez, minha mãe conseguiu uns remédios e abortou. Eu não sabia o que era aquele sangramento que ela teve na cama que a gente dividia e por que foi parar no hospital. Só quando fiquei adolescente que ela me contou.”

Lívia ouviu com atenção. Celeste continuou:

“Lívia, a gente não sabe como vai reagir em determinadas situações. Às vezes o desespero bate, como bateu na minha mãe e, quando não temos apoio, tomamos decisões difíceis que nos machucam.”

Enxugando os olhos com as mãos, Lívia examinou o rosto de Celeste. Viu em seu semblante a profunda tristeza. Ela continuou:

“Todos temos nosso telhado de vidro, Lívia.

Ninguém é perfeito e nem sabemos de tudo que se passa no coração e na mente das pessoas. Como você se sente em relação a isso?”

Lívia contou-lhe do buraco na alma e da constante tristeza, como se tivesse perdido um parente.

“Eu perdi dois bebês,” Celeste disse e Lívia só balançou a cabeça, preferindo não dizer que já sabia disso por Daniel. “Não entendo por que Deus permitiu que eu os perdesse. A fé às vezes nos falha. Sofri muito. Questionei até a bondade de Deus. Minha fé balançou, mas tive que me agarrar ao pouco que tinha dela para me manter viva.”

“E como fez isso, Celeste? Estou me sentindo tão perdida,” Lívia disse.

“Sabe, Lívia, é nessas horas que o amor de Deus é derramado através das pessoas. Chris foi muito mais que um marido – foi companheiro, conselheiro. Daniel se virou do avesso para me tirar

PERIGOSAS ACHERON

a carga de trabalho e Glória foi uma mãe, já que a minha, não sei mais onde está. Me senti tão amada que não tive alternativa a não ser amá-los em troca. E assim, fiquei em paz com Deus novamente. O que posso te dizer, Lívia, é que esse mesmo amor está disponível para você.”

“Mas fiz uma coisa muito errada. Agora sei disso. Era uma vida que eu carregava e não um amontoado de células como me disseram e preferi acreditar,” Lívia disse, soluçando baixinho.

Celeste estendeu a mão para ela. Lívia esticou o braço e apertou a mão da mulher.

“Lívia, isso se chama arrependimento. A cura é o perdão. Só Deus pode dar esse perdão,” Celeste disse.

“Mas como faço para receber esse perdão?” Lívia perguntou angustiada.

“Diga a Ele que se arrepende e peça perdão. Só isso.”

“Mas e se nada mudar dentro de mim e a dor continuar?”

“O perdão está garantido, mas é um processo você entender os porquês de uma decisão tão difícil. Mas aceite o perdão e deixe o amor de Deus chegar a você através das outras pessoas. Aqui você está em casa, Livia, lembre-se disso.”

Livia cobriu o rosto com as mãos e chorou. Celeste afagou seu longo cabelo e orou por ela. Quando Livia abriu os olhos, não sentiu nada muito diferente, a não ser um pouco de alívio por ter dividido sua dor com sua nova confidente.

Você está em casa, Celeste tinha dito. Aquilo só podia ser amor. De fato, no sítio, Livia se sentia em casa. Chris tinha dito que ela era praticamente da família por causa de Dona Mary. Naquele momento, sentia uma conexão com Celeste como se fossem irmãs. Na sua própria dor de ter perdido um irmão ainda no ventre e dois filhos, ela, ainda

assim, estendeu a mão para Livia. A sociedade da corda rompida, Dona Mary tinha falado quando Livia a visitou. Quem passa por dor semelhante entende bem o que o outro está passando. As circunstâncias eram bem diferentes, mas o luto era o mesmo. Era o que Livia sentia: luto. Nunca tinha perdido ninguém da família, nem os avós, mas imaginava que o luto era um processo. Teria que ter paciência e esperança. Se tinha entendido direito o que Celeste falava, o perdão a si mesma era o primeiro passo.

As duas se abraçaram e ficaram assim por um tempo. Livia agradeceu pelo ouvido amigo de Celeste e disse que precisava ficar um pouco sozinha.

No caminho de tijolinhos para o chalé, Livia repetiu a oração que Celeste tinha feito. Queria desesperadamente acreditar em tudo aquilo. Precisava desesperadamente acreditar em tudo

aquilo. O sol começara a descer no horizonte, deixando seu rastro alaranjado. Mais um dia chegava ao fim, mas não sua dor.

No chalé, Livia colocou uma calça *jeans* e vestiu um suéter leve. A temperatura estava mais baixa ou talvez ela estivesse com calafrios, não sabia. Pegou o livro de Glória e voltou pelo caminho de tijolinhos em direção ao pátio cercado de ipês ao lado da horta. Ela precisava pensar. Precisava orar.

No pátio, ela sentou-se em um dos bancos. Os postes estavam acesos e convidavam as mariposas, que rodavam frenéticas em volta das lâmpadas. Livia colocou o livro no colo e o folheou, parando em algumas páginas que lhe interessavam. Uma delas era com fotos de morangueiros.

Moranguinho, Daniel tinha dito. Seria verdade o que Celeste dissera, que ele estava mais alegre depois que ela chegou? De qualquer forma,

PERIGOSAS ACHERON

não era hora de pensar naquilo. Ela tinha problemas para resolver.

Lívia leu várias orações que Glória tinha escrito e uma delas era sobre perdão. Leu a oração em voz alta e depois passou as páginas.

“Atrapalho?”

O coração de Lívia deu um salto. Aquela voz sempre fazia aquilo com ela. Virando-se, ela disse:

“Daniel, que susto. Não, não atrapalha. Estava lendo o livro da Glória.”

Sem esperar convite, Daniel sentou-se ao lado dela. “O que mais achou de interessante?”

“Eu estava lendo sobre perdão.”

Daniel ficou calado. Passou a mão pela cicatriz. Lívia levantou-se. Colocou o livro fechado sobre o banco e passou as mãos pelos braços cobertos com o fino suéter, tentando tirar o frio que sentia. Daniel tirou o casaco de moletom e, levantando-se, cobriu os ombros de Lívia.

Lentamente, ela vestiu um braço e depois o outro nas enormes mangas, subindo o zíper. Ela manteve os olhos no chão de pedra, mas sentia a presença e o calor de Daniel.

As cigarras cantavam despreocupadas, ao contrário do casal de pé no pátio. O silêncio muitas vezes grita, assim como dois corações que se comunicam na dor. Daniel envolveu Lívia com um abraço e ela se deixou sumir nos braços dele. Ela estava tão cansada emocionalmente. Com a cabeça encostada no peito dele, Lívia permitiu que os sons silvestres a embalassem. O calor e o cheiro de Daniel lhe davam conforto. Os tremores foram passando.

“Moranguinho,” ele sussurrou. “Tudo vai ficar bem.”

Lívia afastou-se devagar. “Eu gostaria, Daniel. Preciso ter esperança.”

Com os olhos fixos um no outro, Lívia e

PERIGOSAS ACHERON

Daniel compartilharam suas dores sem o auxílio de palavras. Cada um tinha seus fantasmas do passado que eram desconhecidos um do outro. Livia estava convicta de que a cicatriz de Daniel era também uma cicatriz na alma. Pelo olhar e tom de voz de Daniel, ela tinha certeza de que ele sabia, de alguma forma, que a menina que viera do Canadá trazia muito mais coisa na bagagem do que imaginava.

Tinham um caminho longo a percorrer para aceitar o perdão daquilo que os assombrava.



Aqui você está em casa, Livia. Lembre-se disso. Celeste tinha sido enfática e carinhosa com essas palavras.

Enrolada na coberta de sua cama, Livia chorou. Em parte, pela vergonha de ter confessado sua história para Celeste, mas também porque as palavras dela faziam muito sentido. A ansiedade de

PERIGOSAS ACHERON

Lívia de ter que voltar para o Canadá estava aumentando. Ali no sítio, o acolhimento era o mesmo de quando estava na casa de Dona Mary. Por que ela nunca tinha dado ouvidos ao que a senhora lhe falara anos seguidos? Como peças de um quebra-cabeça, Lívia se recordava de coisas que a sábia mulher lhe dissera sobre tomar decisões pensando sempre nas consequências. O envolvimento com Leo foi justamente o contrário. Lívia não pensou. Deixou as coisas rolares. Assim foi quando ele a convenceu de que dar término à gravidez era o mais conveniente a fazer. Não. Ela não pensara. Deixara-se levar pela conveniência em ambos os casos.

A noite avançou. O luar entrava pelo tecido fino da cortina clara. Lívia virou-se para o lado da parede e passou a mão pela parede rústica de tijolinho. Aquilo tudo era tão diferente da sua vida em Calgary. Ela tinha alcançado o que tantos

brasileiros almejavam: um emprego em um dos maiores hospitais do país, um salário invejável, um apartamento próprio, dívida da universidade quitada, isso tudo aos 28 anos. Mas ali no sítio, Lívia tinha entrado em contato com um mundo desconhecido em que a falta de oportunidade e perspectiva aprisionavam tantas famílias, como a de Sofia, na pobreza. Dona Mary sempre repetia que, quanto mais somos abençoados, mais temos a responsabilidade de ajudar e repartir.

Lívia chegara ao sítio em Domingos Martins com um grande problema na bagagem e muitas perguntas. Naquele momento, no quarto iluminado pelo fraco luar, outras perguntas surgiam, como o que fazer para amenizar a dor de Sofia e qual fantasma assombrava Daniel que deixava seus olhos pesados?

Moranguinho, ele dissera, *vai ficar tudo bem*. Será? Foi o último pensamento de Lívia antes de

PERIGOSAS ACHERON

finalmente deixar-se levar pelo sono.

Capítulo 13

Dois dias intensos de trabalho se passaram, distraindo Lívia de seus problemas. Sua rotina de acordar cedo, cuidar da horta, correr, trabalhar e ajudar Celeste, que só saía da cama para fazer a

lição com as crianças, não lhe dava muito tempo para lamber suas feridas.

Daniel a observava de longe e os dois trocaram poucas palavras. Lívia sabia que, à noite, ele passava pela horta para arrancar um mato ou regar as verduras, os legumes e seu pé de morango que cresciam com vigor.

Celeste, por sua vez, mandava, todas as manhãs, versículos sobre graça e esperança para Lívia no celular. As duas tinham se falado muito pouco desde a conversa, mas Lívia não tinha dúvidas de que a jovem gestante se importava com ela.

Na quarta-feira pela manhã, Fábio dissera a Lívia que o pastor Geraldo a esperava para a reunião de dependentes químicos na igreja para que, como enfermeira, ela desse uma palavra de encorajamento aos participantes. Animada, Lívia aceitou o convite. Um pouco depois do jantar,

Fábio apareceu no estacionamento do CEPA em um carro tão velho que Livia duvidou que subiria a rampa até a estrada.

“O pastor me emprestou o carro dele para vir te buscar,” Fábio disse e abriu a porta com um tranco para Livia entrar.

“Será que o carro aguenta até lá?” ela perguntou enquanto tentava achar o cinto de segurança.

“Aguenta. O pastor vai para cima e para baixo com esse carro,” ele disse e destravou o cinto para ela.

Na igreja, o pastor Geraldo a recebeu com um aperto de mão e seu sorriso encorajador.

“Obrigado, Livia, por ter vindo. Venham aqui para a minha sala.”

O escritório simples tinha apenas uma mesa velho, um computador com um monitor antigo e várias prateleiras com livros. O pastor explicou um

pouco sobre o projeto com os dependentes e elogiou a iniciativa de Fábio. Meia hora depois, eles foram para uma sala maior onde um grupo de oito pessoas esperavam: duas mulheres e seis homens. O pastor apresentou Livia e Fábio assumiu a reunião. Quando os participantes começaram a falar sobre sua semana e a dificuldade de se manterem longe das drogas e bebida, Livia lembrou-se do avô de Sofia e do estrago que a bebida fazia na vida da menina.

As histórias dos presentes eram fortes. A luta era enorme, mas Fábio sempre tinha uma palavra de encorajamento, narrando um pouco da sua jornada. A participação de Livia foi breve. Ela encorajou a participação deles no grupo de apoio e o envolvimento em atividades saudáveis que lhes dessem prazer. Alguns fizeram perguntas de saúde, às quais ela respondeu prontamente.

No caminho de volta ao sítio, Livia agradeceu

PERIGOSAS ACHERON

a Fábio pela oportunidade, dizendo que queria voltar nas próximas duas semanas em que ainda estaria em Domingos Martins.

“Foi muito importante para eles ouvir suas palavras. Você não imagina como é bom saber que as pessoas se importam com a gente quando estamos no fundo do poço,” ele disse.

Sim. Ela própria sabia disso!

“Verdade. E sua história de recuperação é impressionante. Foi mesmo um milagre,” ela disse.

“Foi. E Deus usou Daniel para esse milagre,” Fábio disse e passou a marcha do carro que insistia em não ficar na posição desejada, fazendo um barulho de ferro arranhando alguma coisa.

Lívia olhou para ele, surpresa. “Como assim?”

O carro sacolejava na estrada de chão no caminho para o sítio.

“Dois anos atrás, eu estava num bar em

Vitória com uma turma da pesada. Não me lembro direito o que aconteceu, mas começou uma briga. Eu estava tão chapado que apanhei um monte, sem conseguir me defender. Só lembro que uma mão me puxou do meio da pancadaria e me levou para fora. No dia seguinte, acordei num lugar estranho. Era o sítio. Daniel estava no bar e me viu estirado no chão, todo ensanguentado. Ele me pegou e me trouxe para cá,” Fábio contou.

Lívia segurou-se no banco furado do carro quando passaram por um buraco e a lataria começou a tremer. “Ele te conhecia?”

Fábio deu uma risada. “Não! Aí está o primeiro capítulo do milagre. Daniel me disse que ouviu uma voz dizendo para me tirar dali e levar para o sítio. Ele me trouxe para o sítio e logo descobrimos que Chris conhecia meus pais. Minha avó, que sempre orava por mim, veio para Domingos Martins para cuidar de mim. Daniel me

PERIGOSAS ACHERON

deu todo apoio para garantir que eu não iria me meter em enrascada de novo, mas, Lívía, o milagre foi completo porque depois daquilo, nunca mais peguei em drogas ou em bebida.”

“Impressionante!” Lívía disse e seu coração deu um salto quando se aproximaram da entrada do sítio. Tanta coisa tinha acontecido naquela semana e meia no CEPA. Sua percepção dos seus próprios questionamentos tinha sido ampliada. Os questionamentos ficavam mais complexos na medida em que olhava os problemas alheios com outros olhos. A vida era de uma complexidade que não permitia respostas prontas e rápidas.

“... depois do que aconteceu com Daniel,” Fábio terminou a frase.

O que aconteceu? Como ela perdera o que Fábio estava falando? Lívía olhou para ele pronta para pedir para ele repetir quando ele disse:

“Logo agora?”

Um solavanco do carro velho foi seguido de uma freada brusca. Fábio desceu do automóvel, deu uma volta nele e falou com Livia pela janela do motorista:

“Se importa de ir andando esse pedaço? Vou ter que trocar o pneu e não vale a pena você esperar. Deve estar cansada.”

O impulso de Livia foi de dizer que ficaria. Queria saber mais da história de Daniel, mas Fábio estava ao telefone. Ela desceu do carro e acenou para ele.

“Livia, eu pedi ao Daniel para vir te encontrar no portão. Está tarde e a gente não sabe quem pode estar rondando por aqui,” Fábio disse e abriu o porta-malas para pegar o *step* e o macaco.

Com o coração agitado, ela se despediu de Fábio e foi pelo acostamento em direção ao portão. Em poucos minutos, Daniel subia a rampa do estacionamento para se encontrar com ela.

“Se quiser ajudar o Fábio, eu vou sozinha para o chalé. Não tem problema,” ela disse.

Daniel aproximou-se dela e respondeu:

“Fábio faz isso de olhos fechados. E não acho seguro você descer esse pedaço sozinha.”

O protecionismo dele parecia exagerado. Que perigo poderia haver? Ela deu de ombros e juntos foram descendo o caminho para a parte iluminada do sítio.

“Foi bom o encontro?” ele perguntou.

“Muito. Fábio se importa muito com as pessoas ali,” ela respondeu.

“Ele entende bem o que elas estão passando.”

As cigarras preencheram o silêncio. Os dois chegaram no caminho de tijolinhos e Daniel disse:

“Se não estiver muito cansada, quero mostrar uma coisa lá na horta.”

“Mesmo se estivesse, agora estou curiosa,” ela respondeu.

Caminharam lado a lado até o pátio cercado de árvores, Livia com o coração agitado pela curiosidade. Daniel acendeu a luz do pátio, foi ao depósito e voltou com uma lanterna, fazendo sinal para ela o seguir. “Veja isso.”

No fundo da horta, ele levantou algumas folhas do pé de morango e apontou a lanterna. Ele continuou:

“Reparei hoje quando tirei umas folhas secas.”

Livia ficou de cócoras e estendeu a mão. Cinco delicados morangos minúsculos nasciam no pé.

“Que lindos, Daniel! Não tinha reparado.”

Ele agachou-se ao lado dela e levantou o outro lado da planta. “Aqui também tem.”

Livia suspirou e riu. Depois derramou uma lágrima. Daniel olhou para ela, soltou a planta e tocou de leve seu rosto molhado. “O que foi?”

“Eu estava me sentindo tão sem vida... agora, vendo isso aqui,” ela fez um sinal com a mão apontando para a horta, “e esses morangos, tive a impressão de que a vida sempre pode renascer quando uma parte da gente parece morta, não é?”

Daniel tirou a mão do rosto dela e a passou pela cicatriz. Levantou-se e Livia fez o mesmo.

“Queria muito acreditar nisso, Moranguinho,” ele falou com voz baixa e grave.

De frente a Daniel, ela estendeu a mão e passou os dedos de leve pela cicatriz dele. Ele não reagiu. Esperou que ela terminasse a viagem dos dedos pela marca.

“O que é isso?” ela perguntou baixinho. “Uma parte que está morta?”

Daniel desligou a lanterna e a colocou no bolso da calça *jeans*. Pegou na mão de Livia e a conduziu até um dos bancos do pátio. Sentaram-se lado a lado. Ele virou o braço com a marca e

passou o dedo por ela, antes de dizer:

“Sofri um acidente antes de tomar a decisão de vir para cá...”

O coração de Livia acelerou. Ela esperou.

“Eu estava com meu irmão mais novo. Fomos às montanhas fazer *snowboarding*. Tinha nevado muito e a temperatura tinha subido um pouco. Você mora lá e sabe que muita neve não combina com temperatura mais alta,” Daniel disse, a voz falhando.

Livia entrelaçou os dedos, ansiosa pelo resto da história. Ele continuou:

“Tinha um alerta de avalanche, mas fomos assim mesmo. Quando eu e Zack percebemos, uma quantidade medonha de neve veio descendo, arrancando galhos das árvores, cobrindo tudo de branco. Era um barulho horrível como se o mundo fosse acabar. Tentamos descer, sair do caminho, mas Zack foi engolido pela avalanche. Eu fui

PERIGOSAS NACIONAIS

empurrado pela força da neve e rasguei meu braço em um galho de pinheiro. Saí cambaleante depois que tudo se acalmou e comecei a procurar meu irmão. Gritei, berrei o nome dele e nada. Não vi nada, Lívia, só um mundo branco. Uma patrulha florestal passou e veio ao nosso socorro.

Trouxeram cachorros para procurar Zack e nada. Só horas depois eles o encontraram... sem vida.”

Lívia colocou as duas mãos no peito. Seu coração parecia que ia saltar fora. Os olhos de Daniel, vermelhos e úmidos, mostravam um pouco da dor que atravessava sua alma.

“Eu não consegui salvar meu irmão, Lívia. Ele sempre confiou em mim e eu não fiz nada!” Daniel disse com um gemido na voz. Ele passou os dedos pelo cabelo e apertou a cabeça com as mãos.

“Daniel, como você poderia ter feito alguma coisa com uma avalanche descendo?” ela perguntou.

PERIGOSAS ACHERON

Daniel levantou-se e disse:

“Eu nunca deveria ter concordado em ir para aquele lugar, não com o tempo naquela condição.”

Lívia também se levantou e quis consolá-lo, mas viu-se sem palavras. Ela também tinha sido responsável por uma vida e não fez nada para impedir uma tragédia. Podia entender a angústia de Daniel.

Como se buscassem consolo na companhia um do outro, Lívia e Daniel se abraçaram. Ela encostou o rosto no peito dele e passou os braços pela sua cintura. Daniel a envolveu com seu abraço, apoiando o queixo na cabeça dela. A mata ao seu redor, como se quisesse participar do consolo, deu ao casal os sons suaves dos animais e do riacho ao fundo, e a melhor fragrância do verde exuberante. Lívia e Daniel ficaram abraçados por um longo tempo, como se um fosse a boia do outro, que os livraria do naufrágio iminente.

Delicadamente, Daniel afastou-se um pouco e levantou o queixo de Livia com um dedo. Ela olhou para ele, hipnotizada por seus olhos, ainda vermelhos de emoção. Lentamente, como se tivesse todo o tempo do mundo, ele foi aproximando seus lábios dos de Livia. Ela engoliu em seco e fechou os olhos. O beijo foi como a carícia do beija-flor buscando o néctar. Daniel beijou um canto da boca de Livia, afastou os lábios e beijou o outro canto. Com beijos suaves, ele contornou toda a sua boca, que esperava ansiosa, enquanto os olhos permaneciam fechados.

Ela era a flor. Ele, o beija-flor.

Capítulo 14

“Foi amor à primeira vista,” disse Celeste sorrindo. “Nos casamos um ano depois. Larguei meu emprego para me dedicar a esse trabalho – isso aqui para mim é mais que um projeto com crianças; é um projeto de vida.”

Lívia comeu o último pedaço de pão e perguntou:

“O que você fazia?”

Celeste colocou a xícara de café de volta no pires e se ajeitou na cadeira. Lívia bocejou e esfregou os olhos. A noite tinha sido curta. Depois do momento intenso com Daniel, da confissão dele sobre a morte do irmão e dos beijos suaves que trocaram, Lívia tinha voltado para o chalé de braços dados com Daniel, ambos em silêncio.

Despediram-se, mas o sono não chegou para ela até que a exaustão tomasse conta do seu corpo.

Acordando assustada com os primeiros raios de sol, Lívia voltou à horta para ver os moranguinhos à luz

do dia. Emocionou-se novamente com tudo o que tinha ouvido de Daniel. E com seus beijos.

Na cozinha com Celeste, a mente de Livia insistia em voltar à noite anterior. No entanto, ela estava curiosa com a história de amor de Celeste e Chris.

“Eu trabalhava como assistente social,” Celeste disse.

“E como você e Chris se conheceram?”

“Uma longa história. Depois que eu e minha mãe fomos morar com meu tio, ela arrumou um emprego de faxineira na casa de uma família muito influente em Salvador e nos mudamos para lá. A dona da casa não tinha filhos, por isso praticamente me adotou. Eu vivia por lá, com minha mãe.

Quando entrei para o ensino médio, a senhora, Dona Taís, ofereceu para pagar uma escola particular para mim. Me saí muito bem e entrei para a faculdade. Me formei e comecei a trabalhar

em um hospital de mulheres. Foi quando conheci Dona Mary, que passava um tempo na cidade, ajudando em um projeto social numa favela. Chris foi visitar a mãe e nos conhecemos. Depois nos casamos, e aqui estou.”

Lívia mordiscou uma fatia de queijo e perguntou:

“Você disse que foi amor à primeira vista. Como é isso?”

Celeste recostou-se na cadeira e deu um meio sorriso. “É inexplicável. Quando vi o Chris pela primeira vez, meu coração deu um salto e me pegou desprevenida. Foi como se, naquele momento, tudo à nossa volta desaparecesse e só existisse ele. Ali eu soube que meu coração não estaria disponível para mais ninguém. Com essas coisas de amor, a gente passa o dia pensando na pessoa. Eu só pensava em Chris.”

Um calor repentino subiu pelo pescoço de

PERIGOSAS ACHERON

Lívia quando se lembrou dos beijos de Daniel. Os dois estavam fragilizados naquele momento e foram tomados pela emoção. Mas por que ela não parava de pensar nele?

“Mas me conta de você,” Celeste pediu.

“De mim? Como assim?” Lívia deu um sorriso amarelo.

“Se está melhor depois de nossa conversa,” Celeste disse e bebeu um gole do café.

A conversa sobre a gravidez interrompida. Como ela estava se sentindo? Lívia não sabia responder. Estava tudo confuso em sua cabeça. As palavras de acolhimento de Celeste, o que conversaram sobre perdão, as tantas vezes que a esperança aparecia em conversas e mensagens. Daniel.

Deixando o resto da fatia do queijo no prato, Lívia deu um suspiro e disse:

“Vim para cá com algumas perguntas, mas
PERIGOSAS ACHERON

elas aumentam em número e complexidade. Estou tendo que rever muita coisa. Tenho pensado muito no que Dona Mary me falou esses anos todos e eu não entendia. Pela primeira vez, tenho conseguido falar com Deus sabendo que ele está próximo. Mas parece que Ele me joga mais perguntas do que respostas.”

Celeste esticou o braço na mesa e segurou a mão de Livia. “Esse é um bom sinal. Sabe, as coisas só começam a mudar quando somos obrigados a reconsiderar nossas atitudes. A mudança genuína vem sempre de dentro e ela dói porque remexe em partes sensíveis da alma. Mas quando nos permitimos passar por isso, ficamos mais fortes. Estou muito feliz por você.”

As lágrimas foram inevitáveis. Livia enxugou os olhos com um guardanapo de papel e disse:

“Não sei como agradecer a cada um de vocês aqui por me ensinar tanta coisa, mesmo na dor que

PERIGOSAS ACHERON

cada um vive ou viveu.”

“Conversou com Daniel?” Celeste recostou-se de volta na cadeira.

Lívia balançou a cabeça afirmativamente. “Como deve ser difícil perder um irmão naquelas condições. Em qualquer condição.”

“Tem sido um processo difícil para Daniel. Ele ainda precisa se reconciliar com algumas questões do passado, mas tem entregado isso para Deus. E Deus tem feito milagre após milagre na vida dele.”

Lívia assonou o nariz no guardanapo. “Não sei o que vai ser de mim quando eu for embora daqui.”

“Lívia, Lívia, aqui é sua casa. Você fica o quanto quiser, volta quando quiser,” Celeste disse com um sorriso.

“Não posso ficar. Tenho meu emprego, minha vida em Calgary.” Era estranho ouvir sua própria

voz. Parecia uma gravação, como se não fosse ela falando. Vida em Calgary. Ultimamente não se achava nem viva e ali no sítio começara a conhecer a verdadeira Livia, como se estivesse renascendo.

“Sugiro então que coloque isso também nas mãos de Deus, isso é, seu futuro,” Celeste disse.

Livia balançou a cabeça novamente e fungou várias vezes enquanto passava o guardanapo pelo rosto.

“Desculpa. Não queria incomodar.”

Era Daniel. Parado na porta, ele passou a mão pelo cabelo, formando o topetinho de sempre. Estava suado e com a roupa suja de terra.

“Não incomoda,” Celeste apressou-se em dizer e se levantou. “Preciso me preparar para a chegada da primeira turma.” Ela deu uma piscada para Livia e saiu da cozinha.

“Tudo bem?” Daniel perguntou e se sentou de frente para Livia.

“Uma manhã muito intensa com Celeste,” ela respondeu.

“Uma noite muito intensa também,” ele sussurrou.

Lívia deu um suspiro e um leve sorriso. “Tudo muito intenso aqui no sítio.”

Daniel levantou-se e encheu um copo de vidro com café. Voltou a se sentar. “Quer mais intensidade?” Ele bebericou o café.

Lívia inclinou a cabeça e franziu a testa. “Depende.”

“Vamos à casa da Sofia hoje arrumar umas coisas? Se quiser, a gente passa numa loja como você pediu.”

“Vamos sim.”

“Não disse que morangos são resistentes?” Ele bebeu um gole de café. “Ainda está devendo um apelido para mim.”

Lívia riu. “Estou pensando. Não achei um
PERIGOSAS ACHERON

adequado. Com certeza você não é nem pepino nem abacaxi.”

“Ufa. Já me dou por satisfeito,” ele disse.

Aquele lugar era mesmo como sua casa. Lívia se sentia à vontade com todos os familiares da Dona Mary, com Fábio, Sue, Mark e as crianças. Tinha que aproveitar as duas semanas restantes.

Ela e Daniel combinaram o horário de sair. Não tocaram no assunto da noite anterior, mas ambos tinham plena consciência de que as confidências que trocaram, assim como os beijos, os aproximaram mais ainda. O nó na garganta de Lívia voltou ao se lembrar que Daniel não sabia do motivo que a tinha trazido para o sítio. Teria coragem de conversar sobre isso com ele? Ele parecia entender que alguma coisa não ia bem com ela.

Daniel deu um breve beijo no rosto de Lívia e saiu, dizendo ter muito o que fazer. Ela preparou o

PERIGOSAS ACHERON

café da manhã da primeira turma e foi arrumar a mesa na varanda para as lições. Celeste se movimentava devagar e Chris apareceu várias vezes durante a manhã para saber se a esposa precisava de alguma coisa. Sue e Mark brincaram com as crianças depois da lição e Livia preparou o almoço. Depois fez uma faxina na casa, apesar de Celeste dizer que não precisava. Livia queria que tudo estivesse pronto e limpo para quando o bebê chegasse.

A ansiedade de Livia crescia na medida em que a tarde avançava. Não tivera tempo de fazer sua corrida matinal e seu corpo estava agitado. Aproximava-se também a hora de sair com Daniel para a casa de Sofia. Antes da saída das crianças, Chris apareceu e disse que Livia podia ir que ele ajudaria Celeste. Livia correu para o chalé, tomou um banho e se arrumou um pouquinho mais do que costumava. Ia limpar a casa do avô de Sofia, mas

PERIGOSAS ACHERON

estaria na companhia de Daniel. Achava importante estar um pouco mais apresentável.

Na hora marcada, Daniel a esperava no estacionamento. Tinham combinado de ir no carro de aluguel dela já que Chris usaria a *van*.

Daniel a olhou de cima a baixo quando ela chegou. Talvez ela tivesse exagerado na escolha da roupa ou andava tão malvestida com roupa de ginástica que ele estava espantado com a mudança. Afinal uma calça *jeans* com uma batinha bordada não era nada demais. Nem a maquiagem leve e o cabelo longo solto.

“Vamos passar no mercado primeiro para você pegar o que precisa,” ele disse e abriu a porta do carro para ela.

Na loja, Lívia pegou produtos de limpeza e roupa de cama e banho. Fez também uma boa compra de mantimentos não perecíveis.

“Daniel, eles não têm geladeira. Onde posso

PERIGOSAS ACHERON

comprar uma e também uma cama para Sofia?”

Guardando as compras no porta-malas, Daniel disse:

“Tem uma loja de departamento aqui perto. Mas tem certeza que quer comprar isso tudo?”

“Certeza absoluta,” ela respondeu e guardou a última sacola no banco de trás do carro.

Com a geladeira e a cama compradas, e a entrega marcada, Livia e Daniel foram para a casa do Seu José. O homem estava lúcido e parecia ter tomado um banho. Ele recebeu o jovem casal de forma diferente da que tinha recebido da última vez.

Daniel, com a caixa de ferramentas na mão, entrou no banheiro e começou uns consertos e algumas melhorias, enquanto Livia limpava a casa. Trocou os lençóis, colocando os novos, e mostrou para Seu José as toalhas coloridas que comprara. Arrumou as prateleiras da cozinha com os

mantimentos e disse ao senhor que chegariam uma geladeira e uma cama para Sofia. Daniel arrumou a fiação, a torneira da pia e consertou uma janela.

No final do dia, um leve sorriso do avô trouxe enorme satisfação para Livia. Ela aproveitou e lhe fez algumas perguntas de saúde. Correu à farmácia e comprou alguns remédios para tratar fungos na pele dele e deixou algumas vitaminas para Sofia.

No carro, cansados, mas felizes, Daniel e Livia colocaram-se a caminho do sítio.

“Você não brinca em serviço mesmo, não é?”
Daniel disse com os olhos fixos na estrada.

Com um suspiro, Livia disse:

“E nem você. Não sei como te agradecer.”

Ele olhou de relance para ela, voltando os olhos para a estrada escura. “Agradecer?”

“Por me ajudar tanto com a horta, com a Sofia... você sabe,” ela disse.

“Não precisa agradecer. Faço com prazer.”

Eles fizeram parte do percurso em silêncio, um silêncio gostoso de cumplicidade e amizade. Livia virou a cabeça que estava recostada no banco e examinou o perfil de Daniel. A implicância inicial e gratuita que ela tinha com ele quando chegou rapidamente desapareceu conforme sua força, determinação e gentileza ficaram aparentes. Nada nele se comparava a Leo. Não que valesse a comparação, mas, para Livia, ficava ainda mais clara a insensatez de ter se envolvido com um homem que não valia um centavo. Por mais que não gostasse de pensar assim das pessoas, ela não via em Leo qualquer traço de dignidade, o que via de sobra em Chris, Fábio e Daniel. A questão não era a perfeição, mas intenção de fazer o melhor que estava ao seu alcance.

“É impressão minha ou você está me analisando com seu microscópio?” Daniel perguntou com uma leve risada.

PERIGOSAS NACIONAIS

“Na verdade, estava,” ela respondeu.

“Passei no teste?” ele olhou de relance para ela depois de uma curva.

“Os resultados ainda não saíram. Vai ter que esperar,” ela disse com uma risada.

“Ah, você é cheia de mistério,” ele disse.

Lívia voltou os olhos para a estrada. O farol do carro cortava a escuridão.

Sim. Ela tinha um segredo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 15

“Vai me dizer que está gostando desse Daniel? Cuidado, viu?”

A imagem de Joana no celular de Livia deixava clara a preocupação da amiga.

“Não disse isso,” Livia respondeu e se virou na cama.

“Toda história que você me contou do sítio tem o nome dele em alguma parte,” Joana disse.

“Ele tem me ajudado muito com a Sofia e a horta,” Livia retrucou.

“Fico feliz que você está bem e gostando daí. Só toma cuidado para esse pessoal não virar sua cabeça.”

Livia estava ficando irritada com a conversa. Para quem não gostava de confronto, Joana estava questionando demais seu comportamento no sítio.

“Ninguém vai virar minha cabeça,” Livia

argumentou.

“Você está falando diferente. Está se contaminando com a beatice desse pessoal.”

“Não existe *esse pessoal*. São pessoas amorosas, mas que têm seus problemas sérios também,” Livia disse, mas sem qualquer vontade de elaborar quais problemas eram esses.

“Bom, se cuida! É uma última coisa. Leo anda perguntando por você,” Joana falou.

O coração de Livia acelerou. “Você não disse onde eu estava, disse?”

Silêncio. Joana baixou os olhos e disse:

“Talvez eu tenha dado uma pista.”

Livia segurou o telefone com força e se sentou na cama, olhando fixo para a amiga na tela. “Pista? Como assim?”

Joana olhou para a amiga e deu um sorriso amarelo. “Ele insistiu tanto. Mas o que ele faria de tão longe?”

Verdade, Livia pensou. Não a milhares de quilômetros de distância. E ela estava segura ali no sítio com Celeste, Chris, Fábio, Sue, Mark e Daniel.

Cansada da pressão incomum da amiga, Livia se despediu e desconectou a ligação. Não queria acabar com o gosto doce da visita ao Seu José com Daniel, ouvindo a ironia da amiga e a notícia de que Leo sabia onde ela estava.

A maior preocupação de Livia no momento era decidir se contaria ou não para Daniel sobre o aborto. Não que ela devesse alguma explicação a ele. Tinham dado um passo importante na amizade deles quando ele lhe contou sobre a morte do irmão. Não seria a vez dela de falar sobre o que a trouxera ao sítio? Daniel já desconfiava mesmo que alguma coisa não ia bem. Qual seria a reação dele?

Livia enfiou-se debaixo da coberta da cama macia e fez umas buscas na *Internet*. Achou uma

PERIGOSAS ACHERON

notícia sobre a avalanche que tirou a vida de um jovem. Não trazia muito detalhes, apenas uma recomendação sobre como evitar ser pego em uma avalanche na região de Golden, na Colúmbia Britânica, onde o acidente tinha acontecido. Livia visitara a pequena cidade encravada nas montanhas várias vezes para esquiar ou para fazer caminhadas no verão. Fez umas buscas com o nome de Daniel, mas não achou nada. Ele não estava nas redes sociais.

Cansada do dia longo, mas produtivo, Livia desligou o telefone, apagou a luz e dormiu imediatamente.



A corrida tinha sido curta, mas foi o suficiente para deixar seu corpo mais relaxado. Apesar de ter dormido profundamente, Livia sentia-se cansada. Era um cansaço mental causado pelas perguntas que pipocavam em sua mente. Celeste tinha dito

PERIGOSAS ACHERON

que essas mudanças eram as melhores apesar de dolorosas. Lívia sentia sua alma sendo revirada.

Ainda correndo, ela foi até a horta. Os moranguinhos estavam crescendo em tamanho e número. Lívia arrancou algum mato que ameaçava crescer e, com alegria, viu uma quantidade suficiente de vagem que poderia servir para o almoço. Pegando um baldinho no depósito, ela colheu os legumes fresquinhos. Escolheu um pé de alface e arrancou uns raminhos de ervas aromáticas. Não mexeu nos morangos. Eles precisavam crescer. E ela queria colhê-los com Daniel. Ela ainda não tinha decidido qual apelido daria a ele. Olharia no livro de Glória alguma coisa sugestiva, que combinasse com a personalidade dele.

Os beija-flores foram chegando na sua planta favorita. Lívia não se cansava de ver as pequenas aves voando com precisão e tirando o néctar das

PERIGOSAS ACHERON

flores vermelhas. Ela se lembrou dos beijos de Daniel naquela noite. Seu coração disparou.

Com o baldinho cheio, Livia correu até a cozinha e deixou as vagens, a alface e as ervas em cima da pia. Voltaria mais tarde para lavar tudo para o almoço. A casa ainda estava em silêncio sem nenhum sinal de Celeste, Chris ou Daniel. Antes de voltar para o chalé, ela deixou o café da manhã das crianças pronto. A semana chegava ao fim e, com o coração apertado, Livia lembrou-se do que Celeste tinha lhe falado sobre ficar o quanto quisesse. Quisera fosse simples assim. Ela tinha suas responsabilidades no trabalho, contas a pagar, um apartamento para cuidar. Não poderia viver da ilusão de que tudo se ajustaria caso considerasse passar um tempo mais longo no sítio.

Deixando esse pensamento para depois, Livia voltou para o chalé, tomou banho e colocou sua roupa de trabalho. No caminho de tijolinhos de

PERIGOSAS ACHERON

volta para a casa, Daniel a chamou na escada que dava para o pátio e a horta.

“Bom dia. Recuperada de ontem?” ele perguntou.

“Estou sim, mas parece que nunca tenho tempo suficiente para fazer tudo o que quero,” ela respondeu e passou a mão pelo longo rabo de cavalo.

“Precisa relaxar um pouco. Quer dar uma volta amanhã? Estava pensando de irmos à praia,” ele disse.

“Praia? Estamos um pouco longe, não acha?”

“Você disse que morou em Vila Velha. Queria levar você à Praia da Costa. A gente passa o dia lá,” ele explicou.

Lívia considerou o convite. Não seria nada mal visitar sua praia da infância e dar um pulo até o Farol de Santa Luzia. “Se Celeste não precisar de mim...”

“Tomei a liberdade de falar com ela. Estamos liberados,” ele disse e riu.

“Está certo então. Vamos no meu carro?”

“Se não se importar. É melhor deixar a *van* aqui caso Celeste precise ir para o hospital.”

Depois de combinarem os detalhes, Livia e Daniel foram cuidar do seu trabalho. O dia foi corrido. As crianças estavam mais agitadas do que o normal. Celeste tinha perdido a paciência com uma das crianças e Livia assumiu o trabalho sozinha com a lição dos dois grupos. Chris insistiu que Celeste deveria descansar e ela não fez resistência. Estava nitidamente cansada. Fábio corria de lá para cá para ajudar no que fosse preciso, e Mark e Sue passaram a tarde ocupados com a pintura dos chalés. Na reunião de estudo bíblico no meio da semana, Sue tinha orado pedindo a Deus mais gente para trabalhar no projeto. Estavam todos sobrecarregados com a

PERIGOSAS ACHERON

viagem de Glória e a gravidez de Celeste.

Exausta, Livia tomou um banho e se deitou. Por mais que quisesse ir à Praia da Costa, ainda mais na companhia de Daniel, não achava uma boa ideia eles se ausentarem o dia todo. Por fim, seu desejo de passar o dia com Daniel venceu. Talvez tivesse a oportunidade de falar com ele do motivo que a trouxera a Domingos Martins.

Capítulo 16

A areia entre seus dedos trazia memórias de infância e inocência. Livia saltou uma pequena onda e sorriu para Daniel. “Nem acredito que estou aqui!”

“Então vamos aproveitar,” ele disse e se jogou na água, dando um mergulho demorado, saindo

mais ao fundo. “Venha!” Daniel disse e fez um sinal com a mão para ela se aproximar.

Lívia ajeitou a alça do biquíni e mergulhou, saindo ao lado dele. “Ai, um pouco fria essa água.”

“Logo você que nada naqueles lagos congelantes do Canadá,” ele riu.

“É que eu esperava água mais morna. Tinha me esquecido que não é tão morna assim.”

Lívia e Daniel nadaram juntos até uma pedra com vegetação rasteira. Sentaram-se na parte mais elevada e ficaram observando o mar e os frequentadores que caminhavam na pedra quente. Lívia contou um pouco da sua infância ali na praia, dos amigos e da família.

“Eu queria muito dar um pulo no farol logo mais à frente,” ela disse, apontando na direção de um morro.

“Sei onde fica. Podemos ir depois do almoço,” Daniel sugeriu.

Mergulharam e nadaram mais um pouco. Livia se deliciou com o banho de sol, deitada em uma toalha. Daniel lia um livro enquanto ela absorvia os raios de sol como se fosse uma planta ávida pela fotossíntese. Tantos invernos longos e verões curtos no Canadá! Aquele passeio em Vila Velha era mesmo especial.

Os dois almoçaram em um restaurante caseiro e foram para o Farol de Santa Luzia. Livia contou para Daniel das vezes em que ia de bicicleta sozinha passar um tempo sentada ao lado do farol para ver os navios que passavam em direção ao Porto de Vitória.

Daniel tirou várias fotos de Livia e ela enviou algumas aos pais. Depois da visita ao farol, Livia quis visitar a pequena praia conhecida como Prainha, não muito longe dali. Vários barquinhos balançavam preguiçosamente na enseada. Um pescador solitário, sentado em um banquinho de

PERIGOSAS ACHERON

madeira, consertava uma rede de pesca. Ao longe, a ponte entre Vila Velha e Vitória erguia-se inabalável. No morro ao lado ficava o Convento da Penha com suas histórias de colonização da região. Eram muitas lembranças boas.

Lívia deu um suspiro nostálgico.

“Saudade?” Daniel aproximou-se dela e perguntou.

Ela balançou a cabeça afirmativamente.

“Saudade da inocência.”

“Sei bem,” ele disse e seguiu o olhar dela para o convento.

Ela se virou para ele. O sal da água e o sol faziam sua pele arder, mas era sua mente que fervilhava. “A inocência não volta, eu sei. Mas você acha possível a paz no coração voltar?”

Daniel virou-se para ela e correu os dedos por uma mecha do cabelo longo que se soltara do rabo de cavalo de Lívia. “Deve ser um processo. Como

conciliar uma grande tristeza ou perda com o desejo da alma de ter paz? Ainda estou aprendendo. Depois do que aconteceu com Zack, penso sempre nisso. Tenho altos e baixos.”

Lívia balançou a cabeça concordando e foi até a beira da água. Jogou as sandálias para o gramado e passou os dedos do pé suavemente pela areia dura e fina. As poucas algas verdes que a maré tinha trazido balançavam nas marolas que quebravam na areia, enroscando nos seus dedos, acariciando seus pés.

Daniel chegou por trás e apoiou as mãos fortes nos ombros dela. O pescador parou o conserto da rede para olhar para eles, mas logo voltou à tarefa. Lívia examinou a paisagem, prestando atenção em cada detalhe do mar, do verde da mata. Os barquinhos à sua frente saíam na aurora, buscavam o alimento do mar e voltavam, para passar o resto do dia balançando suavemente

sobre o ondular da enseada. Sempre chegavam ao seu porto seguro, guardados pelas montanhas verdes ao redor. Livia não tinha onde lançar sua âncora. Achava que sua vida estava garantida, com o conforto e a segurança que o dinheiro, suado, era verdade, mas certo proporcionava. Quando seu mundo desabou, por decisão própria, o conforto não pôde socorrê-la. No sítio, ela se sentia amparada. Todos se preocupavam com seu bem-estar e ela sentia que tinha um propósito maior, mas nenhum sustento. Mais duas semanas e estaria de volta à rotina e uma grande fatia do seu coração ficaria para trás, em Domingos Martins.

“Livia, quer me dizer alguma coisa?” Daniel sussurrou no ouvido dela.

Virando-se para ele, Livia baixou a cabeça. Ele levantou o queixo dela e olhou nos seus olhos. Lentamente, pousou os lábios sobre os dela, como o beija-flor. Livia fechou os olhos e retribuiu o

carinho. Daniel a puxou mais para perto do seu corpo e ela o enlaçou pelo pescoço. Os beijos leves deram lugar a um beijo intenso e exigente. A sensação do vento na pele queimada de sol e do carinho de Daniel fizeram sua cabeça girar e o coração bater acelerado. Nunca sentira aquilo antes. Nunca sentira aquele carinho e aquela atração por ninguém antes. Era uma urgência em dividir o que se passava em seu coração e na sua alma, uma vontade de ficar perto e descobrir mais de Daniel.

Ele viajou os lábios pelo rosto dela e depois beijou-lhe a cabeça, envolvendo-a por completo em seus braços. Lívia apoiou o rosto no peito dele. O cheiro do mar no corpo e na camiseta dele trouxe mais lembranças de dias melhores de sol. A força dos músculos de Daniel lhe deu uma sensação de segurança. Ele era forte, mas estava vulnerável pela dor da perda.

“Daniel,” Lívia se afastou um pouco e olhou

PERIGOSAS ACHERON

para ele. “Tem uma coisa que preciso dizer.”

Ele passou a mão pelo rosto dela. “Pode falar, Moranguinho.”

Ela se afastou e segurou nas mãos dele. “Não é fácil falar sobre isso. É uma confissão. Tenho medo que vá se decepcionar comigo e não vá querer mais olhar na minha cara.” Sua voz estava trêmula.

“Nada que me disser vai me decepcionar,” ele respondeu com segurança.

O celular tocou no bolso do *short* de Daniel. Ele ignorou. Lívia respirou fundo. O celular voltou a tocar. Com impaciência, Daniel o pegou.

“É o Chris. Melhor eu atender.”

Com o coração disparado, Lívia ouvia a breve conversa e pensava nas palavras que ela não tinha dito.

“É melhor a gente ir. Celeste está no hospital com dilatação. Talvez precise de uma cesariana.”

Os dois correram para o carro sob os olhares do pescador. A subida da serra foi feita praticamente em silêncio. As palavras não liberadas de Livia a angustiavam, assim como a preocupação com Celeste. Daniel mantinha os olhos na estrada sinuosa e, de vez em quando, lançava uns olhares furtivos para Livia.

A paisagem verde passava rapidamente pela janela. Livia encostou a testa no vidro frio devido ao ar condicionado e refletiu como teria sido o restante da conversa interrompida com Daniel. O gosto dos beijos dele tinha ficado em sua boca e o toque carinhoso em sua pele salgada estava registrado nos seus braços, pescoço e costas.

“Livia,” ele disse quando entraram na pequena cidade. “Quero muito saber o que ia me dizer, mas sem a gente ser interrompido. Vamos ver como Celeste está, do que precisa e conversamos no sítio, pode ser?”

Ela engoliu em seco, ajeitou-se no banco e balançou a cabeça concordando. Não queria perder a coragem de contar sua história e muito menos queria perder o relacionamento com ele, mesmo que ela não soubesse ao certo que tipo de relacionamento era aquele.

Com areia nos pés e roupa de praia, Livia e Daniel entraram no pequeno, mas limpo, hospital-maternidade e correram para a recepção. Uma atendente os encaminhou ao quarto de Celeste. O cheiro de éter e os sons hospitalares trouxeram Livia à realidade de que logo voltaria para Calgary, para seu trabalho, deixando para trás uma parte importante de sua vida; uma parte de seu coração. Daniel, talvez percebendo a angústia dela, a pegou pela mão e, juntos, procuraram o quarto de Celeste.

Uma enfermeira saía com uma bandeja de metal do quarto quando Livia e Daniel se aproximaram da porta. Batendo levemente, Livia

PERIGOSAS ACHERON

colocou a cabeça para dentro do quarto e perguntou se ela e Daniel podiam entrar.

“Claro. Que bom que vieram,” Celeste disse, recostada na cama hospitalar. “Chris foi à lanchonete e já volta.”

“Morremos de preocupação quando Chris ligou. Como você está? E o bebê?” Livia se aproximou da cama, com Daniel logo atrás, e pegou a mão de Celeste.

“Estou com um pouco de dilatação, mas o bebê está bem. Vou ficar por aqui para observação. Eles não vão tomar nenhuma providência por enquanto,” Celeste disse, passando a mão pela barriga.

“Levamos um susto,” Daniel disse. “Vou procurar Chris e dizer que não se preocupe com o sítio. A gente dá conta sozinho, não é, Livia?”

“Claro,” a moça olhou dele para Celeste. “A gente cuida de tudo. Então descanse e não se

preocupe.”

Daniel saiu do quarto e Livia se sentou na beira da cama. “Sei que vai ficar tudo bem. O hospital parece muito bom e bem aparelhado.”

“Sei disso. Estou mesmo ansiosa para ver o rosto do bebê. Sabe que ainda nem temos um nome? Preferi não saber o sexo,” Celeste disse com uma melancolia na voz.

“Ah, mas vai ver que assim que ele nascer, vocês não vão ter dúvidas do nome,” Livia disse, tentando animá-la.

“E como foi o seu passeio com Daniel, apesar da interrupção?”

“Muito gostoso rever os lugares que me lembram a infância, tomar sol e nadar um pouco,” Livia respondeu.

“Só isso?” Celeste deu um sorriso e um olhar questionador.

Livia sentiu a pele queimada de sol esquentar

PERIGOSAS ACHERON

mais. “Não. Foi bom ficar com Daniel.”

Celeste pegou na mão da moça e disse:

“Daniel está gostando de você. E muito.”

“Ele disse isso?” Lívia colocou a mão no peito.

“Não precisa dizer. Eu e o Chris notamos o quanto ele se importa com você,” Celeste disse.

“Mas isso não quer dizer muita coisa. Ele se importa com todo mundo.”

“Não quando ele passa parte da noite cuidando da horta ou tocando violão, como se fosse uma serenata para as plantas,” Celeste deu uma risadinha.

“Achei que meu trabalho na horta estava indo muito bem, porque o mato parecia crescer pouco e as verduras estavam sempre verdes e úmidas,” ela sorriu.

“Bom, você está fazendo um bom trabalho, mas tem a mão de Daniel por trás disso. E o fato

dele ficar lá, tocando violão... nunca fez isso antes.”

Uma sombra desceu pelo coração de Livia.

“Celeste, eu ia falar para ele hoje sobre o motivo da minha vinda para cá, mas tivemos que voltar e não falei.”

“Livia, não imaginaria Daniel rejeitando você por isso. Ele sabe o peso da dor e da culpa,” Celeste disse.

Livia coçou a cabeça e cruzou os braços. “Sei que a história dele e de Zack é terrível, mas ainda não entendo como ele se sente culpado por uma avalanche.”

Celeste franziu a testa. “Ele não te falou como foram parar lá nas montanhas?”

“Ele me disse que foram fazer *snowboarding*,” Livia retrucou, confusa.

“Sim, mas nas condições deles, não deveriam ter ido a lugar nenhum,” Celeste disse.

“Condições? Que condições?” O coração de
PERIGOSAS ACHERON

Lívia acelerou.

“E como está minha mulher linda?” Chris entrou no quarto, seguido de Daniel.

Celeste olhou de Lívia para Chris e deu um sorriso leve. “Estou bem. Matou a fome de suas lombrigas?”

“Comi um sanduíche de três andares,” Chris disse, riu e passou a mão pela barriga. “Minha barriga está quase do tamanho da sua.”

“Às vezes acho que você vai ter um troço de tanto comer,” Daniel disse.

“Ele aproveita que está na rua para comer porcaria. E também não é novidade que ele não gosta muito da minha comida,” Celeste disse e deu uma risada misturada com careta.

Chris pegou a mão da esposa e disse:

“Gosto sim... é que gosto de uma porcaria também.”

“É de conhecimento público que não sei

cozinhar bem,” Celeste disse. “Não como Daniel.”

Chris elogiou os dotes culinários de Daniel e fez uns elogios ao arroz de forno de Livia. Uma enfermeira entrou, dizendo que a gestante precisava descansar e ser medicada. Livia e Daniel se despediram, garantindo a Chris e Celeste que cuidariam de tudo no sítio.

O sol foi descendo no horizonte enquanto o carro percorria a estrada de terra para o sítio. No estacionamento, Daniel estacionou e se virou para Livia, que tirava o cinto de segurança.

“Sei que foi um dia corrido, mas queria fazer um convite para jantar comigo,” ele disse.

Livia inclinou a cabeça e deu um meio sorriso. “Voltar para a cidade? Acabamos de vir de lá. Se bem que jantar assim toda grudada de sal não seria muito legal.”

“Não, não na cidade. Aqui mesmo. Lá no pátio, ao lado da horta. Eu faço o jantar e levo para

PERIGOSAS ACHERON

lá,” Daniel disse.

“Vai dar um trabalhão!”

“Tudo sob controle,” ele disse e riu.

Lívia correu para o chalé depois que ela e Daniel combinaram de se encontrar no pátio em meia hora. Seu coração acelerava na medida em que o encontro se aproximava. Ela tomou um dos banhos mais rápidos que já tomara na vida, puxou do cabide o vestido que tinha usado na igreja no domingo anterior, penteou o cabelo molhado e saiu apressada pelo caminho de tijolinho enquanto balançava os cabelos com os dedos para secá-lo mais rápido.

Ao chegar no pátio, mal acreditou no que viu. Daniel tinha colocado uma mesinha de vime com duas cadeiras entre os ipês. Uma vela brilhava entre uma cestinha de pão e uma tábua de frios. Lívia olhou ao redor, mas não o viu. Em cima da mesa, um cartão manuscrito chamou sua atenção:

PERIGOSAS ACHERON

Sente-se e espere, Moranguinho.

Com o coração acelerado, Livia sentou-se e aguardou. De algum lugar, uma música suave começou a tocar e Daniel apareceu com uma garrafa de vinho.

“Espero que não tenha ficado na expectativa de um banquete. Foi só o que consegui preparar,” ele disse, sorriu e serviu o vinho para Livia.

“Para mim, isso já é um banquete!”

Daniel sentou-se e brindaram a uma noite tranquila antes da semana que seria intensa sem Chris e Celeste no sítio. Os dois comiam e conversavam de forma descontraída, como se não existisse problema algum naquele momento. A calma era bem-vinda antes do que poderia ser a conversa mais difícil que Livia e Daniel teriam. Ela tentou não pensar no assunto, decidida a aproveitar a companhia de Daniel e saber mais daquele homem que em pouco tempo tornou-se um amigo

tão importante.

Amigo. Não. Não era apenas um amigo. Lívia tinha consciência de que gostava dele além de um sentimento de amizade e, se Celeste estava certa, o mesmo acontecia com ele em relação a ela.

Lívia bebeu um gole do vinho e disse:

“Descobri que tenho superpoderes.”

Daniel riu e deixou a taça de lado. Mal tinha tocado no vinho. “Como assim?”

“Sabe que não tenho muito tempo para a horta, mas é incrível como não nasce mato algum e as verduras estão sempre viçosas. Acho que é um dom,” ela disse e riu.

“Este é um problema no sítio – ninguém consegue guardar um segredo. Celeste já foi dar com a língua nos dentes, aposto,” ele disse e balançou a cabeça.

Lívia recostou-se na cadeira, passou o dedo indicador pela borda do copo. “Não sabia que

cuidava da horta todo dia. Obrigada.”

Daniel esticou o braço na mesa e pegou na mão de Livia. “Achei que era uma boa forma de sentir você mais perto de mim.”

Ela engoliu em seco. “Não sabia que fazia tanta questão de se sentir próximo de mim.”

Daniel levantou a mão dela e a beijou. Ele disse:

“Tenho feito mais questão dessa proximidade com o passar dos dias.”

Os dois se olharam, olhares intensos, cheios de carinho.

“Ei, vocês dois escondidos aqui!”

Fábio aproximou-se, segurando uma lata de tinta.

Sem muito entusiasmo, Livia e Daniel cumprimentaram o rapaz, que roubou uma fatia do pão da cestinha.

“Não vai beber muito, Daniel,” Fábio disse

e deu uma gargalhada.

O véu escuro que desceu sobre o rosto de Daniel deixou Livia perplexa. Por que aquela reação? Seria por causa da interrupção do jantar ou do comentário que Fábio fizera? Pegando algumas rodela do salame, Fábio saiu cantarolando pela estradinha de tijolo, balançando a lata de tinta.

“Daniel, tudo bem?” Livia perguntou angustiada.

Daniel, que seguia Fábio com o olhar, respondeu:

“Tudo.”

Apesar da tentativa de retomar a conversa como se nada tivesse acontecido, Daniel permaneceu sério. Comeram o resto dos frios e do pão, conversando sobre a horta. O entusiasmo inicial tinha desaparecido. Livia sentia-se como em uma outra dimensão. Como aquele mal-estar tinha tomado conta do ambiente daquele jeito?

“Obrigada pelo jantar, Daniel. Acho que estamos cansados. Foi um dia longo e cheio de emoção,” Livia disse ansiosa por voltar para o chalé e se enfiar debaixo da coberta.

Ela ajudou Daniel a colocar a louça em uma caixa de madeira e bebeu o resto do vinho da sua taça antes de colocá-la junto com o restante das coisas. Daniel pegou sua taça praticamente cheia e jogou o vinho no pé de uma árvore. Os dois se despediram com um rápido abraço depois que Livia insistiu em ir para o chalé sozinha. Ainda era cedo e Fábio, Mark e Sue pintavam o chalé ao lado do seu. Ela os viu na penumbra e ouviu as vozes animadas.

O que tinha saído de errado no jantar? Por que a mudança de humor de Daniel? Fábio foi inconveniente, mas logo saiu. Por que então tudo acabou daquela forma sombria?

Livia estava tão distraída em seus

PERIGOSAS NACIONAIS

pensamentos que não viu um carro desconhecido parando no estacionamento ao lado do seu e o motorista observando-a atentamente.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 17

A calmaria nunca durava. Mar muito calmo era sinal de tempestade iminente.

Lívia segurou a maçaneta da porta e uma mão forte cobriu a sua.

“Daniel, eu...” ela disse, mas com horror reconheceu quem a segurava.

“Por que fugiu assim de mim?”

“Leo, o que está fazendo aqui?”

“Vim ver você,” ele disse e passou a mão pela cintura dela.

Lívia reagiu como se uma cobra a tivesse picado. “Não fugi de ninguém e não te devo satisfação. Não temos mais nada um com o outro.”

“Aí que você se engana,” ele disse com um sorriso maldoso. “Acho que temos algumas coisas a

acertar.”

Lívia estava imprensada entre Leo e a porta do chalé. Mal conseguia respirar. “Você está maluco? Terminamos o namoro, lembra?”

“Lembro que você disse que não queria mais nada comigo, mas, da minha parte, eu disse que tínhamos que repensar, dar um tempo e reatar,” ele falou.

“Não tenho o que repensar. E muito menos quero reatar. O que aconteceu entre a gente foi um erro,” ela disse enquanto o empurrava com as mãos.

“Você parecia bem interessada em mim quando estávamos juntos,” ele deu outro sorriso cínico.

O tapa que Lívia deu no rosto de Leo deixou seus dedos formigando, mas não foi com a força e intensidade que desejava. Não tinha forças para quebrar a cara dele. Leo forçou seu corpo no dela,

deixando-a sem ar. Com apenas as unhas como defesa, ela arranhou o rosto dele.

“Sua desgraçada,” ele disse e se afastou um pouco, passando a mão no rosto arranhado.

Em um instante, Leo levantava a mão para ela, no outro, ele xingava alguém que o tinha puxado e empurrado no chão.

“Lívia, você está bem?” Daniel perguntou exasperado e a abraçou.

Lívia agarrou-se à cintura de Daniel e disse, aos prantos:

“Me tira daqui, Daniel!”

Ele abriu a porta do chalé e pediu para ela ficar lá dentro. Da janela, ela viu Daniel levantando Leo pela camisa engomada e dizendo algumas coisas que ela não conseguia distinguir. Leo empurrou Daniel e Daniel o segurou em uma chave de braço. Naquele momento, Fábio apareceu, aproximando-se de Leo, pronto para a briga. Mark

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e Sue vieram logo atrás. Leo xingou umas vezes e saiu capengando pelo estacionamento. Entrou no carro e arrancou, levantando poeira.

Segundos depois, Livia recebeu uma mensagem dele com algumas ameaças de que voltaria e acertaria as contas com ela.

Daniel bateu na porta do chalé e entrou depois de pedir a Fábio, Sue e Mark que o deixasse sozinho com Livia. As mãos dela tremiam quando mostrou a mensagem de Leo para Daniel. Ele a abraçou com força e disse:

“Vamos cuidar disso. Deixei Fábio de alerta. Hoje você dorme na casa e vou dormir na sala. Arrume o que precisa e vamos.”

Daniel saiu do chalé e Livia enfiou o pijama e a escova de dentes numa sacolinha. Ele voltou e perguntou:

“Está pronta?”

Livia balançou a cabeça afirmativamente.

PERIGOSAS ACHERON

Antes de sair do chalé, voltou ao armário e tirou o livro de Glória, colocando-o na sacola.

No caminho até a casa, Livia disse:

“Estou morrendo de vergonha. Desculpa, Daniel.”

Sem olhar para ele, ela disse:

“Não tem do que se desculpar.”

Silêncio. As cigarras barulhentas, sempre com acompanhamento do coaxar dos sapos, quebravam um pouco da constrangedora falta de palavras. Ao chegar na casa, Daniel e Livia foram para a cozinha. Ela colocou a sacola em uma cadeira e se aproximou de Daniel.

“O que aconteceu que parece que chegou uma tempestade?” Sua voz era melancólica. “Primeiro, sua reação à intromissão de Fábio. Depois, Leo aparecendo do nada. Não entendo!”

“Por que não começa me explicando quem é Leo?” Daniel recostou-se na pia com um copo

d'água na mão.

Lívia sentou-se na cadeira e apoiou os cotovelos nas coxas. “Era meu namorado. Não sei o que ele veio fazer aqui.”

“Era? Ele parecia bem certo de que ainda é, pelo que ele me falou,” Daniel colocou o copo na pia e passou a mão pelo cabelo.

Lívia levantou-se com os olhos arregalados. “O que ele te falou?”

“Nada demais. Só que são namorados.” Daniel fixou os olhos nela.

“Mentira,” Lívia disse com voz alterada. “Terminamos semanas antes de eu vir para cá. Não temos nada. Nem sequer falei com ele nesse tempo que estou aqui.”

“Ele disse que iam se casar,” Daniel disse.

Lívia deu uma gargalhada nervosa. “Não sei de onde ele tirou isso!”

Daniel aproximou-se dela e a segurou pelos

PERIGOSAS ACHERON

ombros. “Lívia, acredito em você, mas tive a impressão de que vocês dois têm alguma coisa mal resolvida.”

Temos. Eu carreguei o filho dele e depois dei um fim a ele! Lívia pensou. “Daniel, eu e o Leo nos envolvemos mais do que deveríamos. Saí ferida do relacionamento. Saí com uma cicatriz que ninguém pode ver como a sua.”

Daniel a abraçou e disse:

“Lívia, queria poder te ajudar a cuidar dessa cicatriz, mesmo que eu ainda não saiba ao certo como cuidar da minha.”

Na cozinha, abraçados, Lívia e Daniel sabiam que tinham um caminho longo pela frente e que a calma não seria tão constante.



O raio de sol fazia um risco no teto. Lívia esfregou os olhos tentando colocar seu mundo em foco. Tinha caído em um sono pesado depois que

se despediu de Daniel na cozinha na noite anterior. Seus sonhos tinham sido conturbados, com palavras de ameaça de Leo.

Passando a mão pelo braço, Livia deu um gemido e se sentou na cama. Os hematomas eram quase imperceptíveis, mas nem por isso menos dolorosos. Leo não era muito grande, mas era forte e não poupou o uso da força para agarrar os braços de Livia.

Ouvindo barulho vindo da cozinha, Livia prendeu o cabelo num rabo de cavalo e se levantou. Deu uma passada rápida no banheiro. O convidativo aroma de café já a saudou na sala. Quando ela entrou na cozinha, Daniel tinha terminado de encher uma xícara para ele. Serviu outra xícara e entregou para Livia.

“Bom dia, dormiu bem?” A voz dele era de preocupação.

“Um pouco agitada, mas dormi. E você?” ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntou e pegou a xícara que ele lhe oferecia.

“Acordei com um telefonema de Chris. Ele vai dar um pulo aqui no sítio mais tarde e Celeste vai ficar mais um dia no hospital. Umas amigas estão se revezando para ficar com ela.”

“Vou aproveitar e dar uma arrumada no quarto e no banheiro deles,” ela disse.

“Faz bem.”

Os dois beberam o café em silêncio. Fábio entrou na cozinha como um furacão, bebeu café, pegou um pão e saiu pela porta dizendo que ia cedo para a igreja.

“Lívia, te devo uma explicação sobre meu comportamento estranho ontem quando Fábio apareceu,” Daniel disse e colocou a xícara na pia.

“Eu também preciso te falar algumas coisas.”

“Por que a gente não sai para dar uma volta depois da igreja? Assim não tem perigo de sermos interrompidos,” ele disse.

PERIGOSAS ACHERON

“Está certo. Vou me trocar.”

Quando Lívia estava saindo, o celular de Daniel tocou e ela voltou quando ouviu sua voz preocupada.

“Celeste vai fazer uma cesárea agora de manhã. Chris disse que a gente pode ir para a igreja e ele avisa quando acabar para irmos visitar,” ele disse e colocou o celular no bolso da calça. “Vamos ter que deixar o passeio para outra hora.”

Lívia balançou a cabeça concordando e saiu pela porta. Não podia chamar a emergência de Celeste de interrupção. A hora era de mobilização para que tudo saísse bem. O bebê já estava com quase 36 semanas e, segundo os médicos, com um bom peso. Na avaliação de Lívia, tudo correria bem.

No chalé, ela recebeu outra mensagem de Leo dizendo que precisavam conversar. Um arrepio passou pelo seu corpo. Encontrar-se com Leo seria

PERIGOSAS ACHERON

reviver o horror da decisão que ela tomara de dar fim à gravidez, o que a jogou naquele estado de tristeza permanente. Ela não respondeu à mensagem. Em vez disso, mandou uma longa mensagem para Dona Mary resumindo sua situação: a visita de Leo, seu envolvimento com Daniel e o bebê de Celeste que estava prestes a nascer.

Enquanto Livia se arrumava para ir à igreja, ficava de ouvido atento a alguma resposta da sua avó do coração. Ela vestiu um macacão leve estampado e penteou o cabelo, deixando-o solto. Passou uma maquiagem discreta, mas o suficiente para disfarçar os olhos fundos. O celular avisou que tinha chegado uma mensagem.

Minha querida, estamos orando por Celeste. Temos certeza de que tudo vai dar certo. Eu e Jack falamos com ela e Chris agora cedo por vídeo. Me mande fotos assim que o

bebê nascer. Tome cuidado com o Leo. Ele deve estar confuso com toda essa situação, talvez se sentindo culpado pela sua decisão. Pelo que entendi, você ainda não falou com Daniel sobre o motivo de você ter ido para o sítio. Sugiro que faça sem demora. Ele é um rapaz maravilhoso, mas sofre muito de culpa pela morte do Zack, como você sabe. Quando você tiver um tempo, ligue aqui e falamos mais. Orando por você.

Lívia não entendia por que Dona Mary também falava da culpa de Daniel em relação ao irmão. Não fora um acidente? Ela até podia entender que Daniel se sentisse culpado de alguma forma, mas por que razão as outras pessoas insistiam nesse assunto?

Daniel bateu na porta. Lívia pegou a bolsa e saiu.

“Chris mandou uma mensagem dizendo que

PERIGOSAS ACHERON

Celeste já foi para o centro cirúrgico. Vamos direto para o hospital. Avisei ao Pastor Geraldo para pedir à igreja que ore por ela,” Daniel disse.

No carro de aluguel, Lívia disse:

“Recebi uma mensagem do Leo agora de manhã insistindo em conversar.”

Daniel apertou o volante, desviou de um buraco e perguntou:

“Você quer conversar com ele?”

Lívia olhou para ele com as sobrancelhas arqueadas:

“O que você acha, depois do que viu ontem? Não tenho nada para falar com ele e não me interessa o que ele tem para falar. O que passou, passou. A burrada que eu fiz incentivada por ele vai me deixar uma marca que talvez nunca desapareça.”

Daniel olhou para ela com preocupação e voltou a atenção para a estrada. “Que burrada foi
PERIGOSAS ACHERON

essa? Alguma coisa ilegal? Se for a gente arruma um advogado...”

Lívia deu uma risada nervosa e o interrompeu:

“Não, não é ilegal. Mas nem tudo que é legal é moral, não é?”

“Verdade,” ele disse e olhou para ela.

Uma buzina estridente fez Daniel voltar a atenção para um cruzamento na entrada da cidade.

“Agora vamos nos preocupar com a Celeste. Depois a gente conversa,” Lívia disse em um tom irritado.

Chegaram ao hospital e correram para o quarto de Celeste, onde Chris esperava, andando de um lado para o outro. Ele cumprimentou Lívia e Daniel e disse:

“Que bom que vieram. A bolsa da Celeste rompeu hoje cedo e o coração do bebê estava batendo muito irregular, então resolveram apressar a cesárea. Lívia, vai ficar tudo bem, né?”

Chris passou os dedos pelo cabelo em desalinho e se sentou na beira da cama. Daniel olhou para Livia como se pedisse socorro para o primo.

“Chris, esse tipo de emergência obstétrica é mais comum do que a gente pensa. Esse hospital me parece muito bom, então vamos confiar que os médicos vão fazer tudo direitinho,” ela disse, não querendo dar falsa esperança, mas também não desanimando.

Chris explicou que Celeste estava muito ansiosa, mas que estava bem na medida do possível. Leu para Livia e Daniel a mensagem que Dona Mary e Jack tinham mandado, dizendo que estavam orando.

“Sei que minha se preocupa mais do que demonstra, mas a fé dela me anima,” Chris disse e colocou o celular no bolso da calça.

“Dona Mary tem esse dom de nos animar,”

Lívia disse, desejando que a sábia mulher estivesse ali com eles.

Uma hora se passou e uma enfermeira com uniforme de centro cirúrgico entrou no quarto. Lívia, Daniel e Chris aproximaram-se dela, cada um tentando ler o seu semblante.

“O procedimento já terminou e sua esposa está bem,” a enfermeira de meia-idade e rechonchuda disse.

“E o meu filho?” Chris perguntou ansioso.

“Seu bebê nasceu com bom peso, mas vai precisar ficar na incubadora porque está com um pouco de dificuldade de respirar. A pediatra está fazendo uma avaliação e já vem falar com o senhor,” ela explicou.

“Como assim?” Chris perguntou e se virou para Lívia. “Lívia, como é isso?”

“Às vezes isso acontece, mas vamos esperar a pediatra,” Lívia disse e olhou para a enfermeira,

que balançou a cabeça confirmando.

“E quando posso ver minha esposa?” Chris perguntou à enfermeira.

“Ela está em observação pós-operatória e logo a traremos para cá,” a enfermeira disse e saiu, justificando que precisava atender outra paciente.

Chris arriou na cadeira e apoiou a cabeça nas mãos. Daniel olhou para Livia novamente pedindo socorro. Livia deu um sorriso amarelo e colocou a mão no ombro de Chris, dizendo:

“Imagino a preocupação de vocês depois do que já passaram, mas vamos confiar. Tenho certeza que os médicos vão fazer o melhor,” Livia disse.

Chris levantou a cabeça e olhou de Daniel para Livia. “Sei o quanto Celeste quer esse filho. Quando ela perdeu os dois primeiros, achei que ela ia ficar doente de tanta tristeza. Mas eu sei que a vida está nas mãos de Deus. Sei que ela também sabe, mas a vontade de ser mãe só tem aumentado.”

Daniel bateu de leve no ombro do primo. Livia engoliu em seco. *Que ironia*, ela pensou. *Celeste ansiando por um bebê e eu...*

Livia correu para fora do quarto e se encostou na parede gelada do corredor enquanto tentava controlar a respiração acelerada. O nó na garganta só aumentava e as lágrimas estavam presas nos olhos.

Daniel saiu no corredor e se aproximou de Livia com o semblante preocupado. “O que foi? Está passando mal?”

“Me senti mal e vim tomar ar,” ela disse e passou os dedos pela testa.

“Tomar ar aqui nesse lugar com cheiro de éter? Quer ir lá fora? Chris está mais calmo,” Daniel disse.

Livia balançou a cabeça negativamente. “Vou ficar e esperar Celeste no quarto.”

Uma porta dupla automática se abriu e uma

PERIGOSAS ACHERON

cama veio pelo corredor, empurrada por duas auxiliares de enfermagem. Logo atrás, veio uma mulher morena vestindo um jaleco branco.

Daniel segurou Lívia pelo braço e a puxou para o quarto. Quando a maca entrou, Chris se levantou e correu para a esposa, passando a mão no rosto dela, falando palavras de carinho. Quando as auxiliares transferiram Celeste para a cama e arrumaram o soro, a médica entrou no quarto. Lívia, Daniel e Chris se aproximaram dela.

“Seu bebê está bem. Estava com um pouco de dificuldade de respirar, mas já está sendo cuidado e medicado. Está recebendo antibiótico para evitar uma pneumonia, muito comum nesses casos. O resto está tudo normal,” a médica disse enquanto olhava uns papéis na prancheta.

“Quanto tempo ele vai ficar na incubadora?” Chris perguntou.

“Amanhã podemos dizer com mais certeza. Se

PERIGOSAS ACHERON

tudo correr bem, sai em três dias,” ela disse e sorriu.

“Afinal,” Chris perguntou. “É menino ou menina?”

Lívia e Daniel riram. A médica olhou de um para outro e respondeu:

“É um menino.”

Com a ansiedade sob controle, os três se abraçaram. A médica pediu licença e saiu. As auxiliares de enfermagem saíram logo atrás levando a maca.

Chris apoiou-se na cama de Celeste e segurou sua mão. Falou baixinho no ouvido dela:

“Mamãe, temos um menino.”

Sob efeito de sedativos, Celeste falou com a voz arrastada:

“Rafael... Deus curou. Rafael.”

“Sim, meu amor – Rafael. Nosso Rafael,” Chris sussurrou.

Lívia enxugou as lágrimas que agora desciam em cascata e Daniel passou o braço pelo seu ombro.

*Eu preciso de cura também, Lívia pensou.
Cura de Deus.*

Capítulo 18

“Que notícia boa!” Livia disse e bateu palmas.

Em um pequeno restaurante caseiro no centro de Domingos Martins, ela e Daniel esperavam seu pedido, sentados a uma mesinha ao lado da janela.

Ele leu uma mensagem do Pastor Geraldo dizendo que Susana, a assistente social, lhe dissera que Sofia voltaria para a casa do avô acompanhada da tia. Depois de uma avaliação na moradia e da confirmação de Fábio de que Seu José tinha finalmente decidido participar do grupo de apoio a dependentes de álcool na igreja, a assistente social escreveu um relatório favorável à volta de Sofia. O fato da tia ter se comprometido a passar um mês cuidando da menina tinha pesado na decisão de Susana. A visita à casa e a constatação de que estava em melhor estado foram mencionadas no relatório também.

“Fábio disse que vai cuidar do caso pessoalmente e apoiar o Seu José,” Daniel acrescentou.

A dona do restaurante chegou com a comida e fez propaganda do pudim de leite e de outras sobremesas do dia. Livia agradeceu e disse que

PERIGOSAS ACHERON

queria mesmo era comer muita mandioca frita.

Daniel comeu um pedaço do frango assado e disse:

“Espero que o Seu José cumpra com o combinado. Sofia não pode ficar sendo jogada de lá para cá.”

“Estou feliz que ele pelo menos esteja tentando. Sabe quando ela chega?” Livia perguntou e colocou outro pedaço de mandioca frita na boca.

“Acho que amanhã. Ela deve aparecer no sítio na terça,” Daniel disse.

Livia comeu com gosto a comida caseira. A fome tinha voltado quando saiu do hospital. Tinha muito em que pensar.

Deus cura. Ela precisava dessa cura. Queria essa cura.

“Daniel,” ela disse e apoiou o garfo na borda do prato. “Acho que sempre que vamos conversar, somos interrompidos. Será que aquele seu convite

de passearmos em algum lugar ainda está de pé?”

“Pensei nisso. Se estiver disposta,” ele disse.

“Estou disposta,” ela respondeu.

Com tudo combinado, eles terminaram o almoço rapidamente e recusaram a sobremesa. Entraram no carro de Livia e foram em direção a um parque nos arredores da cidade. Livia mal pôde acreditar na variedade de orquídeas nos jardins.

“Que lugar lindo, como tudo por aqui,” ela disse.

“Verdade. Mas ainda quero levar você à cachoeira. Quem sabe no próximo fim de semana. É seu último aqui,” ele disse.

Meu último fim de semana! Livia pensou.

Daniel segurou na mão dela e a puxou para um banquinho debaixo de um túnel de árvores. Ele pegou o celular e disse:

“Olha, vou desligar isso aqui. Não quero interrupção.”

Lívia deu uma risada nervosa e entrelaçou os dedos. “Não sei por onde começar.”

Daniel pegou a mão dela e a beijou. “Lívia, não importa o que tenha para me falar, nada vai mudar o que sinto por você.”

O que sente por mim? É uma confissão?

“E o que você sente por mim?” ela perguntou. Sua curiosidade não permitiria que ela ficasse na dúvida sobre os sentimentos dele.

“Estou gostando de você. Muito. Aliás, desde que você chegou, mal-humorada,” ele disse e riu.

“Eu estava um pouquinho mal-humorada, né?”

“Um pouquinho não; bastante,” ele respondeu.

“Quando vi você, fiquei com medo,” ela disse.

“Medo de mim?”

“Não. Medo de que você fosse como o Leo.”

“Ele te machucou, não foi?” Daniel disse e passou a mão no rosto dela.

“Não fisicamente,” ela disse, desviando o olhar para as árvores ao seu redor. Era tudo tão verde, mas seu coração permanecia cinza. “A raiva que sinto dele se mistura à raiva que sinto de mim.”

“Raiva de você? Não estou entendendo. Vi como Leo se comporta e não é culpa sua,” Daniel disse e Livia olhou para ele.

“Daniel, não sou criança. Sei bem que tomei uma decisão errada atrás da outra. Quantas vezes eu podia ter dito não para Leo e não disse, por preguiça, comodismo, conveniência? No fundo, eu sabia que ele não levava nada a sério. A gente tinha pouquíssimas coisas em comum e, no fundo, ele me irritava um pouco. Por isso, fico com raiva de mim por ter me deixado levar.”

Um visitante ou outro do parque passava, cada um preocupado em tirar fotos ou ler os

panfletos explicativos do lugar, sem tomar conhecimento do casal sentado no banquinho. Toda vez que Livia pensava em sua situação, ela ficava mais complexa, como um emaranhado de perguntas sem resposta.

“Livia,” Daniel disse e passou a mão na testa. “Às vezes é melhor deixar as coisas do passado para trás. Não dá para refazer. Remexer dói.”

O que Daniel estava querendo dizer? Livia pensou angustiada. Ela não conseguia entender a mudança no comportamento de Daniel sempre que o assunto entre ele ficava mais denso. Talvez não quisesse ouvir sua história. Ele passou os dedos discretamente pela cicatriz no braço e seu semblante ficou mais pesado.

“Mas se não remexer, não cura,” ela insistiu.

Daniel levantou-se, ficando de frente para Livia, e franziu a testa. “Tem coisa que a gente faz, se arrepende amargamente e nunca consegue se

livrar da marca que fica.”

“Você está dizendo que tem coisa que não tem perdão?” ela disse e se levantou, passando a mão pelo rabo de cavalo com força.

Daniel sacudiu a cabeça. “Eu sei que tem perdão, mas não acho que remexer ajude em alguma coisa.”

Em que ponto da conversa a confissão que Livia faria virou uma confissão de Daniel? O que ele estava tentando dizer? A cicatriz era mais profunda do que Livia imaginava.

“Não é remexer por remexer, mas tentar entender!” Livia enxugou os olhos com as costas da mão. “Você está me assustando com essa conversa.”

Daniel não respondeu, deixando Livia mais confusa. Tomada de uma grande irritação, ela foi em direção à saída do parque, pisando pesado.

Daniel foi logo atrás e a segurou pelo braço, que ela

PERIGOSAS ACHERON

puxou com firmeza. Os sons dos passarinhos e as risadas das crianças correndo entre os arbustos pareciam distantes e dissonantes, como sons debaixo d'água. Livia segurou na maçaneta do carro e ficou esperando Daniel destravar a porta. Ele parou próximo a ela, os olhos vermelhos.

“Livia, meu Deus, me desculpa! Não devia ter falado com você assim; não podia falar com você assim!”

“Daniel, abre o carro. É melhor a gente ir embora,” Livia disse com um tom de voz seco.

Segurando de leve no braço dela, Daniel disse:

“Agi como um babaca. Quero saber sim o que ia me contar. Por favor, Livia!”

Livia engoliu em seco. Era bem verdade que os dois estavam sangrando, mas por que Daniel reagia de forma tão estranha?

“Tá bom. Mas vamos voltar para o sítio. A
PERIGOSAS ACHERON

gente conversa lá outra hora. Agora estamos com a cabeça quente,” ela sugeriu.

Eles entraram no carro e assim que pegaram a estrada de volta para o sítio, o telefone de Livia tocou. Era Celeste. Com o coração acelerado, Livia atendeu. Daniel olhou de relance para ela com o semblante preocupado ao ouvir quem era.

Livia ouviu com atenção o que a amiga dizia. Depois, respondeu:

“Não precisa se desculpar. Vai ser um prazer. Vou pedir ao Daniel que me leve aí.”

Livia explicou a Daniel que Celeste tinha pedido para ela voltar ao hospital para ouvir as explicações da pediatra sobre o problema do bebê. “Eles vão ter alta depois de amanhã e Celeste está insegura de cuidar do Rafael; ela quer minha ajuda. Pode me levar de volta ao hospital?”

Daniel balançou a cabeça afirmativamente. Ficou calado o restante do percurso. Quando Livia

PERIGOSAS ACHERON

desceu do carro, ela disse, antes de fechar a porta:

“Vou ficar aqui e peço para o Chris me levar mais tarde.”

“Lívia –” Daniel disse, as mãos apertadas no volante.

“A gente conversa depois,” ela respondeu e bateu a porta.

Lívia subiu as escadinhas do hospital e parou na porta. Olhou para trás a tempo de ver o carro virando uma curva e desaparecendo de vista. Ela engoliu um bolo que tinha se formado na garganta e esfregou os olhos. Não precisava passar por aquilo. Talvez não devesse contar para Daniel sobre seu aborto. Afinal, o que isso importava? Não tinham um relacionamento que precisasse de momentos de confissão do passado. Ela iria embora logo e precisava usar bem seu tempo para ajudar Celeste, cuidar das suas responsabilidades no sítio e ainda ajudar Sofia.

Batendo as sandálias no chão frio e limpo do corredor do hospital, Livia seguiu em direção ao quarto de Celeste. Seu coração estava mais pesado a cada dia. Ela se sentia um ímã que atraía mais problemas e perguntas sem respostas. O cheiro do ambiente lhe lembrou que logo estaria de volta ao Canadá, nos corredores sem fim do Hospital Geral, fazendo plantão. A realidade talvez fosse essa e Daniel, apenas um capítulo curto da sua história.

Uma enfermeira passou com uma bandeja com medicamentos e sorriu para ela. Livia retribuiu o sorriso, mas as lágrimas ameaçavam cair. Seu coração parecia um pedaço de gaze fina, frágil, prestes a rasgar. Queria voltar para Calgary para fugir das perguntas que tinham surgido nesses dias no sítio, mas só de pensar em deixar o que em pouco tempo aprendeu a amar, ficava sem fôlego.

Ao entrar no quarto de Celeste, Livia foi recebida com um sorriso da jovem mãe que

amamentava seu bebê.

“Acredita nisso? A médica disse que Rafael se recuperou tão rápido que não vai mais precisar da incubadora. Ela disse que foi um alarme falso e quiseram só ter precaução, mas eu acho que foi um milagre!”

Lívia aproximou-se da cama, fazendo força para não deixar que os sentimentos negativos estragassem aquele momento. “O importante é que ele está bem.”

Celeste tagarelou o tempo todo. Lívia sentou-se na cadeira ao lado da cama e ouviu a amiga, mas sua mente insistia em fugir para Daniel e sua última conversa. A pediatra entrou e explicou para a jovem mãe e Lívia que Rafael teria alta no dia seguinte. Não deu qualquer recomendação especial, mas disse que precisava ver o bebê na semana seguinte. Quando ela saiu, Celeste disse:

“Queria pedir um favor, Lívia.”

“Claro.”

“Você poderia dormir na casa com a gente nesses primeiros dias? O corte da cesárea está me incomodando um pouco e me sentiria mais tranquila com você por perto,” Celeste disse e tirou o pequeno Rafael do peito.

“Vai ser um prazer.”

Depois que o bebê arrotou, Celeste esticou os braços e o passou para Livia, que hesitou um pouco antes de segurá-lo.

Uma onda de emoções a deixou quase sem fôlego. Livia segurou Rafael, enrolado numa mantinha do hospital, e viajou os olhos pelo rostinho moreno enrugado. Ele abriu os olhinhos e piscou várias vezes, como se quisesse ajustar o foco no rosto de Livia. Fazendo um biquinho, Rafael soltou um grunhido como se fosse chorar, mas logo parou e voltou a dormir.

“Livia, você e Daniel estão se acertando?”

Celeste perguntou e tirou Livia do devaneio.

Ela deu uma risada nervosa e respondeu:

“Acho que estamos nos desacertando,”

“Como assim?”

“Tentamos conversar hoje mais cedo, mas não deu muito certo. Celeste, aquela cicatriz dele é mais profunda do que a gente vê, né?”

Celeste apertou uma mão na outra e se ajeitou no travesseiro. “É, Livia. Ele tenta disfarçar, mas é profunda. Não se perdoa pela morte do irmão.”

“Mas eu não entendo. Por que ele se sentiria culpado? Essa história não bate. Que outras coisas aconteceram para ele se sentir culpado?” Livia disse enquanto embalava Rafael nos braços.

“Eu preferia que ele te contasse.”

Livia balançou a cabeça, frustrada. “Eu achei que ele ia falar alguma coisa hoje, mas veio com uma história de não querer remexer no passado. Sei lá.”

“O que Daniel não entende é que ele vai precisar remexer no passado, senão nunca vai se perdoar,” Celeste falou.

“Pelo visto, não vai ser comigo que ele vai conversar sobre isso,” Livia disse.

“Ele não fala sobre o assunto com ninguém. Quando o acidente aconteceu, Chris foi para o Canadá às pressas porque Dona Mary pediu ajuda. Daniel estava tão desesperado que achamos que ele ia fazer uma besteira,” Celeste explicou.

“Você quer dizer tirar a própria vida?” Livia perguntou, com os olhos arregalado.

Celeste balançou a cabeça afirmativamente.

O coração de Livia parou por uns segundos. Sua cabeça girou e ela passou Rafael para Celeste com medo de deixá-lo cair.

“Celeste, acho que fui injusta com Daniel. Preciso voltar para o sítio e conversar com ele. Onde pego um táxi?”

“Táxi?” Chris perguntou ao entrar no quarto.
“Aonde vai com tanta pressa? Minha mulher está te dando tanto trabalho assim?”

Ao ver o semblante sério das duas mulheres, Chris passou a mão pelo cabelo e esperou.

“Lívia precisa voltar para o sítio. Pode levar ela, Chris?” Celeste pediu.

“Não, não. Vou de táxi,” Lívia respondeu.

“Táxi?” Fábio acabara de entrar no quarto, sem bater.

Os três olharam para o rapaz, que se aproximou da cama e passou a mão na cabeça de Rafael. Olhando de um para o outro, Fábio franziu a testa e disse:

“Alguma coisa errada com o bebê? Daniel me disse que eu podia vir visitar que estava tudo bem.”

“Rafael está bem. É que a Lívia precisa voltar para o sítio,” Celeste disse.

“Eu posso levar você,” Fábio se ofereceu.

“Então vamos,” Lívía disse apressada.

“Eu volto depois para ver meu sobrinho postigo,” Fábio disse e se despediu de Celeste e Chris.

Lívía entrou no carro velho do Pastor Geraldo, torcendo para que não houvesse nenhum contratempo no percurso.

Fábio quis saber qual era a urgência dela em voltar para o sítio, mas Lívía foi evasiva.

“Espero que esteja tudo bem com você. Daniel não estava bem e assim que chegou no sítio agora à tarde, saiu de novo dizendo que precisava resolver alguma coisa na cidade,” Fábio disse.

Lívía olhou para ele com os olhos arregalados e voltou o rosto para a janela. A paisagem verde passava, mas Lívía não conseguia aproveitar sua beleza. Aonde Daniel teria ido?

Frustrada, ela foi para o chalé assim que Fábio a deixou no estacionamento do sítio. Tirou a roupa,

largando tudo no chão, e correu para o chuveiro. Seu corpo estava quente, como se estivesse com febre. Lívia abriu a torneira e esperou a água esquentar um pouco. Não esquentou. Na água gelada, ela lavou a cabeça e esfregou o corpo, tremendo. A ideia de relaxar no chuveiro foi por água abaixo junto com a espuma do xampu. Lívia fechou a torneira e se enrolou na toalha felpuda. Com o cabelo longo pingando pelo chão, ela abriu o armário e puxou um *short* e uma camiseta. Vestiu-se e penteou o cabelo, andando de um lado para o outro.

O celular tocou e ela atendeu à chamada de vídeo. Joana. Não estava muito disposta a falar com a amiga, mas lhe devia um alô. Trocaram cumprimentos e Joana foi direto ao assunto:

“Está tudo bem agora, mas um dos apartamentos no andar do seu pegou fogo.”

“Pegou fogo? Está tudo bem com o morador?”

Quem foi?” Lívia perguntou exasperada.

“Não conheço. Fui lá hoje cedo ver se estava tudo bem no seu apartamento e encontrei com seu vizinho, aquele com o cachorro obeso. Os bombeiros ainda estavam por lá e tinham acabado de apagar o fogo. Não foi nada grave, mas tiveram que evacuar seu andar. Parece que o morador deixou uma panela no fogão e saiu para trabalhar. A vizinha do lado que chamou os bombeiros.”

“E agora?” Lívia perguntou.

“Agora está tudo bem e todo mundo já voltou para casa. Por pouco não queima tudo, os bombeiros disseram.”

A vida era estranha mesmo. Basta uma distração e podemos pôr tudo a perder, Lívia refletiu.

“Lívia, o que foi? Sua cara está estranha. São os beatos?”

Por pouco, Lívia não desligou o celular.

“Joana, não quero mais ouvir essa história de beatos. Aqui não tem beatos. Tem gente de fé, que tropeça, que sofre, duvida. Gente de verdade, que busca o melhor nos outros, o melhor em si. Nem sempre conseguem, mas perseveram. É gente real, Joana, de carne e osso, que sangra, que chora, que ama!” As lágrimas escorreram como o cabelo molhado.

“Calma, amiga. Você está nervosa. A gente conversa outra hora,” Joana disse.

“Não, Joana! A gente conversa agora. Vai me ouvir. Não sei qual foi sua experiência com esses beatos que você tanto ridiculariza. Respeito se você foi machucada ou mal interpretada. Mas o que tenho visto com Dona Mary, Jack e os outros aqui no sítio me faz querer ser igual. Se você acha que é beatice, então, que seja. Quero saber mais de Deus, o que ele tem para mim. O que espera de mim,” Livia desabafou.

“Lívia, não estou ridicularizando. Só estou dando um conselho —” Joana começou a falar, sendo logo interrompida pela amiga.

“Não. Isso não é conselho. Não tem fundamento. Olha, não é mesmo uma boa hora para a gente conversar. Aliás, não quero mais falar desse assunto. Obrigada por olhar meu apartamento. Volto em duas semanas. Se não quiser olhar mais vou entender.” O coração de Lívia estava disparado. Ela andou pelo quarto, segurando o telefone na mão que tremia.

“Que explosão é essa?” Joana perguntou.

Lívia respirou fundo. Considerou o que ia falar a seguir. Passou a mão pela testa e respondeu:

“Não é muito fácil lidar com o que estou lidando. Com essa tristeza que não me deixa. Para piorar, Leo apareceu aqui e fez uma cena.”

Joana olhou fixamente para a amiga na tela.

“Ele foi aí?”

“Você fez o favor de dar com a língua nos dentes, lembra?”

“Lívia, nunca imaginei que ele ia se dar ao trabalho de fazer essa viagem toda. Onde ele está?” Joana perguntou.

“Não faço ideia. Talvez tenha voltado para o Canadá. Daniel foi duro com ele.”

Joana arregalou os olhos. Sua imagem na tela parecia irreal. “Daniel?”

“Uma longa história. Olha, Joana. Tenho que desligar agora. Desculpa se fui grossa. Estou muito estressada.”

“Por que não volta logo? Nada como uma semana puxada no hospital para você esquecer isso tudo,” Joana sugeriu.

Lívia sentou-se na cama. “Não. Tenho coisa para resolver aqui primeiro.”

Joana balançou a cabeça afirmativamente. “Está certo. Quando você voltar a gente conversa.”

Lívia tinha a convicção de que não conversaria mais com Joana sobre seus assuntos particulares. Melhor mesmo era quando a amiga não tocava em assunto controverso. “Vamos ver.”

As duas se despediram em um tom constrangedor. A última coisa que Lívia queria naquele dia tumultuado era uma crise com sua melhor amiga. Teria que corrigir isso quando voltasse. Mas no momento, precisava urgentemente conversar com Daniel.

Pegando um casaco leve, Lívia saiu pelo caminho de tijolinho em direção à casa. Iria esperar Daniel chegar. Tinha que conversar com ele. Precisava saber por que ele tinha ficado na defensiva na conversa no parque. E ela não conseguiria esperar mais um dia sem contar para ele o que a tinha levado ao sítio. O momento era aquele, ou não teria mais coragem de fazer uma confissão.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 19

Com uma manta na mão, Livia pendurou a rede nos ganchos na varanda e se deitou. O pão que acabara de comer na cozinha parecia ter parado no esôfago. A ideia de beber café não foi muito boa e a ardência que sentia piorou. Livia bateu na barriga várias vezes tentando arrotar. Sabia que era por causa do nervoso que tinha passado à tarde com Daniel e uma hora antes com Joana. Finalmente, ela conseguiu se livrar do gás e da ardência depois de achar bicarbonato de sódio na cozinha e tomar com água morna. Esticou o corpo na rede e se cobriu com a manta. Já passava de nove da noite.

Daniel deveria voltar logo. O que ele tinha ido resolver na cidade?

A rede balançava lentamente. A brisa fria trazia o cheiro de mato molhado. Lívia sentiu um arrepio e se enrolou na manta. Os sons dos pequenos animais escondidos na escuridão da noite pareciam aumentar na medida em que Lívia relaxava. Iria se abrir com Daniel. Seu argumento de que ela não tinha nada com ele e não lhe devia explicação era infundado. Na verdade, ela gostava dele. E muito. Quando ele lhe disse que estava começando a gostar dela, Lívia se surpreendeu com sua reação: seu coração disparou e as mãos ficaram suadas. Nunca tinha sentido isso antes. Não com Leo. Não com seus dois namorados anteriores, que mais pareciam amigos.

O balanço da rede era quase imperceptível, mas o suficiente para embalar Lívia, que ia fechando os olhos lentamente. As imagens de

PERIGOSAS ACHERON

Daniel começaram a encher sua mente: ele fazendo curativo no pé dela, arrumando a cama para Sofia. A imagem do seu rosto aproximando-se do seu, os beijos suaves, o abraço.

Lívia começou a flutuar. Ela deu um longo suspiro. Era uma sensação de estar boiando em uma água morna. Minutos depois, ela pousou em um lugar macio e uma manta quentinha a cobriu. As imagens de Daniel voltaram mais fortes: o sorriso dele, ele tocando violão, chamando-a de Moranguinho. Ela conseguia até sentir o cheiro dele no sonho.

“Daniel...” ela sussurrou duas ou três vezes.

O pesado sono a engoliu.



De onde vinha aquela luz?

Lívia empurrou a coberta e se sentou assustada. Como tinha vindo parar naquela cama? Esfregando os olhos, ela tentou se localizar. Estava

no quarto de hóspedes da casa principal cheio de caixas de papelão encostadas na parede. Como tinha ido parar lá se tinha dormido na rede? Ela não sofria de sonambulismo. Empurrando a manta pesada, ela se levantou, passando a mão pela roupa. As sandálias estavam no chão ao lado da cama, um pé bem ao lado do outro. De frente para o pequeno espelho da parede, Livia passou os dedos pelo cabelo longo que estava um tanto embaraçado. Tirou um elástico do bolso e fez um rabo frouxo no alto da cabeça. Virou-se de repente com a batida leve na porta. Antes de pegar na maçaneta, Daniel já a tinha aberto discretamente.

“Bom dia, Livia.”

Não era Moranguinho mais? Livia pensou e se aproximou dele. Ficaram de frente um para o outro, sem palavras. Num impulso, ela o abraçou pelo pescoço. A resistência dele não durou muito e ele passou os braços fortes pela cintura dela.

“Daniel, desculpa por ontem. Desculpa por tudo,” ela disse com o rosto escondido no contorno do pescoço dele. “Fiquei esperando você chegar e acho que caí no sono. Queria muito conversar, não deixar que as coisas ficassem daquele jeito.”

Daniel passou a mão pelas costas dela e a afastou um pouco. “Eu também quero pedir desculpa. Não deveria ter desviado seu assunto. Devo uma explicação.” Ele a segurou pelo rosto e continuou: “Pensei muito a noite toda e não me importo de remexer no passado por sua causa. Por mim e por você. Quero que você entenda algumas coisas...”

Lívia o abraçou novamente e balançou a cabeça concordando. “Eu também, Daniel. Preciso muito remexer em algumas coisas... em uma coisa em especial, que me trouxe para cá e em outras que aconteceram por causa disso.”

Descendo a mão pelo braço dela, ele falou:

“Vamos conversar sim, mas agora quero que venha aqui na varanda comigo.”

Assustada, Livia olhou as horas no celular.

“As crianças já devem ter chegado!”

“Sue e Mark estão com elas. Venha,” ele disse e a puxou pelo corredor da casa até a porta que dava para a varanda.

As crianças estudavam em silêncio com o casal inglês. Livia não conteve sua alegria quando Sofia veio correndo e a agarrou pela cintura.

“Sofia!” Livia disse, emocionada, e passou a mão pela cabeça da menina.

Sofia soltou o abraço e começou a tagarelar sobre o novo quarto dela, dizendo que o avô contara que Livia tinha comprado tudo. “...e o cobertor rosa de princesa é muito fofinho!”

As outras crianças largaram o que estavam fazendo para ouvir o relato de Sofia e começaram a fazer perguntas sobre o novo quarto. Sue e Mark

PERIGOSAS NACIONAIS

riam, sabendo que seria inútil tentar chamar a atenção das crianças naquela hora. Depois que a algazarra inicial diminuiu, Sue disse com um sotaque pesado:

“Vocês vão desenhar agora seu brinquedo favorito.”

Sem demora, as crianças começaram a falar do brinquedo preferido enquanto remexiam nas caixas de giz de cera, procurando as cores que mais lhes agradavam. Sofia voltou para seu lugar com um sorriso no rosto.

“Daniel, ela parece tão feliz!” Livia disse, passando o braço pelo dele.

“Susana disse que a casa parece outra. A tia comprou mais algumas coisas e está colocando Seu José na linha,” ele disse. “Venha, vamos tomar café.”

“Mas o trabalho... deve estar tudo atrasado...” ela disse.

PERIGOSAS ACHERON

“Fábio está adiantando algumas coisas e eu acordei mais cedo para cuidar da horta e buscar as crianças,” ele disse e a puxou para a cozinha.

“Você poderia ter me acordado. Aliás, não entendi como fui parar naquele quarto,” Lívia disse e ligou a cafeteira.

“Você foi flutuando...” ele disse e tirou as canecas do armário.

“Me senti flutuar, mas vai, me fala, como fui parar lá?” ela perguntou e se recostou na pia.

“Dei uma ajudinha,” ele respondeu, colocando as canecas na mesa.

“Me carregou?”

Daniel balançou a cabeça afirmativamente.

“Você é leve como um beija-flor.” Ele aproximou-se dela e a segurou pelos braços. “Determinada como um beija-flor. Forte, mesmo que aparentemente frágil.”

Lívia ouvia atenta. Os olhos dele a

hipnotizavam. Ela era mesmo um beija-flor, atraída pelas pétalas coloridas. Daniel escorregou a mão pela nuca dela por baixo do rabo de cavalo frouxo e a trouxe com carinho para mais perto. Lívía entregou-se ao beijo, esquecendo-se de onde estava. Não importava. O que importava era que estava com Daniel. Qualquer dúvida que ela tinha a respeito do que havia entre ela e ele desapareceu naquele momento.

Ela o amava. Sim! Amava Daniel com intensidade. Amava como nunca amara ninguém. Aquele amor tinha sido guardado e reservado só para ele, para quando se encontrassem como parte de um plano escrito nas estrelas.

Puxando-o mais para perto dela, Lívía correu os dedos com leveza pela nuca e pelo cabelo curto de Daniel. Suas pernas fraquejavam, a cozinha rodava, o apito da cafeteira não importava.

“Lívía,” ele sussurrou entre beijos. “Sou

louco por você!”

Ela soluçou, embaralhando-se nas próprias palavras. “Daniel –”

“Daniel, corre aqui!”

Quem tinha interrompido sua fala? Livia tinha tanto para falar com Daniel. Com um suspiro, ele se afastou dela e olhou para Fábio, que estava todo agitado.

“O cano do chalé 3 estourou. Está tudo inundado! Fechei o registro, mas não consegui achar o problema.”

Livia virou-se para a cafeteira, fingindo ocupar-se com o café. A frustração fazia seus olhos arderem. As palavras engasgadas, palavras de amor, ficaram presas na sua garganta.

“Volto assim que terminar,” Daniel sussurrou no seu ouvido e saiu apressado com Fábio.

Não foi só o cano estourado. Depois foi o
PERIGOSAS ACHERON

transporte das crianças, as compras na cidade, uma visita ao gerente do banco, seguidos de uma reunião com o Pastor Geraldo. O jantar que ela tinha preparado para os dois esfriava no fogão, a noite avançava e o sono chegava.

Por fim, Livia guardou a comida, apagou toda a casa e foi para seu chalé fugir para o mundo dos sonhos, esperando que ele lhe trouxesse alívio para a angústia e frustração.



“Põe ele no outro peito,” Livia instruiu e ajudou Celeste a mudar a posição do pequeno Rafael. “O leite já está descendo.”

“Ele custou a sugar ontem, mas agora está mais animadinho, você não acha?” Celeste disse e fez uma careta quando o bebê pegou o seio.

“Bem mais,” Livia concordou e passou a mão na cabecinha careca do bebê.

Celeste, Chris e o mais novo membro da
PERIGOSAS ACHERON

família tinham chegado logo depois do almoço. Livia acordara cedo para dar conta do seu trabalho antes que a família chegasse do hospital. Seu sono fora agitado e a angústia de não ter conseguido conversar com Daniel no dia anterior só ia aumentando com o passar do dia. Livia queria dar toda atenção a Celeste, mas sua mente fugia para as palavras que Daniel lhe sussurrara na cozinha: *Sou louco por você*. Não era surpresa ela própria ter constatado que também estava apaixonada por Daniel. Não! Apaixonada só, não. Amava Daniel. Amor e paixão eram duas coisas distintas, apesar de ela própria nunca ter experimentado nem um sentimento nem outro. Sentia paixão por Daniel, sentia atração, sentia sua falta. Mas era mais do que isso: queria conhecê-lo melhor, queria que ele fizesse parte da sua vida. Queria saber qual era a cicatriz no coração que o impedia de ter a esperança que Livia tanto procurava.

“Lívia?” Celeste chamou. “Tudo bem?”

Lívia sorriu e respondeu:

“Está sim. Só estava pensando...”

“Parecia um bom pensamento. Você estava longe, longe,” Celeste disse e fez uma outra careta enquanto Rafael sugava seu leite.

“Na verdade,” Lívia disse e se sentou na beirada da cama. “Eu estava bem perto. Aqui mesmo no sítio.”

“Então quero saber desse pensamento. Tem a ver com Daniel?”

“Como você sabe?” Lívia perguntou.

“Lembra que já fui flechada pelo cupido também? Entendo dessas coisas. Além do mais, dá para ver a cara de vocês dois quando estão juntos,” Celeste respondeu.

“Como assim?” Lívia perguntou e deu uma risada.

“Os olhos brilham... ficam com cara de

bobos,” ela disse.

“Mas, Celeste, a gente não consegue conversar. Sempre tem alguma coisa urgente acontecendo, alguém interrompe ou a gente se desentende. Parece teoria da conspiração, mas estou começando a achar que deve ter alguma razão para essa conversa não acontecer,” Livia disse enquanto torcia a beiradinha do cobertor de Celeste.

“Livia,” Celeste disse e pegou na mão da amiga. “Esquece isso. São só contratempos. Vocês precisam conversar. Não tem nada de conspiração; não caia nessa armadilha de deixar de conversar. Você tem sua cicatriz e Daniel, a dele. Se pretendem levar esse relacionamento a sério, isso tudo precisa ficar claro entre vocês.”

Livia deu um suspiro forte. “Levar o relacionamento a sério?”

“Qual o espanto? Não é isso que quer? Não é

PERIGOSAS ACHERON

o que Daniel quer?”

“Mas eu vou embora em menos de duas semanas!”

“E daí? O mundo é pequeno. Vocês vão achar uma solução, tenho certeza. Se se amam mesmo, isso não vai ser problema,” Celeste disse e tirou o bebê do peito, ajeitando-o no seu ombro para arrotar.

“Você fala como se fosse simples. Tenho meu trabalho. Tenho contas para pagar, compromissos. Eu não poderia ficar aqui,” Livia disse, soltou a ponta do cobertor e se levantou. Foi até a janela, olhou brevemente para fora e deu um suspiro.

“Livia, agora vocês precisam conversar e abrir o coração. Uma coisa de cada vez.”

Celeste tinha razão – uma coisa de cada vez. Livia colocou Rafael no bercinho ao lado da cama da mãe, agradeceu a Celeste pelas palavras e saiu em direção ao chalé. As crianças da tarde já tinham

ido embora e os únicos sons eram os das aves e do riacho atrás das árvores. No meio do caminho, Livia parou e deu meia-volta. Foi para o jardim dos fundos da casa visitar sua horta. Com satisfação, viu tudo verde e bem cuidado. Daniel sabia que aquilo era importante para ela. Ela abriu o portãozinho e entrou no cercado de verduras e legumes. Puxou uma vagem do pé, limpou-a na camiseta e comeu. No fundo do cercado, o pé de morango crescia. Livia levou a mão à boca quando viu uma pequena placa de madeira com seu nome escrito. Quem mais poderia ter colocado aquela pequena demonstração de carinho ao lado do pé de morango? Como não amar esse homem tão atencioso? Como ela poderia ir embora, deixando-o para trás? Seu peito doía só de pensar em não ter mais o carinho dele, não olhar mais nos seus olhos, não sentir mais seu cheiro e ouvir sua voz.

Com os olhos marejados, Livia examinou a

PERIGOSAS ACHERON

vegetação densa. Os ipês, ao redor do pátio de pedra, pareciam guardar e proteger aquele lugar. Eram os guardiões da sua horta. Eram os protetores dos beija-flores multicoloridos que visitavam as flores do jardim. Eram como Daniel: forte, protetor. Ele era seu ipê!

Enxugando os olhos na manga da camiseta, Lívia se agachou ao lado do pé de morango. Passou a mão suavemente pela planta, sentindo a textura das pequenas frutas. Uma mão forte segurou a sua. Ela virou-se assustada, mas sorriu quando se deparou com Daniel, agachado ao seu lado. Ele sorriu. Lívia puxou a placa com seu nome e mostrou para ele. Ele balançou a cabeça afirmativamente.

Lado a lado, Lívia e Daniel examinavam o pé de morango. Daniel arrancou o morango mais vermelho e levou à boca de Lívia. Timidamente, ela mordeu a fruta e ele jogou o talinho para o lado.

Seus lábios se encontraram e dividiram o gosto doce do morango. Com os lábios unidos, eles se colocaram de pé e se abraçaram. A brisa suave os envolveu com seu cheiro de mato.

“Meu Moranguinho,” Daniel sussurrou.

“E você é meu ipê!” ela respondeu.

Daniel olhou para as árvores floridas ao seu redor e sorriu; um sorriso que dizia que ele tinha entendido a mensagem e que as palavras eram desnecessárias quando o amor era o meio de comunicação.

Capítulo 20

Era a confissão mais difícil que faria. Não

sabia qual seria a reação de Daniel. Ele dissera que não importava o que ela tinha para revelar. Nada mudaria entre eles.

Lívia levantou-se do banco de madeira e se afastou de Daniel. De costas para ele, passou a mão no caule áspero do ipê. Era forte como Daniel. Tinha que confiar nele. Devagar, ela se virou para ele, que permanecia sentado no banco, debaixo de um dos postes de ferro do pátio. As mariposas voavam alucinadas em torno da luz, uma ou outra caindo no chão ao se deixar levar pela atração que sentiam pelo brilho irresistível da lâmpada quente.

Daniel inclinou a cabeça e esperou.

Lívia encostou-se na árvore sólida, como se contasse com o apoio dela para a confissão.

“Meu relacionamento com Leo foi ficando mais íntimo algum tempo depois que nos conhecemos. Não porque eu tinha algum sentimento forte por ele; fui me deixando levar.

Minha vida se resumia ao meu trabalho – era a única coisa que me dava alegria de verdade.

Quando me dei conta, já tinha ultrapassado um limite com Leo que eu mesma decidira que não ultrapassaria, muito menos com alguém que não significava muito para mim. O fato é que aconteceu e quando eu disse a ele que não era aquilo que eu queria, ele insistiu que era só uma ansiedade da primeira vez e que passaria. Naquele dia, fui embora para casa me sentindo um lixo. Nos dias seguintes, eu parecia um robô. Joana, minha melhor amiga, achou que eu estava com depressão. Sei lá. Talvez eu estivesse. Leo ficou me rondando e eu fugia dele. Dava desculpas para não encontrar com ele. Como ele prestava serviços de informática para o hospital, virava e mexia, ele me achava lá. Eu não rendia papo. Um dia, ele veio à minha casa. Trouxe flores, chocolate, vinho e uns presentes. Disse que me entendia e que me respeitaria na minha decisão

de não mais me envolver com ele intimamente.”

Lívia respirou fundo e enxugou os olhos na manga da camiseta.

Daniel levantou-se, mas ela fez um sinal para ele se sentar de novo. Ela continuou:

“Bebemos o vinho e conversamos. Ele quis saber do meu trabalho, coisa que nunca perguntou antes. Eu relaxei. Gostei de contar sobre meus pacientes e meus planos de me especializar em neonatologia. Eu queria trabalhar em UTI neonatal. Falei boa parte da noite e ele ouvia. Ou pelo menos eu achava que ele ouvia. Quando ele me beijou, achei que nosso relacionamento poderia dar certo, que ele poderia mudar. Mas fui ficando assustada quando os carinhos foram ficando mais intensos. Minha cabeça rodava com o vinho. Pedi para ele parar. Ele não parou. Quando tudo acabou, eu disse a ele que fosse embora. Eu estava com raiva, muita raiva, mas a única coisa que eu queria era ficar

sozinha. Ele veio com uns papos de que a gente podia se acertar e eu respondi que chamaria a polícia se ele não saísse da minha casa. Ele resmungou algumas coisas e saiu batendo a porta.”

Daniel se levantou novamente. “Lívia.”

Ela interrompeu e fez o mesmo sinal com a mão. “Daniel, preciso terminar. Por favor!”

Contrariado, ele encostou-se no outro ipê e ficou de frente para ela. Lívia continuou, com a voz entrecortada:

“Seis semanas depois descobri que tinha engravidado. Fui falar com o Leo e ele disse que era fácil resolver o problema. O problema, ele dizia. Quando ele sugeriu o aborto, eu me assustei. Não achava certo. Ele me colocou medo sobre minha carreira, que eu não conseguiria cuidar de uma criança e trabalhar. Ele disse que não se responsabilizaria pelo bebê, que um filho atrapalharia a vida dele.”

Daniel olhou para ela. Seu olhar tinha se transformado – raiva, talvez decepção. Livia engoliu em seco e continuou. Não podia parar; tinha que terminar sua história.

“Daniel, fui na conversa dele mais uma vez e tirei a criança. Tirei meu filho, Daniel, e não consigo me perdoar!”

Daniel ficou parado, encostado na árvore. Passou a mão pela cicatriz várias vezes. Livia prendeu a respiração. Não importava mais. Mesmo se ele a rejeitasse, não importava mais. Não conseguiria guardar aquele segredo dele. Já era duro demais passar pelo luto da perda do seu filho.

Cruzando a pequena distância entre os dois, Daniel se colocou de frente para Livia. Passou a mão pelos olhos e disse:

“Livia, eu disse que remexer no passado não era uma boa ideia.”

Ele fez uma pausa. Livia ficou paralisada.

Suas lágrimas escorriam e caíam no chão de pedra. Encostada no ipê, ela fechou os olhos. Não conseguia olhar para Daniel. Seu coração estava a ponto de explodir. Daniel continuou:

“Eu estava errado, Livia. Sua história me mostrou que precisamos remexer, tirar do peito o que nos mata lentamente, nos tira a alegria de viver. Acredito no perdão. Acredito na graça de Deus para perdoar qualquer coisa. Quero estar do seu lado, Livia, no seu luto. Quero estar com você nesse processo.”

Livia deu um soluço e passou os dedos pelos olhos fechados. Ela tinha entendido direito o que Daniel falara? Ele não só entendia quanto queria estar ao lado dela?

“Livia, olhe para mim,” ele pediu em voz baixa.

Enxugando os olhos com as costas da mão, ela os abriu devagar. Daniel aproximou-se mais um

PERIGOSAS ACHERON

pouco e disse:

“Eu te amo. E te amo mais ainda por ter me mostrado que estou errado,” ele disse e passou a mão pela cicatriz. “Admiro sua coragem de enfrentar o que assombra você, de não ter desistido de buscar uma resposta para suas dúvidas. Eu tenho muito que aprender com você.”

Lívia arqueou as sobrancelhas e perguntou:

“Aprender comigo?”

Ele colocou o dedo indicador nos lábios dela.

“Vamos deixar isso para depois.”

Estendendo os braços, Daniel aproximou-se de Lívia e a envolveu no calor do seu corpo. Com o rosto encostado no peito dele, Lívia sentia um enorme peso sendo tirado do seu coração. Não era mágica, ela sabia. Era o poder do perdão. O poder do amor.

“Eu te amo, Daniel!”

Em resposta, ele acariciou seu longo cabelo e

beijou o alto de sua cabeça várias vezes.

Os dois permaneceram abraçados, protegidos pelos ipês, recebendo o perdão e o amor que tinham um para o outro.



A palavra parecia saltar da página: *perdão*. Glória tinha escrito duas páginas inteiras de versículos bíblicos e orações sobre perdão. *É isso*, Lívia pensou enquanto passava os dedos pelo livro – *esperança seguida de perdão*.

Uma hora antes, abrira seu coração com Daniel. Com a confissão do que corroía sua alma, Lívia pôde experimentar o perdão de Deus, dessa vez, através de Daniel. Ela não era tola de achar que a dor passaria rápido assim, mas o alívio da certeza de que o processo de cura tinha começado era enorme. Primeiro fora Dona Mary. A sábia mulher a desafiara a buscar respostas. Nesse processo, Lívia se deparou com mais perguntas

complexas que exigiam resposta. Celeste tinha oferecido a Livia não só o perdão, mas um entendimento maior a respeito do valor da vida. O pequeno Rafael tinha chegado ao mundo para mostrar que existia uma pessoa digna de respeito e amor no corpinho frágil de um bebê. E não importava que ele estivesse dentro ou fora do ventre. Não importava o tamanho desse bebê e nem o lugar onde se encontrava – ele era tão humano quanto ela. Daniel tinha dito que admirava sua coragem para enfrentar fantasmas do passado e que ele mesmo deveria fazer isso. Livia não entendia bem que peso ele ainda carregava pela morte do irmão – claro, ele sentia dor, mas por que a culpa? De qualquer forma, ele dissera que conversariam mais sobre o assunto. Era evidente que a cicatriz no seu coração ainda o incomodava bastante. Em pouco tempo, Daniel tinha se tornado um grande apoio para ela nesse processo de procura por

respostas. Apesar de frágil como os morangos novos na sua horta, o amor que descobriram tinha o potencial de se transformar em um amor maduro e forte porque começaram abrindo o coração e oferecendo perdão. O que seria do futuro, Celeste tinha dito, poderia ser resolvido. Livia não sabia como, mas iria buscar mais essa resposta. Deus estava sendo muito bom com ela em guiá-la no entendimento de tantas questões complexas. Estava gostando disso, apesar de ser um caminho doloroso.

Assim como um paciente que chegava ao hospital com muita dor e logo recebia medicação e alívio, Livia tinha recebido a medicação do perdão. Os próximos passos seriam em direção à recuperação. Confiava que iria ficar cada vez mais forte.

Deixando o livro na cabeceira, Livia apagou o abajur e se virou para a parede, puxando a coberta até o queixo. Lembrou-se da fúria de Daniel logo

PERIGOSAS NACIONAIS

depois que eles trocaram palavras de amor no pátio de ipês após sua confissão. Ele ficara consternado com o fato de Leo ter abusado dela no seu apartamento e depois sugerido que ela tirasse o bebê. Foi com muito custo que Livia o convenceu de deixar essa parte da história para depois. Dando um soco na árvore, Daniel prometeu que tiraria satisfação de Leo caso o visse novamente. Livia garantiu que Leo deveria estar longe dali, apesar de não ter certeza do paradeiro dele. Esperava que ele não a procurasse quando voltasse para o Canadá.

Canadá. Como voltaria para casa, deixando Daniel e o sítio para trás? Uma coisa de cada vez, Celeste tinha dito. O mais difícil foi sua confissão e agora precisava ouvir a história de Daniel sobre a morte do irmão.

Livia afastou os pensamentos conturbados e trouxe à mente as doces memórias do perdão de Daniel.

PERIGOSAS ACHERON



Talvez fosse impressão, mas os passarinhos cantavam mais alto naquela manhã. Livia chutou as cobertas e pulou da cama, sentindo-se leve como uma pluma, ou como um beija-flor.

Ela correu para o banheiro e cuidou da higiene matinal, gastando um pouco mais de tempo escovando os cabelos. Tirou do armário sua camiseta mais colorida e uma bermuda *jeans*. Com a agitação da noite anterior, tinha se esquecido por completo que prometera a Celeste que dormiria no quarto da casa para ajudá-la na rotina noturna de Rafael. Sentindo uma pontinha de culpa, Livia mandou uma mensagem para Celeste dizendo que já subiria para a casa. Celeste respondeu de imediato dizendo que a noite tinha sido boa e que Rafael acordara duas vezes apenas para mamar.

Correndo pelo caminho de tijolinho, Livia parecia voar. O cabelo balançava solto ao vento e

seu coração palpitava de alegria. Tinha que escrever para Dona Mary contando em detalhes o que tinha acontecido na noite anterior. Bem, não com todos os detalhes, mas queria lhe contar da conversa com Daniel e das respostas que tinha encontrado para sua angústia.

“Ei, onde vai com essa pressa?”

Lívia parou e se virou. Sem pestanejar, se jogou nos braços de Daniel. “Estou com pressa de viver!”

Ele a girou no ar e disse:

“Guarda um pouco de energia para mais tarde. É aniversário da Sofia e a tia dela vai fazer uma festinha surpresa na igreja. Fábio está ajudando a organizar tudo.”

Lívia soltou-se dos braços de Daniel e disse:

“Então preciso comprar um presente. Vou dar uma fugida na hora do almoço para ir à cidade.”

“Se quiser vou com você,” Daniel ofereceu.

“Não precisa. Vou e volto num pulo.”

“Não está pretendendo ir correndo pela estrada, está? Pela sua animação, acho que vai voando mesmo.”

Lívia riu e enganchou o braço no dele. “Não se preocupe. Vou de carro mesmo.”

Os dois tomaram um café rápido na cozinha e Daniel se despediu dizendo que ia buscar a primeira turma de crianças. Lívia preparou uma bandeja para Celeste com frutas picadas, torrada, queijo e suco de maracujá.

“Já está de pé?” Lívia perguntou e colocou a bandeja na mesinha de cabeceira de Celeste.

“Tomei até um banho. Chris me ajudou, mas estou me sentindo mais disposta. Os pontos não doem nada.”

Lívia pegou Rafael do berço. O menino fazia movimentos de sucção com a boquinha vermelha.

“Bom dia, Rafael. Lembra de mim? Sou a tia

PERIGOSAS ACHERON

Lívia,” a jovem disse com voz suave e encostou a testa na testa do bebê, que retribuiu com um barulhinho como se estivesse gargarejando.

“Ih, estou vendo que essa tia vai paparicar muito o sobrinho,” Celeste disse enquanto arrumava a cama com certa dificuldade.

“Se deixar, vou mesmo,” ela respondeu e balançou o bebê nos braços.

Celeste olhou para Lívia com um sorriso maroto. “Não vai me contar o que aconteceu?”

Lívia aproximou-se de Celeste e disse, com um enorme sorriso:

“Conversei com Daniel. Foi melhor do que eu imaginava. O perdão é uma força poderosa. Agora é curar as feridas que ficaram.”

Celeste abraçou a amiga, tomando cuidado para não assustar o filho que ficara apertado no meio das duas. “Que notícia boa! Não esperava outra coisa do Daniel. Receba o perdão de Deus.”

Lívia colocou Rafael no bercinho e se sentou na beira da cama enquanto passava a mão pela colcha florida.

“O que foi?” Celeste perguntou e se sentou ao lado dela.

“Nunca vi Daniel tão irado.”

“Espera aí. Não estou entendendo. Não estava tudo bem? Ele ficou irado com o quê?” Celeste perguntou, preocupada.

“Não comigo. Com Leo. Na verdade, eu contei uma parte da minha história para ele que não contei para você. Leo me forçou a ter relação com ele; foi quando engravidei,” Lívia disse e baixou os olhos, enroscando a ponta da colcha nos dedos.

Celeste segurou no rosto da amiga e o levantou. “Você está me dizendo que ele violentou você?”

Lívia engoliu em seco e balançou a cabeça confirmando. Celeste levantou-se com dificuldade

e passou a mão pela testa.

“Você deu queixa na polícia? Sabe como no Canadá essas coisas são levadas a sério.”

“Não. Na hora não me ocorreu. Sabe quando a gente se culpa por uma coisa errada que aconteceu? Me culpei. Dizia a mim mesma que eu tinha dado brecha. Não tinha com quem falar sobre isso. Não quis conversar com Dona Mary na época,” Livia disse.

“Então você tem que se preocupar com Daniel. Se esse tal de Leo passar na frente dele de novo, não vai sobrar muita coisa dele intacta,” Celeste disse.

“A essa altura, Leo já deve ter voltado para o Canadá.”

“E você vai voltar também,” Celeste falou imediatamente.

“Eu sei. Não acho que ele vá me procurar,” Livia respondeu, segurando as lágrimas. Logo

voltaria para casa.

Depois da conversa com Celeste, sua alegria da manhã foi cedendo a uma melancolia com o passar do dia. Animou-se um pouco quando foi à loja. O presente que comprara para Sofia estava no porta-malas do seu carro esperando a hora de ir para a festa surpresa.

Lívia tinha saído do quarto de Celeste horas antes, sentindo os pés pesados. Não tinha medo de Leo. O medo mesmo era de não ver mais Daniel quando voltasse para Calgary. Não havia nada que a ligasse ao Brasil e arrumar um emprego no país estava fora de cogitação.

Depois que se arrumou para a festa, Lívia sentou-se na poltrona ao lado da janela do chalé e passou uma longa mensagem para Dona Mary. Entre um parágrafo e outro, ela olhava para fora, tentando acalmar o coração com o balanço suave dos galhos do ipê amarelo. Ela escreveu sobre sua

PERIGOSAS ACHERON

relação com Leo, como ele a tinha forçado.

Escreveu também sobre o aparecimento dele no sítio e sobre a indignação de Daniel e Celeste. Não contou detalhes sobre seus sentimentos por Daniel, mas deixou claro que os dois tinham admiração um pelo outro.

Na hora combinada, Livia foi para o estacionamento encontrar-se com Daniel. Assim que entraram no carro, ele perguntou:

“O que foi? Cadê aquela menina que saiu voando hoje de manhã?”

Livia deu um sorriso fraco e colocou o cinto de segurança. “Ela continua aqui, só que estou preocupada com sua reação.”

Daniel deu ré no carro, contornou o estacionamento e pegou a estrada de terra. Ele disse:

“Se está se referindo ao que eu disse sobre o Leo, não se preocupe. Não vou fazer nada que me

cause problema com a justiça. Mas preciso acertar umas contas com ele.”

Lívia segurou no braço de Daniel e pediu:

“Deixe ele para lá. O que importa para mim é que estou aqui com você, que fui perdoada.”

Daniel passou a mão no rosto dela.

“Deita aqui,” ele pediu e fez um movimento com o ombro.

Lívia deitou a cabeça no ombro dele, sentindo seu cheiro inconfundível, e fechou os olhos. Precisava aproveitar esses últimos dias com Daniel. Não podia permitir que mais uma tristeza escurecesse seu coração.



Na igreja, a sala adjacente à cozinha estava toda decorada com balões coloridos. Várias crianças que Lívia conhecia do sítio estavam lá com algum parente ou amigo. Janete, a tia de Sofia, veio se apresentar e agradecer a Lívia e Daniel por

tudo que fizeram pela família. O pastor Geraldo chegou com a esposa, Mara, que contou para Livia a história de vida de várias crianças. Vendo-as correr no salão, brincando e rindo, era difícil perceber que dentro delas já havia tantas cicatrizes. Livia não pôde deixar de se sentir grata por não só ter encontrado resposta para algumas de suas perguntas, mas também por ter sua visão de mundo ampliada. O que se resumia a trabalho, coisas corriqueiras e planos de carreira era apenas uma pequena parte da sua vida. Suas prioridades estavam se invertendo e ela gostava disso.

Susana, a assistente social, chegou logo em seguida com a irmã. O clima de festa enchia a sala. Uma música infantil conhecida tocava ao fundo e o bolo de chocolate atraía as crianças que, vez por outra, enfiavam o dedo na cobertura. Fábio apareceu vestido de pipoqueiro com um saco de plástico enorme com pipoca salgada. As crianças

PERIGOSAS ACHERON

avancaram nele, cada uma com um saquinho de papel pedindo um pouco e logo saiam correndo, deixando um rastro de pipoca pelo salão.

Quando Sofia chegou acompanhada do avô, os gritos de *surpresa* deixaram a menina extasiada. Ela andou pela sala examinando curiosa cada detalhe, dos balões aos docinhos na mesa. Correu para Lívia quando a viu.

“Parabéns, Sofia!”

“Lívia, você viu isso? Uma festa só para mim,” a menina disse, com entusiasmo.

“Só para você! E tenho mais uma surpresa.”

Lívia fez um sinal para Daniel que sumiu porta afora e voltou com uma bicicleta rosa com um enorme laço de fita amarrado no guidom. Ele tocava a sineta da bicicleta e a criançada ia dando passagem. Sofia deu um grito e correu para ele. Daniel a ajudou a sentar e dar umas pedaladas. As rodinhas seguravam sua falta de equilíbrio, mesmo

PERIGOSAS ACHERON

assim, Sofia se esforçava para manejar o presente da melhor forma possível.

O pastor Geraldo e Mara serviram cachorro-quente e, depois dos parabéns, os docinhos desapareceram da mesa como a passagem de gafanhotos famintos por uma plantação. Várias pessoas vieram conversar com Livia, muitas já sabendo que ela era enfermeira.

“Você devia vir trabalhar aqui no nosso hospital,” um senhor idoso falou.

Livia balançou a cabeça como se concordasse, tentando ao mesmo tempo engolir as lágrimas. Teria que definir seu destino. Ou deixaria nas mãos de Deus.

Quando os convidados se despediram, a tia de Sofia veio agradecer novamente tudo o que Livia tinha feito. O avô, sóbrio, apertou a mão da moça e se desculpou por tê-la tratado mal quando ela se propôs a ajudar a arrumar a casa.

Sofia deu um último abraço em Livia e agradeceu pela bicicleta. O avô carregou o presente e saiu acompanhado da sobrinha e da neta que, por sua vez, levavam várias sacolas com mais presentes.

Susana, sua irmã e Mara começaram a arrumar a bagunça deixada pelas crianças e Livia ofereceu ajuda. Não sabia onde Daniel tinha ido. Ele e o pastor tinham sumido no meio da festa. Enquanto as mulheres arrumavam a sala, Fábio recolhia os sacos de lixo e os levava para fora. Naquele lugar humilde, varrendo o chão, Livia se sentiu em casa. *Flashes* de memórias da infância surgiam na sua mente agitada e desciam para o coração. Domingos Martins era um capítulo curto da sua história de menina, mas agora a cidade se tornara um dos mais importantes capítulos de todos, onde sua fé se firmara, onde conhecera pessoas de coração enorme, com o perdão na palma

PERIGOSAS ACHERON

da mão.

Lívia deixou a vassoura de lado, pegou um guardanapo de papel da mesa e assoou o nariz.

“Tudo bem, Lívia?” perguntou Mara, a esposa do pastor.

Lívia abraçou a mulher rechonchuda e chorou. As outras mulheres se aproximaram. Passavam a mão pelo cabelo da moça, dizendo que estava tudo bem. Mara afastou Lívia e disse para ela e para as outras mulheres:

“Nossa irmã aqui precisa de uma oração.”

Susana balançou a cabeça concordando. Elas fizeram um círculo em volta de Lívia e cada uma orou por ela pedindo graça, perdão e misericórdia. Mara pediu por uma resposta divina para o problema que estava incomodando Lívia. Nenhuma delas sabia de sua história, mas as orações se encaixavam perfeitamente. Quando terminaram de orar, Susana disse, para dar um tom

PERIGOSAS ACHERON

mais leve ao momento:

“Alguém traz o rodo para tirar essa poça daqui!” Ela apontou para as lágrimas de Livia derramadas no chão.

As mulheres riram e Livia enxugou os olhos, rindo e chorando ao mesmo tempo.

“Tudo vai ficar bem,” Mara disse.

As quatro voltaram ao trabalho e Fábio entrou dizendo que Sofia estava na calçada na frente da igreja andando de bicicleta e o avô e a tia não conseguiam levá-la para casa. As mulheres riram, fizeram algum comentário sobre a felicidade de Sofia e a animação voltou.

Livia estava puxando os balões da parede quando um braço forte a enlaçou.

“Daniel, onde você se meteu?” ela perguntou ao se virar para ele.

“Estava numa reunião muito importante,” ele disse e deu uma piscada para o pastor Geraldo,

que vinha logo atrás e balançou a cabeça confirmando.

As outras mulheres olharam com curiosidade e como nem Daniel nem o pastor ofereceu explicação, elas voltaram ao trabalho.

Daniel puxou Lívia para fora do salão e disse:

“Desculpa ter sumido. Precisava conversar com o pastor Geraldo. Depois te conto.”

“Vai me matar de curiosidade desse jeito,” Lívia disse e deu um soquinho no peito dele.

“Vamos sair só nós dois no sábado e te falo. Tem uma cachoeira no parque da Pedra Azul e podemos fazer um piquenique lá,” ele disse.

Sem muito argumento para convencer Daniel a contar o tal segredo, Lívia terminou de arrumar a sala com o restante do grupo.

No carro em direção ao sítio, ela e Daniel conversaram sobre a festa, animados em ver Sofia

alegre e bem cuidada.

“Se não fosse você, nada disso teria acontecido,” Daniel disse ao parar o carro no estacionamento mal iluminado do sítio.

“De jeito nenhum. Você, Chris, Celeste e a igreja fizeram tanto por ela.”

“Mas foi só quando você, teimosa que só, resolveu arrumar a casa foi que Susana decidiu dar mais uma chance ao avô.”

“Então fico muito feliz por isso,” ela disse e saiu do carro.

Lívia e Daniel subiram de mãos dadas em direção ao chalé. A lua e as estrelas iluminavam o caminho. Vagalumes dançavam entre as árvores como se embalados pela sonoridade dos bichos da mata. Uma convicção tomou conta do coração de Lívia como uma flecha que atravessava o coração: queria aquilo; caminhar ao lado de Daniel, fosse onde fosse, para onde fosse.

Capítulo 21

“O pior foi nosso projeto do galinheiro,” disse Daniel rindo.

Celeste cruzou o braço fingindo indignação e disse:

“Vocês queriam matar minhas galinhas.”

Lívia riu e colocou a chupeta na boquinha de Rafael. Já fazia um tempo que eles quatro, agora cinco com a chegada do bebê, não almoçavam juntos. Na cozinha, ao redor da mesa, Chris, Celeste e Daniel relembravam histórias engraçadas do sítio. Lívia, de pé, embalava seu sobrinho adotivo.

Chris riu e perguntou à esposa:

“Como eram mesmo os nomes das galinhas? Gertrudes, Matilda... qual era a outra?”

“Filomena; eram de estimação,” contestou Celeste.

“O problema era que o galinheiro todo virou um cercado de galinhas de estimação,” Daniel disse e riu.

Vendo a interrogação no rosto de Lívia,
PERIGOSAS ACHERON

Chris explicou:

“A ideia era ter um bom galinheiro para reduzir o custo com alimentação, mas quando os pintinhos cresceram, Celeste se recusou a abater os bichos. A gente tinha que comprar carne no mercado do mesmo jeito e ainda gastar com a manutenção do galinheiro.”

“No final as galinhas morreram de velhas ou serviram de alimento para outros bichos que conseguiam entrar no galinheiro,” Daniel completou.

“Da próxima vez, é melhor investir numa horta,” Celeste disse, fechando a questão.

“A horta lá atrás está bem farta, graças a Livia,” Daniel disse e se levantou.

“Na verdade, você que tem feito a maior parte do trabalho,” Livia retrucou.

Daniel pegou o bebê do colo dela e disse:

“Termina de almoçar que cuido dele.”

“Olha aí o tio babão,” Chris falou.

“Vê lá se tenho cara de tio. Rafael é meu primo!”

“Você não se enxerga?” Chris falou e deu uma risada estrondosa.

“Mas sou babão mesmo,” Daniel completou.

O almoço terminou em tom de festa, mas para Livia era mais uma demonstração de que seria extremamente doloroso deixar aquilo tudo para trás. Tinha ali uma família. O vínculo que eles criaram naquelas semanas estava cada dia mais forte.

A segunda turma de crianças chegou e foi embora, deixando para trás não só lápis e papel, mas um peso extra no coração de Livia. Enquanto guardava o material escolar e limpava o chão da varanda, Livia se permitiu refletir sobre seus últimos dias no sítio. Ela amava a rotina de

brincadeiras e estudo, e cada rostinho significava algo de especial para ela – Júlio, o menino sapeca que sempre aprontava durante os jogos; Sílvia, tímida, mas com um sorriso contagiante; Manuel, com sua mente rápida para números – todos deixariam uma enorme saudade no coração de Livia. Naquelas semanas, entre um tombo e outro das crianças, Livia colocara em prática seus dons de enfermeira, mas foi acabar com piolho de duas das meninas, seu maior desafio. Era tudo muito diferente da sua rotina no hospital com as mais variadas emergências.

Seu futuro tinha se tornado uma incógnita depois da experiência no sítio. Voltar para o Canadá era a única certeza naquele momento. Suas responsabilidades a prendiam lá. A ideia de fazer uma especialização em neonatologia começava a perder seu brilho pelos anos que gastaria em pesquisa e escrevendo tese. Livia gostava de

colocar a mão na massa, de estar com seus pacientes, da correria do hospital. Descobrira também, nessas semanas no sítio, que o trabalho social lhe trazia realização. Poder ajudar Sofia, ser instrumento, por mais inadequado, de uma mudança na casa da menina, foi uma das experiências mais desafiadoras que Lívia tivera, o que lhe trouxe grande satisfação.

Quanto ao seu relacionamento com Daniel, o ponto de interrogação era enorme. Eles se amavam, não havia dúvidas. No entanto, ele nunca ventilara qualquer possibilidade de ir para o Canadá. Ele agia como se Lívia nunca mais fosse embora de Domingos Martins. Ela ainda não sabia a profundidade da dor que a cicatriz dele lhe causava na alma com a perda do irmão na avalanche. Será que somente isso o impedia de sequer falar em uma visita ao país gelado, seu país de origem? Lívia esperava que, no sábado, no

PERIGOSAS ACHERON

piquenique na cachoeira, Daniel se abrisse e os dois pudessem fazer algum tipo de plano.

Levando a caixa de material escolar para dentro da casa, Livia deu um suspiro. Aquele lugar parecia seu próprio lar. Uma canção de ninar, na voz melodiosa de Celeste, chegou aos seus ouvidos pelo corredor, assim como o chorinho manhoso de Rafael. Livia olhou ao redor da sala com seus móveis antiquados. Foi naquele lugar que seu laço com Daniel se estreitou mais enquanto cuidavam de Sofia, toda machucada e molhada. A porta da sala vivia aberta, convidando a todos para entrar.

Livia foi, a passos pesados e lentos, para a cozinha. Abriu a geladeira e se serviu de um copo de suco de maracujá, seu preferido. Olhou ao redor. Sua memória olfativa lembrou-lhe do frango com ervas que Daniel fizera logo que ela chegou. Depois disso, outros cheiros e sons familiares entraram para seu catálogo de sensações. Sua

própria cozinha em Calgary vivia limpa, organizada – sem cheiros, sem sons. Sem vida!

Lívia colocou o copo na pia. Apoiou as mãos na beirada e baixou a cabeça. Fixou o olhar no gotejar da torneira e tentou esvaziar sua mente dos pensamentos confusos por alguns momentos. Não soube quanto tempo ficara ali até que duas mãos fortes enlaçaram sua cintura. Ela se virou. Daniel a apertou mais forte e ela deitou a cabeça no seu peito. Estar nos braços de Daniel era como chegar em casa depois de uma longa viagem.

“Lívia,” ele sussurrou. “Como vou deixar você ir embora?”

Ela esfregou os olhos na manga da camisa puída dele. “Como *eu* vou conseguir ir embora?” Lívia queria gritar, pedir a Daniel que fosse com ela, mas ele não se manifestava com plano algum.

“Vamos pensar em alguma coisa,” ele respondeu.

Daniel afastou-se, abriu a geladeira e ficou parado, olhando como se procurasse alguma coisa nas prateleiras cheias de comida. Lívia recostou-se na pia e esperou. Os ombros fortes de Daniel estavam tensos, as costas encurvadas.

“Meu irmão,” ele disse, sem se virar. “Zack. Ele era meu melhor amigo. Era livre. Gostava de uma aventura.”

Fechando a geladeira, Daniel parou no meio da cozinha e continuou:

“Ele desafiava as regras. Sempre admirei isso nele porque acredito que temos que questionar as regras e entender os princípios por trás delas, jogar fora o que não presta e nos libertar do que é secundário. Mas Zack desafiava as regras por desafiar, pela adrenalina.”

Lívia entrelaçou os dedos das mãos suadas; o coração estava acelerado. Daniel balançou a cabeça e prosseguiu:

“Na tarde em que saímos para as montanhas, tomamos umas cervejas... mais do que nosso limite de tolerância. Pegamos o carro, mesmo correndo o risco de perder a carteira se fôssemos pegos. Fomos para Golden. Ignoramos as placas que mostravam um risco grande de avalanche, e levamos nossos *snowboards*. Subimos uma trilha curta. Quando chegamos a uma certa altura, olhei para a clareira da ladeira que a gente ia descer e não gostei do acúmulo de neve. Dava para ver que não era seguro, mas Zack insistiu. Fui atrás. Não ia fazer mal uma descida rápida, eu pensei. Assim que Zack colocou o *snowboard* na neve e começou a descer, eu ouvi o barulho ensurdecedor. Gritei, Livia, gritei o mais alto que pude, minha voz era engolida pelo barulho da avalanche. Corri na direção contrária, para o meio da floresta. Levei um tombo, bati com a cabeça num tronco e cortei meu braço em um galho. Quando levantei só vi aquele

PERIGOSAS ACHERON

mundo branco.”

Daniel parou, engoliu em seco, limpou os olhos com os dedos e segurou no encosto de uma cadeira. Livia não se movia. Não ousava se mexer com receio que Daniel desistisse de prosseguir. Ele precisava desabafar. Remexer no passado.

“Não sei por quanto tempo procurei Zack. O corte no meu braço deixava um rastro de sangue na neve e, depois de um tempo, veio um grupo de umas quatro pessoas seguindo o rastro. Quando me encontraram, começaram a me ajudar na busca. Chamaram o resgate e passamos o resto da tarde procurando Zack. O corpo dele estava debaixo de muita neve e uns galhos. Foi a cena mais horrível que já vi na vida. Levaram o corpo embora e as pessoas que tinham me ajudado me levaram para a casa de tia Mary. Chris chegou no dia seguinte com meus pais. Imagine o desespero. Tia Mary e Jack tentavam ajudar, o caos era grande. Meu pai me

PERIGOSAS ACHERON

culpou dizendo que eu era mais velho e deveria ter sido mais responsável. Minha mãe teve que ser sedada. No dia do velório, eu parecia um robô. Não respondia quando falavam comigo. Eu tinha sido responsável pela morte do meu irmão.”

Lívia deu um passo na direção de Daniel, mas ele fez um sinal com a mão para ela parar.

“Preciso continuar...” ele disse e passou a mão na testa. “Na semana seguinte, meus pais voltaram para Vancouver onde moravam e eu fiquei com os tios em Canmore. Acho que passei uns dez dias no quarto escuro. Depois disso, fiz minha mochila e fui embora sem avisar. Larguei tudo: emprego, meu apartamento. Nem meu carro peguei. Passei o mês seguinte indo de uma cidadezinha para outra no interior de Alberta. Eu pegava ônibus ou carona. Não tinha rumo. Dormia em hotel de beira de estrada. No fim daquele mês, avisei aos tios que eu precisava ficar um pouco

afastado de tudo. Eles prometeram cuidar das minhas coisas. Me deram conselhos, mas não me forçaram a voltar. Tia Mary é assim, né? Ela deixa a gente buscar nossas próprias respostas. Não acredita em resposta pronta.”

Lívia balançou a cabeça afirmativamente. Se ela estava ali no sítio, era justamente porque Dona Mary tinha se recusado a dar resposta mastigada.

“Lívia, passei um ano terrível. Decreei que Deus não existia. Não podia existir e deixar uma tragédia dessa acontecer. Me envolvi com quem não devia; era como se eu quisesse me punir. Um dia, parei em uma ponte e fiquei olhando o rio volumoso de primavera passar levando o que encontrava pelo caminho: galhos, entulho e lâminas de gelo. Considerei que minha vida não tinha sentido. O peso era enorme. Passei as pernas para o outro lado da mureta de proteção. Levei um susto

PERIGOSAS NACIONAIS

quando uma mão forte segurou no meu braço. Era um senhor mais velho, de bigode e um chapéu de *cowboy*. A *pick-up* velha dele estava parada na ponte e um cachorro enorme latia, querendo sair. O homem disse: *a única coisa que não tem meia volta é isso que você está pensando em fazer*. Ele me puxou de volta, pegou minha mochila que estava no chão e me colocou na *pick-up*. O cachorro lambeu meu rosto e pareceu ter me acordado daquele pesadelo na ponte. Larry, o senhor, me levou para o rancho dele. Era viúvo e cuidava dos cavalos da vizinhança. Ele cuidou de mim como um filho. Pouco falava e quando eu contei parte da minha história e de Zack, ele disse que entendia a dor da morte. Ele tinha perdido um filho no ano anterior em um acidente de trator. Trabalhei no rancho por uns meses.

Quando fiquei um pouco melhor, Larry me disse que eu precisava conversar com meus pais.

PERIGOSAS ACHERON

Recusei, mas, semanas depois, liguei para eles. E foi muito bom. Eles estavam morrendo de preocupação e meu pai pediu perdão por ter sido duro comigo. Mas eu sabia que tinha sido responsável pela morte de Zack. Larry me disse que, por um tempo, ele se sentira responsável pela morte do filho e que todos temos isso de nos culpar quando esse tipo de tragédia acontece. Segui minha vida e depois de um ano aceitei o convite de Chris para vir para cá. Não foi fácil. Não sei como ele e Celeste aguentaram minha rebeldia. O pastor Geraldo também cuidou de mim como cuidaria de um filho. Caminhou comigo da rebeldia à fé novamente.”

Daniel passou a mão pela cicatriz e se aproximou de Lívia. “Parece que eu e você estamos nesse mesmo barco de culpa por uma decisão com graves consequências. Mas, Lívia, se eu não acreditasse em cura, não estaria aqui. Teria

continuado com minhas loucuras até que a morte se encontrasse comigo, precocemente, em alguma esquina.”

Ele a abraçou. “Deus tem colocado no meu caminho pessoas cheias de misericórdia. Ano passado, Larry morreu. Sua irmã me mandou uma carta que ele tinha escrito antes de morrer. Nunca tive coragem de ler. Não queria remexer no passado e eu sabia que Larryalaria disso,” Daniel disse e a afastou um pouco. “Quero ler essa carta – quero ler com você.”

O queixo de Livia tremeu e ela balançou a cabeça concordando com veemência.

“Moranguinho, acho que vai ficar tudo bem com a gente,” ele disse e a abraçou novamente.

O que ele queria dizer com isso, Livia não sabia. Queria acreditar. Precisava acreditar que tudo ficaria bem.

Capítulo 22

O choro continuou. Lívia acordou assustada e olhou as horas no celular. Três da manhã, mas Rafael tinha acordado uma hora antes apenas. Cambaleante, ela foi pelo corredor escuro, seguindo a fraca luz que saía por debaixo da porta. Lívia bateu de leve e Celeste mandou que entrasse. Chris segurava o pequeno Rafael enquanto andava de um lado para o outro no quarto. Celeste, sentada numa poltrona, desabotoava a blusa do pijama. Seu marido ajeitou o bebê nos seus braços.

“Ele dormiu antes de mamar no outro peito e acho que ficou com fome de novo,” Celeste,

olhando para Livia com o rosto torcido de dor.

“Esse meu peito está bem ferido... ui.”

“O protetor de silicone não resolveu?” Livia perguntou.

“Ele se recusa a mamar com o protetor,” a jovem mãe respondeu.

“Isso é assim mesmo?” Chris olhou para Livia com a testa franzida.

“É comum, sim. Amanhã dou uma olhada e vemos o que fazer. Mas logo os mamilos ficam mais resistentes.”

Chris apoiou o queixo na mão e franziu a testa. Celeste olhou para o marido e deu uma risadinha.

“Chris fica sofrendo quando Rafael me machuca. Já disse para ele que já estou me acostumando,” Celeste explicou para Livia.

“Celeste faz umas caretas que me dão aflição,” ele observou.

“Mas está tudo bem, Livia. Pode voltar para a cama,” Celeste disse.

Livia deu boa-noite, mais uma vez, e se enfiou debaixo das cobertas no sofá-cama do quarto de hóspedes. O sono não veio. Foram as palavras de Daniel, algumas horas antes, que a deixavam alerta: *vai ficar tudo bem com a gente*. Será que ele tinha algum plano? Teria a ver com o que ele queria conversar no piquenique no sábado e a carta de Larry, que ele prometeu ler junto com ela?

Na manhã seguinte, Livia acordou exausta. Fazia um tempo que não corria. Aproveitando que ainda era cedo, foi para o chalé e vestiu uma roupa de corrida. O outono na região de Domingos Martins era agradável, mas, durante a noite, a temperatura baixava um pouco. Livia colocou um casaco esportivo por cima da camiseta e saiu pelo caminho de tijolinho. Cruzou o estacionamento e passou pelo portão. A fina neblina cobria a copa

PERIGOSAS ACHERON

das árvores como um véu de noiva. Lívia apertou o passo e subiu a estrada de terra deserta em direção ao mirante. Aves coloridas surgiam das árvores e desapareciam na neblina. No acostamento da estrada, Lívia manteve o passo e inspirava profundamente o ar fresco que lhe trazia à memória suas montanhas no Canadá.

Logo estaria de volta.

Sacudindo a cabeça como para espantar os pensamentos ruins, ela apertou o passo e virou uma curva. O coração acelerou – sempre se sentia melhor quando o corpo estava em movimento.

Um carro passou e virou a curva seguinte, deixando uma nuvem de poeira e dificultando sua visão já prejudicada pela neblina. Ao virar a curva, Lívia parou. O carro estava no acostamento e seu motorista abria a porta. Imediatamente, o sistema de defesa de Lívia deu o alerta: o coração acelerou mais e as mãos ficaram suadas. A adrenalina

circulou preparando o corpo para correr no sentido contrário. Ela deu meia-volta, mas o motorista saiu do carro com grande agilidade e a segurou pelos dois braços, prendendo seu corpo no dele. Lívia encheu o pulmão para gritar, mas uma mão forte tapou sua boca. Ela se debateu e mordeu a mão do homem, que xingou baixinho e tornou a tapar sua boca. Chutando no ar, Lívia tentava se desvencilhar, mas ele era bem mais forte. Um assalto? Sequestro? O que era aquilo naquele lugar tão tranquilo?

“Fique quieta; só quero conversar,” a voz masculina disse entre os dentes.

Leo! O que ele fazia ali? Lívia pensou, em pânico. Ela parou de se debater e ele afrouxou os braços.

“Só quero conversar,” ele repetiu e a soltou.

Lívia virou-se para ele com os olhos arregalados, balançou os braços doloridos e,

girando o corpo, saiu em disparada. Leo foi mais rápido e a puxou pelo rabo de cavalo, arrancando um grito de dor da moça.

“Me solta!” Ela grunhiu.

“Só depois que você me ouvir,” ele respondeu.

Lívia calculava estar a uns dois quilômetros do sítio. Ninguém passaria ali àquela hora. Com Leo de carro, ela não tinha muita chance de escapar.

“O que você quer?” Ela perguntou e se soltou das mãos dele.

“Quero que a gente converse como adulto e resolva nossas questões,” ele disse.

“Adulto? Você está agindo como um monstro! Você acha mesmo que tem clima para conversar?” Ela gritou.

“Preciso te dizer umas coisas,” Leo disse.

“Por que não me telefonou? Por que ficou

de tocaia? Como sabia que eu estaria aqui?” Ela fez a sequência de perguntas como uma metralhadora.

“Você não ia me atender. Eu estou seguindo seus passos e do seu namoradinho. Ele sabe que você é uma mulher fácil? Já rolou com ele também?” Leo falou com um sorriso sarcástico.

Uma bola de fogo subiu pelo estômago de Livia. Seus olhos arderam e sua respiração acelerou. Ela trincou os dentes e deu um tapa na cara de Leo com toda força que encontrou. Sua mão queimava e ele a segurou pelo punho.

“Você é um desclassificado, um monstro!” Livia urrou. “Me solta!”

“E se eu não soltar? Não estou vendo ninguém aqui para defender a donzela,” ele disse e riu novamente.

Livia se debateu quando Leo a prendeu nos seus braços. Uma nuvem de poeira se seguiu ao som de pneus freando na terra seca. Em segundos,
PERIGOSAS ACHERON

Daniel a arrancou de Leo e, com um murro, o derrubou no chão. Fábio puxou Livia para dentro do carro velho, fechou a porta e correu para o lado de Daniel.

“É melhor você desaparecer daqui senão quebro seus dedos e não vai conseguir nem ligar para a ambulância,” Daniel disse entre os dentes.

“Você sabe quem é sua namoradinha?” Leo disse, sentado no chão, enquanto batia a poeira da camisa.

“Se está se referindo à Livia, sei quem ela é. E sei também quem você é,” ele respondeu.

Livia, que descera do carro, disse:

“Se você aparecer de novo na minha frente, não vou ter pena de você. Assim que chegar em Calgary, vou denunciar você à polícia.”

“Denunciar por quê?” ele perguntou.

“Você sabe. E você sabe também como a justiça leva a sério esse tipo de denúncia,” ela

respondeu.

Leo tentou se levantar, mas foi a vez de Fábio de empurrá-lo com o pé. “É melhor seguir o conselho e desaparecer da área.”

Daniel segurou no braço de Livia e a levou para o carro. Fábio veio em seguida e se sentou ao volante. Fez meia-volta com o carro e deixou Leo tossindo na nuvem de poeira.



“Primeiro quero saber se está machucada,” Daniel perguntou e passou para Livia uma garrafinha de água.

Ela balançou a cabeça negativamente e lavou o rosto na pia. Daniel lhe passou uma toalha e ela enxugou o rosto e as mãos.

“Venha se sentar aqui,” ele disse e apontou para uma poltrona ao lado da cama por fazer.

Livia olhou ao redor. O chalé de Daniel era parecido com o seu, a não ser pela bagunça de

roupa espalhada pela cama e pelo sofá.

“Daniel, desculpa,” ela disse.

Daniel se agachou ao lado dela. “Não é para pedir desculpa, mas eu não pedi para não correr sozinha na estrada? Quando Fábio me disse que tinha visto você saindo do sítio, pegamos o carro e fomos atrás. Livia, e se Fábio não tivesse visto você sair? O que esse Leo teria feito?”

Livia fungou e passou a mão pelo cabelo de Daniel. “Mas estou bem.”

Daniel olhou para ela com frustração e se levantou. Ela continuou:

“Você tem razão; não pensei... precisava muito sair, dar uma corrida.”

“Por favor, não faça mais isso,” ele disse e passou a mão pelo cabelo. “Esse cara deveria estar atrás das grades.”

“Quero deixar isso tudo para trás. Não suporto nem olhar na cara dele.”

“Não posso obrigar você a fazer nada, mas queria pedir para tomar cuidado quando voltar... voltar para o Canadá,” Daniel pediu.

Voltar. Em cinco dias ela estaria de volta a Calgary. “Vou avisar a polícia; prometo.”

Daniel andou de um lado para outro no quarto bagunçado, com as mãos apertando a testa. “Vou ligar para tia Mary e pedir a ela que vá ficar com você uns dias assim que voltar.”

Lívia deu uma risada nervosa. “Daniel, não preciso de babá!”

Ele parou de frente para ela e disse:

“Não é babá, mas preciso saber que você vai ficar bem.”

“Vou ficar bem. Por que não ficaria?” Ela disse e se levantou. Com a voz alterada, ela continuou: “E por que você não vai lá ver com os próprios olhos?”

Daniel arregalou os olhos.

“Por que a gente não pode conversar abertamente sobre isso?” Ela perguntou, exasperada. “Por que você foge do assunto dizendo que tudo vai ficar bem se nem plano tem?”

“Lívia, você não entende,” ele disse.

“Claro que não, se você não me explica!”

A tensão que se seguiu era tão intensa que parecia uma corrente elétrica. Quando Daniel finalmente falou, sua voz estava titubeante.

“Lívia, nunca mais voltei para o Canadá depois que vim para cá. Tenho memórias ruins do que aconteceu com meu irmão, dos meses em que perambulei fazendo todo tipo de coisa errada.”

Lívia se aproximou de Daniel e pegou o seu braço. Passou o dedo levemente pela cicatriz. “Eu sei que é doloroso. Eu também deixei memórias amargas em Calgary, mas não dá para fugir dessas coisas. Não podemos apagar o que aconteceu, mas podemos reescrever coisas novas, coisas boas.

Daniel, tenho que me agarrar a isso ou eu vou enlouquecer.” Livia soltou o braço dele e colocou a mão em seu próprio ventre. “Eu também fui responsável pela morte de uma pessoa, por menor que ela fosse. Isso me machuca. Machuca muito! Tenho raiva de mim pela minha ignorância e fraqueza. O que eu posso fazer a não ser reescrever capítulos melhores? Uma palavra que me perseguiu nesse tempo todo que estou aqui é esperança. Preciso me agarrar a ela. Preciso acreditar que tempos melhores virão. E, Daniel, eu queria reescrever essa história junto com você.”

Daniel a puxou para perto e a abraçou. Ele respirou fundo e passou a mão pelo longo rabo de cavalo de Livia. “Você tem razão. Tenho que encarar isso. Eu só preciso de um tempo para pensar nisso tudo. Eu também, Livia, quero escrever uma história nova com você. Não duvide disso. Nunca.”

Lívia afastou-se um pouco e olhou para ele.
“Você é meu ipê, lembra?”

“Achei que ia me dar um nome de legume ou fruta,” ele disse e riu.

Ela colocou o dedo indicador no queixo e fez uma cara de quem estava refletindo. “Pensei num coco.”

“Coco? Onde pareço com coco?” ele perguntou e riu.

“Duro por fora. Difícil de quebrar a casca,” ela respondeu.

“Nossa, não sabia que me via assim tão casca-grossa e teimoso,” ele riu.

Lívia deu um sorriso tímido e continuou:

“Mas saboroso por dentro.”

Daniel a puxou para seus braços e sussurrou no seu ouvido:

“Está me passando uma cantada,
Moranguinho?”

Lívia escondeu o rosto no ombro dele e perguntou baixinho:

“Algum problema nisso?”

“De jeito nenhum,” Daniel respondeu com convicção. “Fala mais,” ele pediu em voz baixa.

Capítulo 23

“Vou falar com o delegado, amigo meu, e passar umas informações sobre esse tal de Leo,” Chris disse, empurrou com força a cadeira de onde se levantara e saiu da cozinha com o celular na mão.

“Estou bem,” Lívia insistiu.

“Mas poderia ter acontecido algo pior,” Celeste argumentou.

Daniel puxou Livia para o seu lado. “Ainda bem que Fábio estava chegando na hora que Livia saiu.”

“Vamos mudar de assunto. Estou aqui e estou bem, graças ao Fábio e Daniel,” Livia disse e bebeu o suco de maracujá de uma só vez.

“Está certo, Livia. Vamos deixar esse assunto para lá,” Celeste concordou. “Mas tome cuidado.”

Os três terminaram o café da manhã e Celeste saiu da cozinha apressada quando Rafael chorou no quarto. Chris voltou dizendo que o delegado tinha destacado um policial para ir atrás de Leo e dar umas palavrinhas com ele. Um sustinho básico, como Chris chamou. Livia não quis saber o que aquilo significava, mas esperava que Leo levasse mesmo um baita susto.

O dia seguiu seu curso, com sua rotina de sempre. Livia e Daniel não tocaram mais no assunto de uma possível ida dele para o Canadá e

nem na questão de Leo. A sexta-feira também passou voando e, à noite, Celeste e Chris anunciaram que iam para a casa de amigos jantar.

Mark e Sue tinham saído mais cedo, dizendo que iam passar o fim de semana em Vitória. Fábio ficou no sítio, mas avisou que ficaria no seu chalé jogando *videogame online* com uns amigos.

Lívia tomou um banho demorado e vasculhou seu armário, procurando alguma coisa mais apresentável que pudesse vestir além do mesmo vestido de sempre. Amassado, embaixo da pilha de camisetas e calças de ginástica, seu macaquinho azul turquesa era a única roupa mais apresentável. Lívia o vestiu e passou a mão várias vezes por ele tentando desamassá-lo um pouco. Olhando-se no espelho da porta do armário, ela fez uma careta e deu de ombros. Passou uma maquiagem leve e se surpreendeu com o resultado. Seus olhos tinham um brilho novo e as olheiras

PERIGOSAS ACHERON

tinham desaparecido por completo. Livia escovou o cabelo longo, deixando-o solto. Calçou a sapatilha de couro e subiu apressada pelo caminho de tijolinho em direção à casa.

Com o coração acelerado e a respiração ofegante com a expectativa de passar um tempo sozinha com Daniel, Livia chegou na varanda e sorriu. Uma mesinha redonda estava posta para dois debaixo dos galhos floridos de um enorme ipê roxo. Agora ela via aquela árvore com outros olhos.

Uma vela brilhava ao lado de um buquê de flores silvestres vermelhas – as mesmas que os beija-flores visitavam no jardim dos fundos da casa. Livia deu a volta na mesa examinando cada detalhe. Esses gestos românticos eram uma novidade para ela. Daniel pensava em detalhes que eram significativos para eles, que traduziam um pouco a curta história dos dois.

Uma música instrumental suave tocava ao

fundo, irresistível, como se convidasse Livia para dançar. Segurando um pratinho que exalava um aroma suave, Daniel saiu da cozinha para a varanda, sorrindo.

“Espero que esteja com fome,” ele disse e estendeu o pratinho para Livia.

“Morrendo,” ela respondeu e pegou um canapé ainda quente. “Humm, *brie* com geleia.”

Daniel ajeitou a gola da camisa azul clara e sorriu. “De damasco.”

“Você é cheio de surpresas! Está uma delícia,” ela disse com a boca cheia e lambeu os dedos.

Puxando a cadeira para Livia, ele disse:

“Sente-se. O garçom já vem te servir.”

Livia inclinou a cabeça e, já sentada, olhou ao redor. Daniel apontou para ele mesmo. Ele pegou o buquê de flores vermelhas e deu para ela. Livia sorriu e cheirou as flores. Ele voltou para a

cozinha. Logo trouxe dois pratos feitos, decorados em estilo *gourmet*.

“Uau,” Livia exclamou. “É cheio de surpresas mesmo. Onde você aprendeu a cozinhar assim?”

Daniel colocou os dois pratos na mesa e disse:

“Longa história, mas quando estava no *high school* no Canadá, trabalhei em vários bufês como garçom. Depois, nas minhas andanças, lavei muito prato e cozinhei em restaurante, alguns muito bons.”

Fazendo um sinal com a mão, Daniel voltou para a cozinha e trouxe dois copos altos com uma bebida amarela decorada com hortelã.

“Quase não tem álcool,” ele disse e colocou os copos na mesa. “Prefiro assim.”

Daniel passou a mão na cicatriz e Livia balançou de leve a cabeça concordando. Sentando-

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se de frente para ela, ele fez um brinde. “Às coisas boas que nos esperam.”

Lívia levantou o copo e, antes de brindar, perguntou:

“Você acredita?”

“Em quê?”

“Que coisas boas nos esperam?”

“Acredito,” ele respondeu.

Eles brindaram e comeram. A cada garfada, Lívia fazia um comentário sobre os sabores que identificava no filé de peixe.

“Encomendei fresco de Vitória,” ele disse.

“Nesse tempo todo que eu estou cozinhando, você deve ter me achado um caso perdido como cozinheira,” Lívia disse e colocou uma batatinha assada na boca.

Daniel riu e respondeu:

“De jeito nenhum. Sua comida tem gosto de casa, sabe? Tempero da vovó.”

PERIGOSAS ACHERON

Ela limpou os lábios no guardanapo de pano e respondeu:

“Vou tomar isso como elogio.”

“E é.”

Os dois comeram em silêncio. Entre uma garfada e outra, Daniel acompanhava a música, ora cantarolando, ora tamborilando os dedos de leve na mesa. Lívia sentia-se flutuar com os aromas da comida e a fragrância de mato e flores do jardim. A disposição tranquila de Daniel a deixava confiante de que coisas boas os esperavam. Eles já tinham passado por tanta dificuldade nas poucas semanas desde que ela chegara ao sítio, que um momento tranquilo e íntimo como aquele era um presente.

O tempo presente era um presente!

A emoção que Lívia sentia era difícil de descrever. Aquele momento singelo era o mais perfeito para lhe ensinar o verdadeiro significado de intimidade. Na sua frente, estava o homem que

ela aprendera a amar em tão pouco tempo. Não só isso – ela o admirava e respeitava. Sua força e indignação face à injustiça, sua disponibilidade de ajudar o necessitado, sua disposição para o trabalho duro, mas também sua vulnerabilidade frente à dor das perdas, tudo isso fazia de Daniel um homem admirável.

Colocando a mão em cima da mesa, Daniel fez um gesto com os dedos pedindo a dela. Sem demora, Livia deixou sua mão ser envolvida pela dele. Um arrepio subiu pelo seu braço até o pescoço, enviando, depois, fagulhas pelo corpo todo. Ele sorriu para ela e disse baixinho:

“Ainda não disse que você está linda. Estava esperando o momento certo – você está linda de azul com esse cabelo longo. Linda, Livia!” Ele fez uma pausa e respirou fundo. “Você é linda. Linda por dentro também. Sabe, quando nos vimos pela primeira vez, você toda teimosa querendo

carregar as malas sozinha para o chalé, eu pensei: *essa mulher parece frágil, mas é forte e decidida*. Com o tempo confirmei que era mesmo, mas mais do que isso. Você não se deixa abater. Antes de você me contar por que veio para cá, da sua perda e dor, eu imaginava que você tinha passado por algo difícil, mas via em você uma determinação em buscar respostas para superar a tristeza. E você fez isso de forma admirável – com grande humildade.”

Lívia enxugou os olhos no guardanapo amassado. Seu queixo tremia. As palavras lhe fugiram. Nunca teria enxergado sua situação como os olhos generosos de Daniel a viam. Ela se achava tão fraca. Chegara no sítio totalmente perdida. Caminhou meio às cegas em busca de respostas e foi confrontada com mais perguntas. Fungando, ela disse:

“Não sei se sou tudo isso, Daniel. Sei que não teria encontrado respostas sem a ajuda de

PERIGOSAS ACHERON

Celeste, Chris, Fábio,” ela fez uma pausa e apertou a mão dele. “Sem a sua ajuda, seu perdão e seu amor.”

Daniel debruçou-se na mesa e beijou os lábios de Lívia daquela forma que a deixava tonta, como o beija-flor buscando néctar. Voltando a se encostar na cadeira, Daniel pegou o buquê e tirou uma das flores. Deslizou as suaves pétalas pelo rosto dela. Lívia fechou os olhos e se entregou ao carinho. Seu coração deu um pulo quando sentiu a mão de Daniel em sua cintura.

“Vamos dançar,” ele convidou.

A música suave continuava e, abraçados, eles seguiram seu ritmo. Poderia ser impressão, mas a lua e as estrelas brilhavam mais forte. Com o rosto colado ao de Daniel, Lívia desejou que a música atravessasse a barreira do tempo e os levasse para a eternidade. As mãos dele em suas costas a deixavam com as pernas bambas. Ela

segurou-se firme no pescoço de Daniel e o deixou guiá-la naquela dança que era só deles.

Foi só quando os faróis de um carro cruzaram o estacionamento do sítio que Livia aterrissou de seu voo nas nuvens. Daniel afastou-se e observou o carro fazendo uma curva e parando ao lado do de Livia.

“Pensei que Chris e Celeste fossem voltar mais tarde,” ele sussurrou.

Livia pegou seu buquê da mesa e o levou ao nariz. Fechou os olhos e passou as pétalas pelo rosto. Daniel passou a mão forte por baixo do cabelo de Livia e acariciou sua nuca.

“Fique aqui que vou lá ajudar os dois a tirarem as coisas do carro. Volto já. Não saia daqui,” Daniel disse, beijou o rosto de Livia e desceu o caminho de tijolinhos.

Livia tomou o resto de sua bebida suave e se sentou na rede. Minutos depois, quando a família

PERIGOSAS ACHERON

chegou na varanda, Livia levantou-se e ofereceu ajuda.

“Aproveite sua noite especial,” Celeste sussurrou no seu ouvido.

Chris fez um aceno para ela e entrou na casa, seguido por Daniel com uma parafernália infantil nos braços. Livia voltou para a rede, sempre segurando seu buquê especial. Apesar da interrupção do seu encontro especial com Daniel, ela sorriu com a movimentação da chegada da família que ela considerava sua. Aqueles sons tinham vida. De dentro da casa, veio um choro, que logo cessou. Livia fixou os olhos na lua, com suas manchas escuras. Como eram mesmo os nomes dos dois mares na lua? Serenidade e Tranquilidade. Balançando-se suavemente na rede, era assim que Livia se sentia: serena e tranquila.

Daniel sentou-se ao lado de Livia e ela se aconchegou no abraço dele. Com os pés para frente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e para trás, ele balançava a rede. Ela colocou as pernas para dentro do tecido rústico e se deixou embalar pelo vaivém.

Serenidade. Tranquilidade. Ao lado de Daniel.

Cinco dias. Era o tempo que lhes restava até o adeus.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 24

Seu dia vai ser corrido amanhã. Rafael está dormindo. Se quiser dormir no chalé, fique à vontade.

Lívia mostrou a mensagem de Celeste para Daniel, que guardava os últimos pratos limpos no armário da cozinha. “A gente sai por volta de nove da manhã. Você decide se dorme aqui ou no chalé.”

Colocando o pano de pratos no ganchinho ao lado da pia, Lívia disse:

“Acho que vou para o chalé. Quero arrumar umas coisas e mandar umas mensagens.”

Daniel a segurou pelos braços e perguntou:
“Leo não tem escrito, tem? Porque se tiver
—”

Lívia balançou a cabeça. “Não se preocupe. Ele não escreveu. Quero mandar uma mensagem para Joana. Acho que fui grossa com ela da última vez que falamos.”

De mãos dadas, Lívia e Daniel saíram da cozinha, deixando a luz apagada e a porta fechada. Desceram em direção aos chalés, bem devagar, aproveitando os últimos momentos da noite especial. Lívia contou para Daniel o que a amiga tinha falado e a insistência em chamar as pessoas no sítio e Dona Mary de beatos. Daniel balançou a cabeça e disse:

“Sua amiga tem uma certa razão. Nesse tempo que passei perdido e sem rumo depois que Zack morreu, encontrei algumas pessoas interessantes. Umas eram exatamente como sua

amiga descreveu – uma religiosidade pesada, sem graça ou misericórdia. Essas faziam questão de apontar meus erros. Me senti como o homem ferido na beira da estrada na história do bom samaritano. Quem eu achava que iria me estender a mão foram os que atiraram mais pedras. Depois, quando fui parar na casa de Larry, entendi melhor a graça. Mas para ser justo, tia Mary e tio Jack são esse tipo de pessoa que acolhe qualquer um, em qualquer situação.”

Lívia parou e se virou para Daniel. A lua iluminava o rosto dele, deixando transparecer a tristeza que pesava nos seus olhos sempre que tocava nesse assunto. Ela disse:

“Acho então que fui mesmo abençoada de ter encontrado sua família. Nunca me senti julgada; só amada.”

“Fico feliz com isso, Lívia.”

No chalé, Lívia fechou a porta e se encostou

nela. O gosto do beijo de boa-noite de Daniel pulsava nos seus lábios. O sabor dos momentos que passaram juntos durante e depois do jantar permaneceu vívido em sua mente. Enquanto Livia mudava de roupa para dormir, a angústia crescia, como uma onda que vai se avolumando antes de quebrar na praia.

Debaixo das cobertas, ela deixou de lado seus próprios sentimentos e escreveu uma mensagem para a amiga, desculpando-se pelo modo como a tinha tratado da última vez que conversaram pelo telefone. Joana era uma boa amiga. Se não fosse por ela, Livia não teria tido tanta determinação para buscar oportunidades novas de trabalho dentro do hospital. Na sua insegurança, ela não se achava muito capaz de trabalhar em um ambiente tão estressante, que exigia tomada de decisão rápida. De tanto Joana falar e encorajar, Livia deu o braço a torcer e foi

PERIGOSAS ACHERON

atrás de uma vaga na emergência.

A resposta de Joana não veio de imediato. Deitando a cabeça no travesseiro, Livia começou a mergulhar no inconsciente. Os olhos pesados fechavam devagar. Um aviso de mensagem a trouxe de volta à realidade. Lendo a resposta de Joana, Livia sorriu e descansou contente por que uma amizade preciosa permaneceria.



Seria mais um dia especial. Livia pulou da cama, chutando as cobertas para o lado. Não precisava de despertador. A expectativa de passar um dia fora com Daniel era motivo suficiente para tirar-lhe da cama.

Correndo para o banheiro, Livia escovou os dentes e prendeu o cabelo. No espelho ela viu a imagem de uma mulher feliz, diferente da que tinha chegado ao sítio quase um mês antes. Mesmo a tristeza de ter que voltar para Calgary não lhe tirava

PERIGOSAS ACHERON

a verdadeira alegria de se sentir perdoada e de ter esperança de tomar decisões mais acertadas no futuro.

No quarto, ela vestiu o biquíni novo que tinha comprado em uma loja de Domingos Martins. Colocando uma bermuda e uma camiseta por cima, Livia deu um giro de frente ao espelho do armário. Estava se sentindo bonita. O amor tinha esse poder de fazer os olhos enxergarem diferente, tudo mais colorido.

Uma leve batida na porta foi o suficiente para disparar o coração de Livia. Pegando a bolsa de praia que tinha preparado na noite anterior, ela correu para a porta. Mal soltando a maçaneta, ela se jogou nos braços de Daniel.

“Bom dia para você também,” ele disse e riu. “Que entusiasmo!”

Ainda abraçada a ele, ela disse:

“Quero que seja um dia muito especial,

como foi a noite ontem.”

Daniel lhe beijou o rosto. “Então vamos. Tomamos café em algum bar na cidade antes de irmos para o parque.”

No curto trajeto até o estacionamento, Livia tagarelou sem parar. Falou do tempo nublado, disse que estava com fome e contou sobre as mensagens que trocou com Joana. Daniel ria quando tentava falar alguma coisa e ela o interrompia com outro assunto.

No carro, Livia mudou de assunto novamente:

“Estou me sentindo uma amiga relapsa. Nem perguntei se Celeste precisava de alguma coisa.”

Daniel virou o volante e entrou na estrada de terra que dava para o centro da cidade. “Não se preocupe. Falei com ela agora de manhã e ela estava numa disposição só porque Rafael acordou

PERIGOSAS ACHERON

só uma vez durante a noite.”

Lívia bateu as mãos de leve nas pernas e começou a contar algumas histórias engraçadas dos seus pacientes. Daniel só ria e balançava a cabeça.

Depois do rápido café da manhã em uma lanchonete e mais histórias de Lívia, eles seguiram para o Parque da Pedra Azul. O dia tinha começado nublado, mas as nuvens já se afastavam para longe, deixando o sol radiante da manhã brilhar.

Chegando ao parque, Lívia e Daniel pegaram um caminho na mata. O barulho de uma cachoeira aumentava conforme viravam as curvas da trilha.

“Que lindo isso aqui!” Lívia falou ao se deparar com a queda d’água que deixava uma fina neblina na superfície do rio.

Daniel escolheu um lugar com sombra para colocar as cadeiras e sacolas. “Vamos dar um mergulho antes que comece a encher de gente.”

PERIGOSAS NACIONAIS

Lívia tirou a bermuda e a camiseta e correu para a água, mergulhando na parte mais funda. Daniel veio logo atrás e desapareceu no fundo da piscina natural. Lívia olhou de um lado para o outro esperando ver onde ele sairia, mas um puxão no seu pé a derrubou para trás. Subindo à superfície, Daniel deu uma risada e recebeu um jato de água no rosto.

“Ah, é assim?” ele balançou o cabelo molhado e pegou Lívia no colo, jogando-a no ar.

Ela caiu como uma pedra na água, sumindo no mergulho. Reaparecendo atrás de Daniel, Lívia passou os braços pelo pescoço dele e tentou derrubá-lo, mas em vão. Ele a puxou pelas mãos e a abraçou. “Achou que ia me derrubar, né?”

Lívia riu e retribuiu o abraço. O momento de carinho foi interrompido por uma barulhenta família que chegara com várias sacolas e brinquedos. As crianças correram para a água

PERIGOSAS ACHERON

enquanto a mãe chamava a atenção dos filhos para que tomassem cuidado.

“Você não tinha uma notícia para me dar?”
Lívia perguntou e passou as mãos suavemente pela superfície da água.

Daniel passou a mão pelo cabelo molhado e balançou a cabeça afirmativamente. “O pastor Geraldo me disse que um fazendeiro que frequenta a igreja contratou o avô de Sofia e a tia para serem caseiros de um dos sítios dele.”

“Sério?” Lívia bateu palmas. “Imagino que vão morar no sítio.”

“Vão. Eu fui lá ver a casa com o pastor e a tia da Sofia. Não é grande, mas está novinha.”

“Mas que notícia boa! Sofia já sabe?”

Daniel sacudiu a cabeça negativamente.
“Ainda não. A tia quer que seja uma surpresa. Vão se mudar daqui a duas semanas.”

Lívia baixou os olhos.

Daniel tirou uma mecha de cabelo do rosto de Livia. “Eu sei... você queria ajudar na mudança. Mas podemos ir na casa para conhecer, se quiser.”

Balançando a cabeça levemente, Livia disse:

“Eu quero, sim. Quem sabe posso deixar algumas coisas compradas para você levar depois...”

“Como eu sabia que você ia querer fazer isso, pensei de irmos hoje ainda.”

Livia beijou o rosto de Daniel e disse baixinho:

“Que bom que pensou nisso.”

Livia e Daniel saíram da água e se enrolaram nas toalhas. Outras pessoas foram chegando e logo o lugar encheu-se de sons e cheiros. A manhã avançou e o sol mostrou todo o seu calor. Livia deitou-se na toalha e fechou os olhos, tentando absorver a animação ao seu redor.

Daniel, sentado ao seu lado, assobiava alguma melodia desconhecida. Livia sorriu e tateou a toalha ao lado, procurando a mão de Daniel. Que sensação maravilhosa do sol na pele e os dedos do seu amor enroscados nos seus! Qual foi a última vez que ela se sentira tão livre e feliz? O que lhe dava alegria quando estava em Calgary eram suas corridas nas florestas de pinheiros cercadas de altos picos. Muitas vezes caminhava com Dona Mary; outras, corria com Joana. Mas o longo inverno sempre vinha interromper a liberdade de passar várias horas ao ar livre nos fins de semana. Ali, com o barulho da cachoeira, das aves e dos micos, Livia experimentava algo que tinha deixado no passado, quando era menina, e passava alguns fins de semana em companhia dos avós no sítio de amigos não muito longe daquele parque. Logo tudo terminaria, como um sonho.

“Em que está pensando?” Daniel perguntou.

Lívia abriu os olhos e levou a mão à testa para tapar o sol. “Nisso tudo aqui em volta, na minha infância.” Com um sussurro, ela completou: “No Canadá. Na minha volta.”

Daniel apoiou-se no cotovelo e ficou de frente para Lívia. “Não se preocupe, Moranguinho. Vai dar tudo certo.”

Lívia sentou-se. “Não sei o que você quer dizer com isso. Por que não me explica em vez de falar em código?”

Sentando-se de frente para Daniel, Lívia balançou a cabeça impaciente.

Daniel sentou-se e puxou sua mochila que estava encostada no tronco da árvore. Abriu o zíper e começou a procurar alguma coisa lá dentro. Tirou um envelope pardo um pouco amassado.

“Essa é a carta que Larry escreveu antes de morrer,” ele disse e abriu o envelope ainda fechado. “Eu sabia que, se a lesse, teria que tomar algumas

decisões e não estava preparado. Larry sempre me desafiou a buscar respostas para minha crise.

Depois que vim para Domingos Martins, ele me convidou várias vezes para ir visitá-lo no Canadá, mas eu dava desculpas. Não ouvi dele por um tempo e um ano atrás ele me convidou de novo. Eu disse que não estava preparado. Um tempo depois recebi essa carta. Quero ler com você.”

Lívia ouvia atentamente. Observou Daniel desdobrar a carta e dar um suspiro profundo. Em inglês, ele leu, gaguejando nas primeiras palavras.

“Meu filho,” Daniel leu e passou as mãos pelos olhos. “Quando você receber esta carta, já terei partido. A vida me causou muitas cicatrizes, sendo a maior de todas a morte de Mike.”

Daniel lembrou Lívia que Mike era o filho de Larry que tinha morrido no acidente de trator. Ele continuou:

“A dor de perder um filho é incomparável.

PERIGOSAS NACIONAIS

No dia que encontrei você naquela ponte, pronto para tirar a própria vida, eu tinha acabado de fazer uma visita ao cemitério onde Mike estava enterrado. Me sentia sozinho e culpado. No caminho para casa, Trooper começou a latir insistentemente no carro ao meu lado. Parei no acostamento. Foi quando vi você na ponte. Levei um susto – de costas você parecia o Mike. Acho que por isso Trooper latiu e depois lambeu seu rosto quando você entrou no carro. O que sei é que, naquele momento, tive a convicção de que tinha que cuidar de você. Não era uma compensação pela perda de Mike, mas uma determinação de não permitir que alguém tão jovem morresse. Quisera alguém tivesse visto meu filho cair do trator que o atropelou. Talvez eu pudesse chegar a tempo de salvá-lo.”

Daniel parou, respirou profundamente e gaguejou mais um pouco quando recomeçou:

PERIGOSAS ACHERON

“Não podia admitir que um rapaz tão jovem e saudável pudesse tirar a própria vida. Nunca julguei seus motivos. Eu só queria ver você bem. Quando você me contou o que tinha acontecido ao seu próprio irmão, eu entendi por que eu estava naquela estrada, naquela hora. A culpa que você sentia era como a minha.”

Lívia passou a mão pelos olhos e esperou Daniel continuar.

“Sua resistência de vir para o Canadá é sua forma de evitar a dor da perda do seu irmão. Mas essa dor nos acompanha para onde vamos. Por muito tempo, eu evitei usar o trator que matou Mike. Deixei-o guardado numa garagem de um amigo. Não tinha coragem de vendê-lo e nem de usá-lo. Mike tinha comprado aquele trator com suas economias e se orgulhava disso. Um dia, tomei coragem e o trouxe de volta para a fazenda. Hoje ele está lá e é uma das formas de eu lembrar do

PERIGOSAS ACHERON

meu filho.”

Daniel baixou a carta e olhou para a cachoeira à sua frente. Lívia seguiu seu olhar – a água seguia seu curso constante, assim como a vida. A diferença era que a água tinha seu ciclo interminável, mas a vida, não. *Mais um motivo para aproveitar cada minuto com as pessoas que importam*, Lívia pensou.

Voltando os olhos para a carta, Daniel recomeçou a leitura:

“Daniel, não tente fugir daquilo que está dentro de você. Liberte-se desse fantasma que você mesmo leva para onde vai. Você é forte – sei disso. Não é por mim. Verdade que gostaria de ver você mais uma vez, mas não terei tempo para isso. Faça isso por você, pelas pessoas que o amam. Lembre-se: a tristeza não está no lugar, mas dentro de você.”

Lívia examinou o rosto de Daniel. O que
PERIGOSAS ACHERON

estaria passando pela sua cabeça? Os lábios apertados, a testa franzida, o olhar perdido – Livia queria dizer alguma coisa para tirar a preocupação dele, mas não teve coragem de interromper seus pensamentos. Ele leu a despedida de Larry com voz embargada, dobrou a carta lentamente e a guardou no envelope, e este, na mochila.

Como se acordasse de um sonho, Daniel falou:

“Vamos nadar.”

Livia arregalou os olhos quando ele se levantou e pulou na água. Aturdida, ela permaneceu sentada. Daniel surgiu do outro lado do rio e se encostou em uma pedra.

Hesitante, Livia se levantou. Esperou na margem do rio. Daniel parecia perdido em pensamento com os olhos fechados e o rosto virado para o sol. Voltando para onde tinha deixado suas coisas, Livia olhou ao redor e se aproximou de um

PERIGOSAS NACIONAIS

casal mais velho sentado em cadeiras de praia que observavam atentamente toda a movimentação do lugar. Lívia pediu que ficassem de olho em suas coisas e seguiu pela margem do rio no sentido da correnteza. O sol queimava seu ombro. Ela abaixou-se, encheu as mãos de água e jogou nos braços. Continuou pela areia fina, saltando uma pedra ou outra no caminho e se desviando das crianças que brincavam. Depois de uma curva, a corredeira ficou mais forte. Uma mulher puxou o filho pelo braço quando ele ameaçou mergulhar naquela parte do rio, alertando que ali era mais perigoso.

Uma pedra lisa bloqueava a passagem no trecho da margem mais à frente e Lívia, subindo na pedra, tentou passar para o outro lado. Seu pé escorregou e ela caiu na água. Bateu os braços, assustada, fazendo força para voltar à margem, mas a correnteza era mais forte. Um homem que

PERIGOSAS ACHERON

caminhava no outro lado do rio começou a gritar para ela:

“Nade para cá, aqui dá pé!”

Lívia ouvia a ordem, mas estava cansada demais, tentando manter-se à tona. Desesperada, ela tentou agarrar-se a uma pedra no meio do rio, mas não tinha força suficiente. A correnteza jogava água em seu rosto e ela tossia enquanto respirava de forma irregular. A voz do homem foi desaparecendo e Lívia não conseguia enxergar mais a margem. Com a adrenalina a mil, ela bateu os pés na água com toda força que lhe restava enquanto dava braçadas desesperadas. Quando começou a afundar, ela sentiu sua cintura ser enlaçada, causando-lhe uma dor aguda, e tudo se apagou.

Capítulo 25

O fundo arenoso dificultava sua visão. Era o rosto de Daniel que via dentro do rio? Por que ele não falava nada, não olhava para ela? Seu bebê! Lívia tinha perdido seu bebê e a correnteza o levava para longe. Ela queria gritar, mas a água entrava em suas narinas. Seu peito doía. Onde

estava Daniel? Para onde tinha ido seu bebê? Não tenho mais forças. Vou fechar meus olhos. Quero dormir, dormir, dormir.

Lívia, Lívia, Lívia!

De onde vinham aqueles gritos? Estou tão cansada.

Lívia, Lívia, Lívia!

Como se um raio tivesse atingido seu peito, Lívia arqueou o corpo e tossiu desesperada.

Lívia, Lívia, Lívia!

A voz. Era Daniel. Estou aqui!

Lívia tossiu e mãos fortes a viraram de lado. Ela cuspiu a água. E mais água. Tossiu mais um pouco.

“Lívia, meu amor, por favor, reage, estou aqui!”

Abrindo os olhos, Lívia viu seu rosto.

“Daniel!”

Ela tossiu mais um pouco e olhou ao seu

redor. Deitada no chão, ela via rostos desconhecidos, ouvia vozes desconhecidas. Mas um rosto ela via com nitidez. Uma voz ela ouvia com clareza. Sentando-se no chão de areia, ela disse:

“Daniel, o que aconteceu?”

Ele a abraçou tão forte que ela precisou afastá-lo para poder respirar.

“Caiu no rio... eu não achava você... fiquei desesperado. Alguém gritava e eu corri. Vi você sendo levada pela água,” Daniel dizia com a voz entrecortada.

Levantando Livia no colo, ele continuou:

“Vamos. Vou levar você para o hospital.”

Esticando as pernas, Livia ficou de pé. “Não precisa. Estou bem.”

O grupo de curiosos dispersou-se. Livia arrepiou-se ao olhar para a cachoeira. Daniel enrolou uma toalha nela e insistiu. “Você está

tremendo.”

“Vamos embora. Mas quero ir para casa... para o sítio,” ela disse.

Enquanto Daniel guardava suas coisas, Livia esperava encostada em uma árvore. Subiram a trilha até o estacionamento do parque devagar.

No carro, Daniel examinou o rosto de Livia. “Você está pálida.”

“Foi o choque. Mas estou bem,” ela disse e se enrolou apertado na toalha.

“Não custa passar no hospital. Seu braço está todo arranhado,” ele disse, apontando para os ferimentos.

“Daniel, já disse. Quero ir para casa... para o sítio. Por favor.”

A contragosto, ele tomou a estrada em direção ao sítio. Livia encostou a testa na janela do carro e fechou os olhos. Seu coração acelerou; suas mãos ficaram suadas. Um grande calor subiu do seu

PERIGOSAS ACHERON

peito para o pescoço fazendo a cabeça latejar. Ela abriu a janela e respirou em golfadas.

“Lívia,” Daniel pegou a mão dela. “Sua mão está suada. Quer que eu pare?”

“Não, não, quero ir para casa,” ela disse com a voz trêmula.

Não podia ter um ataque de pânico na frente de Daniel. A sensação de morte era intensa, como se a estrada estivesse se abrindo em uma grande fenda e fosse engolir o carro. A paisagem passava, mas Lívia não conseguia apreciar sua beleza. Tudo parecia desfocado. O carro fez um desvio e parou bruscamente no acostamento.

“Lívia, olhe para mim,” Daniel pediu e a segurou pelos ombros. “O que foi? Você está pálida!”

Lívia cobriu o rosto com as mãos e chorou, sacudindo os ombros e tremendo. Daniel a abraçou e passou a mão pelo cabelo dela.

“Você está me deixando com medo. Está me escondendo alguma coisa e o ferimento é mais grave do que eu pensava? Bateu a cabeça nas pedras? Livia!”

No ombro dele, ela falou, ainda chorando:

“Estou com medo. Medo! Medo de morrer, medo de voltar para casa.”

Daniel a abraçou mais forte. “Você está em choque e juntou tudo, suas preocupações, sei lá. Mas estou aqui. Vou ficar ao seu lado.”

Livia agarrou-se à camisa dele e chorou até não restarem mais lágrimas. Daniel passava a mão no seu cabelo e sussurrava palavras de consolo. O coração de Livia desacelerou; a respiração foi ficando mais cadenciada e profunda. O cheiro de Daniel foi lhe trazendo de volta à realidade. Pela janela aberta, o canto da floresta entrou suavemente, assim como a fragrância de mato. A manhã tinha sido intensa, primeiro com a carta de PERIGOSAS ACHERON

Larry, depois com a reação estranha de Daniel, seguida do acidente de Livia na água. Memórias terríveis vieram em *flashes* enquanto ela se debatia no rio. Mas aquilo tudo pertencia ao passado agora. Ela precisava ir em frente.

Queria viver!

Devagar, Livia levantou a cabeça e enxugou os olhos com os dedos. Daniel pegou a toalha que agora estava no chão do carro e cobriu os ombros de Livia.

“Vai ficar tudo bem,” ele disse.

Ela balançou a cabeça concordando, apesar de, no coração, não saber o que ele queria dizer. Não iria perguntar mais, nem insistir. Ela tinha muito em que pensar, principalmente em como seria sua vida depois que voltasse para o Canadá.



“De jeito nenhum,” Celeste disse para Livia e Daniel. “Ela vai ficar aqui na casa. Daniel, traz as

coisas dela para cá.”

Sem ter mais argumentos para voltar sozinha para o chalé, Livia cedeu. Daniel levantou-se do sofá onde estava sentado ao lado dela e saiu da casa. Chris voltou pelo corredor com a caixa de primeiros-socorros.

“Não sou enfermeiro como você, mas já cuidei de muito machucado das crianças,” Chris disse e abriu a caixa, tirando o que precisaria para cuidar dos arranhões de Livia. Com a ajuda de Celeste, os dois limparam os ferimentos.

A chegada à casa tinha sido tumultuada. Assim que Celeste viu os braços de Livia arranhados e seu rosto pálido, entrou em pânico pensando que Leo tivesse voltado e aprontado. Daniel contou o que tinha acontecido e Celeste abraçou a moça, consolando-a, dizendo que ficaria tudo bem. Livia argumentava que iria para o chalé, mas Celeste e Daniel insistiram que ela precisava

ficar em observação. Chris chegou e foi categórico, dizendo que ela deveria ficar na casa. Celeste se ocupou de preparar alguma coisa rápida para Livia comer, o que ela fez por educação já que seu apetite tinha sumido.

Com a questão resolvida, Celeste a acompanhou ao banheiro. “Fique o tempo que precisar. Relaxe no chuveiro. Pode usar tudo o que achar por lá: cremes, xampu, condicionador. Embaixo da pia tem toalhas limpas e um roupão que você pode usar.”

Obedecendo, Livia entrou no banheiro e trancou a porta. Deixou a toalha de praia no chão e tirou o biquíni. Seus braços doíam e seus ombros estavam tensos. Debaixo d’água, ela fechou os olhos e tentou relaxar. Seu ataque de pânico no carro tinha tirado suas forças. Não teve como esconder a crise de Daniel, mas, de uma certa forma, era melhor que ele soubesse que ela tinha

esse problema. Livia se sentira segura com ele.

Uma leve batida na porta interrompeu seus pensamentos.

“Livia, está tudo bem?”

Daniel. Ele tinha ficado muito preocupado com ela enquanto passava pela crise de ansiedade.

“Estou sim, só tentando relaxar um pouco.”

“Está certo. Trouxe algumas roupas suas e vou levar para o quarto.”

“Já saio...” ela respondeu.

Minutos depois, ela saiu do banheiro com a toalha enrolada na cabeça e vestida com um roupão. Celeste a acompanhou ao quarto e Daniel veio logo atrás.

“Já volto,” Celeste disse e saiu pelo corredor ao ouvir o choro de Rafael.

“Troque de roupa e venha aqui para a sala,” Daniel disse e fechou a porta do quarto.

Lentamente, Livia se enxugou e pegou uma

PERIGOSAS ACHERON

roupa da sacola que Daniel tinha trazido do chalé. Ela vestiu a calça de ginástica com dificuldade. Seu corpo tremia ligeiramente. Depois de pentear o cabelo, pegou a manta da cama e se enrolou nela.

Na sala, Daniel a esperava. Ela aproximou-se e se encostou nele..

“Não quero te machucar,” ele disse e passou os braços pelos ombros dela com cuidado. “Vem comigo.”

Daniel a pegou pela mão e a levou para a varanda. Abriu a rede e os dois se sentaram. O sol estava se pondo, deixando para trás um rastro laranja e rosa.

“O dia de hoje nos causou muitas feridas. As suas na pele, as minhas no coração,” ele disse baixinho. “Vendo você naquele rio, descendo a correnteza, revivi um pouco do pavor que senti quando Zack foi engolido pela neve. Corri atrás de você me prometendo que não perderia você como

perdi meu irmão.” Ele a beijou na cabeça. “Não vou perder você, Livia.”

Ela balançou a cabeça e a deitou no ombro dele.

O sol se retirou e a lua fez sua entrada triunfal puxando consigo um manto estrelado.

Capítulo 26

É à noite que nossos piores inimigos aparecem, Livia pensava enquanto se virava na

cama. Medo, dúvida, dor; eles vinham em ondas. Tudo estava indo tão bem – sentia-se perdoada e amada por sua nova família e por Deus, mas as palavras evasivas de Daniel e os últimos acontecimentos na cachoeira a tinham desestabilizado, abrindo a porta para a ansiedade.

Lívia empurrou as cobertas e se sentou no sofá-cama. Pegou seu telefone e escreveu uma longa mensagem para Dona Mary contando o que tinha acontecido horas mais cedo. Omitiu a carta de Larry para Daniel; foi a primeira vez que ele a lera e Lívia não queria quebrar a confiança que ele depositou nela. Ela achava aquele gesto significativo – um passo importante no relacionamento dos dois. No entanto, Lívia contou para Dona Mary, de forma sucinta, mas clara, a crise de pânico que tinha tido.

Ainda era cedo no Canadá e logo Lívia recebeu uma resposta da mulher dizendo que sentia

PERIGOSAS ACHERON

muito pelo acidente, mas que estava feliz que nada de pior tinha acontecido. Ela aconselhou Livia a deixar a ansiedade do futuro de lado para que não ofuscasse a alegria que vinha sentindo de estar no sítio na companhia da família.

Verdade. Não tenho poder para resolver o futuro. Preciso viver esses últimos dias aqui de forma intensa, ela pensou.

As crises de pânico precisam ser enfrentadas; que bom que me contou. Cada vez que nos abrimos com pessoas de confiança sobre nossos medos, eles ficam menores, Dona Mary escrevera.

Ela tinha razão – só de se abrir com ela sobre o assunto, Livia sentia a tensão acumulada do dia diminuir.

Levem as cargas uns dos outros, não era assim que dizia na Bíblia? Livia tinha lido isso no livro de Glória em algumas passagens em que ela

PERIGOSAS ACHERON

falava da perda do marido.

Apesar de Lívia nunca ter falado diretamente do seu relacionamento com Daniel, Dona Mary já se referia a ele como alguém especial na vida da moça. Relendo alguns trechos que ela própria tinha escrito para a mulher mais velha, Lívia detectou palavras de grande carinho quando contava de Daniel. Pelo visto, Dona Mary aprovava o relacionamento.

Com os olhos pesados e a tensão sob controle, Lívia despediu-se de Dona Mary, enfiou-se debaixo das cobertas e trouxe à memória tudo de bom que já tinha vivido em Domingos Martins desde que chegara.



Tirando o travesseiro do rosto, Lívia esfregou os olhos, espreguiçou-se longamente e bateu a mesinha de cabeceira procurando seu telefone.

9:30 da manhã? Em um pulo, ela saiu da cama e amarrou o cabelo. Como tinha dormido tanto assim? Por que ninguém a acordara? Já estava atrasada para a igreja! Seria seu último domingo naquele lugar.

Com um leve gemido de frustração, ela vasculhou a sacola que Daniel tinha trazido do chalé e tirou alguns itens. Abrindo a porta do quarto devagar, ela foi, pé ante pé, para o banheiro. Cuidou da higiene e colocou o vestido um pouco amassado. Saiu do banheiro e foi até a porta fechada do quarto de Celeste. Batendo de leve, ela chamou seu nome.

Nada.

Lívia voltou para o quarto e guardou suas coisas na sacola. Foi até a cozinha.

Ninguém. Tudo em silêncio.

Em cima de um pratinho coberto com um pano bordado, havia um cartãozinho com seu

nome. Lívia abriu o cartão e o leu:

“Bom dia! Pego você ao meio-dia. Daniel”

Lívia jogou o cartão em cima da mesa e franziu a testa. Como ele a deixara no sítio sabendo que era seu último domingo na cidade e que faria questão de se despedir dos seus novos amigos? E onde iriam na hora marcada? Impaciente, Lívia comeu o sanduíche que tinham deixado para ela no pratinho. Bebeu dois copos de suco de maracujá e lavou sua louça. Sentada de volta à mesa da cozinha, Lívia tamborilou os dedos na mesa coberta com uma toalha xadrez. Correu os olhos pelos seus braços; os arranhões tinham secado e criavam uma fina casca marrom. Tirando o celular do bolso, Lívia escreveu para Joana perguntando se estava tudo bem. A amiga respondeu dizendo que sim, mas não rendeu papo.

Deixando sua sacola no chão da cozinha, Lívia foi para a varanda. Tomada de uma grande

PERIGOSAS ACHERON

emoção, ela parou debaixo de um enorme ipê e inspirou o ar fresco e úmido. Seus ouvidos sensíveis captaram os sons dos pássaros, micos e outros animais que faziam daquela mata seu habitat. Uma revoada de maritacas sobrevoou o campo à sua frente com grande alarde enquanto borboletas coloridas que voavam pelas flores, embaladas pelo vento suave.

Devagar, Livia andou pelo gramado e observou a paisagem, o sítio, a casa, tirando fotos mentais de cada detalhe. Suas experiências simples de menina em Domingos Martins juntaram-se às experiências intensas das últimas semanas naquele lugar tão verde e cheio de vida. O sono profundo tinha levado seus medos, lavado sua alma – estava cheia de vida.

No sítio, ela confrontou a morte: do seu bebê, da sua alma, de Zack, de Larry, das perdas de Celeste, de Glória e seu quase encontro com a

PERIGOSAS NACIONAIS

morte no dia anterior. De uma coisa Livia sabia: a morte era uma certeza. No entanto, viver de forma exuberante era uma decisão e ela tinha aprendido que essa era uma decisão que se tomava diariamente. Livia queria viver. Iria manter seus olhos fixos na vida. Não era essa a vontade do próprio Deus, o autor da vida?

Uma joaninha pousou no braço de Livia. Com todo o cuidado do mundo, ela colocou seu dedo indicador no caminho que o pequeno inseto preto e vermelho fazia no seu braço e esperou que ele escalasse seu dedo. Sorrindo, Livia abriu a mão e sentiu os minúsculos pés trilharem a palma de sua mão; tão frágil, tão linda com seus pontinhos pretos. A vida não era assim? Tão frágil e linda? Permitindo uma lágrima descer pelo seu rosto livremente, Livia decidiu que ajustaria seu foco de forma a priorizar tudo o que promovesse a vida, fosse sua própria ou a de outros.

PERIGOSAS ACHERON

A joaninha voou e Livia sentiu como se voasse com ela. Seu futuro era incerto como o curso do inseto, mas ela tinha a convicção de que tudo sairia bem. Não era isso que Daniel sempre repetia?

Um aviso de mensagem no celular a tirou da viagem mágica de sua alma. Com um sorriso, ela leu a mensagem de Daniel:

Bela Adormecida, espero que já tenha acordado e visto o bilhete que deixei na cozinha. Pego você em 40 minutos.

Agitada, Livia olhou as horas. Tinha se distraído tanto com seus devaneios que não vira a hora passar. Pegando sua sacola na cozinha, ela correu para o chalé. Chegando lá, ela guardou suas coisas de volta no armário e deu um jeito melhor no cabelo. Iria combinar com Daniel que a levasse à loja bem cedo no dia seguinte para comprar coisas para a casa nova de Sofia no sítio onde o avô e a tia

PERIGOSAS ACHERON

trabalhariam. Queria também se despedir do pastor Geraldo e de Mara. Se pudesse, iria ver Susana e a irmã.

Ao meio-dia em ponto, Lívia ouviu um barulho de pneus no chão de terra do estacionamento do sítio. Com o coração disparado, ela saiu do chalé e se jogou nos braços de Daniel que acabava de sair do carro.

“Que violência é essa?” ele perguntou e riu.
“Você não estava em coma horas atrás?”

Soltando-se do pescoço dele, Lívia disse:

“Estou feliz! Quero viver, Daniel!”

Ele a puxou pela cintura, beijou seu rosto e disse:

“Imagino que sim, mas que bicho picou você?”

“Uma joaninha!”

“Joaninha? Você bebeu alguma coisa? Que história é essa?”

No carro, ela contou a experiência que tivera no jardim, dos pensamentos de morte e vida.

“Acredito em você quando diz que tudo vai ficar bem. Não sei o que você quer dizer com isso, mas tenho essa convicção. E para onde está me levando?”

“Preparada para uma surpresa?” ele perguntou.

“Preparadíssima!” ela respondeu e deu um grito como de vitória. “Preparada para tudo!”

Capítulo 27

“Não estava preparada para isso!” Livia

sussurrou para Daniel e se agarrou no braço dele.

Surpresa!

O salão de festas da igreja estava cheio de rostos conhecidos que sorriam para Livia. Sofia correu para seu lado e lhe entregou um buquê de flores do campo. Livia olhou de Daniel para Celeste, Chris, pastor Geraldo, Mara, Fábio e outras pessoas que ela conhecera nessas breves semanas em Domingos Martins.

Pedindo silêncio, o pastor disse, no meio do grupo:

“Livia, essas pessoas estão aqui porque você é especial para elas. Essa não é uma despedida; pelo contrário, é uma reunião de boas-vindas. Nesse tempo que você passou com a gente, aprendemos muito com sua generosidade e disposição.”

De olhos arregalados, Livia correu os olhos pelo salão. Seu olhar encontrou-se com o de Celeste que, com o pequeno Rafael nos braços,

balançava a cabeça concordando, com convicção.

O pastor continuou:

“Você vai embora, mas sua presença vai continuar entre a gente. Cada um dos presentes aqui pode contar alguma história de como você os inspirou. Saiba que, você volta para o Canadá, mas aqui será sempre sua casa!”

Sue e Mark sorria e balançavam a cabeça concordando. Lívia escondeu o rosto no ombro de Daniel e molhou sua camisa com suas lágrimas frescas. O grupo aplaudia e todos começaram a falar ao mesmo tempo, aproximando-se dela. Sofia puxou a manga do vestido de Lívia, chamando sua atenção.

“Por que você está triste? Não gostou da festa?” A menina perguntou.

Fungando, Lívia respondeu, segurando a mão de Sofia:

“Estou chorando de alegria.”

Sorrindo, a menina correu até outras crianças que brincavam no meio do salão.

“Discurso, discurso, discurso!” O grupo pedia, animado.

Lívia olhou para Daniel, que deu uma piscadinha e segurou sua mão. Limpando os olhos e o nariz com um lençinho que Celeste tinha lhe passado, Lívia disse:

“Daniel perguntou se eu estava preparada para uma surpresa e eu disse que estava. Na verdade, me enganei. Nunca me senti tão emocionada com um gesto de carinho tão grande. Foi uma surpresa e tanto. Queria agradecer pela consideração. Vocês têm razão: essa é minha casa. Sei disso por causa do amor de vocês. Quando vim do Canadá, não tinha certeza se essa era uma decisão certa. Tive medo. Não sabia o que ia encontrar e quem ia encontrar. Acabei achando um lugar que é um pedacinho do céu para mim. Aqui encontrei não só

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amor, mas perdão. Não sei o que Deus tem para meu futuro...” ela olhou para Daniel e completou, “mas sei que tudo vai dar certo.”

As pessoas aplaudiram e vieram dar um abraço em Lívia, que não conseguia conter as lágrimas diante das palavras de carinho que ouvia de cada um. O Seu José veio com Janete agradecer por tudo que Lívia fizera por Sofia e prometeu cuidar da neta com carinho.

Com voz de trombone, Chris convidou a todos para a farta mesa no centro do salão com todo tipo de comida deliciosa. Entregando um prato para Lívia, Daniel a empurrou para a fila. Ela não sabia por onde começar: arroz, feijão, frango de panela, verduras frescas e muita mandioca frita, como ela gostava. Daniel riu quando, no final da fila, olhou para o prato de Lívia e disse, rindo.

“E no início você achava que eu comia muito!”

PERIGOSAS ACHERON

Ela deu uma ligeira cotovelada nele. “Não se faz comentário sobre o prato cheio de uma mulher.”

Ele riu e foram juntos se sentar com o pastor Geraldo e Mara. Fábio apareceu com o prato tão cheio que as coxas de frango pareciam estar equilibradas na montanha de mandioca.

“Vou sentar aqui com essas figuras ilustres,” ele disse. “Lívia, tenho uma surpresa.”

Ela deixou o garfo de lado e disse:

“Não sei se aguento outra surpresa hoje!”

Seus amigos riram.

“Vou passar um tempo com Dona Mary e Jack no Canadá ajudando em um projeto!”

Lívia olhou de Fábio para Daniel. Por que não era Daniel a lhe dar esse tipo de notícia?

“Que bom,” ela disse com uma mistura de alegria e tristeza.

“Quero que você me mostre suas montanhas,” ele disse e puxou um pedaço grande da coxa de

frango que segurava.

Olhando de relance para Daniel, Livia não podia deixar de notar seu semblante triste.

Mordendo uma mandioca frita, ela baixou os olhos, fingindo se concentrar na comida que não parecia tão apetitosa quanto antes.

Fábio tagarelou sobre os planos de ir para o Canadá enquanto o pastor Geraldo tentava, em vão, desviar a conversa. Daniel se levantou dizendo que ia pegar alguma coisa para beber e Livia o ignorou. Não permitiria que a alegria de sua festa fosse ofuscada por qualquer tristeza.

No final do almoço, Celeste deixou o pequeno Rafael no colo de Livia e foi ajudar a tirar a comida da mesa e a colocar as sobremesas, apesar dos passos ainda lentos com causa da cesariana. Susana apareceu e trocou umas palavras com Livia sobre Sofia. O fato do avô ter aceitado o emprego de caseiro, acompanhado de Janete, tinha pesado

muito na decisão de Susana de manter a guarda da menina com o avô.

De rabo de olho, Livia observava Daniel que varria o chão e fechava alguns sacos de lixo já cheios. *Tudo vai ficar bem*, ela repetiu silenciosamente.

No final da tarde, ela voltou com Chris, Celeste e Fábio para o sítio. Daniel disse que tinha algumas coisas para resolver na cidade. Essa mudança de humor dele seguida de silêncio era algo com que ela teria que se acostumar. Aprendera a deixar para lá até que ele estivesse pronto para conversar.

Emocionalmente exausta, Livia esticou-se na cama no chalé. Teria que começar a fazer as malas logo, não que tivesse trazido muita coisa ou comprado algum presente, mas isso seria um sinal claro para que ela aproveitasse bem os últimos dias. Joana tinha mandado algumas informações sobre a

PERIGOSAS ACHERON

especialização em neonatologia que Livia queria fazer. Agora aquilo tinha perdido o brilho. Não era prioridade no momento. Pensaria em sua carreira quando chegasse em Calgary. Talvez procurasse alguma coisa mais voltada para comunidades carentes, que eram muitas no norte do Canadá, principalmente entre os nativos. Durante aquele período com Celeste e sua gravidez, Livia tinha tomado um novo gosto por obstetrícia. Poderia avaliar essa área e, quem sabe, especializar-se para ser parteira, uma carreira bem regulamentada e respeitada no Canadá. Mas deixaria isso para depois também. Livia passou uma mensagem agradecendo à amiga e se levantou.

Tirando suas malas de baixo da cama, Livia abriu-as no chão ao lado da poltrona. Uma dor cortou seu coração como uma lança. Ir embora do sítio, seu lugar seguro, seria extremamente difícil e doloroso, mas as decisões futuras só poderiam ser

PERIGOSAS ACHERON

tomadas quando ela voltasse para casa e reassumisse suas responsabilidades. Com um suspiro profundo, Livia decidiu que aquele não era o fim, mas o começo de coisas boas.

Mais animada, ela colocou na mala algumas roupas que não usaria mais. Pegou o livro de Glória e o folheou. Quem sabe ela poderia levá-lo consigo? Daniel dissera que Glória gostava de repartir as coisas com outros. Não custaria perguntar.

Uma batida forte na porta a assustou. Apressada, Livia a abriu.

“Livia, pode vir comigo?”

Foi difícil decifrar o semblante de Daniel quando ela abriu a porta. Estava triste, preocupado, pensativo? Livia não sabia dizer. Balançou a cabeça afirmativamente e foi ao lado dele para o pátio nos fundos da casa. Chegando lá, ele abriu o portãozinho da horta. Puxando a mão dela, ele a

levou até o pé de morango. Agachando-se, Daniel fez um sinal para ela fazer o mesmo. Com cuidado, ele levantou as folhas já bem maiores que cresciam viçosas na planta. Lívia sorriu. Os morangos vermelhos tinham crescido em tamanho e número. Arrancando dois, Daniel deu um para ela e segurou o outro. Em silêncio, eles saborearam as frutas. Era um sinal de vida e de que nada estava perdido enquanto houvesse seiva.

Daniel se levantou e puxou Lívia para um abraço. Com o rosto escondido nos cabelos dela, ele sussurrou:

“Desculpa. Quantas vezes vou ter que pedir desculpas?”

Ela balançou a cabeça de leve e passou a mão na cabeça dele. Ele continuou:

“Você me desestrutura. Viro um menino bobo. Mas acredite que vou lutar por nós até que a gente fique junto para sempre. Nunca duvide

disso.”

Lívia engoliu em seco e apertou mais o abraço. Não podia duvidar. Não queria duvidar. Não imaginava sua vida longe de Daniel. Já era doloroso afastar-se de todos que aprendera a amar e do sítio, mas ter uma distância geográfica incrível entre eles seria ainda mais penoso.

Capítulo 28

Como o tempo passou nessa velocidade alucinante? Lívia fechou uma das malas antes de tomar um banho ajudar Celeste com o jantar.

Apesar do domingo ter terminado tranquilo com Lívia e Daniel gastando um tempo na horta onde ele a tinha levado para ver os morangos, a segunda começou agitada e já chegava ao fim. Em três dias Lívia estaria no avião, deixando para trás o lugar que tinha aprendido a reconhecer como sua casa.

Tomando o caminho de tijolinho, Lívia andou devagar, atenta aos cheiros e sons da mata. Logo seu cenário mudaria. Ela respirou fundo e foi em frente, repetindo para si mesma que tudo ficaria bem. Sons estridentes de buzina chamaram sua

atenção para o estacionamento onde o carro velho do pastor Geraldo levantava poeira. Fábio desceu do automóvel e, vendo Livia no caminho, chamou seu nome com angústia na voz. Dando meia-volta, ela correu até ele.

“Fábio, que aconteceu?”

Segurando no braço dela com força, ele disse de forma desconexa:

“No hospital... Seu José... eles acham que foi um derrame ou infarto...”

Livia sacudiu os braços de Fábio. “Calma, explica direito!”

Tomando fôlego, Fábio disse:

“Seu José está no hospital; é grave.”

Livia subiu correndo o caminho até a casa acompanhada de Fábio. Na cozinha, Celeste e Chris tinham acabado de receber um telefonema do pastor Geraldo com a mesma notícia. Daniel apareceu afobado e disse que ia para o hospital ver

PERIGOSAS ACHERON

o que estava acontecendo.

“Vou com você,” Livia disse e ele balançou a cabeça concordando.



O cheiro de éter, os monitores e o corre-corre de enfermeiros deixaram Livia com náusea. Estava acostumada àquilo, mas, por alguma razão, foi tomada de repulsa, talvez prevendo uma tragédia. Quando o médico apareceu e se dirigiu a Janete, que estava parada ao lado de uma janela, Livia não teve dúvidas do que tinha acontecido.

Janete balançava a cabeça e passava a mão na testa. Livia e Daniel se aproximaram. Seu José tinha falecido, a sobrinha confirmou. Logo o pastor Geraldo chegou e começou a tomar as devidas providências para avisar amigos e alguns parentes que Janete garantiu que ele ainda tinha.

Nas horas seguintes, Livia e Daniel ajudaram o pastor nos preparativos para o velório e enterro

PERIGOSAS NACIONAIS

no dia seguinte. Lívia foi com Janete para a pequena casa onde Sofia dormia sob a supervisão de uma vizinha. O dia amanheceu e Lívia, que dormiu sentada em uma poltrona ao lado da cama da menina, acordou das poucas horas desconfortáveis de sono com um pulo. Chamou Sofia e, junto com Janete, contou da morte do avô. A menina chorou e correu para a cama dele ao lado da área da cozinha.

No velório a menina ficava chamando o avô e Lívia teve que retirá-la do local, levando-a a uma sorveteria para que se distraísse. Terminado o enterro, Daniel veio ao seu encontro. “Celeste vai fazer um almoço para a família lá no sítio. Fábio vai levar Janete. Vamos levar Sofia com a gente.”

O almoço passou sem que Lívia tocasse na comida.

Morte. Mais uma.

Vida. Tinha que ser bem vivida.

PERIGOSAS ACHERON

No final da tarde e com o trabalho do sítio interrompido, Chris, Celeste, Livia e Daniel sentaram-se na sala de estar, visivelmente cansados. Mark, Sue e Fábio se dispuseram a ajudar Janete no que fosse preciso.

“Como será que vai ficar a questão da moradia da família? Eles iam morar no sítio por causa do novo emprego de caseiro do Seu José,” Livia quis saber.

“O pastor Geraldo me disse que o empregador vai arrumar outra pessoa,” Chris informou.

Livia se levantou e disse:

“Mas o que vai ser da Sofia? A Janete não vai querer ficar naquele casebre a vida toda.”

Daniel puxou-a pela mão, fazendo-a se sentar novamente:

“Vamos ter que pensar em uma solução.”

“Está tudo muito fresco para qualquer um tomar uma decisão,” Celeste disse e se levantou

quando Rafael chorou no quarto. Pedindo licença, ela saiu.

Chris também se levantou. Passou a mão pela cabeça e andou de um lado para o outro. “Se a gente tivesse mais folgado financeiramente, podia oferecer um emprego aqui no sítio para Janete. Ela teria moradia garantida. Mas estamos apertados.”

“E como poderiam conseguir mais dinheiro para pagar a Janete?” Livia perguntou.

“A gente vive de doação e ultimamente não tem entrado muito. Meus pais andam muito ocupados com o projeto de pessoas de rua no Canadá para continuar a fazer os eventos de arrecadação de fundos para mandar para cá,” Chris explicou.

“Mas eu posso fazer alguma coisa quando voltar. Me diz como funciona,” Livia pediu.

Daniel olhava para ela com interesse. Apesar de mais calado, ele deu uma ideia ou outra de

eventos. Uma determinação em ajudar encheu o coração de Livia.

“Quanto seria esse salário mensal?” ela quis saber.

Chris deu um valor aproximado.

Livia pensou por um breve momento e balançou a cabeça. “Cubro os primeiros três meses. Até lá podemos garantir o restante para o ano.”

Chris e Daniel se entreolharam. Daniel disse:

“Não quero me intrometer na sua vida financeira, mas não é pesado demais? Você mora sozinha, deve ter muitas contas para pagar...”

Livia balançou a cabeça. “Tenho economias. Não gasto muito e meu salário é mais que o suficiente para me sustentar.”

Decidida, Livia assumiu esse compromisso de sustentar Janete e Sofia por três meses e de coordenar eventos para arrecadar fundos. Quando Celeste voltou para a sala, ficou de boca aberta

enquanto o marido contava da oferta de Livia.

Seu foco era promover vida. Livia tinha tomado essa decisão no dia anterior. Faria isso para que Sofia tivesse a oportunidade de viver num ambiente que a faria feliz.



“Não sou tão generosa assim,” Livia disse e deitou a cabeça no ombro de Daniel.

O sol deixava mais uma vez sua marca colorida no céu dando lugar à lua. Na rede, ela e ele observavam o espetáculo.

“Me explica,” ele pediu.

“Não quero voltar para casa e cair na mesma rotina vazia. Eu sei, ajudo muita gente na minha profissão, mas preciso de algo que exija de mim algum tipo de sacrifício, não porque eu ache que estou pagando por alguma coisa me sacrificando, mas porque isso vai me deixar mais focada nas prioridades.”

Daniel apertou mais o ombro de Livia, puxando-a para si. “Você não existe, sabia?”

“Essa Livia não existia. Passou a existir quando conheceu você, Chris, Celeste, Rafael. Vocês permitiram que essa Livia, que a Dona Mary certamente acreditava que existia e estava escondida, renascesse para amar.”

Virando-se para Daniel, ela completou:

“Te amo!”

“Eu te amo, meu Moranguinho. Tenho muito orgulho de você.”

Dizendo isso, Daniel tirou o fôlego de Livia com um beijo longo e intenso.

Capítulo 29

Livia guardou o livro de Glória na mala e a

fechou. Esse seria um dos tantos presentes especiais que levaria do sítio, só que a maioria desses presentes não iria na mala, mas no coração.

Enxugando as lágrimas com as costas das mãos, Livia deu uma última olhada naquele quarto do chalé que tinha sido seu lar. Quantas vezes tinha dormido encostada na parede de tijolinhos? Quantas vezes tinha tomado banho naquele chuveiro com seu jato fraco? Quantas vezes sentara na poltrona ao lado da janela para assistir à dança do ipê amarelo?

O café da manhã, em companhia da família de Daniel, tinha sido sombrio naquela manhã. Celeste chorava baixinho, Chris embalava o pequeno Rafael, com o rosto cabisbaixo, Daniel olhava para algum ponto indeterminado da cozinha e Livia

empurrava as migalhas de pão na toalha branca. Era o fim da sua jornada em busca de respostas. Sairia dali não só com muitas respostas, mas com o peso da saudade de pessoas amadas.

Janete e Sofia tinham jantado no sítio na noite anterior, quando Chris anunciou que daria um emprego para Janete. Os olhos da mulher se iluminaram e Sofia gritou de alegria com a perspectiva de morar no sítio, lamentando apenas que Livia não estaria mais ali. Janete quis saber como pagariam o salário já que entendia que aquele tipo de ministério vivia apertado financeiramente e, olhando para Livia, Chris disse que Deus tinha providenciado através da generosidade de uma pessoa muito importante para a família. Discretamente, Livia enxugou umas lágrimas no guardanapo de papel.

No chalé, sentada na cama, Livia esperava a batida na porta que a avisaria que estava na hora de

PERIGOSAS ACHERON

ir para o aeroporto. A despedida de Celeste e Chris foi dolorosa demais. Sue e Mark tinham deixado um bilhete para ela com um presente: um álbum de fotos das crianças do projeto. Fábio se despediu, mas com alegria, prometendo que a veria em poucas semanas no Canadá. O pastor Geraldo tinha dado um pulo no sítio com a esposa Mara, Susana e sua irmã para se despedir. Insistiram que Livia deveria voltar todo ano nas férias, pelo menos.

Livia pegou uma pasta de plástico da cama e abriu. Vários desenhos infantis com seu nome escrito estavam arrumados com cuidado para não amassar. Celeste tinha feito uma rápida festinha de despedida no dia anterior para que as crianças pudessem entregar seus desenhos a Livia.

A leve batida na porta disparou seu coração. Era hora. Não estava pronta. Seu coração não estava pronto. Um desespero cresceu em sua alma, deixando-a inquieta. E se não fosse embora?

Balançando a cabeça, Livia se levantou da cama, ajeitou a blusa branca e pegou suas malas. Daniel abriu a porta e fixou o olhar no dela. Uma garra arrancou o coração de Livia do peito! Voltaria para o Canadá sem seu coração?

“Estou pronta,” ela sussurrou.

Ele apenas balançou a cabeça, entrou no chalé e pegou as malas das mãos dela. Livia não ofereceu resistência. Seguindo-o pelo caminho de tijolinhos, ela examinava a força daqueles ombros. Não sentiria seu abraço, seu carinho. Por quanto tempo?

No carro, Daniel entregou à Livia um potinho de plástico. Ela o abriu. Quatro morangos. Os morangos da horta que os dois tinham cuidado, tinham feito renascer. Livia tirou um e, lentamente, levou-o aos lábios de Daniel. Ele olhou para ela e mastigou a delicada fruta. Ela comeu uma e fechou o pote.

A paisagem que passava pela janela do carro

PERIGOSAS ACHERON

parecia irreal, como em um filme. O peso no coração de Livia aumentava conforme os quilômetros avançavam. Seu coração quase parou quando viu a primeira placa que indicava o aeroporto de Vitória. Como diria adeus a Daniel? A breve viagem, feita em silêncio, era o fechamento de tudo o que Livia tinha vivido naquelas quatro semanas de autoconhecimento, conhecimento de Deus e relacionamento com as pessoas mais especiais que tinha conhecido nos últimos anos.

Livia checou a mensagem que acabara de chegar no celular: *Te pego no aeroporto amanhã.*

Joana. Será que a amiga acharia mesmo que ela virara uma beata? Não se importava. Era uma nova pessoa com certeza; tinha outros alvos, anseios e planos. A primeira coisa que faria depois que chegasse ao Canadá seria uma visita a Dona Mary e Jack assim que seu horário de trabalho permitisse. Queria contar as novidades – todas. Do

PERIGOSAS ACHERON

nascimento de Rafael à amizade com os parentes; das crianças no sítio à Sofia; das respostas que encontrara às novas perguntas respondidas com as quais se deparara. De Daniel!

Uma mão envolveu a sua. Lívia olhou para ele, seu queixo forte, seus olhos suaves, seus lábios bem delineados. Ele olhou para ela de relance e voltou o olhar para a avenida movimentada. O coração dela disparou. Como era possível amar tanto um homem?

O beijo da despedida ficou gravado no pulsar dos lábios de Lívia enquanto ela, de forma automática, procurava seu assento no avião. Na sua mão direita, um envelope. *Leia assim que decolar,* Daniel tinha dito enquanto enxugava com os dedos as lágrimas de Lívia. *E lembre-se que te amo como nunca amei ninguém. Tudo vai ficar bem.*



“Atenção tripulação, preparar para
PERIGOSAS ACHERON

decolagem.”

A voz quase mecânica do comandante entrou pelos ouvidos de Livia como uma sentença de morte. A aeronave tomou velocidade e se projetou no ar, fazendo logo uma curva, sobrevoando a Baía de Vitória. Não muito tempo atrás, Livia tinha visto essa mesma paisagem. No entanto, ela própria era uma pessoa diferente da que tinha chegado. Quanta coisa acontecera desde então.

Quando a cidade sumiu de vista e o avião conquistou os céus, Livia abriu a carta, conforme pedido de Daniel. Seu coração deu uma breve parada para depois disparar.

Meu amor!

As lágrimas de Livia escorreram, turvando sua visão. Ela enxugou os olhos com um lençinho e continuou a leitura.

Preferi escrever porque quero deixar registrado o que sinto por você e garantir que

tudo vai dar certo. A distância geográfica entre nós aumenta enquanto você lê essas palavras, mas meu coração foi com você. Ele não me pertence mais.

Desde o primeiro dia que vi você, sabia que alguma coisa especial iria acontecer com a gente. Mesmo com seu mau humor pude ver que existia uma pessoa linda debaixo da aparente capa de durona. Eu não sabia o motivo de você ter vindo para o sítio, mas tinha certeza de que você não iria embora como veio e que eu não seria mais a mesma pessoa – e confirmei isso.

O senhor sentado ao lado de Livia olhou para ela preocupado quando ela soltou um suspiro estrangulado. Ela deu um fraco sorriso como se quisesse garantir que tudo estava bem. O avião fez uma curva e subiu mais um pouco, deixando para trás Domingos Martins, os amigos de Livia e seu

PERIGOSAS ACHERON

grande amor.

Lívia, eu e você tivemos experiência de morte. Isso acabou nos aproximando. No entanto, renascemos por causa do amor, para o amor.

Tenho alguns planos. Não os dividi com você porque não tenho certeza se algum deles irá se concretizar. O que eu quero garantir é que não vou permitir essa distância entre nós. Tenho ainda algumas coisas para resolver e decidir antes de tomar uma decisão, mas tenha paciência. Enquanto isso, vou cuidar do nosso pé de morangos e sempre lembrar de você. Estou escrevendo aqui no pátio perto da horta e os beija-flores parecem que sabem da minha tristeza porque estão fazendo acrobacias incríveis para me distrair. Tirei algumas fotos que vou mandar depois para você.

Lívia, você é o único e grande amor da

minha vida. Nas minhas andanças enquanto estava perdido e confuso, fugi das pessoas. Eu não parei em nenhum lugar por mais de duas semanas até encontrar Larry naquele dia que deveria ser meu último.

Assoando o nariz, Livia olhou pela janela do avião. Seu coração acelerou. Ela fechou os olhos. Não podia ter uma crise de ansiedade agora. Precisava de Daniel, do seu carinho, mas ele ficava cada minuto mais longe. Respirando fundo, ela voltou os olhos para a carta.

Deus foi bom comigo e não permitiu que eu trouxesse mais dor para minha família. Essa semana falei com meus pais por telefone.

Contei para eles de você, de nós. Eles ficaram curiosos para saber quem finalmente tinha conquistado meu coração. Quero que você os conheça também. Sei que isso vai acontecer.

Colocamos nossas diferenças de lado e nos

perdoamos. Sei que eu os machuquei muito porque justamente quando eles mais precisavam de mim depois da morte de Zack, nós brigamos e eu saí de casa sem dar notícias.

Livia, a Bíblia fala que o amor é paciente e não busca os próprios interesses. Peço que não desista de mim assim como jamais desistirei de você. Em breve nos veremos. Enquanto isso não acontece, cuide bem do meu coração que foi embora com você.

Te amo e vou amar para sempre.

Daniel

Livia dobrou a carta úmida de lágrimas e a colocou na bolsa. Encostou a testa na janela do avião e perdeu o olhar no colchão branco de nuvens.

Daniel, também te amo e vou amar para sempre!

Capítulo 30

“Pode aguardar aqui que o médico já vem falar com o senhor,” Livia disse ao homem idoso que tossia na cama da sala de exames do hospital.

Com uma prancheta na mão, ela passou

para o lado de dentro do balcão da enfermagem e digitou as informações do paciente no computador. Os paramédicos entraram apressados empurrando uma maca e sumiram no corredor frio e impessoal. A enfermeira chefe deu de ombros e continuou a digitar no computador do canto da sala.

Lívia mal acreditava que já estava naquela rotina havia uma semana desde sua chegada do Brasil. Conforme combinado, Joana a tinha buscado no aeroporto e garantiu que tudo estava sob controle. Para alívio de Lívia, a amiga não fez qualquer comentário inadequado; quis saber apenas se ela estava bem de saúde e pronta para o batente.

Assim que o avião pousou da longa viagem na semana anterior, Lívia mandou uma mensagem carinhosa para Daniel dizendo que tinha lido a carta dele várias vezes durante o voo. Todos os dias eles se comunicavam, nem que fosse uma simples mensagem de bom-dia. Segundo as informações

dele, todos no sítio estavam bem e Sofia e a tia tinham se adaptado à mudança de moradia e à falta do Seu José. Rafael andava inquieto, chorando muito à noite e Celeste também se adaptava à falta de sono. Ele contou que Glória tinha voltado a ajudar no sítio e tinha trazido uma sobrinha que ficaria um semestre dando uma mão no projeto. Ela ficara feliz em saber seu livro tinha ajudado na busca de resposta de Lívia.

Uma mãe com um filho pequeno que chorava a plenos pulmões aproximou-se de Lívia e perguntou por que o médico estava demorando tanto. Essas demoras eram comuns nos hospitais da cidade de Calgary e Lívia repetiu automaticamente o que sempre falava para os pacientes – o médico de plantão teve uma emergência para atender.

Joana apareceu na ala de Lívia para saber se estava tudo bem na primeira semana de trabalho e logo voltou para sua própria ala depois de marcar

PERIGOSAS ACHERON

um café com a amiga para saber das novidades. O dia se arrastou como sempre e, quando finalmente o plantão terminou, Livia correu para seu carro no terceiro pavimento do enorme estacionamento do hospital. Estava louca para mandar uma mensagem para Daniel dizendo que estava com saudade. Ele não tinha dado qualquer pista se iria vê-la no Canadá. *O amor é paciente*, ela tentava se lembrar.

Os dois trocaram algumas mensagens e Livia pegou a *freeway* para casa. Como sempre, ela entrou no confortável apartamento, comeu alguma coisa, tomou um banho e foi para cama. Respondeu à mensagem de Dona Mary que não poderia ir já para Canmore, mas que iria dali a duas semanas. Fábio chegaria em uma semana e avisou que queria vê-la. Livia achava injusto que ele estaria em Canmore enquanto Daniel permaneceria tão distante. *O amor não busca os próprios interesses*.

Livia afofou o travesseiro e apagou o

abajur. Ao colocar o celular na mesinha de cabeceira, ele avisou que tinha chegado uma mensagem. Com o coração disparado, ela ligou a tela, mas a mensagem não era de Daniel. No entanto, foi com grande alívio que Livia recebeu a notícia de Joana de que Leo tinha se mudado para os Estados Unidos. Se não fosse pela breve mensagem, Livia não teria nem lembrado que ele existia e que algum dia existiu na sua vida. Melhor assim. Daniel ficaria mais tranquilo quando soubesse.

Seu último pensamento foi da conversa que teve com os pais, por telefone, no dia anterior. No viva-voz, Livia ouviu sua mãe chorar baixinho ao saber da perda do neto ainda em formação no útero de sua filha. As lágrimas de Livia caíram livres quando seus pais falaram palavras de carinho, consolo e amor. Prometeram que voariam para Calgary na semana seguinte para passar um bom

tempo com a filha e saber mais do projeto de CEPA e de Daniel. As tragédias tinham o potencial de aproximar as pessoas e Livia mergulhou num profundo sono ao ter certeza do amor incondicional dos pais.

Na semana seguinte, Livia tirou o dia de folga para arrumar a casa e fazer uma pesquisa sobre opções de cursos de especialização em que pudesse unir sua experiência como enfermeira e o trabalho com comunidades carentes. Enquanto lia a proposta dos vários cursos, ela se lembrava do trabalho no sítio. Como sentia falta daquilo tudo! Era como se seu mundo tivesse virado de cabeça para baixo e o que antes era importante passou a ser secundário.

No final da tarde, Fábio ligou para ela dizendo que tinha chegado a Canmore. Estava muito entusiasmado com a oportunidade de trabalhar no projeto de moradores de rua com Dona

PERIGOSAS ACHERON

Mary e Jack em Calgary. Ele insistiu que ela fosse fazer uma visita e Livia prometeu que iria no fim de semana seguinte, conforme combinara com Dona Mary. Fábio podia ser insistente, mas ela não podia culpar o entusiasmo dele. Por ter tido uma juventude tão tumultuada, ele sabia do valor da vida bem vivida. Despediram-se e Livia vestiu sua roupa de ginástica, saindo logo em seguida para sua pista de corrida não muito longe de casa.



Nenhuma mensagem de Daniel, Livia pensou e guardou o celular no bolso do jaleco. Já faz dois dias que ele não dá sinal de vida.

Pegando o celular novamente, ela passou uma breve mensagem para Celeste perguntando se tinha acontecido alguma coisa com Daniel. A mulher foi evasiva, mas garantiu que estava tudo bem. Livia atendeu um paciente com sintomas de apendicite e o mandou para a sala de ultrassom. Um acidente

com um ônibus escolar deixou sua ala movimentada com a chegada de vários adolescentes machucados. Livia não teve tempo nem de comer por causa tanta a correria a sua volta. Nada como o trabalho para tirar sua atenção do silêncio de Daniel.

No final do dia, nenhuma notícia. Desanimada, Livia mandou uma mensagem para Dona Mary dizendo que passaria o fim de semana com ela em Canmore. A senhora respondeu com grande entusiasmo, dizendo que iria arrumar o quarto.

Joana apareceu para um café e a maior parte da conversa girou em torno do trabalho. Foi só na última meia hora que Livia contou muito superficialmente sobre sua experiência no sítio, Daniel e sua família. Ao se despedirem na porta, a amiga disse:

“A Livia que voltou do Brasil não é a mesma
PERIGOSAS ACHERON

que foi.”

“Como assim?”

“Percebi que seu coração não está mais só no trabalho, que você tem outras prioridades,” Joana disse e se apoiou no batente da porta.

Lívia franziu a testa. “Isso é uma coisa boa ou ruim?”

“Deve ser boa porque você parece bem feliz. Seus olhos brilhavam enquanto você falava dessa menina Sofia e do projeto. Nunca vi esse brilho antes,” a amiga respondeu.

Lívia sorriu. “Muita coisa mudou dentro de mim. Acho que a Lívia que foi ficou por lá.”

“Gosto da Lívia que foi... mas gosto dessa nova também.”

As duas amigas se abraçaram. Afastando-se um pouco, Lívia disse:

“Você é minha melhor amiga e continua sendo. É verdade que estou vivendo uma nova fase

da minha vida, mas ainda quero você nela. A Livia antiga e a nova precisam de você.”

“E eu quero conhecer mais dessa minha *nova amiga*,” Joana respondeu. “E quero conhecer o Daniel.”

Livia engoliu em seco. “Você vai conhecer essa nova amiga, sem dúvida. Quanto a Daniel, já não sei o que dizer.”

Joana balançou a cabeça discretamente, beijou a amiga e saiu para o elevador. Livia fechou a porta e se encostou nela. *Onde Daniel estaria?*

Capítulo 31

“Deixa que eu levo sua mala,” disse Fábio.

Livia fechou o porta-malas do seu carro e seguiu o rapaz até o chalé de Dona Mary. Ela e Jack a esperavam na porta e deram um abraço forte

e caloroso nela.

“Bem-vinda, Livia! A gente estava com muita saudade. Mas venha, entre, conte tudinho da sua viagem,” Dona Mary disse e a puxou para a sala de estar.

“Deixa a menina respirar,” Jack disse e Mary deu de ombros.

“Livia, coloquei sua mala lá em cima no seu quarto. Tia Mary só falou da sua vinda nesses últimos dias. Eu já adiantei umas histórias, mas ela não acreditou em mim,” Fábio disse e riu.

Dona Mary balançou a cabeça e puxou Livia para se sentar ao seu lado no sofá. Jack colocou uma bandeja com suco e biscoito na mesinha de centro e se sentou ao lado de Fábio, que encheu a mão de biscoito.

“O tratamento aqui é VIP,” ele disse e colocou dois biscoitos de vez na boca.

Livia fez um resumo breve e superficial do
PERIGOSAS ACHERON

que tinha acontecido desde sua chegada ao Canadá. Não estava preparada para conversar sobre Domingos Martins com plateia. Queria conversar a sós com Dona Mary. Foi só depois do almoço que as duas tiveram um tempo sozinhas enquanto caminhavam pelo condomínio rodeado de montanhas. A cada história que Livia contava, a mulher ficava mais entusiasmada. *Deus é bom*, ela dizia. Era bom estar na casa de Dona Mary com parte da família que Livia aprendera a amar.

No final do dia, Livia aconchegou-se debaixo das cobertas e fez uma oração pedindo a Deus que acalmasse seu coração. Ainda não tinha recebido qualquer mensagem de Daniel.



“Acho que vou ficar em casa,” Livia repetiu.

“Nada disso,” Dona Mary insistiu. “Vá caminhar com Fábio. É uma ordem. Você precisa de exercício.”

“Prometo que não vamos demorar,” o rapaz a tranquilizou.

Praticamente empurrando Livia e Fábio para fora da casa, Dona Mary repetia que ar puro fazia bem. Aquilo não condizia com o comportamento daquela mulher tão ponderada. Por que esse desespero para que Livia saísse? Dando de ombros, a moça obedeceu e seguiu a trilha de pinheiros com Fábio em direção ao rio. Quando Livia sugeriu de irem em uma direção, Fábio insistiu em irem na outra. Resignada, ela obedeceu. Estava muito desanimada para argumentar. Ao que tudo indicava, Daniel tinha perdido mesmo o interesse nela. *O amor é paciente*. Com um suspiro, Livia apertou o passo para alcançar Fábio, que andava muito depressa.

Chegando na margem do rio, Livia parou e contemplou os picos ainda nevados das Três Irmãs à sua frente. A musicalidade do córrego nas pedras

e dos pássaros transportaram a moça para o sítio em Domingos Martins. Tudo lhe fazia lembrar aquele lugar e Daniel. Triste, ela recomeçou a caminhada, mas tinha perdido Fábio de vista. Ela parou. Olhou de um lado para outro. Um homem passou correndo com um cachorro e sumiu na mata.

“Fábio,” ela chamou. Nada.

Tirou o telefone do bolso e começou a procurar o número dele nos contatos. Um leve toque no cabelo a fez virar. Ela largou o telefone no chão e levou as mãos à boca. Piscou várias vezes como se seus olhos estivessem lhe pregando uma peça.

“Moranguinho! Eu disse que tudo daria certo!”

Daniel! Ele estava ali mesmo na sua frente?

Lívia se jogou nos braços dele e foi recebida com o carinho com que ela tanto sonhava. “Daniel, Daniel!”

“Achou por um momento que eu não viria atrás de você?” ele sussurrou no seu ouvido.

Daniel a beijou por um longo tempo. Depois, afastando-a um pouco, ele pegou o telefone dela do chão e tirou um papel do bolso do casaco. “Guarde seu telefone. A mensagem que tenho para você está aqui nesse papel. Abra e leia.”

Lívia obedeceu. Colocou o telefone no bolso e abriu uma cópia de um *e-mail*. Enquanto lia, seus olhos se arregalavam. “É verdade isso?”

Daniel a abraçou e rodou com ela nos braços. A cabeça de Lívia continuava a girar mesmo depois que ele a colocou no chão firme.

“Eu não queria te dizer antes de confirmar, mas, sim, arrumei um emprego na mesma empresa em que trabalhava antes de ir embora daqui. Começo semana que vem,” Daniel disse.

“E o sítio?” ela perguntou e dobrou o papel.

“Vamos caminhar que explico tudo,” Daniel

disse e pegou a mão dela.

“Mas Fábio...”

“É bem grandinho. Ele acha o caminho de volta. Afinal, esse encontro aqui foi ideia dele,” Daniel disse.

Era um dia de surpresas. Por isso Dona Mary estava tão agitada. Havia quanto tempo eles sabiam da vinda de Daniel? Não importava mais porque ele estava ali.

Enquanto caminhavam seguindo o curso do rio, Daniel explicou que depois de ter lido a carta de Larry, ele tomou a decisão final de voltar para o Canadá. Disse que já pensava nisso porque não queria ficar longe de Livia, mas faltava se resolver com seu passado e a cicatriz que a morte de Zack tinha deixado.

“Quero fazer um pedido,” ele disse.

Livia parou e se virou para ele. “O que quiser.”

“Vai comigo no lugar da avalanche?” ele perguntou e passou a mão pela cicatriz.

“Vou sim. Quando?”

“Agora.”

Lívia balançou a cabeça concordando.



A relva nova subia pela encosta da montanha encontrando-se com a floresta de pinheiros. O pico com resquício de neve do inverno era um lembrete de que, na maior parte do ano, o branco era a cor principal.

Lívia cruzou os braços e observou atentamente enquanto Daniel subia o sopé da poderosa montanha. Em um dado momento, ele parou e baixou a cabeça. Lívia esperou. Depois de um tempo prolongado, ele se virou para ela e estendeu a mão. Ela foi ao seu encontro e o abraçou.

“Não quero mais cicatriz no meu coração,”

Daniel sussurrou.

Ela balançou a cabeça. Ele continuou:

“Não gostaria que você tivesse cicatrizes no seu coração também.”

“Não tenho mais.”

“Só preciso fazer mais uma coisa,” ele disse.

“Estou do seu lado,” ela respondeu.

“Visitar a fazenda de Larry.”

“Vou com você. Quando?” ela perguntou.

“Assim que passarmos o tempo necessário juntos para fazer nossos planos,” ele respondeu e beijou a cabeça de Lívia.

“Quero fazer planos com você!”

Lívia e Daniel desceram o trecho montanhoso. Juntos, encontraram a paz. Juntos, renasceram para amar.

FIM

A história de Lívia não é incomum. Uma

PERIGOSAS NACIONAIS

gravidez não planejada assusta. As razões são muitas para se tomar a séria decisão de interromper a gestação. Não cabe a nós julgar as intenções.

No entanto, da mesma forma que precisamos considerar a condição da mãe, também precisamos considerar a condição do bebê. Duas vidas. No Canadá e, cada vez mais, em muitos países, o bebê no ventre materno não tem *status* de ser humano. Assim, ele não tem qualquer direito e não há leis que o protejam. Milhões de bebês são tirados do corpo da mãe, na maioria das vezes, por ignorância ou conveniência. A gravidez por estupro ou defeito congênito do feto é uma percentagem minúscula de todos os casos de gravidez não desejada ou não planejada, mas é justamente usando esse argumento que chegamos a abortar bebês no terceiro trimestre de gestação e há leis que justificam até mesmo a morte de bebês que acabaram de nascer.

PERIGOSAS ACHERON

A vida é sagrada. Do útero ao túmulo, ela precisa ser respeitada e reverenciada. Não cabe ao ser humano determinar quem vive, quem morre e quando isso acontece. Quando justificamos uma morte dessa natureza, abrimos precedente para outras mortes, como já acontece com a eutanásia de crianças em países europeus, onde a própria criança toma a decisão e os pais não têm qualquer poder legal de intervir.

Antes de discutirmos o controverso assunto do aborto, devemos responder a nós mesmos, sem a pressão de grupos de interesse, políticos ou celebridades: O que exatamente está no ventre materno?

Aqui não é lugar para se discutir quais os efeitos colaterais, físicos e emocionais, de um aborto, mas a busca de informação pertinente deve nortear nossas decisões.

Mulheres que buscam o aborto não

PERIGOSAS NACIONAIS

precisam do nosso julgamento. Precisam do nosso apoio, precisam saber que existem alternativas como a adoção. Os centros de assistência a mulheres que passam por uma gestação não planejada estão se multiplicando em várias cidades no mundo. Esses centros precisam de nosso apoio pois não recebem os milhões que as grandes clínicas de aborto garantem para seus cofres em países desenvolvidos.

Que possamos refletir, através da história de Livia, qual é o valor da vida.

Soli Deo Gloria!

PERIGOSAS ACHERON